

Alexandre Miguel Crispim Santos

ANÁLISE DA INSTRUÇÃO NA COMPETIÇÃO EM FUTEBOL

Estudo das Expectativas e dos Comportamentos de Treinadores
da 2ª Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição

Dissertação apresentada com vista à obtenção
do grau de Mestre no âmbito do Mestrado em
Treino de Alto Rendimento

Orientador: Professor Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues

Júri: Professor Doutor Pedro Augusto Cordeiro Sarmento
Professor Doutor José Henrique Fuentes Gomes Pereira
Professor Doutor Júlio Manuel Garganta da Silva
Professor Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues



**UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE MOTRICIDADE HUMANA**

2003

**Á Xana,
aos meus Pais,
e à Isaura**

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo só foi possível com a colaboração e contribuição de algumas pessoas e entidades, às quais não podemos deixar de expressar os nossos sinceros agradecimentos:

Ao Professor Doutor José Rodrigues, orientador da presente tese de mestrado, pela bibliografia cedida, pela constante revisão do trabalho, pelas sugestões pertinentes, pela sua eficiência e elevada disponibilidade demonstrada e pela capacidade única de tornar sempre fácil aquilo que parece de difícil resolução.

À coordenação e a todos os professores do mestrado, que no fundo permitiram chegar a este momento e que com toda a sua competência possibilitaram um aumento significativo de conhecimentos.

A todos os clubes em cujos treinadores e equipas nos foram criadas as condições necessárias para a realização deste estudo.

Aos treinadores José Peseiro, Rui Pacheco, Jorge Castelo, Carlos Carvalho, Pedro Bezerra, Daúto Faquirá, Jean Paul, Luís Gonçalves, Nuno Jardim, Paulo Leitão, João Henriques, João Santos, Carlos Pereira, José Boto, José Carlos, Jorge Spencer, João Couto, Rui Almeida e Ricardo Ferreira, pela disponibilidade, confiança, cooperação e aconselhamento, tornando possível a concretização deste trabalho.

Ao Professor Doutor José Alves e Mestres Pedro Raposo, Rita Santos e Duarte Araújo, pelas sugestões pertinentes e pelo apoio absoluto, que em muito ajudou a ultrapassar os momentos difíceis que qualquer trabalho desta natureza apresenta.

Ao Mestre Félix Romero, pela sua extraordinária e eficiente colaboração no tratamento estatístico dos dados.

Aos meus alunos Rui Mota, Nuno Loureiro, José Moço, Tiago Silva e Filipe Faria, pela essencial colaboração prestada na recolha dos dados.

Ao Mestre Luís Vilar Moreira, pela total disponibilidade na cedência dos materiais utilizados para a recolha dos dados.

Ao meu companheiro de trabalho e grande amigo João Paulo, pela sua colaboração constante e permanente, somente possível numa pessoa com uma qualidade humana insuperável.

Aos meus pais e irmão, pela confiança, carinho e apoio incondicional que me prestaram em todos os momentos da vida.

À minha companheira de vida, Alexandra, por ser a pessoa mais compreensiva, carinhosa e amorosa que conheço e pelo seu constante interesse, dedicação e aconselhamento crítico, para além da ajuda crucial na superação dos momentos mais difíceis, sendo por isso totalmente decisiva.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Índice Geral.....	iii
Índice de Quadros.....	vii
Índice de Figuras.....	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	5
1 - Introdução.....	7
2 - Definição do Problema.....	7
3 - Objectivos do Estudo.....	10
4 - Pertinência do Estudo.....	11
5 - Pressupostos do Estudo.....	12
6 - Limitações do Estudo.....	13
7 - Hipóteses do Estudo.....	14
8 - Definições Operacionais.....	18
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA.....	21
1 - Introdução.....	23
2 - Paradigmas de Pesquisa em Pedagogia do Desporto.....	23
3 - O Pensamento do Treinador.....	30
4 - O Comportamento do Treinador.....	34
4.1 - A Instrução enquanto forma de Comunicação.....	34
4.2 - A Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição.....	39
4.2.1 - Objectivos.....	41
4.2.2 - Recursos.....	42
4.2.3 - Princípios de Aplicação Metodológica.....	45
4.2.4 - Composição Metodológica.....	48
4.2.5 - Características da Instrução.....	54
4.3 - A Instrução na Competição.....	56
4.3.1 - A Direcção da Equipa.....	57
4.3.2 - Características da Instrução.....	61
4.3.3 - Momentos de Instrução.....	65
4.3.4 - Análise da Instrução nos diferentes momentos.....	67

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	81
1 - Introdução	83
2 - Amostra do Estudo	83
2.1 - Caracterização da Amostra	83
2.2. - Procedimentos Prévios	85
3 - Variáveis do Estudo	85
4 - Instrumentos de Recolha de Dados	88
4.1 - Questionário	88
4.1.1 - Bases de construção do questionário	88
4.1.2 - Estrutura do questionário	90
4.1.3 - Momento de aplicação do questionário	91
4.1.4 - Conteúdo do questionário	91
4.1.5 - Definição de categorias e sub-categorias	91
4.1.6 - Validade do questionário	92
4.1.7 - Fidelidade do questionário	94
4.2 - Sistema de Análise da Informação em Competição – S.A.I.C.	96
4.2.1 - Definição do sistema de observação	96
4.2.2 - Definição das dimensões e categorias	97
4.2.3 - Registo das observações	109
4.2.4 - Validade do sistema	109
4.2.5 - Fidelidade do sistema	111
5 - Condições de Realização	118
5.1 - Procedimentos de Recolha dos Dados	118
5.2 - Locais de Recolha dos Dados	121
5.3 - Material Utilizado	121
6 - Tratamento de Dados e Procedimentos Estatísticos	122
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	125
1 - Introdução	127
2 - Objectivo e Importância da competição	128
3 - Análise Descritiva das Expectativas da Instrução	132
3.1 - Prelecção de Preparação para a Competição	133
3.1.1 - Dimensão Objectivo	133
3.1.2 - Dimensão Direcção	135
3.1.3 - Dimensão Conteúdo	136
3.2 - Competição	139
3.2.1 - Dimensão Objectivo	139

3.2.2 - Dimensão Forma.....	140
3.2.3 - Dimensão Direcção.....	141
2.2.4 - Dimensão Conteúdo.....	142
3.3 - Síntese.....	145
4 - Análise Descritiva do Comportamento de Instrução.....	147
4.1 - Prelecção de Preparação para a Competição.....	147
4.1.1 - Antecedência, Duração e quantidade de informação.....	148
4.1.2 - Dimensão Objectivo.....	149
4.1.3 - Dimensão Direcção.....	151
4.1.4 - Dimensão Conteúdo.....	153
4.2 - Competição.....	159
4.2.1 - Antes do Jogo.....	159
4.2.1.1 - Duração e quantidade de informação.....	159
4.2.1.2 - Dimensão Objectivo.....	161
4.2.1.3 - Dimensão Direcção.....	162
4.2.1.4 - Dimensão Conteúdo.....	163
4.2.2 - Durante o Jogo.....	165
4.2.2.1 - Duração e quantidade de informação.....	166
4.2.2.2 - Dimensão Objectivo.....	168
4.2.2.3 - Dimensão Forma.....	169
4.2.2.4 - Dimensão Direcção.....	170
3.2.2.5 - Dimensão Conteúdo.....	171
4.2.3 - Intervalo do Jogo.....	175
4.2.3.1 - Duração e quantidade de informação.....	176
4.2.3.2 - Dimensão Objectivo.....	177
4.2.3.3 - Dimensão Direcção.....	179
4.2.3.4 - Dimensão Conteúdo.....	180
4.3 - Síntese.....	184
5 - Análise Relacional entre as Expectativas e o Comportamento de Instrução.....	186
5.1 - Prelecção de Preparação para a Competição.....	186
5.1.1 - Dimensão Objectivo.....	187
5.1.2 - Dimensão Direcção.....	187
5.1.3 - Dimensão Conteúdo.....	189
5.2 - Competição.....	192
5.2.1 - Dimensão Objectivo.....	193
5.2.2 - Dimensão Direcção.....	194

5.2.3 - <i>Dimensão Conteúdo</i>	195
5.3 - <i>Síntese</i>	198
6 - Análise Comparativa entre a Prelecção de Preparação para a Competição e a Competição	200
6.1 - Expectativas da Instrução	200
6.1.1 - <i>Dimensão Objectivo</i>	201
6.1.2 - <i>Dimensão Direcção</i>	202
6.1.3 - <i>Dimensão Conteúdo</i>	203
6.2 - Comportamento de Instrução	205
6.2.1 - <i>Prelecção de preparação para a competição Vs Competição</i> – <i>Antes do Jogo</i>	206
6.2.1.1 - <i>Dimensão Objectivo</i>	206
6.2.1.2 - <i>Dimensão Direcção</i>	208
6.2.1.3 - <i>Dimensão Conteúdo</i>	209
6.2.2 - <i>Prelecção de preparação para a competição Vs Competição</i> – <i>Durante o Jogo</i>	212
6.2.2.1 - <i>Dimensão Objectivo</i>	212
6.2.2.2 - <i>Dimensão Direcção</i>	214
6.2.2.3 - <i>Dimensão Conteúdo</i>	216
6.2.3 - <i>Prelecção de preparação para a competição Vs Competição</i> – <i>Intervalo do Jogo</i>	219
6.2.3.1 - <i>Dimensão Objectivo</i>	220
6.2.3.2 - <i>Dimensão Direcção</i>	221
6.2.3.3 - <i>Dimensão Conteúdo</i>	222
6.3 - <i>Síntese</i>	224
CAPÍTULO V – SUMÁRIO, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	227
1 - <i>Resumo</i>	229
2 - <i>Conclusões</i>	230
3 - <i>Recomendações</i>	242
CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	245
ANEXOS	257
Anexo 1 – Questionário de Expectativas da Instrução em Competição (QEIC).....	259
Anexo 2 – Folha de categorização da instrução na prelecção e na competição.....	269
Anexo 3 – Base de dados.....	273
Anexo 4 – Provas Estatísticas (exemplo).....	285

Índice de Quadros

Quadro 1 – Duração em minutos da prelecção de preparação para a competição.....	44
Quadro 2 – Tempo em horas que medeia a prelecção de preparação para a competição e a própria competição.....	45
Quadro 3 – Caracterização da amostra – nº de treinadores; nº de sessões; média de idade; média do nº de anos como treinador; habilitações académicas e profissionais.	84
Quadro 4 – Caracterização das variáveis de processo.....	86
Quadro 5 – Caracterização das variáveis independentes e dependentes para a hipótese 1.....	87
Quadro 6 – Caracterização das variáveis independentes e dependentes para a hipótese 2.....	88
Quadro 7 – Categorias e Sub-categorias que compõem o questionário sobre as expectativas da instrução do treinador durante a prelecção e a competição.....	92
Quadro 8 – Fidelidade teste-reteste, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983).....	95
Quadro 9 – Wilcoxon Test, Fidelidade do Questionário – Estabilidade da resposta.....	96
Quadro 10 – Fidelidade Intra-Observador, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983).....	111
Quadro 11 – Fidelidade intra-observador – Prelecção de Preparação para a Competição, Resultados.....	111
Quadro 12 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Antes do Jogo”, Resultados.....	112
Quadro 13 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Intervalo do Jogo”, Resultados.....	113
Quadro 14 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Durante o Jogo”, Resultados.....	113

Quadro 15 – Fidelidade Inter-Observador, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983).....	114
Quadro 16 – Fidelidade inter-observador – Prelecção de Preparação para a Competição, Resultados.....	115
Quadro 17 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Antes do Jogo”, Resultados.....	115
Quadro 18 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Intervalo do Jogo”, Resultados.....	116
Quadro 19 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Durante o Jogo”, Resultados.....	117
Quadro 20 – Valores absolutos e relativos dos objectivos dos treinadores para a competição.....	128
Quadro 21 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída à competição.....	129
Quadro 22 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída instrução na prelecção de preparação para a competição.....	130
Quadro 23 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída instrução na competição.....	130
Quadro 24 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de preparação da instrução na prelecção de preparação para a competição.....	131
Quadro 25 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de preparação da instrução na competição.....	132
Quadro 26 – Dimensão Objectivo das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	133
Quadro 27 – Dimensão Direcção das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	135

Quadro 28 – Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	137
Quadro 29 – Dimensão Objectivo das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	139
Quadro 30 – Dimensão Forma das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	141
Quadro 31 – Dimensão Direcção das expectativas de instrução na competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), valor relativo (%), média (X) e desvio-padrão (DP).....	141
Quadro 32 – Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).....	143
Quadro 33 – Antecedência ao jogo, duração, nº e média de unidades de informação – Prelecção de Preparação para a Competição	148
Quadro 34 – Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	150
Quadro 35 – Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	152
Quadro 36 – Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	154
Quadro 37 – Duração, nº e média de unidades de informação – Antes do Jogo	160
Quadro 38 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	161
Quadro 39 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	162

Quadro 40 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	164
Quadro 41 – Duração, nº e média de unidades de informação – Durante o Jogo.....	166
Quadro 42 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	168
Quadro 43 – Dimensão Forma da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	169
Quadro 44 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	170
Quadro 45 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	172
Quadro 46 – Duração, nº e média de unidades de informação – Intervalo do Jogo..	176
Quadro 47 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	178
Quadro 48 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	179
Quadro 49 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).....	181
Quadro 50 – Dimensão Direcção – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na prelecção de preparação para a competição.....	188
Quadro 51 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na prelecção de preparação para a competição.....	189

Quadro 52 – Dimensão Objectivo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.....	193
Quadro 53 – Dimensão Direcção – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.....	194
Quadro 54 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.....	196
Quadro 55 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	201
Quadro 56 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	202
Quadro 57 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	204
Quadro 58 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	206
Quadro 59 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	208
Quadro 60 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....	210

Quadro 61 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Durante o Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....213

Quadro 62 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Durante o Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....214

Quadro 63 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....217

Quadro 64 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....220

Quadro 65 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....221

Quadro 66 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).....223

Índice de Figuras

Figura 1 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Objectivo das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	202
Figura 2 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Direcção das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	203
Figura 3 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	205
Figura 4 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	207
Figura 5 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	209
Figura 6 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	211
Figura 7 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	214

Figura 8 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	215
Figura 9 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	218
Figura 10 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	220
Figura 11 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	222
Figura 12 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05).....	223

INTRODUÇÃO

O estudo que pretendemos realizar centra-se no âmbito da actividade pedagógica do treinador de futebol quer ao nível da competição, quer ao nível do processo de preparação da mesma. Sendo assim, este estudo insere-se na área da Pedagogia do Desporto, pois esta é a área onde se enquadra o comportamento do treinador quer em treino quer em competição, visando a concretização dos objectivos previamente definidos para os seus jogadores e/ou equipa.

Mais especificamente, o comportamento do treinador que pretendemos estudar centra-se essencialmente no aporte de informação que este transmite verbal e não verbalmente aos seus jogadores em dois contextos distintos – na preparação para a competição (prelecção) e na competição.

São vários os aspectos que nos motivaram para a escolha deste objecto de estudo, entre os quais, o facto de ter experiência enquanto jogador de futebol e posteriormente à experiência de treinador, verificando que, por um lado enquanto jogador a falta de informação do treinador criava uma elevada insegurança e incerteza da performance, e por outro, enquanto treinador a percepção clara de que uma instrução correcta, concisa e específica influencia positivamente o rendimento do jogador, facilitando assim a direcção da equipa. Para além destes aspectos, o estabelecimento de inúmeras conversas com treinadores de elevado reconhecimento e competência, juntamente com a experiência adquirida na formação de treinadores de futebol, levam-nos a considerar que a comunicação estabelecida entre o treinador e os jogadores é talvez o aspecto mais preponderante no sucesso de ambos, pois é através dela que o primeiro pode liderar o segundo com vista ao máximo rendimento desportivo, podendo assim, informar, criticar, motivar, conversar, etc.

O conhecimento dos factores (variáveis) que condicionam e influenciam positiva e negativamente o resultado e o rendimento desportivo, é uma preocupação constante dos investigadores e do treinador.

A forma como o treinador estabelece o contacto com os seus atletas faz-se fundamentalmente através da comunicação verbal e não verbal. No entanto, a primeira é claramente mais estudada sendo considerada por muitos autores como a forma de instrução mais utilizada e influenciadora do rendimento individual e colectivo. Embora em muitas situações de competição o treinador utilize a comunicação não verbal. Como tal, será importantíssimo desenvolver conhecimento e estudos científicos

relativos à forma que o treinador utiliza para instruir os seus atletas, estabelecendo assim um processo de ensino-aprendizagem entre os dois elementos (treinador-atleta) mais preponderantes do processo de treino.

Serpa (1995), vem demonstrar que a influência do comportamento do treinador na performance dos atletas é muito significativa, ou seja a forma como o treinador se manifesta verbalmente e não verbalmente tem uma importância e um significado no rendimento. Outros autores nos seus diferentes estudos (Almeida, 2001; Lima, 2000; Castelo, 1996) referem insistentemente que a comunicação utilizada pelo treinador é o instrumento mais importante na direcção dos jogadores quer individualmente quer colectivamente.

Nos dias de hoje, são muitos os treinadores, professores, mestres, experts a considerarem a liderança como a característica mais importante do treinador no processo de treino. No seio da modalidade é habitual, criticar-se ou valorizar-se o treinador pela sua capacidade de líder e consequentemente pela sua forma de liderar o jogador e/ou equipa. Não resta dúvidas que o instrumento fundamental para implementar essa mesma liderança reside na forma como o mesmo comunica com os seus jogadores. É através da sua instrução verbal e não verbal que o treinador, aconselha, motiva, opina, avalia, dirige, corrige, prescreve e informa os seus jogadores, para que estes consigam em todos os momentos adequar o seu comportamento com vista ao rendimento mais eficaz quer em treino quer em competição.

Segundo Rodrigues (2000) existem várias tendências de investigação na área da Pedagogia do Desporto, sendo uma delas o treinador em competição, onde se pretende compreender a actividade pedagógica do treinador em competição, direccionada para a instrução, perfis de actividade, feedback, etc. Segundo o mesmo autor, esta tendência de investigação ainda está pouco desenvolvida, começando agora a dar os primeiros passos.

Como tal, pretendemos com este estudo, descrever, analisar e caracterizar aprofundadamente a actividade pedagógica do treinador de futebol em competição, mais concretamente a sua instrução. No entanto, para além de inserirmos o estudo no momento da competição, pretendemos também realizá-lo ao nível do processo de preparação para a mesma, mais especificamente, descrever, analisar e caracterizar a actividade pedagógica (instrução) do treinador de futebol durante a prelecção de preparação para a competição.

O comportamento pedagógico observado resulta de um processo de tomada de decisões (Januário, 1992), que acontecem antes do treino, durante o treino e após o treino. Como tal, o mesmo se passará na competição e por isso mesmo, o nosso estudo pretendeu analisar as expectativas que o treinador possui acerca da instrução que irá realizar na prelecção de preparação para a competição e na própria competição, estabelecendo as relações existentes entre as expectativas (variáveis cognitivas) e o comportamento de instrução (variáveis comportamentais).

Ao nível da composição deste trabalho de investigação, devemos referir que o mesmo é composto por um primeiro capítulo, onde se pretende introduzir o leitor ao estudo em causa, definindo e enquadrando o problema, os objectivos perseguidos com o estudo e a pertinência do mesmo, terminando com o levantamento das hipóteses e com a apresentação de um conjunto de definições operacionais que vão ajudar o leitor a entender melhor os conteúdos específicos.

No segundo capítulo, realizámos a revisão da literatura no âmbito do nosso objecto de estudo, esquematizando a mesma em três partes:

- ❑ A investigação em Pedagogia do Desporto, afim de se conhecer as tendências dos estudos científicos ligados à Pedagogia do Desporto;
- ❑ O “pensamento” do Treinador, com vista a conhecer-se a investigação centrada nos processos cognitivos das tomadas de decisão pré-interactivas dos treinadores, afim de uma maior eficácia nos respectivos processos comportamentais (comportamentos interactivos);
- ❑ O comportamento do Treinador, onde se registam especificamente os estudos relativos ao comportamento da instrução do treinador, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na própria competição.

No terceiro capítulo, exprime-se de forma específica e detalhada a metodologia da investigação, referindo-se a aspectos tão importantes como: caracterização da amostra, variáveis, instrumentos utilizados, validade e fidelidade dos mesmos, condições de realização e de recolha dos dados e por último o tratamento estatístico dos dados.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos dados obtidos, descrevendo-se e relacionando as diferentes variáveis do nosso estudo.

No quinto capítulo, pretendemos levantar as principais conclusões da investigação, executando uma relação directa entre a discussão dos dados e a verificação das

hipóteses. Acrescentamos também neste capítulo, um resumo do estudo e um conjunto de recomendações para futuras investigações.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO

DO

PROBLEMA

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1 – Introdução

Este capítulo tem como finalidade introduzir o leitor ao estudo em causa, identificando o contexto do mesmo e as razões que nos levaram a despoletar a sua necessidade. Iremos assim, definir o problema, estabelecer os objectivos e a pertinência deste estudo, levantar as hipóteses orientadoras do mesmo, terminando com um conjunto de definições operacionais que sustentam a terminologia adoptada.

2 – Definição do Problema

Pretendemos realizar o estudo na modalidade do Futebol, surgindo assim, o interesse de conhecer, sistematizar e analisar a actividade pedagógica do treinador, ao nível da instrução fornecida pelo mesmo no processo de preparação para a competição, mais especificamente na prelecção, e durante o processo de competição, tentando também relacionar estes dois momentos distintos mas de elevada interdependência.

“O treino, entendido como um processo psicopedagógico dirigido pelo treinador, compreende a organização, sistematização e distribuição de um vasto conjunto de intervenções que visam agir sobre o comportamento do indivíduo e provocar transformações qualitativas na capacidade de adaptação do organismo e da personalidade, com o objectivo de alcançar o máximo rendimento da prestação competitiva numa determinada modalidade desportiva” (Lima, 2000)

Esta é uma das inúmeras definições de treino existentes na bibliografia desportiva, onde se verifica, como em todas as outras, que o processo de treino objectiva sempre o rendimento máximo em competição. Ou seja, no âmbito da prática desportiva formal, treina-se para competir.

Importa não esquecer que todo o processo de treino desportivo é dirigido pelo treinador. Segundo diversos autores (Araújo, 1987 e 1998; Cunha, Gaspar, Costa, Carvalho & Fonseca (2000); Ferreira 1994; Moreno, 2001; e Rosado, 2000) é a ele que cabe a responsabilidade de planear, implementar e avaliar o processo evolutivo do jogador, não só em treino como também em competição, e como tal consideramos que o treinador é a figura chave da equipa. A “vida” de um treinador é preenchida diariamente de decisões pré-interactivas (anteriores à interacção com os atletas) que

deverão ser sustentadas pela formação inicial e contínua, consulta bibliográfica e experiência do treinador, e que visam normalmente a preparação para os múltiplos comportamentos interactivos (durante a interacção) junto do jogador e/ou equipa. No entanto, existem muitos comportamentos interactivos que o treinador terá de recorrer essencialmente à experiência adquirida, devido à diversificação das situações de prática que existem em treino e em competição. Neste contexto, é no momento da competição que a equipa expressa o seu rendimento desportivo, sendo por isso o culminar do processo de preparação. Como tal, o treinador não poderá demitir-se do seu papel fundamental na direcção e orientação da equipa durante o jogo.

De acordo com Launder e Piltz (2000) o planeamento e a preparação do treino são factores fundamentais para o sucesso, no entanto um pequeno erro na competição poderá deitar tudo a perder. Para os mesmos autores uma eficaz direcção da equipa durante a competição poderá influenciar positivamente a mesma, no entanto, este processo tão importante é normalmente realizado mais na base do empirismo e menos numa sistematizada preparação e reflexão.

A investigação científica que encontramos a este nível ainda é escassa, principalmente quando se reporta à modalidade de futebol. A maioria dos estudos que encontramos baseiam-se na problemática do processo de treino, sendo poucos aqueles que se centram na competição e muito menos na preparação para mesma. Pensamos que esta situação poderá dever-se essencialmente à dificuldade em aceder ao treinador no momento da competição. No entanto, Rodrigues (2000) refere que “o acesso à actividade pedagógica do treinador em competição, está a dar os primeiros passos,...”

Sendo assim, enquadraremos o nosso problema no momento da competição. No entanto, também pretendemos ir mais longe, ou melhor, ir mais atrás, e compreender concretamente como é que o treinador de futebol concretiza a preparação para essa competição ao nível da instrução fornecida aos seus jogadores. Para além de analisarmos a instrução do treinador nestes dois momentos distintos mas de enorme dependência, pretendemos também analisar o plano ou expectativas que o treinador tem dessa mesma instrução, ou seja, analisar as decisões pré-interactivas relativas à instrução do treinador.

Para Lima (2000) a direcção da equipa na competição deverá estar sujeita à filosofia e à concepção de jogo assumida pelo treinador. Para Lima (1999 e 2000) e Raposo (1989), a preparação para a competição é fundamental, de forma a permitir ao

treinador um prognóstico de acção física, técnico-táctica e psicológica de cada jogador, determinando assim a existência da equipa, os objectivos da participação competitiva e a vitória desportiva. Por sua vez a direcção da equipa expressa-se fundamentalmente através da instrução que o treinador fornece aos seus jogadores, de forma a que este aporte de informação permita um conhecimento dos comportamentos individuais e colectivos mais eficazes da parte dos jogadores, tornando-os autónomos e criativos face à multiplicidade de situações que ocorrem em competição.

Segundo Moreno (2001), os momentos de intervenção do treinador durante a direcção da equipa em competição são mais limitados que em situação de treino. No Futebol, resume-se essencialmente aos seguintes momentos: antes do jogo, substituições dos jogadores, durante o jogo, no intervalo e após o término do jogo.

No entanto, Lima (2000) refere que deverá existir um conjunto de procedimentos anteriores à competição e que preparam aquilo que a equipa realiza na mesma. Refere igualmente que "... tudo o que a equipa tem de fazer no dia anterior ao jogo e no dia do jogo deve ser organizado com pormenor e rigor.", demonstrando assim a necessidade de não só estudar-se a instrução, como também o plano dessa mesma instrução.

Para finalizar, e resumindo aquilo que foi referido anteriormente, o problema central reside na actividade pedagógica do treinador de futebol ao nível da instrução fornecida aos seus atletas, quer durante a prelecção que visa a preparação para a competição, quer durante essa mesma competição. Consideramos que será importante não só analisar e caracterizar a instrução do treinador como também as expectativas da mesma, tentando estabelecer uma análise correlativa entre as duas variáveis (cognitiva – expectativas e comportamental – instrução). Por último, interessa também analisar a relação entre a prelecção e a competição ao nível da instrução, afim de perceber a congruência do aporte de informação realizado em dois momentos que deverão ser extremamente dependentes um do outro.

Para Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999) a relação entre o pensamento do treinador e a sua forma de actuar, é uma área de estudo pouco explorada à qual se deveria dar mais relevância. Pretendemos assim contribuir para tal situação.

3 – Objectivos do Estudo

Pretendemos que o objectivo central deste trabalho seja caracterizar e analisar a actividade pedagógica do treinador de futebol ao nível da instrução, quer no processo de preparação para a competição quer em situação de competição. Especificando mais concretamente este objectivo central, a nossa investigação pretende ir ao encontro de outros objectivos.

Na análise do processo de preparação para a competição no treinador de futebol, pretende-se caracterizar pormenorizadamente a instrução utilizada na prelecção e também as expectativas que o treinador concebeu para essa mesma instrução (caracterizar as decisões pré-interactivas e comportamento interactivo na prelecção). Lima (2000) refere a importância do planeamento deste momento, no entanto, sabemos que o treinador pode não o fazer e como tal, caso isso aconteça, caracterizar-se-á as expectativas que o mesmo tem para a instrução que vai fornecer, substituindo assim a noção de plano anteriormente referida.

Esta análise profunda irá ser realizada de igual forma no momento da competição, ou seja, iremos verificar o tipo de informação prestada pelo treinador durante a competição e também as expectativas que o treinador apresenta relativamente a essa informação (caracterizar as decisões pré-interactivas e comportamento interactivo na competição).

Simultaneamente a esta caracterização, pretendemos realizar uma análise correlativa entre as expectativas relativas à instrução e a própria instrução, quer ao nível da prelecção quer ao nível da competição. Pretende-se assim, verificar se aquilo que o treinador espera informar (instrução) é realmente aquilo que informa quer na prelecção quer na competição (decisões pré-interactivas vs comportamento interactivo na prelecção e na competição).

Como última ramificação do objectivo central, pretendemos também efectuar uma análise comparativa entre a prelecção e a competição, quer ao nível das expectativas da instrução, quer ao nível do comportamento de instrução propriamente dito, esperando que não existam diferenças significativas entre os dois momentos, pois parece-nos fundamental que o treinador seja congruente na informação que utiliza, quando prepara a equipa para a competição e em competição (prelecção vs competição ao nível das decisões pré-interactivas e dos comportamentos interactivos). Caso contrário, será mais provável que o potente instrumento de direcção da equipa –

instrução, promova mais confusão do que clarificação daquilo que pretendemos que os jogadores concretizem. Por último parece-nos viável, ter como objectivo contribuir claramente para um melhor conhecimento da instrução dos treinadores de futebol, quer no processo de preparação para a competição – *prelecção*, quer na competição.

4 – Pertinência do Estudo

Ao definirmos como objectivo central do nosso estudo, a caracterização e a análise da actividade pedagógica do treinador no processo de preparação para a competição e em situação de competição, estamos a ir ao encontro das necessidades da investigação em Pedagogia do Desporto.

Rodrigues (2000) analisou 169 teses de mestrado e 106 estudos de doutoramento realizados nos últimos 20 anos, verificando que somente 14 (8,3%) e 17 (16%) respectivamente, são relativas à área da Pedagogia do Desporto contextualizadas em treino desportivo. Concluem assim que, o desporto e mais propriamente a competição são temas que não têm tido a atenção dos investigadores. O mesmo autor, refere que, as variáveis cognitivas e sociais (as expectativas, as decisões, as concepções, os valores) e as variáveis comportamentais dos intervenientes do treino desportivo necessitam de grande investimento de todos os investigadores da Pedagogia do Desporto. Levanta-se também a questão relativamente a temas que se encontram ainda em estado embrionário de investigação, tais como: “...como é que o treinador gere a competição, que instruções são fornecidas, que motivação é desenvolvida?”

Em vários estudos (Pina, 1998; Santos, 1998; Sequeira, 1998) existem recomendações para a análise da relação entre as decisões pré-interactivas, o que no nosso estudo corresponde às *expectativas de instrução* do treinador quer ao nível da preparação para a competição – *prelecção* - quer ao nível da *competição*, e as decisões interactivas que correspondem concretamente à *instrução* do treinador nos dois momentos anteriormente referidos.

Diversos autores (Brito & Rodrigues, 2002; Januário, 1992; Piéron, 1988; Rodrigues, 1995; Santos, 1998; Sequeira, 1998) recomendam nos seus estudos a necessidade de analisar a relação entre as decisões pré-interactivas e os comportamentos interactivos.

De acordo com Alves & Rodrigues (2000), torna-se importantíssimo a observação do comportamento do treinador, pois é a partir deste que poderá eventualmente contribuir-se para um perfil comportamental (neste caso, comunicacional) que ajude os

treinadores a orientarem a sua intervenção em competição e na preparação para a mesma, para uma maior qualidade pedagógica.

Tal como refere Gonçalves (1987) “Se desejarmos compreender um fenómeno e eventualmente influenciá-lo ou modificá-lo, é indispensável que tenhamos uma descrição clara do seu funcionamento”.

Se por um lado o treinador é considerado o elemento mais importante no fenómeno desportivo (Patriksson & Eriksson, 1990) e se por outro, é o responsável por dirigir os seus jogadores rumo à concretização dos objectivos previamente definidos quer em competição, quer na preparação da mesma, não restará dúvidas que observar e analisar o treinador neste âmbito terá uma importância vital para o seu desenvolvimento pedagógico.

Moreno (2001) no seu estudo sugere para futuros estudos, a análise da conduta verbal e não verbal durante o processo de preparação, relacionando-a com a actuação do treinador em competição, e o estabelecimento de um modelo de eficácia de conduta verbal na direcção da equipa em competição nos diferentes jogos desportivos colectivos, comprovando se existem ou não diferenças entre eles.

Como tal, pensamos que este estudo ao ser realizado no Futebol, poderá ter duas grandes vantagens:

1. Servir para estudar as informações relativas ao objecto de estudo, que serão específicas a esta modalidade, pois a competição está envolvida de um conjunto de características igualmente específicas, permitindo assim uma possível comparação com estudos noutras modalidades;
2. Estudar profundamente não só a competição (como já foi realizado em alguns estudos) mas também o seu processo de preparação, mais especificamente ao nível da prelecção que visa preparar essa mesma competição, e que habitualmente é referida por muitos como fundamental.

5 – Pressupostos do Estudo

Visto que na nossa modalidade, os estudos nesta área e mais especificamente neste tema são reduzidos, consideramos que este trabalho tem como base fundamental uma análise descritiva, correlativa e comparativa do objecto de estudo – a instrução do treinador no processo de preparação para a competição e no processo de competição

(expectativas de instrução e instrução propriamente dita). Este modelo de análise requer a identificação de alguns pressupostos, tais como:

- ❑ Os treinadores serão previamente informados acerca dos objectivos do estudo.
- ❑ Os treinadores serão sujeitos a um questionário, onde se pretenderá caracterizar e analisar exaustivamente as suas expectativas de instrução, quer ao nível da prelecção realizada na preparação para a competição, quer ao nível da própria competição. Ou seja, pretende-se que o mesmo expresse aquilo que planeia ou espera comunicar aos seus atletas durante a prelecção e durante a competição. O questionário deverá ter lugar num local com condições favoráveis à mesma, e caso seja possível na presença do investigador.
- ❑ Os treinadores serão objecto de gravação da sua voz, durante a realização da prelecção realizada no processo de preparação para a competição.
- ❑ Os treinadores serão objecto de gravação audio-visual, durante a situação de competição.

6 – Limitações do Estudo

Como em todos os estudos, existem condicionantes que poderão interferir na validade dos resultados. Faz parte deste ponto, levantar um conjunto de limitações inerentes à investigação, para que nos procedimentos se possam explicar as medidas tomadas para minorar os problemas que daí advém.

O facto da amostra ter sido seleccionada em treinadores da 2ª Divisão B, e como tal, o facto destes estarem integrados no escalão sénior, onde se encontram equipas com um nível competitivo elevado, e onde muitos interesses já se levantam, dificultou claramente a consecução desta amostra, optando-se assim, por um menor número de treinadores do que desejaríamos, mas por outro lado, com um maior número de observações realizadas aos mesmos.

Os treinadores terão conhecimento do estudo a realizar, dos seus objectivos, da forma como os dados são recolhidos, da forma como os dados vão ser tratados (respostas dos questionários, gravação de voz e filmagem vídeo). Pretende-se que a existência de microfone ou gravador e de câmara de vídeo (durante a competição) não interfira no comportamento do treinador.

Pouca aceitabilidade da parte dos treinadores para se sujeitarem a este tipo de análise, principalmente ao nível da informação que ele transmite à equipa na

prelecção (considerado por muitos como momento “sagrado”) e durante a competição, impossibilitando assim uma possível análise comparativa de grupos diferenciados.

Poderão existir diferenças no conhecimento taxionómico do treinador relativo às categorias e sub-categorias apresentadas no questionário, interpretando de forma distinta o objectivo das perguntas.

O sistema de análise da informação prestada pelo treinador poderá apresentar em algumas dimensões, uma categorização demasiado repartida, podendo dificultar a compreensão de determinados dados.

7 – Hipóteses do Estudo

Com este estudo pretendemos, num primeiro nível, descrever e analisar a instrução no processo de preparação para a competição (prelecção), confrontando as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo (expectativas da instrução vs instrução), num segundo nível, descrever e analisar a instrução no processo de competição, confrontando as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo (expectativas da instrução vs instrução), num terceiro nível, analisar a relação entre a prelecção de preparação para a competição e a competição propriamente dita, ao nível das decisões pré-interactivas (expectativas da instrução na prelecção vs expectativas da instrução na competição), e num quarto nível, analisar a relação entre a prelecção de preparação para a competição e a competição propriamente dita, ao nível do comportamento interactivo (instrução na prelecção vs instrução na competição).

Diversas questões se levantam antes de realizar o estudo, principalmente quando estamos em contacto directo com a prática deste tipo de situações, e sentimos o nível de influência que o objecto de estudo supracitado apresenta no rendimento de uma equipa.

- Será que os treinadores em geral, e mais especificamente os pertencentes à amostra (treinadores profissionais), preparam consciente e pormenorizadamente a competição?
- Ou será que a informação que transmitem antes e durante a competição não é pensada, preparada e reflectida, sendo por isso totalmente intuitiva?
- Será que existe relação positiva entre o que o treinador planeia transmitir e aquilo que realmente transmite para os seus atletas antes e durante a competição?

- Será que existe uma elevada congruência entre aquilo que o treinador transmite na preparação para a competição e na competição?
- Será que existem outras tarefas de decisão e de execução pré-interactivas e interactivas do treinador durante o processo de preparação para a competição? Se existirem, será que requerem elevada preocupação ao nível do seu planeamento e programação?

No que se refere às nossas expectativas mais salientes, esperamos que seja possível responder positivamente à primeira, terceira e quarta questão, de forma possibilitar a concretização dos objectivos a que nos propomos, ou seja, contribuir para um melhor conhecimento da instrução realizada no processo de preparação para a competição e na competição.

Como tal, indo ao encontro dos objectivos do estudo referidos no terceiro ponto deste capítulo, e consequentemente das questões atrás mencionadas, podemos levantar duas hipóteses orientadoras, sendo ambas desdobradas em duas sub-hipóteses.

Hipótese 1 – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução.

Hipótese 1 a) – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na prelecção de preparação para a competição.

Hipótese 1 b) – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na competição.

Infelizmente foram encontrados pouquíssimos estudos que estabeleçam uma análise correlativa entre as expectativas de instrução e a instrução em competição. Relativamente a esta análise, mas agora ao nível da prelecção de preparação para a competição, encontramos um estudo de Pacheco (2002), onde pretendeu caracterizar e comparar as condições de realização da prelecção de preparação para a competição entre os treinadores de futebol da 1ª Liga e 2ª Divisão B, verificando igualmente se existia congruência entre as ideias pré-interactivas e os comportamentos interactivos dos mesmos. Sendo assim, o autor verificou uma elevada congruência significativa entre as ideias pré-interactivas e os comportamentos interactivos focados. Relativamente à comparação entre os grupos da amostra, verificou que esta congruência é maior nos treinadores da 2ª Divisão B, face aos da 1ª Liga.

Para além deste estudo, arriscaríamos a referir que poucos ou nenhuns estudos existirão a abordar este problema ao nível da competição e preparação para a mesma. No entanto, podemos referir que já existem alguns estudos que comparam as expectativas e os comportamentos entre vários grupos de treinadores, mas somente em situação de treino.

Brito & Rodrigues (2002) compara o comportamento pedagógico entre os treinadores de ginástica artística ao nível do sistema federado e do sistema educativo, estudando igualmente a associação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento, verificando a existência duma aceitação parcial, pois verificou-se correlações significativas somente em alguns momentos do treino. Mais concretamente, existiram correlações significativas numa categoria quer em treinos anteriores, quer posteriores à competição e num só grupo de treinadores. Quando comparados os dois contextos, também só foram verificadas correlações numa categoria nos treinos pós competição.

Sequeira (1998) também pretendeu observar se existia relação entre o que o treinador pensa, antes do treino e aquilo que ele faz, durante o treino, ao nível do feedback pedagógico, verificando somente correlações positivas na categoria Objectivo do Feedback. O mesmo autor, com alguma surpresa, refere que não existe relação positiva entre a estrutura de treino planeada e a efectuada. Referencia também que os treinadores revelam preocupação na preparação para as mais variadas dificuldades que os seus atletas poderão apresentar em treino, levantando o maior número de hipóteses possíveis, de forma a prepararem-se para a imprevisibilidade do processo de ensino-aprendizagem.

Agrupando os dois estudos anteriores, que embora digam respeito ao treino e ao comportamento do treinador (que engloba logicamente a instrução e o feedback), as conclusões indicam uma relação inversa entre aquilo que o treinador planeia ou espera (decisões pré-interactivas) e aquilo que realmente acontece (comportamento interactivo).

Segundo Lima (2000) "...o treinador não pode deixar de organizar e planear o processo de treino. Se não o fizer corre permanentemente o risco de "nunca aprender a fazer acontecer as coisas que pode e deve controlar". Sem organização e sem liderança, as probabilidades de atingir um objectivo realista serão poucas e o sucesso desportivo será, a maior parte das vezes, fruto do acaso." Como tal, aplicando esta citação ao que pretendemos estudar, pensamos que será deveras importante existir uma correlação significativa entre as expectativas que o treinador concebe para a

instrução e a própria execução dessa mesma instrução, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição. No entanto, conhecendo as especificidades da modalidade, parece-nos mais difícil verificar esta relação ao nível da competição, pois esta é caracterizada por um envolvimento contextual extremamente diferenciado e dificilmente previsível.

Hipótese 2 – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição.

Hipótese 2 a) – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, ao nível das expectativas da instrução.

Hipótese 2 b) – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, ao nível do comportamento da instrução.

Relativamente a esta hipótese, subsiste igualmente dificuldade em encontrar estudos que a sustentem, pois existem alguns relativos à competição, mas no que diz respeito à prelecção o mesmo não acontece. No entanto, poderemos realizar uma comparação entre aquilo que é estudado ao nível da instrução na prelecção de preparação para a competição e a instrução durante a competição, não restando dúvidas que deverá existir coerência entre a prelecção e a competição, pois a primeira tem como objectivo central preparar cognitivamente a segunda.

Ao nível dos objectivos dos dois momentos anteriormente referidos, Castelo (1996), Hotz (1999) e Mesquita (1997) referem que a prelecção deve servir para orientar o plano táctico-estratégico previamente concebido e treinado, informar as características fundamentais relativas ao adversário, relembrar os ideais e a filosofia da equipa e estabilizar os níveis psico-emocionais de todos os jogadores. Relativamente à competição, Beal (1989) citado por Moreno (2001) e Mesquita (1997) referem que a instrução do treinador deverá servir fundamentalmente para relembrar o plano táctico-estratégico, estabilizar constantemente os níveis psico-emocionais dos jogadores e focá-los maioritariamente para o rendimento e muito menos para o resultado.

Relativamente às características da instrução verificadas por vários autores nos seus estudos, podemos referir que na prelecção, a informação é fundamentalmente auditiva, centrada na própria equipa e no adversário, de índole táctica e psicológica e dirigida maioritariamente para o colectivo (Castelo, 1996; Dias, Sarmiento e Rodrigues,

1994; Moreno, 2001; Pacheco, 2002). Durante a competição, o aporte de informação é auditivo-visual, centrado na própria equipa mas também no adversário, de índole tático e psicológico (motivacional), dirigido maioritariamente ao indivíduo, e com uma carga positiva (Hotz, 1999 e Moreno, 2001).

Verificamos assim, que nos vários estudos encontrados, a instrução fornecida na prelecção é idêntica à da competição em várias categorias. Como tal, a nossa expectativa será aceitar a segunda hipótese, ou seja, que os treinadores não apresentam diferenças significativas entre a prelecção e a competição.

6 – Definições Operacionais

Actividade Pedagógica do Treinador – Conjunto de decisões, atitudes e comportamentos realizados pelo treinador, envolvendo a utilização de diversas técnicas de intervenção pedagógica, tais como as técnicas de instrução, gestão, clima relacional e controlo disciplinar. (Sarmento, Leça-Veiga, Rosado, Rodrigues e Ferreira, 1993b)

Aporte de Informação – Acto de fornecer informação ao atleta/equipa.

Decisões e/ou Comportamentos Interactivos – Decisões e/ou comportamentos realizados pelo treinador, durante a interacção com os atletas. (Rodrigues, 2000)

Decisões e/ou Comportamentos Pré-Interactivos – Decisões e/ou comportamentos realizados pelo treinador, anteriores à interacção com os atletas. (Rodrigues, 2000)

Direcção da Equipa – “O conjunto de decisões e acções que um treinador tem de tomar e/ou executar antes, durante e depois da competição, para conseguir alcançar os objectivos (metas) propostas para a equipa” (Diaz, 2000, citado em Moreno, 2001)

Expectativas da instrução – Projectar, organizar e ensaiar o aporte de informação que se pretende realizar junto do atleta/equipa, mas agora de uma forma somente pensada e estruturada cognitivamente.

Informação – Acto ou efeito de informar ou informar-se; elemento de conhecimento susceptível de ser transmitido e conservado graças a um suporte e um código.

Instrução – Técnica de intervenção pedagógica que visa comunicar uma informação, corrigir, avaliar positiva ou negativamente, demonstrar ou questionar o atleta de um

determinado aspecto. É uma técnica que o treinador recorre com enorme frequência durante todo o treino e também na competição, através da linguagem verbal e não verbal. Relativamente ao nosso estudo, interessa analisar a instrução, ao nível do aporte de informação, durante a competição e na prelecção para a competição. Tal como diversos autores o referem (Castelo, 1996; Dias, Sarmento e Rodrigues, 1994; Lima, 2000; Moreno, 2001 e Sarmento, et al, 1993) a instrução deverá ser bem planeada e ensaiada e não deixada ao improviso do momento.

Plano Tático-Estratégico – Consiste no plano tático concebido em função da expressão tática de base da equipa (sistema, método, etc...), elaborado através do estudo das condições e do carácter da futura confrontação desportiva, estabelecendo-se as modificações pontuais e temporárias com vista a criar situações e condições de jogo que evidenciem as carências (físicas, técnicas, táticas e psicológicas) da equipa adversária (Castelo, 1996, Teodorescu, 1984 e Wrzos, 1984)

Prelecção de Preparação para a Competição – Momento informacional de maior densidade e conteúdo (instrução), que visa preparar a equipa para a competição, afim da mesma dominar com eficácia um conjunto de fundamentos, indo ao encontro do plano tático-estratégico previamente definido e preparado pelo treinador, e treinado pelos atletas. A prelecção deverá ser realizada antes do jogo, e é composta por um conjunto de conteúdos de índole tático, psicológico (motivacional) e organizativo.

Variáveis Cognitivas – Variáveis baseadas na cognição, tal como o próprio nome indica, tais como, as expectativas do treinador, as decisões de planeamento, as decisões de gestão do treino e da competição, etc. (Rodrigues, 2000)

Variáveis Comportamentais – Variáveis baseadas no comportamento do treinador, tais como, as estratégias, os estilos, as técnicas de intervenção pedagógica, a instrução em competição e no treino, as tarefas, os exercícios, a análise da tarefa, etc. (Rodrigues, 2000)

CAPÍTULO II

ANÁLISE

DA

LITERATURA

CAPÍTULO II – ANÁLISE DA LITERATURA

1 – Introdução

O objectivo principal deste capítulo consiste em desenvolver as bases teóricas que fundamentam a nossa investigação. Consideramos que a revisão da literatura deve ser específica e profunda, abordando de forma objectiva os diferentes estudos de investigação, de desenvolvimento e de conhecimento realizados na área que nos propusemos estudar.

Como tal, pretendemos começar por situar o nosso estudo no âmbito do processo pedagógico em desporto, identificando e caracterizando os diferentes modelos de pesquisa em Pedagogia do Desporto.

Seguidamente, abordaremos o domínio do “pensamento” do Treinador, afim de melhor se compreender a importância do seu estudo, os procedimentos metodológicos mais utilizados, assim como as principais considerações que os estudos de investigação nos têm fornecido, com principal ênfase na relação que os processos cognitivos têm com os processos comportamentais.

Por último, desenvolveremos o sub-capítulo dirigido especificamente para o comportamento de instrução do treinador, ou seja, iremos apresentar com o máximo de profundidade, a complexa forma como o treinador estabelece o contacto com os seus atletas utilizando para isso a instrução, mais concretamente, antes e durante a competição. Neste sub-capítulo, iremos por um lado, sustentar-nos nas investigações centradas no âmbito da observação do comportamento do treinador, retirando as diferentes conclusões, problemas, e procedimentos metodológicos utilizados, e por outro, nas diversas obras de conhecimento científico que se debruçaram sobre o nosso objecto de estudo.

2 – A Investigação Científica em Pedagogia do Desporto

Segundo Piéron (1993), a investigação científica realizada na Educação Física advém dos modelos de investigação utilizados na Pedagogia Geral. Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999) afirma que “A aplicação dos paradigmas da pesquisa da Pedagogia Geral, à análise do ensino da Educação Física,

poderá ser benéfica pois enquadra devidamente o pensamento científico e sistémico relativamente às principais variáveis que são típicas do processo de ensino referido.”

Tal como foi benéfica, a aplicação dos modelos de pesquisa da Pedagogia Geral à análise do ensino em Educação Física, também assim o poderemos considerar, quando se trata de aplicar os modelos anteriores ao processo de treino em desporto, logicamente sofrendo as necessárias adaptações a uma realidade específica e rodeada de particularidades totalmente distintas do ensino em Educação Física.

Seguindo a lógica da investigação em Pedagogia do Desporto, podemos encontrar facilmente particularidades que necessitam da referida adaptação do ensino da Educação Física ao processo de treino (Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999) ou seja, desde as variáveis de presságio, que se reportam à formação do treinador, passando pelas variáveis de programa (objectivos e conteúdos de treino), de processo (decisões e comportamentos no treino) e de contexto (ramificação do desporto para jovens e o desporto de alta competição) e terminando nas variáveis de produto, que dizem respeito aos resultados das competições e/ou aquisições na condição física, técnica, táctica e psicológica dos atletas.

Sendo assim, encontramos na literatura a referência a vários modelos de pesquisa utilizados no âmbito da Pedagogia Geral e Pedagogia do Desporto, tais como:

- ❑ Modelo de pesquisa “*Descrição-Correlação-Experimentação*” para a Pedagogia Geral
- ❑ Modelo de “*Presságio-Processo-Produto*” para a Pedagogia Geral e posteriormente adaptado e especificado para a Pedagogia no Desporto por diversos autores
- ❑ Modelo de Pesquisa *Etnográfica*
- ❑ Modelo dos *processos mediadores*
- ❑ Modelo de pesquisa sobre *mestres (“experts”)*

Sendo o nosso estudo no âmbito do desporto e mais concretamente no processo de treino desportivo, incluindo este não só o treino propriamente dito, como também a competição, será de todo importante sistematizar estes modelos de pesquisa às particularidades existentes na nossa área de estudo, realizando a respectiva adaptação das múltiplas variáveis necessárias e que são utilizadas nos modelos de investigação no ensino da Educação Física, pois tal como Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999) refere, “Embora, possamos afirmar que existem algumas semelhanças com a análise do processo de ensino da Educação

Física, parece-nos que é possível construir um discurso explicativo independente deste sistema, face às especificidades que o fenómeno desportivo apresenta.”. No fundo, os modelos de pesquisa terão de passar a considerar os treinadores e os atletas como os alvos preferenciais de estudo, como também outros intervenientes no processo de treino (massagistas, pais, dirigentes, árbitros, etc).

Relativamente ao modelo de investigação “*Descrição-Correlação-Experimentação*” desenvolvido por Rosenshine & Furst (1973), a adaptação ao processo de treino desportivo, levanta três elementos fundamentais de pesquisa: 1) A descrição do processo relacional que se estabelece entre o treinador e os atletas, utilizando o desenvolvimento de métodos e procedimentos quantitativos e qualitativos; 2) Utilizando os diferentes intervenientes do processo desportivo, estabelecer a relação entre as variáveis descritivas e os seus resultados (quantificados através de ganhos de prestação e/ou modificação comportamental); 3) Utilizando o controle de certas variáveis do processo de treino desportivo, mas realizando a manipulação de outras variáveis, utilizando-se análises estatísticas afim de interpretar os resultados.

No que diz respeito à utilização do modelo “*Presságio-Processo-Produto*”, Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999), refere que poucas têm sido as investigações pedagógicas que incidem sobre o processo de treino, no entanto, na adaptação específica ao treino em desporto, surge o Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Desporto (Rodrigues, 1995), que é composto pelas variáveis de presságio, processo, contexto, programa e produto.

As variáveis de presságio são relativas às características do treinador, e que têm a possibilidade de influenciar os efeitos do treino e como tal os resultados da competição. A formação inicial do treinador, a experiência profissional acumulada e a formação contínua necessária à constante evolução, são exemplos deste tipo de variáveis. Para além destes exemplos, a personalidade, os valores, a motivação, e outras mais características intrínsecas do treinador, influenciam o processo de treino desportivo. É com facilidade que aceitamos a existência de influência das variáveis de presságio no treino e na competição, no entanto, diversos autores consideram-na diminuta e como tal a pesquisa sobre as mesmas é bastante reduzida. Cita-se habitualmente Bloom (1979), pois este refere que as variáveis de presságio são somente responsáveis em 5% na variância do rendimento dos alunos. Ao nível destas variáveis existe uma acentuada diferença, que reside no quadro de formação que é utilizado no ensino da Educação Física, ao qual está perfeitamente estruturado, com padrões e currículos muito aproximados ao longo de vários anos, enquanto que no

sistema desportivo e mais especificamente no futebol, somente no início desta década se começou a dar os primeiros passos na tentativa de padronizar a creditação e a formação dos treinadores, embora, se admita que estes primeiros passos são muito pequenos face à necessidade de tornar este processo de creditação e formação sólido, eficaz e criterioso. Conhecermos os valores e as atitudes dos treinadores poderá ser uma enorme ajuda para se explicar com maior exactidão o comportamento que os mesmos têm durante o treino e a competição (Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999).

As variáveis de processo são relativas aos comportamentos, decisões e interacções que acontecem no treino ou na competição. Portanto, a este nível será importante analisar os comportamentos e decisões dos treinadores, atletas, pais, dirigentes e outros intervenientes neste processo. Importa igualmente analisar as relações que possam existir nas diferentes fases do processo (Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999), ou seja, anterior à interacção (pré-interactivas), durante a interacção (interactivas) e após a interacção (pós-interactivas). Relativamente ao nosso objecto de estudo, podemos levantar as seguintes questões: Que tipo de intervenção tem o treinador com os seus atletas durante a competição? E antes da competição? Como é que incute o máximo de empenhamento durante o jogo?

As variáveis de contexto são referentes ao contexto em que a situação de treino ou competição decorre, ou seja, o tipo de envolvimento, o ambiente, o regulamento, as condições logísticas e materiais, as características dos atletas, entre outras, provocam frequentemente ajustamentos importantes no processo pedagógico estabelecido entre o treinador e os seus atletas ou outros intervenientes. Para Piéron (1986), as variáveis de contexto são independentes do professor (adaptando para a nossa realidade – treinador), no entanto deveriam exercer uma elevada influência na qualidade do processo de ensino (treino e competição).

As variáveis de programa, dizem respeito aos objectivos a perseguir e aos conteúdos ministrados no treino, que são as influências que estão directamente dependentes da tomada de decisão do treinador. Como tal, e aplicando estas variáveis ao nosso objecto de estudo, devemos referir que estas variáveis seriam os objectivos para a competição e o plano táctico-estratégico para atingir esses mesmos objectivos. No entanto, importa realçar que o comportamento do treinador em competição pode ser alterado em função das ocorrências do mesmo, tal como Coté, Trudel, Bernard, Boileau & Marcotte (1993) referem que, o comportamento dos treinadores de hóquei

no gelo apresentam diferenças, consoante a sua equipa se encontre em vantagem ou desvantagem no marcador.

As variáveis de produto, tal como o próprio nome indica, são respeitantes ao resultado do processo pedagógico, ou seja, reflectem as alterações verificadas na condição física, técnica, táctica e psicológica dos atletas, os níveis de aprendizagem e os efeitos educativos dos mesmos. Segundo Rodrigues, Sarmiento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999), podemos integrar nestas variáveis, os resultados obtidos nas competições, embora, concordamos com o facto de existirem muitas dúvidas a este nível, pois o resultado só por si pode levar a conclusões precipitadas, no que diz respeito à qualidade do processo pedagógico, visto que a competição na modalidade do futebol é envolvida de uma elevada aleatoriedade e influenciada por vários condicionalismos externos e internos ao próprio jogo que fogem ao controlo do treinador. No entanto, o resultado desportivo poderá ser muito importante afim de ser confrontado com outras variáveis, para que se possa estabelecer um quadro de relacional, na procura de uma definição operacional para o sucesso desportivo e pedagógico. Esta situação vai claramente ao encontro do nosso objecto de estudo, sendo neste momento um caminho de pesquisa em tudo pertinente, estabelecendo-se assim, uma relação pedagógica específica para a competição, mantendo por base os modelos anteriormente referidos.

Ao nível concreto da competição (antes, durante e após), a investigação já é sustentada por alguns estudos, caracterizando-se pela análise descritiva e comparativa do comportamento dos treinadores em competição. São exemplos, os estudos de Alves (1998); Bloom, Durand-Bush e Salmela (1997); Cloes, Delhaes, e Piéron (1993); Coté, Trudel, Bernard, Boileau & Marcotte (1993); Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994); Isberg (1993); Madden & Evans (1993); Mendes (1998), Moreno (2001); Pina (1998); Pina e Rodrigues (1993 e 1997) e Trudel, Coté & Bernard (1996). No entanto, seria importante começar a desenvolver-se estudos que integrassem outros intervenientes no processo competitivo, tais como, os pais dos atletas, os dirigentes, os massagistas, entre outros, pois existem questões às quais ainda é bastante difícil responder, tais como: Como é que os treinadores interagem com os árbitros?, Como é que os atletas interagem com os árbitros?, E com os dirigentes?, Qual o comportamento dos pais, quando o filho é substituído? Como se relaciona o treinador com o massagista?, etc, etc.

Outro modelo de pesquisa bastante interessante e muito utilizado na Educação Física é definido pela *Observação Etnográfica*. Sendo um modelo de pesquisa recente, ainda existem poucos estudos desenvolvidos na área do desporto.

Piéron (1993) refere que este modelo consiste nas descrições críticas e minuciosas, que contribuem para a explicação e interpretação dos fenómenos ocorridos no desporto. Neste tipo de observação, não poderá existir a modificação das condições naturais, do ambiente, dos intervenientes no processo de treino desportivo. Tal situação permite uma observação bastante real, mas muito limitativa, pois a sua especificidade condiciona totalmente a generalização dos dados recolhidos, impossibilitando a construção de padrões que caracterizam a situação. Reflectindo esta situação ao nível do treino desportivo, onde se enquadra o treino propriamente dito e a competição, será importantíssimo que este tipo de modelo comece a ser desenvolvido, pois esta realidade apresenta um contexto altamente específico e em constante alteração. Como tal, para uma melhor compreensão do processo de treino desportivo, é necessário que não exista perturbação da realidade, afim duma maior validade nas conclusões obtidas.

O modelo de investigação dos *Processos Mediadores* é definido como um modelo que estuda o processo de reconhecimento da mensagem emitida pelo treinador e a recebida pelos atletas. Ou seja, pretende-se conhecer os processos mentais da informação que decorre entre o estímulo emitido pelo treinador e a resposta do atleta. Tal como refere Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999), “muito ainda há para investigar no que respeita aos processos mentais de interpretação e aprendizagem dos atletas.”

Por último, o modelo de pesquisa que pretende a descrição e análise das diferenças entre “mestres” e “inexperientes” consiste no Modelo de *Pesquisa sobre “Mestres” (“experts”)*. Interessa explicar que este paradigma foi bastante desenvolvido ao nível da Educação Física, afim de se perceber quais eram as diferenças entre os acontecimentos dos “Professores Mestres” e os “Professores Inexperientes”. Os vários investigadores que se debruçaram sobre este paradigma, registaram diferenças ao nível do planeamento (Griffey & Housner, 1991), ao nível do comportamento na aula (Piéron, 1982; Piéron & Cloes, 1981; Piéron & R. Delmelle, 1982; Piéron & Georis, 1983 citado por Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999) e ao nível das tomadas de decisão (Graham, Hopple, Manross & Sitzman, 1993 citado por Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999).

Segundo Berliner (1988) citado por Piéron (1996), o professor “mestre” encontra causas para os acontecimentos que observa, coloca os problemas realmente importantes, tem padrões rápidos e precisos de resposta e avalia de forma dinâmica e eficaz, revelando assim uma maior competência pedagógica. Como tal, nem todos conseguirão atingir este patamar. No entanto, este modelo terá a dificuldade de identificar e caracterizar o conceito de “mestre” e de “inexperiente”, pois nem sempre esta definição será consensual. Para Piéron (1993) o “mestre” (“experts”) são seleccionados a partir de três pontos: 1) recomendação por supervisores institucionais; 2) reconhecimento por supervisores universitários; 3) o currículo pessoal com envolvimento na formação de colegas.

Na necessária e devida adaptação à área do treino desportivo, importa referir dois estudos de referência:

- 1) Siedentop & Eldar (1989), referindo que o treinador “mestre” é significativamente melhor ao nível da capacidade de julgamento, da capacidade de resposta, da competência técnica e da análise da situação permitindo assim uma melhor qualidade de resposta perante a imensa variabilidade de situações. Referem igualmente que não são treinadores não dependentes do plano ajustando-se melhor às alterações momentâneas e com uma maior capacidade de auto-crítica com vista ao constante perfeccionismo.
- 2) Rodrigues (1995), refere que um treinador “mestre” é um treinador excepcional, com experiência, com sucessos desportivos, e reconhecido na comunidade desportiva. No entanto, pelo facto de existirem poucas comparações entre treinadores de sucesso e treinadores inexperientes, o autor considera que a sua caracterização de mestria deverá ser somente considerada como hipótese de pesquisa.

Para finalizar este sub-capítulo, importa perceber que independentemente do modelo de pesquisa a seguir, o processo de treino desportivo necessita de uma maior investigação ao nível de todas as variáveis anteriormente referidas, de forma a possibilitar uma melhor resposta a questões tão simples como: “Como é que o treinador motiva os seus atletas em treino?”, “E em competição?”, “Como é que o treinador deve corrigir durante o jogo?”, “Que tipo de instruções são fornecidas em competição?”, mas nunca deixando de compreender que, esta área apresenta uma especificidade muito própria, de onde por vezes são recolhidos dados e conclusões relativamente instáveis, pelo facto da realidade ser altamente instável.

3 – O “Pensamento” do Treinador

Vários autores têm revelado através dos seus estudos que o treinador tem um papel cada vez mais importante na formação dos seus atletas, sendo por isso responsável por um vasto leque de funções, com vista à constante e progressiva evolução do rendimento dos mesmos. Todas estas responsabilidades requerem do treinador uma elevada competência específica, sendo a relação pedagógica treinador-atleta aquela que tem merecido um especial destaque pela sua influência no maior ou menor rendimento desportivo individual e/ou da equipa. No fundo, a forma como o treinador estabelece o contacto com os seus atletas influencia determinantemente a sua qualidade desportiva.

Segundo Araújo (1999), o processo de tomada de decisão implica julgamentos que levam às acções, produzindo estas, consequências contextuais significativas. Assim, a actividade pedagógica do treinador resulta do processo de tomada de decisões pré-interactivas, que podem ser representadas pelas expectativas que o próprio treinador tem relativamente ao seu comportamento, quer em treino, quer em competição.

Para Januário (1992), é corrente afirmar-se que o ensino resulta das decisões de planeamento previamente tomadas. Como tal, será importante perceber-se em que medida a actividade interactiva é influenciada pelas decisões pré-interactivas. De acordo com o mesmo autor, os processos cognitivos representam os constructos prévios à intervenção pedagógica, e como tal, as decisões pré-interactivas tem como função, reduzir a ansiedade e a incerteza, estruturar e visualizar previamente a intervenção, reduzindo a sua aleatoriedade, ligando assim, o pensamento à acção.

Ao nível desta área de investigação, denominada por “Pensamento” do Treinador, podemos contemplar três dimensões de análise, correspondentes às três categorias do processo de tomada de decisão (cognitivo) dos treinadores (Clark & Peterson, 1986):

- ❑ As concepções e as teorias implícitas;
- ❑ As decisões e os pensamentos pré e pós-interactivos ou de planeamento;
- ❑ Os pensamentos e decisões interactivas.

Shavelson & Stern (1981) citado por Pina (1998) caracterizam três orientações metodológicas no estudo dos processos do pensamento:

- ❑ Apreensão das estratégias (investigações psicológicas de laboratório) e obtenção de julgamentos (comparação dos julgamentos ou escolhas dos professores com experts)
- ❑ Análise de protocolos (registo e codificação de pensamentos verbalizados no momento em que realiza a tarefa ou após a mesma através de entrevista retrospectiva) e a estimulação da memória (verbalização das decisões retiradas da memória após visionamento de algo)
- ❑ Estudos etnográficos (interpretação da conduta humana em interacção com as populações do objecto de estudo)

Este domínio de investigação ainda é bastante recente ao nível dos treinadores, e como tal será necessário, por vezes contextualizá-lo ao nível do professor de Educação Física, pois aqui encontramos vários estudos descritivos e comparativos. Pensamos que esta situação deve-se ao facto de uma maior facilidade de acesso e à possível extrapolação dos resultados obtidos ao nível da leccionação de outras disciplinas (Brito, 1999). Continuamos assim, a ter um foco preferencial para os estudos relativos às variáveis comportamentais do treinador em detrimento das variáveis cognitivas, no entanto, de acordo com Rosado (2000) a investigação dos processos cognitivos é fundamental para se compreender o comportamento do professor e do treinador, colmatando algumas lacunas ao modelo processo-produto.

Segundo Januário (1992) o primeiro estudo no âmbito do pensamento do professor foi realizado em 1970 por Zahorik com o título “The effect of planing on teaching”. No seguimento deste estudo, outros realizados no mesmo âmbito, mas ao nível da disciplina de Educação Física, referem que existe uma clara e forte influência entre os processos cognitivos e os processos comportamentais do professor (Clark, E. & Yinger, 1987 citado por Saraiva, 1997; Goc-Karp & Zkrajsek, 1987). Na sequência deste tipo de estudos, Januário (1992) analisou as relações existentes entre os processos cognitivos e os processos comportamentais e Saraiva (1997) estudou as decisões de planeamento pré-interactivas e pós-interactivas.

Na pesquisa efectuada encontramos também referência a estudos centrados na análise da mestria, no registo de pensamento em voz alta e das estratégias e na comparação entre especialistas e não especialistas ao nível dos processos de planificação e tomada de decisões interactivas (Griffey & Housner, 1991 e Housner & Griffey, 1985).

Como referimos anteriormente ao nível específico do treinador desportivo, a existência de estudos é bem mais escassa, no entanto, de acordo com Gilovich (1984) e Gilovich, Vallone & Tversky (1985) citado por Pina (1998), a pesquisa dos processos cognitivos torna-se fundamental na medida que o desporto poderá ser usado como um laboratório vivo, encontrando-se alguns estudos já realizados relativamente ao processo de treino, tais como: Brito & Rodrigues (2002), Sequeira (1998) e Santos (1998).

Brito & Rodrigues (2002), estudando os treinadores de ginástica artística ao nível do comportamento pedagógico e do pensamento pré-interactivo, verificou que somente existiam correlações significativas numa única categoria. O estudo de Sequeira (1998), diz respeito à análise multidimensional do feedback pedagógico e ao estudo das decisões pré-interactivas e interactivas do treinador de Andebol, verificando somente relação na categoria Objectivo do Feedback e referindo que os resultados apontam para a importância que as decisões pré-interactivas podem ter no processo pedagógico. Santos (1998), pretendeu descrever e caracterizar a actividade pedagógica do treinador de ténis (decisões pré-interactivas e comportamentos interactivos), em situações de treino com jovens, onde comprovou somente a existência de relação significativa (decisões vs comportamentos) na dimensão instrução.

Conjugando os estudos anteriormente referidos, verificamos que a relação entre os processos cognitivos e os processos comportamentais no processo de treino, não é muito forte, ou seja, ao contrário do que se desejaria, poucas são as decisões pré-interactivas que se reflectem directamente nas acções interactivas no decorrer do treino.

Na continuidade desta linha de investigação, quando efectuamos pesquisa bibliográfica relativa à prelecção que visa a preparação para a competição, praticamente não encontramos nenhum estudo. No meio deste deserto, encontramos muito recentemente o estudo realizado por Pacheco (2002), onde pretendeu caracterizar e comparar as condições de realização da prelecção de preparação para a competição entre os treinadores de futebol da 1ª Liga e 2ª Divisão B, verificando igualmente se existia congruência entre as ideias pré-interactivas e os comportamentos interactivos dos mesmos. Sendo assim, o autor verificou uma congruência significativa entre as ideias pré-interactivas e os comportamentos interactivos focados. Relativamente à comparação entre os grupos da amostra,

verificou que esta congruência é maior nos treinadores da 2ª Divisão B, face aos da 1ª Liga.

Se ao nível do comportamento do treinador em competição, o desenvolvimento científico ainda está no início, quando pesquisamos no domínio do pensamento os estudos tornam-se escassos. Pensamos que tal situação deve-se ao facto do momento da competição ser rodeado de complexidades, receios, angústias, ansiedades e muitas incertezas que assolam o treinador, e que tornam muito limitado o acesso ao desenvolvimento científico.

Alves (1998), pretendeu descrever as expectativas dos treinadores antes da competição e caracterizar o seu comportamento durante os jogos, não estabelecendo a análise relacional entre as expectativas e o comportamento do treinador em competição. O autor verifica as seguintes conclusões: existem algumas diferenças significativas entre os grupos de treinadores em função do escalão que orientam, nas expectativas e no seu comportamento em competição; não existem diferenças significativas entre os grupos em função do sucesso da equipa; existem diferenças significativas no que se refere ao comportamento dos treinadores em função da sua experiência profissional, não se verificando essas diferenças ao nível das expectativas.

Para finalizar, Pina (1998) pretendeu analisar a informação que o treinador de Voleibol transmite durante a competição (descontos de tempo e intervalos de set) e o estudo das tomadas de decisão. No que diz respeito ao domínio do pensamento do treinador, verificou que as variáveis cognitivas associaram-se com correlações fortes com as variáveis comportamentais. Este estudo demonstra que, independentemente do nível de “expertise”, o treinador poderá possuir um conjunto de expectativas no período anterior à competição. O momento da competição, mesmo sendo composto por uma constante mudança e estando envolvido de elevada aleatoriedade, deve ser previamente preparado, para que as decisões pré-interactivas possam ser reflectidas no comportamento interactivo, permitindo assim, uma maior congruência na relação pedagógica entre o treinador e os atletas não só no treino, como também na competição.

4 – O Comportamento do Treinador

Dentro do quarto capítulo da análise da literatura, iremos subdividir em três pontos, que passaremos a descrever:

- ❑ **O Comportamento de Instrução do Treinador** – Pretende-se compreender a importância da comunicação (entende-se que comunicação é o acto que o treinador utiliza para instruir, ou seja, para transmitir um conjunto de conhecimentos, ordens ou indicações) na direcção da equipa, com vista à rentabilização da performance desportiva individual e colectiva.
- ❑ **O Comportamento de Instrução do Treinador na preparação para a competição – “Prelecção”** – Descrever, analisar e sistematizar a reunião de preparação para o jogo, nas suas diferentes dimensões, sendo este um dos momentos fundamentais na direcção da equipa durante a preparação específica para a competição, utilizando para tal, o conhecimento científico realizado neste âmbito.
- ❑ **O Comportamento de Instrução durante a competição** – Descrever, analisar e sistematizar a informação fornecida pelo treinador durante o jogo, utilizando diferentes estudos de investigação e de conhecimento científico.

4.1 – A Instrução enquanto forma de Comunicação

Embora existam inúmeros factores que influenciam o rendimento desportivo dos jogadores, a relação pedagógica estabelecida entre o treinador e o jogador/equipa é talvez o factor mais preponderante. A forma como o treinador estabelece o contacto com os seus atletas faz-se fundamentalmente através da comunicação verbal e não verbal, no entanto a primeira é claramente mais utilizada e influenciadora do rendimento individual e colectivo (Moreno, 2001). Como tal, será extremamente importante desenvolver conhecimento e estudos científicos relativos à forma de comunicar entre os dois elementos (treinador-atleta) preponderantes do processo de treino.

As tendências evolutivas do Futebol têm também acompanhado a evolução da sociedade ao nível da comunicação. Hoje, vivemos a era da comunicação, onde qualquer indivíduo, seja ele criança ou idoso, passa grande parte da sua vida diária a comunicar, através de contacto directo, por via telefónica, e-mail, fax, ou até mesmo por carta. Também no complexo relacionamento entre o treinador e o jogador,

acreditamos que a comunicação é um dos factores preponderantes no sucesso desportivo de ambos.

É através da comunicação entre o treinador e o jogador, que permitirá ao primeiro, a conquista e a definição da sua liderança exercida quer no treino, quer na competição, e ao segundo, a motivação, a auto-estima e a auto-confiança necessárias para a obtenção de elevadas performances. Hoje em dia, o treinador que não for capaz de comunicar positivamente com os seus jogadores, independentemente do seu estilo de liderança, terá com certeza imensos conflitos, que dificultará ou impedirá a concretização dos objectivos formulados (curto, médio ou a longo prazo). No entanto, não deveremos considerar que o simples facto de se possuir uma personalidade comunicativa, permita ao treinador a obtenção da liderança, respeito e controlo do grupo. Terá sim de, dominar as técnicas de comunicação adequadas ao relacionamento individual e colectivo, quer com os jogadores, quer com os restantes elementos que rodeiam a equipa e que influenciam o seu rendimento. Segundo Lima (2000), “a importância da comunicação tem sido pouco salientada como uma das áreas em que o treinador tem de ganhar uma evidente competência no desporto actual.”. De acordo com Maertens (1999) muitos dos casos de insucesso dos treinadores, se deve em grande parte às dificuldades de comunicação com os atletas. Em suma, admitimos que os treinadores percebem a importância da comunicação no seu processo de treino e de competição, no entanto, poucos são os autores que têm vindo a debruçar-se aprofundadamente sobre esta matéria.

Cook (2001) refere que os treinadores passam uma grande parte do seu tempo a transmitir ordens, indicações ou informações aos seus jogadores e como tal, torna-se fundamental a capacidade de comunicar eficazmente. Caso esta situação não se verifique, a relação treinador-atleta(s) poderá ser bastante confusa e por vezes conflituosa, limitando assim o rendimento. Na perspectiva do mesmo autor, um treinador bom comunicador é simultaneamente um bom ouvinte, sendo difícil estabelecer uma relação próxima com o atleta caso não disponha de capacidade para o ouvir, perdendo assim a possibilidade de o conhecer cada vez melhor, para que assim potencie o rendimento individual e colectivo. Para Mesquita (1997) uma comunicação eficaz é não só a capacidade de saber falar, mas também de saber ouvir. A comunicação deverá envolver o saber fazer perguntas, o saber estimular e ainda o saber ouvir.

De acordo com Mesquita (1997), o treinador quando comunica com os jogadores deve seguir um conjunto de orientações que permitirá uma comunicação mais eficaz:

- ❑ *Desenvolver a capacidade de saber ouvir os seus atletas* – O treinador deverá demonstrar interesse pelos seus jogadores, interessando-se pelo que eles pensam, ouvindo atentamente, parafraseando aquilo que ele diz ou pedindo esclarecimentos caso não entenda a mensagem;
- ❑ *Desenvolver a comunicação não verbal* – O treinador através da utilização de determinados gestos, expressões faciais e outras atitudes poderá ser capaz de captar a atenção do atleta mais eficazmente;
- ❑ *Desenvolver a comunicação verbal* – O treinador deve sempre preparar aquilo que pretende comunicar com os seus atletas, para que assim possa ser mais claro, conciso e preciso, características estas que permitem uma comunicação mais eficaz.

Mais concretamente, Almeida (2001) refere que para uma comunicação eficaz, a mensagem deve apresentar várias características, tais como, ser directa e incisiva, dirigida ao sujeito, utilizando a 1ª pessoa em detrimento da 3ª pessoa, ser completa, específica, clara, consistente, verdadeira, simples, significativa, unificada e centrada numa coisa de cada vez. Para além disto, ainda refere que o treinador deve ser redundante sempre que necessário, utilizando uma terminologia adaptada aos atletas, percebendo se a interpretação da comunicação foi correcta, solicitando feedback ao atleta e por último, as mensagens verbais e não verbais deverão ser congruentes.

Como atrás é verificado, saber comunicar não é tarefa fácil, pois requer formação, experiência, planificação, etc. O processo de comunicação requer sempre um emissor e um receptor, que neste caso, são representados pelo treinador e pelos jogadores. Nem sempre este processo é facilmente percorrido, havendo problemas típicos. De acordo com Almeida (2001), as fontes de ruído mais frequentes assentam nos seguintes aspectos:

- ❑ O quadro referencial do emissor (valores, atitudes, crenças, personalidade, experiências passadas, etc) ser diferente do quadro referencial do receptor, provocando muito frequentemente os desentendimentos entre os mesmos;
- ❑ Incapacidade do emissor para codificar correctamente a mensagem a enviar (por inúmeras vezes os treinadores não conseguem comunicar o que realmente pretendem);
- ❑ Incapacidade do receptor para codificar correctamente a mensagem recebida (quantas vezes os treinadores percebem incorrectamente aquilo que o jogador nos transmite verbalmente e não verbalmente e quantas vezes o jogador não percebe o que os treinadores comunicam);

Para Lima (2000), os problemas tipo que ocorrem na comunicação, são:

- ❑ A forma como os receptores (jogadores) percebem a realidade (os factos, as acções, os comportamentos, etc) faz com que as palavras utilizadas possam ter significados completamente distintos daqueles que os emissores (treinador) pretendem fornecer. O autor define esta situação como percepção interesseira, visto que, habitualmente os receptores atribuem o significado que lhes interessa momentaneamente;
- ❑ A comunicação do treinador deverá ser simultaneamente dirigida para a rentabilização da performance individual de cada um dos seus jogadores, e para a rentabilidade colectiva da equipa, ou seja, o treinador tem a difícil tarefa de compatibilizar os objectivos individuais com os colectivos, visto que o Futebol é um jogo com uma grande dimensão colectiva, mas praticado por jogadores com diferentes personalidades e objectivos;
- ❑ Falta de objectividade da comunicação é claramente um dos problemas mais habituais, isto porque, frequentemente a mensagem não é completa e específica, esquecendo-se de muita informação fundamental para o correcto entendimento da mesma, da parte do receptor, como por exemplo, “Jogador, não faças esse passe!”, o jogador ficou a saber que o comportamento realizado está incorrecto, mas como é que ele sabe concretamente o que deve fazer?

Relativamente ao mesmo assunto, Sarmento, Leça-Veiga, Rosado, Rodrigues, Ferreira (1993a) consideram que os erros mais comuns são:

- ❑ A informação transmitida, muito frequentemente não é organizada e ordenada, dificultando imenso a correcta percepção da mesma pelos receptores;
- ❑ A inadequada preparação do emissor ou a própria incapacidade para comunicar, leva facilmente ao descontrolo da comunicação, confundindo-se toda a informação e/ou esquecendo-se da mensagem que se pretende transmitir;
- ❑ A insuficiência de informação a ser transmitida pelos treinadores, poderá interferir significativamente no rendimento, pois irá contribuir para uma menor capacidade cognitiva do jogador, na perspectiva de uma resolução das diferentes situações de jogo.
- ❑ A incoerência da informação comunicada pelo emissor provoca no mínimo o desinteresse do receptor, podendo chegar a promoção de conflitos, devido ao facto do emissor falar algo que não é coerente com aquilo que faz;

De forma a especificar cada vez mais o tema deste trabalho, é necessário referir que os treinadores encontram na comunicação a melhor forma de dirigir os seus jogadores

e equipa, orientando e ensinando todos os conteúdos específicos da modalidade, potenciando-os para o melhor rendimento possível (Almeida, 2001).

De acordo com Lima (2000) podemos sistematizar a comunicação da informação em quatro formas:

- *Indicação directa* – representa a instrução (intervenção) fornecida pelo treinador logo após a observação que realiza, com vista a informar o seu jogador(s)/equipa do que fazer e como fazer. Este tipo de informação é fundamentalmente utilizada em competição durante o decorrer do jogo, e durante os exercícios realizados no treino;
- *Prelecção* – Momento informacional de maior densidade e conteúdo, que pretende habitualmente envolver toda a equipa, afim da mesma dominar um conjunto de fundamentos previamente definidos e preparados pelo treinador. A prelecção poderá ser realizada em qualquer momento afim de introduzir um determinado tema (leis de jogo, conteúdos técnico-táctico, problema disciplinar, etc), como também, poderá ser utilizada para preparar a equipa para a competição ou analisar a competição já realizada.
- *Demonstração* – Técnica utilizada pelo treinador para emitir uma informação, podendo ser realizada directamente, por ele próprio ou por um jogador, ou indirectamente, através de análise de vídeo. Pretende-se com a demonstração, mostrar a todos os jogadores o que se pretende que eles realizem. Esta forma de informar é utilizada habitualmente em treino e muito pouco em competição.
- *Análise de Jogo* – É a forma que o treinador utiliza para informar os seus jogadores das características do adversário, preparando-os para a competição, ou para analisar a prestação da própria equipa após a realização do jogo, prescrevendo os comportamentos individuais e colectivos a desenvolver no microciclo seguinte. Importa referir que esta forma de comunicar pode ser realizada individualmente, por grupos ou com toda a equipa (varia consoante o objectivo do treinador). Na nossa opinião, esta categoria pode ser integrada na categoria “Prelecção”, podendo assim constituir-se como um momento da mesma, no entanto, ao apresentar objectivos e conteúdos específicos e distintos das restantes categorias justifica a sua categorização.

Seguidamente, esta pesquisa irá centrar-se na forma como o treinador comunica a informação na “Prelecção” realizada na preparação para a competição e em “Indicação directa” durante a competição.

Por último, Lima (2000) refere através de uma frase sucinta e objectiva a importância que a comunicação tem no treino desportivo da actualidade, “A comunicação pode estabelecer a diferença entre o êxito e o fracasso individual dos jogadores, entre a vitória e a derrota da equipa. Muitas vezes, perante um mau resultado, o treinador analisa o jogo, à procura dos porquês e esquece que a grande razão do insucesso reside naquilo que não disse, naquilo que disse a mais ou fora de propósito, (...)”

4.2 – A Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição

Através da informação referida anteriormente denota-se cada vez mais a importância da comunicação entre o treinador e os seus jogadores, visto que é através dela que se estabelece toda a direcção da equipa. Se a intervenção verbal e não verbal estabelecida entre o treinador e a sua equipa durante os treinos é de vital importância para a obtenção dos objectivos propostos, o mesmo se poderá referir à intervenção verbal estabelecida na preparação para a competição.

Segundo Lima (2000) a direcção da equipa contempla “procedimentos invisíveis” que preparam a equipa para a competição e que não são perceptíveis a elementos externos à equipa (adversários, espectadores, e por vezes, directores). Embora cada treinador tenha a sua forma específica de preparar mentalmente e taticamente a sua equipa para a competição, existem objectivos, meios, princípios de orientação e conteúdos metodológicos de referência para a obtenção de uma eficaz instrução na preparação para a competição, que poderá denominar-se por “Reunião de Preparação para o Jogo” (Teodorescu, 1984; Castelo, 1996; Castelo 2000) ou “Prelecção” (Castelo, 1996; Peseiro, 1998; Lima, 2000; Almeida, 2001).

Para Nerin (1986), esta prelecção reveste-se de um carácter cognitivo e afectivo, tendo como principal objectivo a preparação mental para a competição, para que os jogadores a consigam enfrentar com elevados níveis de confiança, com vista a alcançar o êxito na competição. Para o mesmo autor, esta prelecção apresenta-se claramente como um ritual no dia da competição, onde se objectiva a mobilização de todas as energias dos jogadores com vista ao máximo rendimento competitivo, afim de se atingir a respectiva vitória.

A prelecção é sem dúvida nenhuma, um momento fundamental na comunicação estabelecida entre o treinador e os jogadores. Na concepção organizacional do jogo de futebol segundo Castelo (1996; 2000) este momento de intervenção do treinador constitui uma etapa fundamental na eficácia da planificação estratégica, isto porque,

encerra a preparação especial realizada durante o microciclo, com vista à obtenção da melhor performance em jogo. Citando Lima (2000), “estamos perante uma “revisão da matéria” para a realização de um “exame público”, com vista à obtenção da “nota máxima””.

A prelecção é claramente um momento de reflexão teórica, onde se pretende preparar a equipa mentalmente para o jogo, accionando o plano táctico para o jogo (plano de jogo ou plano táctico-estratégico), reflectindo assim a estratégia montada durante o microciclo semanal. No entanto, segundo Mahlo (1966) e Castelo (1996 e 2000) a estratégia é concebida pelo treinador em função da próxima competição, e mais propriamente, em função da equipa adversária. Como tal, pretende-se não só recapitular os comportamentos tactico-estratégicos individuais e colectivos que deverão ser aprendidos, desenvolvidos e aperfeiçoados durante os treinos, como também as características tácticas, técnicas, físicas e psicológicas da equipa adversária.

Para Nerin (1986), a maioria dos treinadores considera como muito importante a prelecção de preparação para a competição, pois consideram que este é um momento que tem uma influência directa nos diferentes factores do rendimento.

A intervenção do treinador durante a prelecção, deve ser centrada nas soluções treinadas no microciclo anterior, evitando entrar num discurso exclusivamente de tipo “guerreiro”, ou seja, baseado somente nos aspectos de agressividade e emotividade, onde a subjectividade impera, dificultando aos jogadores a resolução dos diferentes problemas que a competição encerra. A instrução realizada pelo treinador na prelecção de preparação para a competição torna-se ainda mais importante, visto que durante o jogo o treinador tem muito mais dificuldades em modificar os comportamentos individuais e colectivos dos seus jogadores, como tal, torna-se fundamental a preparação cuidadosa e sistematizada da mesma (Pacheco, 2002).

Em suma, a elevada importância da prelecção deve muito ao facto de ser um momento de congregação dos objectivos, ideias, pensamentos e expectativas de todos os jogadores em função de um objectivo de equipa. Segundo Peseiro (1998), esta congregação só pode ser possível se existir da parte de todos os intervenientes uma participação consciente das diferentes missões individuais e colectivas ofensivas e defensivas. Ou seja, pretende-se que todos os jogadores entrem em competição perfeitamente sintonizados com o plano tactico-estratégico da equipa, dirigindo-se em

total harmonia para a mesma direcção geral de jogo, previamente definida pelo treinador e correctamente preparada durante os treinos.

4.2.1 – Objectivos

Dos autores que reflectem sobre a prelecção de preparação para a competição, recolhe-se vários objectivos que encerram a mesma, os quais passamos a apresentar:

- Preparar e estimular as capacidades volitivas ideais para a performance, ou seja, habitualmente apela-se para elevados índices de combatividade (dentro das leis de jogo), cooperação com os colegas e grande motivação para enfrentar todas as dificuldades inerentes ao jogo. No entanto, por vezes não é necessário elevar estas capacidades, mas sim mantê-las ou até mesmo baixa-las, afim de se apresentarem ao nível que permitirá maior eficácia dos jogadores (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Lima, 2000; Peseiro, 1998; Teodorescu, 1984);
- Educar e estimular as componentes morais dos jogadores, de forma a que respeitem todos os colegas, adversários e fundamentalmente os árbitros, pois estes são quase sempre usados como justificação para os resultados menos conseguidos. É assim fundamental que o treinador apele a um comportamento honrado dentro e fora do campo, disciplinando a sua equipa e mostrando que os futebolistas são pessoas cultas e respeitadoras (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Lima, 2000; Teodorescu, 1984);
- Revisão da forma como será aplicado o plano tactico-estratégico, para que todos o compreendam perfeitamente (Teodorescu, 1984);
- Explicitar as funções/missões individuais e colectivas mais ou menos específicas, enquadradas no plano tactico-estratégico (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Lima, 2000; Teodorescu, 1984);
- Explicitar as relações de certos sub-grupos (ex: corredores/sectores ou defesas/médios/avançados) ao nível das suas funções e missões (Peseiro, 1998);
- Dar a conhecer as características tácticas, físicas, psicológicas e técnicas da equipa adversária, de forma a anular as suas potencialidades e a aproveitar as dificuldades. Poderá, igualmente, conseguir-se caracterizar o possível plano tactico-estratégico da equipa adversária através de uma análise rigorosa e pormenorizada das tendências de jogo da mesma (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Launder & Piltz, 2000; Lima, 2000; Peseiro, 1998; Teodorescu, 1984);
- Preparar a equipa para possíveis surpresas e/ou contrariedades verificadas durante o jogo (ex: lesões, expulsões, golos sofridos ou marcados, etc), embora estas situações devam já ter sido preparadas durante o microciclo competitivo, sendo

neste momento somente recapituladas (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Teodorescu, 1984);

- Desenvolver a capacidade cognitiva do jogador, para que o mesmo se torne cada vez mais inteligente e autónomo, sabendo sempre decidir rapidamente a melhor solução técnico-táctica no jogo (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Teodorescu, 1984);
- Por último, explicitar os aspectos organizativos que uma competição contempla (Lima, 2000; Teodorescu, 1984).

4.2.2 – Recursos

No que concerne aos recursos humanos, a prelecção deverá ser sempre conduzida pelo treinador principal, podendo ser coadjuvado pelos seus colaboradores em alguns aspectos mais específicos e individualizados. Toda a preparação e condução que requer esta reunião de preparação para o jogo fica a cargo do treinador. Para além deste recurso humano, temos ainda os verdadeiros “actores”, ou seja, todos os jogadores convocados para o jogo. Estes deverão ouvir atentamente toda a prelecção, sabendo de antemão que também poderão ter ou não, o seu espaço de intervenção (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Peseiro, 1998). Poderá igualmente existir outros participantes, tais como, massagista, médico, psicólogo, directores, presidente ou convidado, no entanto, o facto deste momento ser revestido de fundamental importância, não deverá assistir à prelecção pessoas que não estejam totalmente integradas no grupo. Poderá existir excepções, e que até seja necessário tais pessoas usarem da palavra. Caso isso aconteça, deverão fazê-lo no princípio ou no final da prelecção, no entanto é aconselhável evitar tal situação. (Castelo, 1996; Castelo, 2000)

A prelecção é um momento que não exige grandes recursos materiais. Ou seja, o treinador poderá recorrer aos quadros representativos do campo de jogo com peças amovíveis ou com possibilidade de escrita. (Castelo, 1996 e 2000; Cook, 2001; Teodorescu, 1984). Com o desenvolvimento das novas tecnologias, também poderá ser utilizado o vídeo ou o computador, caso seja necessário algum esclarecimento mais aprofundado, quer da própria equipa, quer da equipa adversária. (Pacheco, 2002; Peseiro, 1998). Todos estes recursos materiais têm em vista facilitar a transmissão da mensagem aos jogadores, devendo repetir-se as informações mais importantes para uma melhor apreensão das mesmas.

Relativamente aos recursos espaciais, a prelecção deverá realizar-se, num local aconchegador (nem demasiado apertado, nem demasiado amplo), calmo e arejado (Castelo, 1996; Castelo, 2000). Sempre que é possível, deverá realizar-se no mesmo local, por questões de rotina e de identificação com o espaço. Nos jogos realizados em “casa” (no próprio terreno de jogo) esta situação é claramente viável. Quando se realizam “fora de casa” (no terreno do adversário) este requisito torna-se mais difícil, mas não impossível. Devemos também referenciar que ao nível da alta competição (seniores 1ª e 2ª Liga e algumas equipas da 2ª Divisão B), normalmente o local escolhido é a sala/auditório do Hotel onde a equipa se encontra em regime de concentração. Esta situação muda radicalmente, quando se trata de equipas amadoras ou de escalões etários mais baixos, onde normalmente o local da prelecção é o próprio balneário. Deve-se referir que os recursos dos clubes em Portugal é tão distinto, que torna-se impossível caracterizar todos os locais onde se realizam a prelecção para o jogo.

Por último, no que respeita aos recursos temporais, não se encontra unanimidade entre os diferentes autores pesquisados, apresentando algumas diferenças relativamente à duração da prelecção e também ao momento de realização da mesma.

Para Teodorescu (1984), a duração da prelecção deverá rondar os 60 minutos, no entanto, Gomelski (1990) refere que no início da sua carreira de treinador realizava prelecções bastante prolongadas (cerca de 60 minutos), onde focava pormenorizadamente todas as acções individuais e colectivas, mas verificava que os jogadores dispersavam cada vez mais a sua atenção com o prolongar do tempo e demonstravam cansaço mental após a prelecção. Como tal, o autor conclui que a mesma, deverá ser breve, clara e precisa, não existindo necessidade de tanto tempo para a sua realização.

Já para Castelo (1996 e 2000) a duração deve situar-se entre os 30 (ideal) e os 45 minutos (máximo). Na mesma tendência de duração da prelecção, Nerin (1986) refere 30 minutos e Cook (2001) 40 minutos.

Para Houlier e Crevoisier (1993), a prelecção deverá ter uma duração aproximadamente de 20 minutos, no entanto, também referem que existem treinadores de alto nível que somente gastam 10 minutos. Para Pacheco (2002), a duração ideal também deve situar-se ao nível dos 20 minutos.

Lima (2000), atribui como 15 minutos, o tempo suficiente e adequado para a prelecção que visa a preparação para a competição.

Pacheco (2002) no seu estudo com 12 treinadores de futebol da 1ª Liga (6) e da 2ª Divisão B (6) verificou que a prelecção tem em média uma duração de 20 minutos, onde o treinador emite em média 79 unidades de informação.

Para uma melhor sistematização deste aspecto, apresentamos os diferentes valores de referência encontrados nos estudos pesquisados (Quadro 1):

Quadro 1 – Duração em minutos da prelecção de preparação para a competição

Data	Autor	Duração (minutos)
1984	<i>Teodorescu</i>	60
1986	<i>Nerin</i>	30
1993	<i>Houlier e Crevoisier</i>	20
1996 e 2000	<i>Castelo</i>	30 a 45
2000	<i>Lima</i>	15
2001	<i>Cook</i>	40
2002	<i>Pacheco</i>	20

Relativamente ao momento em que deve ocorrer a prelecção, podemos referir que segundo Gomelski (1990), a prelecção não deverá ocorrer muito próxima da competição, visto que os jogadores necessitam de interiorizar o que lhes foi explicado, mas simultaneamente tranquilizarem-se e concentrarem-se para a competição. O mesmo autor situa duas a três horas antes do jogo como o momento ideal para a sua realização.

Para Teodorescu, a prelecção deverá ocorrer 24 horas antes da competição. Já para Bauer & Ueberle (1988), juntamente com Houlier & Crevoisier (1993), a prelecção deve situar-se 3 a 5 horas antes da competição.

Para Cook (2001) não será necessário com tanta antecipação, visto que a mensagem transmitida pelo treinador na prelecção perderá um pouco do seu efeito caso exista um grande espaço temporal para a competição, estipulando assim, duas horas antes da mesma.

Para Castelo (1996 e 2000), o momento poderá ser enquadrado num intervalo entre as 24 e as 2 horas antes do início do jogo.

Pacheco (2002) no seu estudo com 12 treinadores de futebol da 1ª Liga (6) e da 2ª Divisão B (6) verificou que a prelecção é realizada em média 2 horas antes da competição.

Quadro 2 – Tempo em horas que medeia a prelecção de preparação para a competição e a competição

Data	Autor	Duração (horas)
1984	<i>Teodorescu</i>	24
1988	<i>Bauer e Ueberle</i>	3 a 5
1990	<i>Gomelski</i>	2 a 3
1993	<i>Houlier e Crevoisier</i>	3 a 5
1996 e 2000	<i>Castelo</i>	2 a 24
2001	<i>Cook</i>	2
2002	<i>Pacheco</i>	2

Segundo Castelo (1996; 2000), deveremos manter a hora da prelecção, no entanto, poderão existir alterações devido aos seguintes aspectos:

- ❑ Do nível de exigência do jogo, ou seja, da dificuldade e complexidade que o plano táctico-estratégico acarreta. Segundo o autor, quanto mais difícil for a equipa adversária, mais afastado do jogo deverá ser a prelecção. Esta situação acontece com o objectivo de fornecer mais tempo para os atletas reflectirem e consciencializarem-se das suas tarefas individual e colectivamente.
- ❑ O nível de compreensão que a equipa apresenta face ao plano de jogo explanado pelo treinador. Não basta somente referir as funções de cada jogador, é preciso que ele reflecta sobre o que vai fazer e como o vai fazer. Para a exigência cognitiva que o treinador pretende, poderá ser realizada a reunião mais perto ou mais longe do jogo.
- ❑ A existência de alguns jogadores em processo de tratamento médico e cuja sua importância para a organização da equipa é fundamental, provocando alguma incerteza no grupo relativamente à constituição da equipa.

4.2.3 – Princípios de Aplicação Metodológica

Sendo a prelecção de preparação para a competição, uma das preocupações do treinador durante o processo de treino desportivo, deveremos ter em consideração um conjunto de princípios que orientam o planeamento, a execução e a avaliação da mesma, tais como: a génese da prelecção, utilização de soluções conhecidas e

treinadas, a prelecção como complemento do treino, a informalidade da prelecção e a estabilização psicológica individual e colectiva.

Sendo a prelecção um momento fundamental de preparação da equipa para a competição, nunca nos devemos esquecer que a sua génese decorre das soluções estudadas, preparadas, sistematizadas e treinadas durante o tempo de preparação que antecede a competição. Embora a maioria das instruções da parte do treinador digam respeito a soluções treinadas nesse microciclo, poderão ser abordadas algumas soluções colocadas em prática em jogos e microciclos anteriores, mas que estão totalmente conhecidas e entendidas pela equipa (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Teodorescu, 1984). Na sequência do parágrafo supracitado, torna-se lógico que a instrução do treinador na prelecção seja sustentada totalmente nos conteúdos proporcionados pelo treinador durante os treinos que compuseram a sua estratégia para este mesmo jogo, ou seja, naquilo que os treinadores conseguem realmente influenciar. Segundo Cunha (1998), o tempo em que se acreditava veementemente no treinador que arranjava soluções, momentos antes de se iniciar o jogo, ou aquele que tinha tudo no “bolso” e que só retirava tais soluções no dia do jogo, está totalmente ultrapassado.

Se por um lado o treinador deverá basear toda a sua intervenção naquilo que preparou juntamente com a equipa durante os treinos que antecederem tal competição, por outro, nunca poderá acreditar ou pensar que esta mesma prelecção conseguirá substituir esses mesmos treinos. Queremos com isto referir que, as falhas na preparação da equipa não poderão ser substituídas por este momento. No fundo, a prelecção embora seja deveras importante, é somente o culminar de todo o processo de preparação da equipa para uma determinada competição, e sendo assim, excessos ou carências quantitativas ou qualitativas, de índole técnica, táctica, física ou psicológica provocadas durante os treinos, não conseguirão ser colmatadas por um momento de reflexão teórica a poucas horas do jogo, mesmo que este seja de grande qualidade (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Launder & Piltz, 2000; Teodorescu, 1984).

Pretendemos assim, que o treinador seja capaz de dominar eficazmente todo o processo de preparação dos seus jogadores que antecede a prelecção, para que seguidamente seja capaz de realizar uma prelecção controlada, clara e objectiva, que consiga potenciar todos os seus jogadores para uma eficaz rentabilização individual e colectiva durante a competição.

Segundo Castelo (1996; 2000), Lima (2000) e Peseiro (1998), este momento de reunião entre os jogadores e os treinadores não deverá ter um carácter rígido e formal e muito menos solene. Embora a prelecção deva ser rigorosamente planeada e executada, deverá ser realizada num âmbito informal, que favoreça a atenção e a aprendizagem dos jogadores. No fundo, o treinador deverá manter o mesmo tipo de envolvimento que existe nos restantes momentos de reflexão teórica que ocorrem durante todo o processo de treino (instrução no início e final dos treinos, análise do jogo realizada habitualmente na 1ª sessão de treino após o jogo, etc).

Segundo Castelo (1996) e Teodorescu (1984), a direcção do jogador, e consequentemente da equipa, fornecida pela prelecção, deve ter como um dos princípios fundamentais a estabilização psicológica dos mesmos. De acordo com Peseiro (1998), o treinador durante a prelecção deverá promover na sua equipa sentimentos de segurança, força de decisão, certezas, disposição para o risco, autonomia, auto-responsabilidade, tranquilidade, resistência à ansiedade e à adversidade, pois estas serão características psicológicas fundamentais para a obtenção de elevado rendimento.

A instrução do treinador durante a prelecção deve seguir algumas regras e medidas fundamentais para que a mesma não provoque precisamente o contrário, ou seja, jogadores inseguros, ansiosos e indecisos. Segundo Peseiro (1998) uma correcta instrução apresenta regras fundamentais, tais como, reforçar a estabilidade psíquica dos jogadores, suprimir todas as informações e exigências que tornem o jogador inseguro e perceber que existem diferenças entre o conhecimento do jogador e a acção táctica propriamente dita, e que o stress competitivo (que poderá ser provocado pelo treinador, como anteriormente se referiu) limita o processamento de informação (observação → decisão → execução) do jogador e consequentemente a rentabilidade da equipa. Estabelecendo uma comparação entre treinadores mais e menos experientes, o mesmo autor refere que o primeiro deverá ser capaz de quantificar a informação a fornecer em função do estado psico-emocional dos jogadores, ou seja, quando estes se encontram mais apáticos (“quase a dormir”) é necessário intervir de forma mais enérgica para elevar o nível de activação dos jogadores e noutras ocasiões intervir de forma calma e tranquila para assim se diminuir a possível hiperexcitação dos jogadores. Relativamente aos treinadores menos experientes apresentam normalmente dificuldades em dosear correctamente a transmissão e a selecção dos seus conhecimentos durante a prelecção, alongando-se em demasia e misturando conteúdos, tornando a prelecção extremamente cansativa, enfadonha e muito pouco objectiva.

Novamente para Peseiro (1998), existem 4 grandes medidas que o treinador deve ter sempre presente e que têm um efeito psicológico positivo no jogador/equipa, que são:

1. Uma distribuição clara de funções e responsabilidades especiais (ex: execução de grandes penalidades, livres directos e indirectos, pontapés de canto e lançamentos de linha lateral);
2. Determinar/encarregar jogadores de acções de difícil execução (ex: passes longos, finalização, jogo directo, etc) que comportam maior risco, devendo ser acompanhado de informação de apoio (feedback positivo) que despenalize o insucesso e que promova a segurança do jogador;
3. Este feedback positivo (deve sempre substituir a critica) ajudará também os outros jogadores nos seus desempenhos;
4. Destacar os pontos fortes do jogador/equipa e reduzir a importância dos seus pontos débeis.

Parece-nos também muito importante salientar alguns exemplos do autor, demonstrando situações que ao serem realizadas durante a prelecção, destabilizarão os jogadores ao nível psicológico, tais como: exigir que se jogue de uma forma rápida e directa (1º toque) no início da preparação ou da competição a jogadores que não estão preparados para tal; exigir a marcação de zonas, trocas de posição e de funções durante o jogo, ou a ocupação de uma posição estranha, ou qualquer situação que comporte demasiada complexidade para o nível de conhecimentos do respectivo jogador, inibirá totalmente o jogador, caso no treino essas mesmas situações não tenham sido devidamente treinadas; demasiada informação simultânea desconcentra o jogador, limita o seu raciocínio e inibe as suas acções; as informações exageradas relativamente ao adversário, irá provocar insegurança nos próprios jogadores.

4.2.4 – Composição Metodológica

A composição metodológica tem por objectivo, conhecer quais os conteúdos que compõem a prelecção, sabendo de antemão que cada treinador poderá realizar uma metodologia diferente. No entanto, e previamente à abordagem dos conteúdos, é importante referir que a direcção da equipa expressa nesta situação (prelecção) deve estar sempre sustentada simultaneamente por dois grandes parâmetros. O primeiro consiste na preparação motivacional para o jogo, visando uma estabilidade psicológica dos jogadores para que os mesmos acreditem no seu valor e consigam expressar todas as suas competências técnico-tácticas, físicas e psicológicas em competição. O segundo parâmetro consiste na preparação teórica para o jogo, pois tal como Castelo (1996) refere, a prelecção tem um carácter fundamentalmente teórico abordando os

aspectos técnico-táticos, psicológicos e organizativos relativos às duas equipas que se apresentam em competição.

Segundo um estudo realizado por Lázaro e Oliveira (2002), com 104 jogadores de futebol da 1ª Liga Portuguesa, com o objectivo de conhecer os seus comportamentos pré-competitivos, verificou-se que estes gostam de ser lembrados das estratégias para o jogo, acham importante a presença de planos detalhados para o jogo e consideram necessário a existência de um plano de jogo alternativo no caso dos jogos estarem a correr mal.

Para Nerin (1986), existem dois aspectos essenciais na preparação da instrução do treinador:

- I. *O aspecto formal*, onde se enquadra as variáveis objectivas da competição, tais como o valor do adversário, pontos fortes, pontos fracos e o contexto do jogo, que compõem a intervenção técnico-táctica do treinador;
- II. *O aspecto informal*, que enquadra as variáveis menos objectivas, tais como a motivação, a regulação do estado psico-emocional e os níveis de confiança dos jogadores.

Para o mesmo autor, o conteúdo da instrução na prelecção tem um papel fundamental na eficácia da mesma. Assim sendo, o autor refere dois tipos de instrução:

- *Instrução técnica e psicológica* – Esta instrução assenta sobre o conteúdo técnico-tático (plano tático-estratégico) e simultaneamente sobre o conteúdo de domínio psicológico, ou seja, o discurso dos treinadores apresenta uma bipolaridade entre os aspectos relativos à forma como os jogadores deverão jogar e os aspectos relativos à regulação do estado psico-emocional dos jogadores.
- *Instrução Psicológica e Motivacional* – Esta instrução baseia-se somente na regulação do estado psico-emocional dos jogadores, tendo em vista o aumento dos níveis de confiança e de segurança dos mesmos, pois estes, normalmente, encontram-se com elevados níveis de ansiedade, pretendendo-se assim colocá-los num estado psico-emocional ideal.

Segundo Pacheco (2002), deverá ser integrado nesta sub-divisão dos tipos de instrução, um terceiro tipo habitualmente utilizado pelos treinadores, que consiste na Instrução tático-estratégica. Tal como o próprio nome indica, este tipo de instrução baseia-se somente na dimensão tático-estratégica, apresentando assim uma dimensão exclusivamente cognitiva, com vista à explicitação da forma como os

jogadores deverão jogar. No estudo realizado por este autor, verificou-se que os treinadores de futebol incidem a sua instrução fundamentalmente na dominante tático-estratégica, seguindo-se outras dominantes do rendimento desportivo e da dominante psicológica e por último, com muito poucas unidades de informação, a dominante técnica. É de salientar que os treinadores não apresentaram qualquer unidade de informação relativa à dominante física.

Importa agora apresentar uma composição metodológica adaptada de vários autores que realizaram diferentes obras de conhecimento científico específicas aos desportos colectivos e fundamentalmente ao futebol (Castelo, 1996 e 2000; Peseiro, 1998; Teodorescu, 1984), levando-nos a considerar que os conteúdos metodológicos da prelecção apresentam duas grandes dimensões:

- 1 – **Dimensão Organizativa** (todos os aspectos organizativos intrínsecos à competição)
- 2 – **Dimensão Tático-Estratégica** (decomposição do plano tático-estratégico previamente estabelecido pelo treinador)

Segundo Teodorescu (1994) e Castelo (1996; 2000), o início da prelecção deve ser ocupado com os aspectos organizativos (poderá ocupar até 10 minutos, para uma prelecção entre 30 e 45 minutos, no entanto habitualmente situa-se entre os 2 e os 5 minutos do tempo total) inerentes ao jogo, tais como: local e hora de partida para o jogo ou de concentração da equipa, meio de transporte utilizado na deslocação para o jogo, definição dos jogadores que ajudam a transportar o equipamento, bolas e outros materiais para o local do jogo (caso haja necessidade), horários das refeições e de descanso, organização dos tempos livres, distribuição dos quartos, outras informações pertencentes ao jogo e específicas do momento, saber junto do médico e dos jogadores se existe alguma debilidade física, possibilitar um espaço temporal para o levantamento de dúvidas dos jogadores relativamente a esta dimensão.

De acordo com Teodorescu (1994) e Castelo (1996; 2000), a dimensão tático-estratégica ocupa maioritariamente a prelecção (25 a 35 minutos para uma prelecção de 30 a 45 minutos) pois contém todos os aspectos que deverão orientar o comportamento dos jogadores em competição. Os autores anteriormente referenciados sistematizam esta dimensão em 9 itens:

a) Importância e contextualização do jogo

Compete ao treinador introduzir a segunda parte da prelecção com uma contextualização do jogo (ex: jogo de campeonato com adversário em 1º lugar ou em último lugar, jogo da taça, final de um torneio, etc) de forma a que todos os jogadores

se sintonizem com a natureza do mesmo. Poderá também referir alguns comentários relativos à importância que este jogo acarreta em caso de vitória, empate ou derrota (ex: caso vença a equipa fica em 1º lugar, ou vence o campeonato, ou não desce de divisão; caso perca... etc, etc). Segundo Castelo (1996) este problema deverá ser retractado entre 2 a 3 minutos.

b) Caracterização da equipa de arbitragem do jogo

Embora o treinador não deva centrar-se exageradamente num factor externo ao rendimento da equipa e muito menos centrar a definição do resultado na futura prestação da equipa de arbitragem, Castelo (1996; 2000) considera importante em muito pouco tempo (1 a 2 minutos) referir alguns aspectos da personalidade do árbitro e dos seus auxiliares e a forma como eles interpretam habitualmente algumas situações do jogo (ex: faltas graves, grandes penalidades, protestos, etc) para que os jogadores possam intervir positivamente com os mesmos.

c) Caracterização da equipa adversária

De acordo com Peseiro (1998), quanto mais elevado for o nível competitivo da equipa, maior necessidade e possibilidade existe em conhecer aprofundadamente as características tácticas, técnicas, físicas e psicológicas do adversário, pois possibilitará uma melhor aplicação do plano táctico-estratégico que visa potenciar as qualidades da própria equipa e aproveitar as debilidades da equipa adversária. Como tal, em 3 a 4 minutos (Castelo, 1996) o treinador deve caracterizar a equipa adversária, expondo sucintamente as particularidades positivas e negativas individuais e colectivas. Mais especificamente, segundo Castelo (1996; 2000) e Peseiro (1998) a caracterização deverá passar pelos seguintes aspectos: sistema de jogo tipicamente utilizado e as possíveis variantes, método de jogo habitualmente utilizado perante o tipo e o local do jogo, a existência de coordenadores e/ou protagonistas da equipa adversária, esquemas tácticos mais usuais e que poderão ser extremamente perigosos, de forma a poderem ser anulados rapidamente, a forma como os jogadores da equipa adversária se relacionam durante o jogo em situação de vantagem e desvantagem no resultado, a disciplina e o “fair-play” dos jogadores e a forma como reagem às decisões da equipa de arbitragem, os aspectos morais e de respeito dentro do grupo e com os restantes elementos do jogo, a apreciação global resumida do real valor do adversário sem o subestimar ou valorizar excessivamente.

d) Plano Táctico-Estratégico

Segundo Castelo (1996), este item corresponde ao plano pré-definido pelo treinador para esta competição e poderá demorar entre 5 a 10 minutos, onde se insere vários conteúdos tácticos, entre os quais, o sistema de jogo predominantemente utilizado e também uma ou duas variantes previamente treinadas para possíveis aplicações em

jogo. Praticamente em simultâneo deve referir-se a composição da equipa, de seguida as funções/missões gerais e individuais dos jogadores intervenientes, alguns aspectos gerais relativamente à organização ofensiva e defensiva da equipa e por último o relembrar dos esquemas tácticos a utilizar, fundamentalmente os jogadores intervenientes e os aspectos-chave dos mesmos.

e) Comparação de forças entre as duas equipas

Segundo Teodorescu (1984), deve-se estabelecer a relação de forças de forma a verificar se esta é favorável ou desfavorável, pois em ambas as situações existem aspectos de índole psicológica que naturalmente desfavorecem o rendimento da própria equipa. Este aspecto, por vezes fundamental e segundo Castelo (1996) poderá ocupar 3 a 4 minutos.

Caso a comparação de forças seja favorável, Teodorescu (1984) refere que o treinador deverá mobilizar os jogadores para que eles obtenham um excelente comportamento e concretizem esta vantagem teórica, bastando para isso aplicarem aquilo que treinam e que realmente conseguem rentabilizar. Para além deste autor, Crevoisier (1985) refere igualmente que em situações deste tipo, o treinador deverá combater o excesso de confiança, lembrar que independentemente do adversário os pontos conseguidos são os mesmos, apelar veemente ao respeito pelos adversários, lembrando que respeitar o adversário é tentar vencê-lo pela maior diferença possível, exemplificar com outros jogos com uma relação de forças em tudo semelhante e onde a equipa foi surpreendida, errando comportamentos devido à excessiva confiança, explicitar muito bem os pontos fortes e as lacunas do adversário, concentrar os jogadores para os benefícios da vitória e diminuir o excesso de confiança, filtrando e desvalorizando as opiniões externas acerca do valor da equipa adversária (ex: comunicação social, dirigentes, amigos, etc).

Se a comparação de forças for desfavorável, Teodorescu (1984) refere que o treinador deverá evidenciar as características de ordem técnica, táctica, volitiva e eventualmente física, afim de possibilitar um equilíbrio de forças real de forma a pelo menos alcançar uma prestação meritória. Tal como atrás foi referido, Crevoisier (1985) menciona igualmente que em situações deste tipo, o treinador deverá caso a motivação seja muito elevada (ex: uma equipa de nível inferior jogar contra uma “potência” nacional ou internacional”) deverá regular-se para que haja um comportamento responsável e coerente durante todo o jogo, reduzir a carga emocional dos jogadores através de um bom clima (ex: boa disposição, piada, anedota, etc), desdramatizar a possível situação de derrota, colocando os jogadores totalmente à vontade para colocarem em prática todas as suas potencialidades, centrar toda a intervenção na própria equipa e não na equipa adversária, principalmente nas suas características mais positivas, ser o

primeiro a transmitir calma e tranquilidade, de forma a não criar estados de ansiedade nos jogadores e mobilizar energicamente toda a vontade, o querer, a garra e a determinação em campo.

Por vezes este aspecto metodológico pode ser considerado pouco importante pelo treinador, pois as equipas podem ser muito equilibradas (do ponto de vista teórico), ou os jogadores apresentarem um nível psico-emocional ideal, retirando assim a vantagem desta mesma intervenção.

f) Previsão de possíveis alterações no decorrer do jogo

Seguidamente, o treinador poderá relembrar as possíveis alterações na organização ofensiva e defensiva perante a evolução do resultado, ou perante outro tipo de alteração (ex: expulsão ou lesão de um jogador) e que devem estar previamente preparadas pelo treinador juntamente com a equipa durante o tempo que medeia a competição. Esta revisão poderá segundo Castelo (1996) ocupar cerca de 2 a 3 minutos.

g) Testar a interpretação dos jogadores face ao plano táctico-estratégico

Neste momento, importa dar espaço aos jogadores para questionarem sobre alguma dúvida que tenha ocorrido. O treinador, juntamente com os seus colaboradores, deverão esclarecer todas as dúvidas, certificando-se da eficácia da sua comunicação. Deverá ser estabelecido uma relação positiva entre receptor – emissor, possibilitando assim a colocação de sugestões da parte dos jogadores relativamente a algumas situações de jogo. Este momento poderá ocupar aproximadamente 2 a 3 minutos (Castelo, 1996).

h) Revisão das atitudes e comportamentos técnico-tácticos fundamentais

Praticamente a finalizar a prelecção, o treinador faz uma revisão rápida e simples pelas questões fundamentais relativamente ao comportamento individual e colectivo mais eficaz perante o adversário em causa (Castelo, 1996; Castelo, 2000; Teodorescu, 1984).

i) Aspectos morais e volitivos

Por último, cabe ao treinador, durante 1 a 2 minutos (Castelo, 1996), apelar ao respeito mútuo dentro da equipa, ao espírito desportivo com os adversários e ao respeito e disciplina perante as decisões da equipa de arbitragem. Simultaneamente, o treinador mobilizará novamente todos os jogadores, durante 1 a 2 minutos, para uma elevada aplicação da vontade e do prazer em jogar futebol, uma exemplar disciplina e respeito e uma inteligente organização táctica.

Para finalizar este capítulo, será importante referir que, embora não se encontre na literatura pesquisada uma receita para a prelecção ideal, a possibilidade de realizá-la

de uma forma planeada, estruturada, criteriosa, objectiva e com uma elevada qualidade informacional deverá ser uma tarefa determinante, para que os treinadores deixem de baralhar e passem a esclarecer a forma como atingir o melhor rendimento possível.

4.2.5 – Características da Instrução

Neste sub-capítulo, pretendemos por um lado, realçar um conjunto de características que deverão estar presentes na instrução do treinador e por outro, os resultados que se encontraram na literatura pesquisada.

A forma como os conteúdos irão ser transmitidos, influenciará determinantemente a maior ou a menor eficácia dos mesmos. Tudo aquilo que referenciámos ao nível de um processo de comunicação, mais especificamente as características de uma comunicação eficaz e a forma como o treinador realiza a prelecção deverão ser enquadradas neste ponto.

Mais concretamente, Almeida (2001) refere que para uma comunicação eficaz, a mensagem deve apresentar várias características, tais como, ser directa e incisiva, dirigida ao sujeito, utilizando a 1ª pessoa em detrimento da 3ª pessoa, ser completa, específica, clara, consistente, verdadeira, simples, significativa, unificada e centrada numa coisa de cada vez. Para além disto, ainda refere que o treinador deve ser redundante sempre que necessário, utilizando uma terminologia adaptada aos atletas, percebendo se a interpretação da comunicação foi correcta, solicitando feedback ao atleta e por último, as mensagens verbais e não verbais deverão ser congruentes.

Completando as características anteriores, e de acordo com Peseiro (1998), o treinador deverá realizar diferentes entoações de voz de forma a captar a atenção dos jogadores, introduzir e finalizar a prelecção num tom de voz superior, utilizar várias formas de comunicar para ajudar à melhor compreensão (voz, gestos, emoções, material audio-visual, etc) e ter uma aparência externa positiva, ou seja, deve mostrar segurança, liderança e competência.

Nérin (1986) e Bauer & Ueberle (1988), para além de salientarem algumas das características anteriormente referidas por outros autores, ainda complementam com os seguintes aspectos: a instrução do treinador deverá ser variada face às anteriores prelecções (alterando o tom de voz, o ritmo e as pausas na comunicação), criativa e original, de forma a que provoque um impacto nos atletas, evitando a perda de atenção e concentração na mesma; a instrução deverá ser directa, objectiva e

centrada na tarefa, de forma a não transmitir um excesso de informação, para não sobrecarregar mentalmente os jogadores; e a instrução deverá apresentar um carácter positivista, nunca dando a noção de derrota, mesmo que ela seja provável, evitando-se a crítica negativa.

Para Castelo (1996 e 2000) a utilização de um modelo estereotipado e imutável irá contribuir para um objectivo inverso ao pretendido com este momento, como tal, o treinador deverá variar a forma e a locução da comunicação.

Para Cook (2001) o treinador deverá falar depressa e de uma forma incisiva quando pretende estimular equipa, ou em tom de voz baixo e emotiva quando pretende tranquilizá-la, concluindo-se assim que a fala e o tom de voz devem mudar segundo as necessidades do momento.

Segundo Pacheco (2002), o treinador durante a exposição na prelecção, deverá fazer todos os possíveis para evitar o seu nervosismo, pois esta situação poderá provocar nos jogadores a diminuição dos níveis de confiança e até mesmo a sensação de medo. Para o mesmo autor, o treinador deverá apelar à concentração individual e colectiva para a competição, utilizando as palavras e o tom mais adequado para transmitir as suas convicções de forma clara. Simultaneamente, deverá dirigir o pensamento dos jogadores para a obtenção do máximo rendimento na competição, influenciando positivamente nos seus comportamentos.

Em suma, a instrução do treinador na prelecção que visa a preparação para a competição, deverá ser curta, com uma tónica dinâmica e possuindo ideias-chave, para que os jogadores sintam a mensagem pretendida. Esta mensagem deve focar fundamentalmente os aspectos táctico-estratégicos e psicológicos, que levem os jogadores e a equipa à optimização do rendimento desportivo (Houlier & Crevoisier, 1993).

No estudo realizado por Pacheco (2002), verificou-se que os treinadores de futebol, na prelecção de preparação para a competição, incidem a sua instrução fundamentalmente na dominante táctico-estratégica (60,2%), seguindo-se outras dominantes do rendimento desportivo (20,1%) e da dominante psicológica (16,8%) e por último, com muito poucas unidades de informação, a dominante técnica (2,9%). É de salientar que os treinadores não apresentaram qualquer unidade de informação relativa à dominante física. Relativamente à dominante táctico-estratégica, os treinadores da amostra atribuem uma maior importância às variáveis da tática colectiva ofensiva (19,4%), tática colectiva defensiva (15,8%) e equipa adversária

(11,1%) respectivamente. Quanto à dominante psicológica, os treinadores centraram-se nas questões da superação e do empenhamento, seguidas da auto-confiança e da concentração.

Relativamente ao objectivo da informação, Pacheco (2002) verificou que era maioritariamente prescritiva (56,4%) e descritiva (18,6%). Verificou igualmente, que os treinadores dirigem preferencialmente a informação para toda a equipa (61,8%) e para o jogador individual (33%). Inserida no contexto do jogador individual, verificou-se que os treinadores dirigiram principalmente para o médio-centro e para o defesa-central (8,6% e 6,5%), sendo o guarda-redes, o jogador com menor número de informações.

Tendo em conta que a amostra do nosso estudo integra treinadores da 2ª divisão B, importa referir que Pacheco (2002) verificou uma grande similaridade entre estes e os da 1ª Liga relativamente à importância que atribuíram na dominante táctico-estratégica. No entanto, observou que os primeiros dão maior importância à dominante psicológica (21,3% vs 13,8%) e menor à dominante técnica e às outras dominantes do rendimento desportivo. O autor atribui um elevado destaque à diferença significativa verificada na importância dada às características da equipa adversária, com um valor de 15,9% para os treinadores da 1ª liga e 3,8% para os da 2ª divisão B.

Em jeito de consideração geral da comparação anteriormente referida, Pacheco (2002) refere que os treinadores da 2ª liga atribuem uma menor importância à prelecção de preparação para a competição, visto que apresentam menos unidades de informação e menos sobre a equipa adversária, instruem com menos conteúdos específicos relativos à performance e mais do foro psicológico, utilizando mais informações negativas e menos informação individual em detrimento da equipa.

4.3 – A Instrução na Competição

Neste capítulo pretendemos desenvolver o comportamento da instrução enquanto forma fundamental do treinador dirigir a equipa em competição. Como tal, iremos recorrer à literatura que abordem a instrução do treinador em competição. Esta pesquisa bibliográfica permitirá caracterizar o comportamento de instrução do treinador, sistematizar os diferentes momentos de intervenção e analisar profundamente a forma e os conteúdos da mesma.

4.3.1 – A Direcção da Equipa

A direcção da equipa pode ser entendida como:

“O conjunto de decisões e acções que um treinador tem de tomar e/ou executar antes, durante e depois da competição, para conseguir alcançar os objectivos (metas) propostas para a equipa” (Diaz, 2000, citado por Moreno, 2001)

Dirigir uma equipa resulta das medidas decididas e tomadas pelo treinador, com o objectivo de elevar ao máximo o rendimento da mesma, controlando e aconselhando os jogadores durante o treino e a competição (Ziegler e Christmann, 1987, citado em Cunha, 1998). Se verificamos, como é aconselhável, que a direcção da equipa abrange também o treino, este conceito também está integrado na prelecção, pois esta também visa os mesmos fins. No entanto, ao centrarmo-nos somente na competição, podemos referir que segundo Hahn (1982), a direcção da equipa durante a competição (para o autor designa-se “coaching”) consiste na forma de intervir sistematicamente com vista à obtenção duma conjuntura optimal dos factores externos e internos durante a competição.

Segundo Cunha (1998), os objectivos fundamentais desta importante função do treinador consiste em estabilizar o comportamento de forma a diminuir ao máximo os erros, variando as condições de competição ou modificando os conceitos tácticos.

Estando a direcção da equipa/atleta em competição presente na maioria das modalidades (mais similitude entre os jogos desportivos colectivos e desportos individuais), é necessário referir que esta está claramente condicionada pelas características específicas da modalidade e pela regulamentação da própria competição.

Segundo Petit & Durny (2000) e Cunha (1998) a intervenção do treinador em competição é composta por dois aspectos: um de ordem cognitiva (táctico-estratégica) e outro de ordem motivacional. Sendo assim, o treinador comunica, para orientar e conduzir o atleta à correcta execução daquilo que foi previamente trabalhado e estabelecido durante o período de preparação (treinos e prelecção), pois o jogador frequentemente não consegue cumprir tais objectivos, tendo esta informação um conteúdo táctico-estratégico de forma a melhorar o processo cognitivo do jogador. Por outro lado, o treinador também é fundamental na transmissão de apelos motivacionais, tentando ajudar os seus jogadores a ultrapassar as dificuldades que vão ocorrendo durante o jogo.

Segundo Moreno (2001) o treinador nos desportos colectivos durante a competição, tem as seguintes possibilidades de intervir:

- ❑ Intervenção directa no ritmo da competição através da solicitação de descontos de tempo ou através da realização de substituições, de acordo com o regulamento da própria modalidade desportiva (no caso do futebol o treinador não pode solicitar descontos de tempo)
- ❑ Transmissão de informação aos jogadores durante o decorrer do jogo ou nos momentos de paragem do mesmo, respeitando o regulamento da competição, relativamente à conduta do treinador.

Não querendo (nem podendo) criar a forma ideal do treinador dirigir a equipa, pois esta está sempre enquadrada por um envolvimento muito diferenciado, e como tal o mesmo comportamento do treinador pode ter resultados completamente diferentes devido a essa mesma diferença no envolvimento, não existindo assim uma actuação ideal (Araújo, 1997; Bento, 1993; Martins, 1990), pretendemos tão somente através da pesquisa bibliográfica, referenciar um conjunto de recomendações ou princípios de orientação para o treinador instruir o seu jogador/equipa mais eficazmente.

Cunha (1998) refere com extrema pertinência que a intervenção do treinador em competição deve ser previamente preparada e desenvolvida, isto para que os jogadores também se sintam adaptados a esta mesma intervenção respondendo mais rápida e eficazmente. No fundo, o treinador deverá não só desenvolver e aperfeiçoar as diferentes respostas motoras às diferentes situações do jogo, como também desenvolver e adaptar os jogadores à sua instrução, para que esta não seja um factor de perturbação, mas sim um factor de motivação e de superação. Em termos concretos, se o jogador já encontra tantas situações inesperadas durante o desenrolar do jogo, será muito negativo que a informação do treinador também seja totalmente desconhecida e por vezes surpreendente, provocando assim uma desfocalização na tarefa.

Deste modo, e indo ao encontro da segunda hipótese de pesquisa, pensamos que, caso a instrução do treinador durante a competição não seja congruente com este mesmo comportamento no processo de preparação para a competição, a eficácia da mesma será com certeza bastante diminuta, senão mesmo um factor de perturbação na rentabilidade competitiva dos jogadores/equipa. Tal como Diaz (1988), citado por Moreno (2001), refere “...Todo o bom planeamento da direcção durante o processo competitivo poderá vir abaixo, se neste momento não somos coerentes, exigentes, observadores, objectivos, equilibrados e por vezes intuitivos e valentes nas decisões

que comunicamos ao nosso colectivo e individual de acordo com o processo de preparação competitiva.”

Segundo Araújo (1997) será importante o treinador fornecer aos seus jogadores a informação que é necessária e no momento certo, de forma a dotá-los de um sentido de responsabilidade, criatividade e autonomia, mas sendo sempre coerente com toda a preparação previamente realizada com os jogadores. O treinador durante a competição deverá ser um auxílio para a resolução dos problemas e não o responsável pela decisão desses mesmos problemas, promovendo nos jogadores uma excessiva dependência para resolver seja o que for.

Herrera, Ramos e Mirella (1989 e 1996) citado em Moreno (2001) recomenda que os treinadores deverão ser receptivos às indicações e observações dos seus colaboradores (treinador-adjunto) e serem capazes de se adaptarem à realidade momentânea do jogo.

Para se conseguir uma eficaz instrução, emitindo assim a informação mais pertinente, é absolutamente necessário uma boa capacidade de observação e análise do jogo. Aquilo a que Lima (2000) designa por saber ler o jogo é fundamental para que o treinador consiga dirigir a sua equipa, ou seja, saber ver o que eles fazem, o que os adversários fazem para antecipar e prognosticar as diferentes soluções técnico-tácticas que permitem superar o adversário. Igualmente, para o mesmo autor, “ninguém consegue ler o jogo se não souber ver o jogo com objectivos bem definidos e claros” indo assim ao encontro do princípio orientador supracitado, fundamentado na preparação necessária da instrução do treinador em competição. A capacidade de observação e análise do jogo do treinador (saber ler o jogo) é claramente diferente daquilo que o mero espectador/adepto observa, se é que o mesmo estando emotivamente ligado a uma das equipas “vê” alguma coisa. (Lauder & Piltz, 2000; Lima, 2000)

De acordo com Lauder & Piltz (2000) e Peseiro (1998), a tarefa de observação durante o jogo apresenta muitas dificuldades, pois esta deverá ser das duas equipas. Segundo os mesmo autores, o treinador centra demasiadamente a sua atenção sobre os seus jogadores, descurando assim o adversário, perdendo a possibilidade de reagir à forma de jogar do mesmo. Assim, o treinador deverá observar, num estado físico e intelectual óptimo, em plena concentração e objectividade, não podendo distrair-se e mantendo sempre um equilibrado nível emocional, não ficando perturbado ou irritado com os erros dos jogadores, árbitros ou outros elementos integrantes no jogo.

Peseiro (1998), refere um guia de pontos a observar e avaliar durante o jogo, que no fundo, irão permitir tomar as decisões relativas à direcção dos jogadores e da equipa:

1. A equipa contrária está a jogar com a composição prevista?
2. Joga com o sistema de jogo esperado?
3. Têm-se formado os «emparelhamentos» previstos?
4. Joga o adversário com a táctica esperada?
5. Existem nas equipas (nossa e adversário) jogadores especialmente débeis ou fortes relativamente à sua forma (prevista)?
6. Os nossos jogadores entenderam as instruções tácticas?
7. Está a ser eficiente a nossa táctica?
8. Que instruções a dar no momento e no intervalo?
9. Em consequência dos pontos (5,6 e 7) tem de se realizar modificações de posição ou substituições? Terá de se reagir às modificações e substituições do adversário?
10. Que modificações e substituições se espera do adversário para o 2º tempo?
11. Como estará o ânimo dos jogadores no intervalo?
12. Que instruções/modificações/substituições equacionamos para o 2º tempo?
13. Depois do intervalo: realizar de novo observações e reflexões segundo os pontos 1 a 9. E depois:
14. Como evoluciona o balanço de forças entre os nossos jogadores e os adversários directos?
15. Como evoluciona o resultado? Deveremos alterar o sistema para manter a mínima vantagem ou para poder recuperar no marcador?
16. Necessita a equipa de novas forças, impulsos e ideias? Pode-se conseguir isto com uma substituição?
17. Que informações se darão imediatamente depois do jogo a jogadores e à imprensa?
18. Que consequências se tem de retirar para as seguintes sessões de treino e para o próximo jogo?

Passando da observação para a direcção da equipa propriamente dita, e recorrendo a Launder & Piltz (2000), o treinador deverá basear-se num conjunto de regras básicas durante a competição:

1. Existem duas equipas e dois treinadores, ou seja e tal como referimos anteriormente, os treinadores deverão observar não só a sua equipa como também a equipa adversária;

2. Manter sempre uma estabilidade psico-emocional, pois a situação competitiva e a pressão para conseguir vencê-la pode facilmente alterar qualquer tipo de personalidade;
3. Os treinadores deverão ter confiança no seu processo de preparação, pois embora a direcção da equipa durante a competição seja importantíssima, não substitui os erros feitos anteriormente.
4. Estar preparado para aceitar os erros forçados e não forçados dos jogadores, pois eles são humanos e por muito que se treine, jamais se conseguirá obter a máxima perfeição;
5. O treinador deve perceber que construir uma equipa, colocá-la em elevado rendimento, aculturá-la a uma determinada filosofia de jogo ou de clube não se consegue a curto prazo. É preciso ter uma visão a médio e longo prazo, mantendo a estabilidade psico-emocional dos jogadores com vista à concretização dos objectivos.
6. O treinador deverá ter uma personalidade optimista, acreditando sempre nos seus jogadores, assumindo as suas decisões e vivendo com eles as vitórias e as derrotas.

Por último, terminaremos este leque de recomendações com os três níveis de preparação do treinador relativamente à direcção da equipa em competição (Samaras, 1991, citado por Lima, 1993):

1. Preparação física ⇒ o treinador deverá apresentar um bem-estar físico que lhe permita exercer as suas tarefas;
2. Preparação psicológica ⇒ o treinador deve ter um elevado auto-conhecimento e auto-controlo relativamente às suas características de personalidade, de forma a influenciar positivamente os seus jogadores;
3. Preparação específica para a competição ⇒ realizando assim uma síntese do plano táctico-estratégico montado previamente para a sua equipa, registando os jogadores que vão jogar e as possíveis alterações, as combinações tácticas ofensivas e defensivas mais importantes e as possíveis variantes, os pontos chave da organização ofensiva e defensiva, os pontos fortes e fracos da equipa adversária, etc.

4.3.2 – Características da Instrução

Se a direcção da equipa em competição aparece como uma das tarefas mais importantes do treinador, a instrução é a forma preferencialmente utilizada para

executar tal tarefa. Como tal, caracterizá-la e analisá-la torna-se fundamental para podermos melhorar a eficácia dos treinadores enquanto líderes de todo o processo.

Serpa (1995) através do Inventário de Comportamentos Ansiogénicos do Treinador (ICAT), vem mostrar que a influência da conduta do treinador na performance dos atletas é muito significativa, ou seja, a forma como o treinador se manifesta verbalmente e não verbalmente tem uma importância e um significado no rendimento. O treinador deverá comportar-se e intervir de uma forma adaptada e contextualizada fornecendo as repostas necessárias para a resolução dos problemas que os jogadores encontram. Deverá igualmente apresentar uma conduta constante, estável, lógica e coerente, e que seja capaz de detectar correctamente os erros do jogador, de forma a que a sua intervenção crítica não seja encarada pelo jogador como uma injustiça.

A instrução do treinador em competição deve permitir o estabelecimento de um clima positivo, pois este contribui para um maior empenho dos jogadores na execução das tarefas, um ambiente de trabalho mais favorável à aprendizagem e à criação de sentimentos agradáveis entre o treinador e os jogadores (Cunha, 1998).

Num estudo realizado por Garrett (1999), citado por Moreno (2001), 200 jogadoras de voleibol atribuem uma importância muito significativa ao clima de positividade do treinador durante a competição através dos seus reforços positivos que ajudem resolver as diferentes situações de jogo. A instrução do treinador deverá centrar-se muito mais na prescrição dos comportamentos a atingir pelos jogadores do que nos erros que realizaram, criando assim uma crescente insegurança no jogador e elevada desmotivação. O treinador deverá fazer com que os seus jogadores não foquem a sua atenção naquilo que erraram, mas sim no que deverão executar.

Smoll, Smith, Curtis e Hunt (1978) ao observarem 51 treinadores e 542 atletas (Little League de Baseball) em competição verificaram que a conduta punitiva/negativa do treinador foi muito inferior às categorias de reforço positivo (17,1%), instrução técnica geral (27,3%) e encorajamento geral (21,4%), sendo esta última categoria, a mais utilizada. Utilizaram o sistema "Coaching Behavior Assessment System" (Smith, Smoll & Hunt, 1977)

Lombardo, Faraone & Pothier (1982) no seu estudo observaram 34 treinadores de jovens em diferentes modalidades durante a competição. Através do sistema LOCOBAS (Lombardo Coaching Behavior Analysis System) verificaram que existia um predomínio significativo de informação positiva face à negativa, numa proporção de 5 para 1. Verificaram igualmente que em competição metade do tempo é gasto em

observação silenciosa (50%). A instrução é essencialmente dirigida para a própria equipa e para os árbitros.

Smith, Zane, Smoll e Coppel (1983) ao analisarem 31 treinadores de basquetebol durante 110 jogos, verificaram na instrução um predomínio de instrução técnica geral (35,8%), de reforço (22,9%) e de encorajamento geral (15,8%), promovendo uma relação entre intervenções positivas e negativas de 7 para 1.

Isberg (1993) ao estudar o padrão de comportamento de 3 treinadores de elite em diferentes modalidades ("bandy", futebol e hóquei no gelo) e a reacção dos atletas em situação de competição comprovou que existe uma dominância elevada de instruções (46%-72%), seguido do feedback positivo (19%-32%) e do apoio psicológico (9%-24%) no comportamento do treinador.

Cruz (1997) também apresenta considerações muito interessantes, pois ao observar 3 treinadores, verificou que 2% da instrução era punitiva e 50% era dirigida para a componente técnica e táctica. Num outro estudo onde aplicou um programa de formação, verificou também que o grupo experimental apresentava uma maior instrução técnica e motivacional e menos instrução técnica punitiva que o grupo de controlo.

Mendes (1998) realizou um estudo da actuação do treinador em competição no futebol, verificando uma dominância da observação, instrução, do feedback prescritivo dirigido ao jogador e da afectividade aprovativa.

Os únicos estudos que não apresenta as mesmas tendências anteriormente citadas foram realizados por Dubois (1981), citado em Trudel & Coté (1994) na modalidade de futebol americano, onde se verificaram a existência de 25% de comportamentos negativos do treinador e por Quintal (2000) com treinadores de portugueses enquadrados no futebol jovem, onde verificou que a relação entre o comportamento de afectividade aprovativa e a desaprovativa é extremamente baixa, obtendo-se respectivamente 7,37% vs 4,87%.

Novamente, Isberg (1993) ao realizar um estudo sobre a comunicação dos treinadores de futebol de alta competição indica que a instrução só se torna relevante no rendimento da equipa caso seja audível, haja a referência do nome do receptor, onde o quadro referencial do emissor seja igual ao do receptor, de forma a existir um entendimento perfeito e que os jogadores tenham a capacidade de render aquilo que o treinador espera.

Relativamente ao estudo de Madden & Evans (1993), pretendeu-se analisar a instrução dos treinadores pertencentes a 36 clubes durante a competição e verificar as relações entre esta mesma intervenção e o desempenho da equipa. A modalidade desportiva escolhida foi o futebol australiano, sendo identificado nove tipos de comunicação: comentário, soluções, predições, não-específico, condicionais, questões, sugestões, crenças e ameaças. As categorias mais utilizadas foram a indicação de soluções (média de 8 unidades de informação por período de intervalo) e comentário às situações de jogo (média de 7 unidades de informação por período de intervalo). Estes autores ao correlacionarem entre a instrução e o desempenho da equipa, verificaram que os treinadores de maior sucesso comparativamente aos de menor sucesso são mais optimistas e utilizam maior reforço positivo com os seus jogadores e utilizam uma informação resumida em pequenos pontos informativos oportunamente emitidos.

Coté, Trudel, Guertin, Bernard, Boileau & Marcotte (1993), investigaram a instrução de 23 treinadores de jovens de hóquei no gelo em 65 jogos, relacionando também com os resultados da competição. Verificou-se assim que a grande maioria da instrução do treinador é centrada nas críticas às decisões da arbitragem, na pressão e no encorajamento para uma maior intensidade de jogo e no encorajamento para os jogadores autocontrolarem-se e respeitarem as regras. No entanto, se por um lado os treinadores quando estão a perder indicam com maior frequência aos seus jogadores a importância de respeitar as decisões do árbitro, eles próprios aumentam as informações depreciativas aos mesmos. Este estudo revela precisamente a necessidade dos treinadores apresentarem coerência em toda a sua conduta, pois nesta situação o treinador ao protestar com a arbitragem irá conduzir os seus jogadores ao conflito permanente com o árbitro, desfocalizando-os completamente da tarefa, levando facilmente a equipa a um resultado negativo.

Lima (2000) refere que a intervenção do treinador durante a competição apresenta características algo diferentes quando é realizada com jovens e com adultos. Com os jovens a conduta do treinador deve ser totalmente pedagógica, incidindo fundamentalmente na melhoria dos erros técnico-tácticos, pois os jovens, segundo o autor, apresentam por natureza índices de empenho elevados. Relativamente aos adultos, a intervenção do treinador ganha também uma dimensão psicológica. Segundo o mesmo autor, a intervenção do treinador deve centrar-se na correcção dos erros individuais e colectivos, no ajustamento do plano táctico-estratégico às características do adversário, podendo surpreendê-los também com outras acções

individuais e colectivas, estimular os aspectos volitivos e valorizar os comportamentos dos jogadores.

Adaptando algumas recomendações de um artigo de opinião relativo à intervenção do treinador durante o tempo morto no voleibol (Cunha, 1998), o treinador deverá utilizar um conjunto de notas de forma a orientar a sua conduta verbal para os pontos-chave, sendo simultaneamente positivo, prescritivo e muito preciso, pois quanto maior for a dificuldade/complexidade em resolver uma determinada situação de jogo maior precisão deverá ter a informação transmitida. O treinador deve ser capaz de sentir o jogo, de forma a adaptar a sua instrução às necessidades dos seus atletas quer apresentem elevada, pouco ou nenhuma iniciativa. Para uma evolução constante do treinador ao nível da sua intervenção, este deverá solicitar ao seu colaborador (treinador-adjunto) ou a um observador a avaliação da sua intervenção.

Realizando uma suma relativa a todos estes estudos, podemos referir que a instrução do treinador durante a competição continua a ser de fundamental importância, devendo por isso, ser uma continuação da instrução que ocorre durante o processo de preparação para a competição. A forma como o treinador age durante a competição pode influenciar determinantemente o rendimento do jogador, e como tal, esta intervenção deve apresentar sempre uma dominância positiva de forma a criar um bom clima, a transmissão de informação centra-se normalmente em aspectos chave, com conteúdos técnicos da modalidade e de reforço positivo, visando uma cada vez maior motivação.

4.3.3 – Momentos de Instrução em Competição

Durante a competição existem diferentes momentos em que o treinador pode e deve intervir com os seus jogadores de forma a auxiliar a concretização dos objectivos previamente definidos. No entanto, as várias modalidades apresentam a sua regulamentação própria que permite maior ou menor liberdade ao treinador para a consecução da direcção da equipa durante a competição.

Como já referimos anteriormente, podemos sistematizar a intervenção do treinador em dois níveis (Moreno, 2001):

- Intervenção directa no ritmo da competição através da solicitação de descontos de tempo ou através da realização de substituições, de acordo com o regulamento da própria modalidade desportiva (no caso do futebol o treinador não pode solicitar descontos de tempo)

- ❑ Transmissão de informação aos jogadores durante o decorrer do jogo ou nos momentos de paragem do mesmo, respeitando o regulamento da competição, relativamente à conduta do treinador.

Sendo assim, podemos considerar que o treinador de futebol fornece informação aos seus jogadores em diferentes momentos, tais como:

- ❑ **Antes do jogo** – O treinador antes de iniciar o jogo propriamente dito transmite um conjunto de informações, normalmente dentro do balneário e durante os últimos minutos anteriores à entrada dos jogadores no terreno de jogo. Este momento normalmente tem uma curta duração.
- ❑ **Intervalo do jogo** – Segundo as Leis do Jogo (Associação de Futebol de Lisboa – Conselho de Arbitragem, 2000), o jogo é composto por duas partes de igual duração (seniores e juniores – 45' cada parte ; juvenis – 40' ; iniciados – 35' ; infantis e escolas – 30') com um intervalo a dividi-las que não deve exceder os 15 minutos. No entanto, os regulamentos das competições devem claramente definir a duração do intervalo entre as duas partes. Habitualmente, durante o intervalo os jogadores regressam aos balneários, mas não existe nenhuma lei ou regra que obrigue a esta situação.
- ❑ **Substituições dos jogadores** – Segundo as leis do jogo, no processo de substituição, o árbitro deve ser informado previamente de cada substituição pretendida. O suplente só pode penetrar no terreno de jogo depois da saída do jogador que vai substituir e após ser autorizado por um sinal de árbitro, a partir da linha de meio campo e durante uma paragem do jogo. O treinador pode acompanhar o jogador que vai ser substituído até à linha de meio campo. No futebol, o jogador que foi substituído já não pode participar no jogo. Sendo a substituição um momento de paragem, o treinador pode aproveitá-lo para transmitir informação ao jogador que vai entrar, ao que vai sair e também aos restantes jogadores que estão dentro do terreno de jogo. Por vezes, utiliza igualmente o jogador que vai entrar como um veículo transmissor de informação para os restantes colegas de equipa.
- ❑ **Durante o jogo** – O treinador pode transmitir informação durante todo o jogo, não existindo limitações na quantidade da mesma. Consideramos este momento a partir do sinal do árbitro para iniciar o jogo até ao sinal para finalizar, sem contar logicamente com os dois momentos supracitados. O único aspecto regulamentar a ter em consideração diz respeito à área técnica. Esta

área existe somente nos campos que apresentam espaço para tal, no entanto, as decisões regulamentares associadas à mesma são igualmente cumpridas. A área técnica estende-se, para os lados do banco de suplentes, a 1mt de cada lado dos lugares sentados e, para a frente até 1mt da linha lateral. Através de uma alteração realizada no último ano, somente o treinador está autorizado a dar instruções técnicas, podendo permanecer em pé dentro da respectiva área durante todo o jogo. O treinador-adjunto pode, também, fornecer instruções para a sua equipa, mas só pode levantar-se do seu lugar quando o treinador principal estiver sentado ou num plano mais recuado, sem que este esteja também a fornecer informações. Estas alterações surgiram com o objectivo de favorecer a intervenção do treinador durante a competição, pois nos anos anteriores, este tinha obrigatoriamente de se sentar após a instrução fornecida, para além de ser permitido a outros elementos fornecerem instruções sem que fossem devidamente credenciados como treinadores.

- **Depois do jogo** – Na bibliografia pesquisada, a informação transmitida logo após terminar o jogo ainda é considerada como um momento de instrução em competição. Habitualmente, os jogadores recolhem aos balneários (não é obrigatório fazê-lo), onde ouvem algumas informações relativas ao jogo. Neste momento, o treinador deve perceber que normalmente está envolvido emocionalmente com aquilo que ocorreu (“tem a cabeça quente”), e como tal deverá ter bastante cuidado na informação que irá transmitir aos seus jogadores. O treinador também poderá guardar esta informação para o primeiro treino do próximo microciclo, mas neste caso, já não se enquadraria na concepção terminológica da instrução em competição, mas sim na reunião de análise do jogo (Castelo, 1996).

4.3.4 – Análise da Instrução em Competição nos diferentes momentos

Sistematizar a instrução durante a competição em diferentes momentos permite-nos observar que existem características de envolvimento contextual bastante diferentes, o que faz com que haja a necessidade de analisa-las individualmente.

Para consolidar a existência destas diferenças, Pina & Rodrigues (1997) observaram 12 jogos da modalidade de voleibol de 3 treinadores (4 jogos de cada treinador) tentando verificar as diferenças da instrução em 3 momentos diferentes: Prelecções iniciais (informações imediatamente antes do jogo) ; Intervalos de sets e Tempos de repouso, utilizando o Sistema de Análise da Informação em Competição (S.A.I.C. de

Pina e Rodrigues, 1993) constituído por 4 dimensões, desdobradas em 55 categorias de análise. Os autores verificaram que existem algumas diferenças significativas entre os treinadores, principalmente na dimensão “conteúdo” e mais especificamente, nas categorias descritivo, auditiva, auditivo-visual, táctica de bloco, táctica de formação, adversário e psicológico de pressão e eficácia, demonstrando assim que os treinadores utilizam a informação de forma diferenciada nos vários momentos estudados. Pina e Rodrigues (1997) também identificaram um tipo de informação dominante na instrução do treinador, como sendo prescritiva, auditiva, direccionada para a equipa e com um conteúdo fundamentalmente táctico.

❖ *Antes do jogo*

Na pesquisa bibliográfica verificamos que por vezes este momento abrange não só as informações ministradas nos últimos minutos antes da equipa entrar no terreno de jogo, como também o momento de preparação teórica mais complexa denominado por prelecção ou reunião de preparação para a competição. Neste estudo, estes dois momentos estão totalmente separados, porque têm características muito distintas, no entanto centrada no mesmo objectivo final.

Para Castelo (1996), o treinador deverá reunir com a equipa, antes desta se dirigir para o terreno de jogo. Deverá reunir de forma informal e com uma locução forte durante 2 a 3 minutos, pois o nível de activação adquirida com o aquecimento não deverá perder-se. Para o mesmo autor, este momento tem o objectivo de sintetizar, reforçar e ajustar as ideias chaves que orientam todo o plano táctico-estratégico da equipa, informar algumas alterações que possam ter sido percepcionadas na disposição táctica do adversário, relembrar os ideais e a filosofia da equipa e do clube e colocar os jogadores num nível psicológico ideal.

Para Mesquita (1997) este momento deverá ser utilizado para estabelecer objectivos concretos para a concretização do plano táctico-estratégico que permita a consecução do melhor rendimento, apelar à capacidade volitiva dos jogadores, de forma a entregarem-se totalmente ao jogo, concentrando-se na tarefa sem ter medo de errar, com vista à constante superação, e fazer perceber aos jogadores que a competição é o momento onde devem expressar todas as suas capacidades (físicas, técnico-tácticas e psicológicas) aprendidas, desenvolvidas e aperfeiçoadas durante o processo de preparação.

Pretende-se assim que, este momento sirva para aumentar os níveis de atenção, apelar aos conhecimentos adquiridos durante os treinos, aumentar os níveis de

concentração e preparar os jogadores para os possíveis problemas que vão encontrar no jogo (Hotz, 1999).

Dias, Sarmiento & Rodrigues (1994) analisaram a instrução de dois treinadores de rugby no início e no intervalo do jogo. Relativamente ao primeiro momento, verificaram que a informação transmitida no balneário é quase exclusivamente auditiva (82,3% e 100%), dirigida maioritariamente à equipa (54,8% e 63,8%), com um conteúdo maioritariamente tático (25,5% e 51,6%) e psicológico (42,5% e 19,3%), focando fundamentalmente o comportamento do jogador (82,9% e 77,4%). Estes mesmos autores, tal como já referimos anteriormente, aconselham a que a instrução no início deverá ser curta e sucinta, sem conter partes demasiado descritivas e sem objectividade, centrada nos pontos chave colectivos e com uma conduta do treinador fortemente motivadora.

Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997) realizaram um estudo exaustivo em 21 treinadores de quatro modalidades diferentes, através de entrevistas, com o objectivo de perceber as rotinas comportamentais do treinador antes e depois da competição. Os resultados incidem novamente numa informação dirigida para os pontos-chave do plano de jogo, preparando e ensaiando cognitivamente o mesmo, motivando fortemente todos os jogadores para um bom rendimento competitivo.

Moreno (2001) ao realizar um questionário a vários treinadores experts na modalidade de voleibol de forma a conceber um modelo de eficácia da instrução do treinador, conclui que antes do jogo esta mesma conduta deve ser fundamentalmente tática, com referência aos aspectos inerentes à própria equipa e à equipa adversária, sendo mais predominante ao nível do adversário, contrariamente ao que concluem outros estudos (Pina & Rodrigues, 1993 ; Lombardo, Faraone & Pothier, 1982 e Rodrigues, 1997). A autora refere igualmente que segundo os treinadores experts entrevistados, a informação do treinador deve ser prioritariamente colectiva, podendo também emitir informações individualizadas mas em menor quantidade essencialmente dirigida aos atletas relevantes da equipa. Na continuação do mesmo estudo, a aplicação de um programa formativo a três treinadores verifica o aumento da informação sobre a própria equipa, de maior conteúdo tático face ao psicológico, mais descritiva do que prescritiva e a continuação de um predomínio claro da informação dirigida para o colectivo em detrimento do individual.

❖ *Intervalo do jogo*

Durante o intervalo do jogo de futebol, que só pode durar no máximo 15 minutos, Castelo (1996) refere que o treinador tem dois objectivos principais:

- ❑ Possibilitar a recuperação dos jogadores;
- ❑ Transmitir um conjunto de informações válidas para os jogadores manterem ou melhoram o seu rendimento de forma a atingir o sucesso, lembrando que o jogo é constituído por duas partes e que aquilo que foi realizado anteriormente é um meio e não um fim, para atingir os objectivos previamente definidos, e que estes só se concretizam no final e não a meio do jogo.

Segundo Castelo (1996) e Lima (2000), o intervalo deve ser constituído por várias tarefas, umas de carácter mais comportamental, outras de carácter mais informativo. Sinteticamente, ao nível comportamental, o treinador deverá fazer deslocar os jogadores directamente do terreno de jogo para o balneário, de forma a estes satisfazerem as suas necessidades higiénicas e médicas (alguma lesão ou ferimento que seja necessário a intervenção do massagista/fisioterapeuta) e a repousarem do esforço realizado para conseguirem adquirir níveis fisiológicos que lhes permitam encarar eficazmente a 2ª parte do jogo (ou mais partes, consoante a modalidade). Ao nível informativo e de acordo com Castelo (1996) e Peseiro (1998), o treinador deve aproveitar este momento para realizar as devidas correcções técnico-táticas, simultaneamente à preparação do plano tático-estratégico para a 2ª parte do jogo. Segundo os mesmos autores, a instrução deve ser curta e sucinta, pois novamente, o tempo é escasso, não devendo as instruções centrarem-se nos erros da 1ª parte, mas sim no que foi bem feito, de forma a prescrever o comportamento técnico-tático individual e colectivo que os jogadores deverão ter durante o restante tempo de jogo.

Castelo (1996) relativamente ao conteúdo informacional no intervalo do jogo ainda refere que o treinador deve fornecer informações relativas à própria equipa e à equipa adversária, de forma a compreender-se melhor a relação de forças que existiu durante a 1ª parte, fornecer as informações relativas às modificações e ajustamentos individuais ou colectivas no plano ofensivo e defensivo, e alertar com especial importância de que o jogo não termina naquele momento e que os objectivos previamente definidos só são analisados no final do jogo, sendo por isso fundamental o comportamento da equipa durante a 2ª parte. Este apelo deve ser adequado ao resultado e ao rendimento obtido na 1ª parte, pois poderá ser necessário alterar radicalmente a forma de estar da equipa, ou então manter os mesmos níveis de performance.

Segundo Beal (1989) e Diaz (1992), citados em Moreno (2001), o treinador de voleibol, no intervalo entre os sets, deverá seguir as recomendações abaixo indicadas:

- ❑ Apelar à concentração nas funções e missões individuais e colectivas de forma a não centrarem a sua atenção em factores que não controlam (ex: público, árbitros, directores, etc)
- ❑ Reforçar o plano táctico-estratégico, revendo determinados aspectos, alterando e/ou introduzindo outros;
- ❑ Reforçar os elementos (tácticos, técnicos, físicos e psicológicos) que promovam o êxito da equipa, centrando-se na concentração e no nível psico-emocional dos jogadores, assegurando também que os jogadores quando estão a ganhar não relaxem e quando estão a perder não desanimem;
- ❑ Quando se pretende realizar substituições, assegurar que os jogadores envolvidos conheçam profundamente o plano táctico-estratégico que possa ter sido reajustado durante o intervalo;
- ❑ Tal como anteriormente já referimos, a conduta verbal do treinador no intervalo é influenciada pela forma como decorreu a 1ª parte, ajustando-se assim a forma ideal de intervenção para que a equipa enfrente o resto do jogo com motivação, concentração e rigor.

Moreno (2001) ao realizar um questionário a vários treinadores experts na modalidade de voleibol de forma a conceber um modelo de eficácia da conduta verbal do treinador, conclui que no intervalo entre sets, e podendo realizar a devida adaptação para o intervalo no futebol, a conduta verbal deve ser fundamentalmente de tipo táctico centrada na própria equipa e no adversário, dirigida fundamentalmente para o colectivo, com uma marcada afectividade positiva. Tendo em conta que o intervalo entre sets no voleibol tem a duração de 3 minutos, a autora refere a partir do modelo de eficácia, que o treinador não deve referir mais de três pontos informativos. No entanto, no futebol o intervalo tem uma duração entre 10 a 15 minutos, mas o tempo disponível para instruir os jogadores normalmente não ultrapassa os 5 minutos, visto que existem outras tarefas que devem ser realizadas neste período e que já foram anteriormente referidas. Como tal, o treinador de futebol tem mais tempo para informar os seus jogadores do que pretende, podendo assim aumentar os aspectos que pretende instruir, mas deverá manter as características informacionais supracitadas.

Oliveira (1992) também realizou no seu estudo um questionário a vários treinadores experts da modalidade de andebol, inferindo as melhores estratégias de intervenção nos diferentes momentos do jogo, considerando-se que no intervalo procedem sempre

a uma análise colectiva da equipa relativamente à primeira parte, arquitectando a partir daí a estratégia da segunda parte.

Moreno (2001) ao aplicar um programa formativo de conduta verbal em três treinadores, verificou que os mesmos aumentavam a informação dirigida para o colectivo em detrimento do individual. Também verificou que existiu progressivamente mais informação táctica e centrada no adversário.

Pina & Rodrigues (1997), ao analisarem 3 treinadores de voleibol, durante os intervalos de sets e em descontos de tempo, verificaram uma informação com um objectivo predominantemente prescritivo, de forma auditiva, direccionada para a equipa e com um conteúdo essencialmente táctico.

Rodrigues & Pina (1999) ao desenvolverem os dados recolhidos do estudo anterior, foram analisar o comportamento de instrução de 3 treinadores durante 12 competições com 40 sets disputados, onde 30 foram vencidos e 10 perdidos, e verificar a influência do resultado obtido em cada set nas instruções fornecidas aos jogadores. Estes autores utilizaram novamente o S.A.I.C. (Sistema de Análise da Intervenção em Competição), verificando que existe um predomínio de informação prescritiva, auditiva e dirigida para toda a equipa quer o set anterior tenha sido vencido ou perdido. Relativamente aos sets perdidos, verificaram que os treinadores apresentam mais informação, mas com maior negatividade, maior prescrição, mantendo maioritariamente a forma auditiva e dirigida a toda a equipa. Relativamente ao conteúdo, não foram encontradas diferenças significativas entre sets vencidos e perdidos, excepto na elevada informação sobre o adversário e sobre a atenção quando a equipa perde o set anterior. Independentemente do resultado, existiu um predomínio de informação sobre o adversário e com um carácter psicológico e táctico.

Pina (1998), ao realizar um estudo caso com o seleccionador nacional de voleibol, verificou que a instrução durante os descontos de tempo e intervalos entre os sets, é predominantemente prescritiva, quase totalmente auditiva, dirigida essencialmente para a equipa, com um conteúdo fundamentalmente táctico, seguido do psicológico e da equipa adversária.

Por último, Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994) analisaram a instrução de dois treinadores de rugby no início e no intervalo do jogo. Relativamente ao segundo momento, verificaram que a informação transmitida é maioritariamente prescritiva (48,3% e 52,9%) e auditiva (82,3% e 100%). Contrariamente a Pina & Rodrigues (1997), neste estudo, a informação é dirigida em maior quantidade ao atleta (48,3% e

52,8%) em função da diminuição do colectivo (22,2% e 29,4%). Relativamente ao conteúdo, verificou-se que a informação é maioritariamente táctica (33,3% e 17,6%) e psicológica (29,6% e 29,4%), focando quase sempre o comportamento (81,4% e 76,4%).

❖ *Durante as substituições*

Para além do conjunto de regras associadas às substituições, que já foram referidas, cada regulamento de prova permitirá um determinado número de substituições possíveis. Este número normalmente varia entre 3 a 5 por equipa, no entanto, existem jogos em que não ocorre uma única substituição. Segundo Castelo (1996), as substituições são o meio mais objectivo e operacional da intervenção do treinador, durante a competição propriamente dita, de forma a modificar ou corrigir alguns aspectos inerentes aos planos de jogo.

Se aceitamos totalmente esta situação, o treinador deverá não só escolher o jogador que irá entrar e sair no jogo, com também aproveitar este momento para fornecer informação de qualidade. Esta informação poderá ser individual, dirigida ao jogador que vai entrar ou a outro jogador que permanece dentro do campo, ou colectiva, ao jogador que vai entrar de forma a transmitir aos restantes jogadores da sua equipa ou directamente à equipa. Eventualmente, poderá ser fornecida também alguma informação ao jogador que sai, de forma a que o mesmo reflecta sobre alguns aspectos inerentes ao seu comportamento em jogo ou que perceba concretamente a razão da sua substituição, pois esta continua e continuará a ser uma situação que o jogador não encara positivamente. O treinador deve preparar antecipadamente todos os jogadores para este momento, podendo a razão inerente à substituição ser de ordem táctico-estratégica, por impedimento físico ou por incumprimento de funções/missões.

Lima (2000) ao caracterizar várias situações que levam à realização de uma substituição, refere que poderá ser realizada para dar indicações objectivas a um determinado jogador que não está a ler bem o jogo do seu opositor directo.

Moreno (2001) ao realizar um questionário a vários treinadores experts na modalidade de voleibol de forma a conceber um modelo de eficácia da instrução verbal do treinador, conclui que durante as substituições, é recomendável que a informação seja de conteúdo táctico, referindo-se quer à própria equipa, quer ao adversário (predominando a informação sobre a própria equipa), dirigida individualmente aos jogadores envolvidos na substituição, principalmente ao jogador que vai entrar. É necessário referirmos que no voleibol, a informação fornecida aos jogadores que são

substituídos tem uma importância diferente da verificada no futebol, pois nesta modalidade os jogadores que saíam já não podem voltar a entrar (excepto nos regulamentos de algumas competições de escalões muito jovens – ex: escolas e infantis de futebol de sete).

❖ *Durante o jogo*

Quando referimos este momento, consideramos todo o tipo de informação transmitida pelo treinador durante o desenrolar do jogo propriamente dito.

“A concretização dos objectivos estabelecidos para um determinado confronto é o resultado, por um lado, da actuação eficaz dos jogadores que constituem a equipa, reflectindo o nível de preparação e evolução desta, e por outro, da hábil direcção do jogo da equipa por parte do treinador, que em última análise, se consubstancia como uma fonte de informação, estabelecendo as linhas de orientação geral e específica dos comportamentos técnico-tácticos dos jogadores.” (Castelo, 1996)

Por aqui se pode verificar que a forma como o treinador informa os seus jogadores influencia determinantemente o desenrolar do seu rendimento individual e colectivo. Segundo o mesmo autor, um dos aspectos prioritários na direcção da equipa em competição reside na transmissão de informação da parte do treinador utilizando a instrução verbal ou não verbal. Esta deverá ser previamente conhecida traduzindo algumas adaptações no plano de jogo ou no relembrar funções/missões de determinados jogadores. Para o mesmo autor, o capitão poderá ser um interlocutor desta informação transmitindo-a seguidamente aos colegas de equipa. A informação terá de ser obrigatoriamente clara, concisa e objectiva, pois para o autor, caso aconteça o oposto será mais grave que a ausência de informação. No fundo, repete-se aquilo que referimos para a prelecção de preparação para a competição, onde o treinador deve ajudar a esclarecer e não a confundir. Seguindo o mesmo pensamento, relativo à caracterização da informação transmitida pelo treinador, Castelo (1996) refere que esta não deverá ser repetitiva e constante, pois os jogadores deixarão de a ouvir.

Tal como alguns estudos indicam (Isberg, 1993; Lombardo Faraone & Pothier, 1982; Smith, Zane, Smoll & Coppel, 1983; Smoll, Smith, Curtis & Hunt, 1978), o treinador deverá igualmente transmitir a informação com afectividade positiva, principalmente aos jogadores mais inexperientes e emotivos. De acordo com Peseiro (1998), o treinador deverá também ter cuidado com a crítica ou gritos durante a competição, podendo estes tornar a relação treinador-atleta conflituosa, principalmente quando o

último percebe que o primeiro não está a querer ajudá-lo, mas sim a culpabilizá-lo pelo erro. Poderá ser necessário também, responder a questões que possam ser colocadas pelos jogadores durante a competição.

Beal (1989) citado em Moreno (2001), refere igualmente que o treinador durante a competição deve recordar constantemente o plano táctico-estratégico, de forma a que os jogadores não se desconcentrem das suas tarefas previamente definidas. O treinador também deverá ir comentando com os jogadores suplentes a forma como eles deverão actuar caso entrem em jogo, de forma a prepará-los cognitivamente e motivacionalmente.

Reforçando o que já havia sido referido anteriormente, é importantíssimo que haja da parte do treinador uma coerência entre a instrução verbal e a não verbal (Gipson, Lowe e Mckenzie, 1994) e principalmente entre aquilo que foi previamente referido na preparação para a competição (prelecção) e o que agora em competição se instrui.

Mesquita (1997) recomenda que a instrução do treinador em competição seja positiva, aceite as decisões do árbitro e concentre-se no jogo, fornecendo informações objectivas e precisas aos atletas, focadas principalmente no rendimento (tarefas/funções/missões) e não tanto no resultado final.

Cloes, Delhaes & Piéron (1993) verificam através de um estudo que o treinador apresenta menos de 10% da sua intervenção em competição dirigida para os aspectos técnico-tácticos, e 25% de encorajamento/motivação para a acção, fazendo com que mais de um terço da sua instrução seja dirigida para o apoio psicológico com elevada conotação positiva.

Parece-nos que estes resultados fazem perceber que, embora o treinador seja importante no plano táctico-estratégico durante a competição, será muito mais relevante na sua concepção e exposição durante o processo de preparação para a mesma, sendo mais importante durante o desenrolar do jogo, o apelo motivacional e a estabilidade psico-emocional dos seus jogadores.

Este estudo também revela outras características na instrução do treinador: direcção da informação – individualmente (50,3%), para a equipa ou grupo (28,4%), para os suplentes (13,7%); origem da informação – acções a realizar (30%), acções favoráveis (25%), acções desfavoráveis (15%), acções tácticas do adversário (14%).

Com alguns estudos já realizados neste âmbito, verifica-se também alguma controvérsia sobre a vantagem ou não, do treinador transmitir informação durante o decorrer do jogo, colocando-se a seguinte questão: *será que os jogadores ouvem os treinadores, será que eles percebem?*

Alguns treinadores defendem que não deve existir informação de conteúdo tático-estratégico durante o jogo, pois esta necessita de captar a atenção do jogador, perturbando a concentração, diminuindo a sua rentabilidade. Hotz (1999) recomenda que somente se emita informação de carácter afectivo e motivacional de forma a estabilizar o nível psico-emocional do jogador. No entanto, Moreno (2001), defende que possa e deva existir informações de apelo cognitivo, de conteúdo tático-estratégico individual, durante o desenrolar do jogo, desde que esta não coincida com o momento em que o jogador esteja a realizar uma determinada acção, ou seja, quando o mesmo esteja longe do centro do jogo ou quando a bola não esteja em jogo. Para a autora, a informação colectiva de apelo cognitivo, como requer a atenção de um maior número de jogadores, deverá ser realizada num momento em que a bola não esteja em jogo ou num momento de paragem. Na sequência deste assunto, Quintal (2000), ao observar sete treinadores portugueses enquadrados nos escalões jovens da modalidade de futebol, registou em média 535 intervenções por jogo (6,63 intervenções por minuto), considerando que este valor é excessivo, havendo a necessidade de intervir com mais pertinência, em vez de sobrecarregar os jogadores.

Moreno (2001), ao realizar um questionário a vários treinadores experts na modalidade de voleibol de forma a conceber um modelo de eficácia da conduta verbal do treinador, conclui que durante o jogo a informação deverá ser prioritariamente tática, individual, de carácter fortemente positiva, centrada na própria equipa e na equipa adversária.

Na mesma lógica do anterior estudo, Oliveira (1992) verificou que os treinadores experts na modalidade de andebol, considerando que durante o jogo, o treinador deverá intervir com alterações, correcções ou reforços de natureza colectiva.

No estudo realizado por Moreno (2001), verificou-se que os três treinadores ao serem sujeitos a um programa formativo de instrução verbal tornaram esta mais positiva, prescritiva e individual em detrimento da informação colectiva, e com maior referência ao adversário. Este programa formativo não permitiu os treinadores aumentarem a informação de conteúdo tático, justificado pela autora através do facto de existir elevada impulsividade, espontaneidade, tensão e nervosismo durante a competição.

Relativamente ao estudo de Oliveira (1992), os treinadores observados apresentaram uma intervenção com mais mensagens gerais do que específicas (55,8% vs 44,2%), dirigidas quer para a equipa (36,7%), quer para o jogador (37,1%), utilizando essencialmente instruções pressionantes (54,4%) e de maior natureza defensiva (61%) face à ofensiva (39%). Parece-nos também importante registar o valor percentual das mensagens aprovativas dos treinadores que ganharam os jogos face aos que não venceram (32,4 a 41,7% vs 9,5%).

Por último Quintal (2000), observa no seu estudo que, 31,9% do total das intervenções vão no sentido de recuperar a posse de bola, solicitar passe a um companheiro ou manter o equilíbrio da organização da própria equipa. Fora do âmbito técnico-tático, aparecem as categorias de Feedback (21,97%), Afectividade Aprovativa (7,37%) e Comportamentos desviantes do treinador (6,25%).

Recordando a análise da literatura apresentada, verifica-se alguma variedade nas características da instrução do treinador durante o desenrolar do jogo. No entanto, existe uma tendência mais significativa para que a instrução seja predominantemente de índole motivacional (Hotz, 1999; Cloes, Delhaes e Piéron, 1993; Rodrigues, 1997; Moreno, 2001), dirigida na sua maioria individualmente (Cloes, Delhaes e Piéron, 1993; Moreno, 2001) e mais centrada na própria equipa (Rodrigues, 1997) mas aumentando as referências na equipa adversária em treinadores de maior sucesso (Moreno, 2001).

❖ *Depois do jogo*

Metodologicamente, definimos este momento simplesmente como os minutos que se seguem após o término do jogo até ao momento em que a equipa juntamente com a equipa técnica abandonam o local do jogo. Portanto, este momento possível de aporte de informação ocorre logo após o jogo e tem normalmente uma curta duração.

Segundo Castelo (1996) e Lima (2000), existem algumas acções a realizar pelo treinador logo após terminar o jogo. Para além de cumprimentar o treinador adversário, rever as possíveis lesões existentes e disponibilizar-se para falar para a comunicação social, o treinador deve fazer uma curta intervenção de forma a acalmar o estado psico-emocional, evitando a euforia ou a tristeza exagerada no caso de vitória ou derrota, respectivamente. Para tal situação, o treinador deverá partilhar com a equipa o resultado alcançado, mas deve igualmente avaliar correctamente a relação entre o rendimento e o resultado que a equipa obteve, pois muito frequentemente os jogadores retiram conclusões erradas devidas ao resultado obtido (ex: vitória

expressiva mas baixo rendimento ou derrota mas bom rendimento). Compete assim ao treinador neste momento, certificar-se através de uma determinada intervenção que, os jogadores percepcionem correctamente o rendimento individual e colectivo, centrando-se fundamentalmente no processo, mas também não esquecendo o “produto”, principalmente quando o nível competitivo é elevado e onde inevitavelmente o resultado tem um importância determinante no bem-estar da equipa e de todo o clube.

Segundo Mesquita (1997), o treinador deve basear a sua instrução não só na análise dos comportamentos incorrectos/negativos, de forma a consciencializar os jogadores para uma melhoria de rendimento desses mesmos comportamentos nos próximos treinos, como também nos aspectos positivos de forma a congratular os jogadores pela sua prestação.

Moreno (2001) refere que este tipo de reunião pode ser realizada em três momentos distintos: logo após o jogo, antes do 1º treino semanal ou na parte inicial do 1º treino semanal. Independentemente do resultado, o treinador deve manter a calma e a tranquilidade de forma a não prejudicar a sua intervenção, que por sua vez irá influenciar negativamente o estado psicológico dos seus jogadores.

Bloom, Durand-Bush e Salmela (1997) realizaram um estudo em quatro modalidades, analisando o comportamento dos treinadores antes e depois do jogo. Verificaram que depois da competição, os treinadores atribuem muita importância ao auto-controlo emocional conseguindo adaptar a sua instrução aos diferentes rendimentos e resultados. Segundo os autores, quando se intervém logo após o jogo, deve-se somente focar os aspectos fundamentais do jogo, deixando a análise mais aprofundada para uma reunião realizada no primeiro treino semanal.

Moreno (2001) ao conceber um modelo de eficácia da instrução verbal do treinador, conclui que depois do jogo a intervenção do treinador deverá ser fundamentalmente táctica, direccionada a toda a equipa, embora com a possibilidade de existir também informação individual, sempre com a presença de afectividade positiva e centrada na própria equipa.

Verificamos que não existem muitos estudos centrados neste momento de intervenção do treinador durante a competição, sendo mesmo um momento de pouco aporte de informação (Moreno, 2001), no entanto com a aplicação do estudo da autora supracitada, verificou-se que os três treinadores após a aplicação de um programa formativo aumentaram a informação de índole táctico e do tipo prescritiva.

Para finalizar, podemos referir que esta análise bibliográfica reflecte claramente que a comunicação entre o treinador e o atleta é talvez o principal factor que influencia o rendimento dos mesmos, sendo de fundamental importância para a liderança do treinador perante a equipa que dirige. Sendo assim, os estudos científicos apresentados neste trabalho mostram que a direcção da equipa é composta por diferentes tarefas, onde a comunicação tem uma importância vital, quer ao nível da preparação para a competição através da preparação para o jogo, quer ao nível da intervenção do treinador durante a competição.

Em suma, a instrução do treinador antes e durante a competição pretende preparar, estabilizar e modificar o comportamento dos jogadores em função dos diferentes contextos que se apresentam no jogo. O treinador ambiciona assim, antes da competição preparar cognitivamente e motivacionalmente a sua equipa, orientando-os para um determinado plano táctico-estratégico de jogo, colocando todos os jogadores num estado psico-emocional óptimo para a competição.

Por outro lado, os estudos demonstram que a instrução do treinador durante a competição é predominantemente afectiva e que o conteúdo específico da modalidade é transmitido em momentos de paragem do jogo e incidindo na prescrição de soluções técnico-tácticas. É igualmente demonstrado, que o treinador tem uma importância vital na regulação do estado psicológico dos jogadores através de apelos motivacionais para manter ou melhorar o rendimento individual e colectivo.

No nosso estudo iremos igualmente estudar estes vários momentos pertencentes à competição, realizando as necessárias adaptações às especificidades da modalidade de futebol, não ficando somente pelo jogo propriamente dito. Pretendemos no fundo, ajudar a responder a um conjunto vasto de inúmeras questões, levantadas por Rodrigues (1997) adaptando-as igualmente à comunicação na preparação para a competição:

“Será que o treinador tem capacidade para se concentrar no desenrolar da competição e rentabilizar a sua intervenção sobre o que é importante no jogo? Que técnicas e estratégias utiliza? Como comunica o treinador com os seus atletas? Que tipo de informação transmite ele?”

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1 – Introdução

Neste capítulo pretendemos descrever todos os procedimentos metodológicos realizados para a concretização deste estudo. Seguidamente, iremos apresentar a concepção do modelo de análise, através da caracterização da amostra, das variáveis de estudo, dos instrumentos de recolha dos dados, abordando a sua construção, estrutura, conteúdo, categorias e sub-categorias, validade e fidelidade, e a forma como se pretende recolher e tratar os dados.

2 – Amostra do Estudo

2.1 – Caracterização da Amostra

A escolha da nossa amostra teve por base dois aspectos:

- ❑ Por um lado, as recomendações de vários estudos já realizados (Alves, 1998; Cloes, Delhaes & Piéron, 1993; Moreno, 2001; Pina, 1998; Quintal, 1999;), apelando para a pesquisa do nosso objecto de estudo, mas abrangendo um maior número de competições e/ou de treinadores;
- ❑ Por outro, os estudos realizados por Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997) e por Madden & Evans (1993), apresentam uma amostra centrada no número de sessões e não no número de treinadores, afim de uma melhor caracterização do objecto de estudo (instrução do treinador antes, durante e após a competição).

Sendo assim, a nossa amostra foi constituída por 12 prelecções de preparação para a competição e 12 competições. Estas 12 sessões foram realizadas por 6 treinadores de futebol, todos eles pertencentes ao escalão de seniores masculinos, enquadrados no campeonato da 2ª divisão B, englobando as zonas Norte, Centro e Sul. A nossa amostra abrange treinadores do continente e também da Ilha da Madeira. Tal como referimos nos dois aspectos inicialmente apresentados, atribuímos maior importância à obtenção de um maior número de competições, em detrimento de um maior número de treinadores. O acesso ao treinador de futebol não é tarefa fácil, principalmente quando se alia o facto de se tratar de um nível competitivo elevado, à desejada observação e análise da instrução na prelecção e na competição. Sendo estes

momentos de extraordinária importância e de acesso dificultado, tornando-os praticamente “sagrados”.

Por isso mesmo, e sustentado em Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997) e Madden & Evans (1993), cada um dos treinadores foi analisado em duas competições distintas, obtendo-se assim um número de sessões competitivas igual a 12, sendo esta a amostra, que irá sustentar os resultados.

Para que a amostra fosse o mais homogénea possível, os treinadores observados encontram-se todos a liderar as suas equipas, estando estas a disputar o Campeonato da 2ª Divisão B, no escalão de seniores masculinos. Todos os treinadores têm mais de 5 anos de experiência a este nível e são licenciados em Desporto, com especialização em Futebol.

As características essenciais dos treinadores que constituíram a nossa amostra, são as apresentadas no quadro seguinte.

Quadro 3 – Caracterização da amostra – nº de sessões; nº de treinadores; média de idade; média do nº de anos como treinador; habilitações académicas e profissionais

Nº de Sessões	Nº de Treinadores	Idade
12	6	41
Nº de anos Treinador	Habilit. Académicas	Habilit. Profissionais
15	Licenciado em Desporto Opção Futebol	III e IV Nível

É importante mencionar que quase todos os treinadores que trabalham nesta divisão são profissionais, tendo ao seu dispor bons recursos humanos (20 a 25 jogadores, treinadores adjuntos, médico e massagistas, dirigentes e outros auxiliares), materiais (todo o material necessário), espaciais (pelo menos 1 relvado e por vezes outros campos de apoio, balneários, ginásio de musculação, sauna e hidromassagem, etc) e temporais (o tempo praticamente todo disponível, pois todos os jogadores são profissionais ou semi-profissionais).

A 2ª Divisão B apresenta um nível competitivo elevado, estando imediatamente abaixo da Liga Profissional, que é constituída por duas divisões. A 2ª Divisão B, está dividida em 3 zonas (Norte, Centro e Sul) e cada zona é composta por 20 equipas, jogando entre si, em duas voltas (casa e fora). No final do campeonato, sobe à 2ª Liga, apenas 1 equipa por zona, o que torna extremamente difícil este objectivo. Os últimos 3 classificados de cada zona descem à 3ª divisão nacional.

2.2 – Procedimentos Prévios

Obter autorização dos treinadores de um nível competitivo elevado para análise e observação de algo muito individual e com um carácter por vezes “sagrado”, foi uma tarefa que requereu um conjunto de procedimentos prévios.

O facto do investigador já conhecer alguns treinadores da 2ª Divisão B ou seus colaboradores, permitiu que o primeiro contacto fosse mais fácil, comunicando-lhes o objectivo geral do estudo, assim como os procedimentos metodológicos necessários para a recolha dos dados, garantindo desde logo a total confidencialidade dos dados, servido única e exclusivamente para tratamento estatístico. Com alguns treinadores, foi necessário estabelecer um segundo contacto para explicar mais especificamente o que se pretendia observar, pois ainda subsistiam algumas dúvidas e/ou incertezas, mais concretamente ao nível dos momentos que pretendíamos analisar e com que materiais o íamos fazer, podendo daqui entender alguma preocupação na invasão de um espaço muito próprio, que é a competição.

Após os treinadores aceitarem participar no estudo, propusemos imediatamente os jogos que pretendíamos observar, deixando ao critério do treinador a sua aceitação ou não. Independentemente do tipo de jogos, nenhum treinador colocou qualquer contrariedade na observação dos mesmos.

Por último, fizemos questão de estabelecer um terceiro contacto mais próximo do dia de observação previamente definido, afim de relembrar ao treinador todos os passos metodológicos que iriam ocorrer durante o dia da competição, assegurando igualmente quais seriam os locais de encontro e de recolha dos dados. Podemos destacar como aspecto muito positivo, a forma como os treinadores cooperaram, superando todas e quaisquer expectativas, indo mesmo ao pormenor de comunicar com o devido tempo de antecedência qualquer tipo de alteração que era implementada no processo de preparação da equipa para a competição e na própria competição (ex: alteração do local de prelecção de preparação para a competição, alteração da hora ou dia do jogo, etc.).

3 – Variáveis do Estudo

Para a concepção das variáveis, tivemos em consideração por um lado o Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Desporto e em Competição (Rodrigues, 1996, referido pelo próprio autor em Rodrigues, 2000), e por outro lado, o sistema de

categorias aplicado na análise de conteúdo realizada à instrução do treinador nas teses de mestrado e doutoramento de Pina (1998) e Moreno (2001) respectivamente, no entanto com as necessárias adaptações ao nosso estudo.

O Modelo de Análise da Relação Pedagógica na Competição (Rodrigues, 1995) apresenta 5 tipos de variáveis: Presságio, Processo, Contexto, Programa e Produto.

O nosso estudo não visa utilizar como variáveis, o nível de formação inicial, a experiência profissional e o nível de conhecimento, no entanto ao considerarmos as variáveis de presságio como fundamentais, seleccionamos treinadores com elevado nível de formação inicial e experiência, mas no entanto, estas variáveis não foram consideradas para a concretização das hipóteses que orientam o problema. Verificamos assim, que, devido à essência do estudo, iremo-nos centrar nas variáveis de processo, isto é, nas variáveis que segundo o autor responsável pelo modelo (Rodrigues, 1995) “...dizem respeito aos comportamentos, decisões e interacções susceptíveis de acontecerem no treino ou mesmo na competição.”. As variáveis de processo, são influenciadas pelas variáveis de programa e de contexto, ou seja, as decisões que o treinador toma e os objectivos que define, que por sua vez influenciam imenso a forma como se comporta, estão totalmente de acordo com aquilo que pretendemos estudar. A instrução que o treinador planeia ou espera transmitir na prelecção e na competição irá reflectir-se na instrução que o mesmo realiza nos dois momentos supracitados.

Importa compreender aprofundadamente o processo ao nível da instrução, para eventualmente noutros estudos, efectuar-se a possível relação com as variáveis de produto (rendimento, resultados).

Como tal, dentro das variáveis de processo, sistematiza-se as seguintes variáveis:

Quadro 4 – Caracterização das variáveis de processo

Variáveis Cognitivas	Expectativa da Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição
	Expectativa da Instrução na Competição
Variáveis Comportamentais	Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição
	Instrução na Competição

De acordo com Rodrigues (2000), as variáveis cognitivas são baseadas na cognição, tal como o próprio nome indica, e que no nosso estudo correspondem às expectativas que o treinador tem da instrução que irá fornecer, quer na prelecção de preparação

para a competição, quer na competição. Estas expectativas foram registadas a partir da aplicação de um questionário composto por um conjunto de categorias e sub-categorias de análise multidimensional da instrução, que no fundo poderão ser consideradas como as sub-variáveis que compõem a variável cognitiva.

Relativamente às variáveis comportamentais, Rodrigues (2000) considera que são as variáveis baseadas no comportamento do treinador. No nosso estudo, o comportamento em análise consiste na instrução do treinador na prelecção de preparação para a competição e na competição. O comportamento de instrução foi analisado a partir de um sistema multidimensional (S.A.I.C., Pina & Rodrigues, 1993), que é composto por um conjunto de categorias e sub-categorias, que no fundo poderão ser consideradas como as sub-variáveis que compõem a variável comportamental.

Parece-nos igualmente importante estabelecer uma análise das variáveis segundo o modelo de dependência e independência das mesmas, a partir da definição das hipóteses que orientam o nosso estudo.

Relativamente à primeira ramificação da hipótese 1 – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na prelecção de preparação para a competição –, temos como variável independente, a prelecção de preparação para a competição, e como variáveis que dependem deste momento, a expectativa da instrução e a instrução propriamente dita. No que concerne à segunda ramificação da hipótese 1 – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na competição –, a variável independente é o momento da competição e mantendo-se as mesmas variáveis dependentes.

Quadro 5 – Caracterização das variáveis independentes e dependentes para a hipótese 1

Variáveis Independentes	O momento da Prelecção de Preparação para a Competição
	O momento da Competição
Variáveis Dependentes	Expectativa da Instrução
	Instrução

Relativamente à hipótese 2a (primeira ramificação) – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção e a competição, ao nível das expectativas da instrução –, temos como variável independente, as expectativas da instrução, e como variáveis dependentes, ou seja, aquelas que realmente vão ser sujeitas a observação e análise, a prelecção de preparação para a competição e a

competição. No que concerne à hipótese 2b – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção e a competição, ao nível do comportamento da instrução –, a variável independente é o comportamento de instrução e as variáveis dependentes mantêm-se as mesmas, ou seja, a prelecção de preparação para a competição e a competição.

Quadro 5 – Caracterização das variáveis independentes e dependentes para a hipótese 2

Variáveis Independentes	Expectativa da Instrução
	Instrução
Variáveis Dependentes	O momento da Prelecção de Preparação para a Competição
	O momento da Competição

4 – Instrumentos de Recolha de Dados

No nosso estudo foram aplicados dois instrumentos. Em primeiro lugar o questionário, como forma de avaliar as variáveis cognitivas, e em segundo lugar um sistema que analisou a instrução do treinador, avaliando assim as variáveis comportamentais.

4.1 - Questionário

4.1.1 – Bases de construção do questionário

Antes da gravação auditiva da prelecção, e auditivo-visual da competição, foi necessário recolher as variáveis cognitivas, isto é, compreender claramente as expectativas do treinador relativamente à instrução que pretende fornecer na prelecção de preparação para a competição e durante a competição. O questionário é um instrumento composto por um conjunto de perguntas. Segundo Hill & Hill (2000), estas perguntas podem ser:

- ❑ Fechadas – O respondente tem de escolher entre um conjunto de respostas alternativas fornecidas pelo responsável pelo questionário;
- ❑ Abertas – O respondente constrói e escreve uma resposta, utilizando as suas próprias palavras.

O primeiro tipo de perguntas tem a vantagem de facilitar a aplicação de análises estatísticas e a possibilidade de analisar os dados de forma mais sofisticada, no entanto apresenta como desvantagens o facto da informação ser pouco rica, induzindo conclusões demasiado simples (Hill & Hill, 2000). Por outro lado, os questionários de perguntas abertas podem fornecer mais informação, mas as respostas têm de ser

sujeitas a análise de conteúdo, dificultando a análise estatística e requerendo muito tempo para a codificação das mesmas (Hill & Hill, 2000). Visto que um dos objectivos deste estudo reside na análise correlativa entre as variáveis cognitivas adquiridas através do questionário e as variáveis comportamentais adquiridas através do sistema de análise do comportamento da instrução, optámos metodologicamente pela construção de um questionário com perguntas fechadas, solicitando ao treinador a atribuição de um nível de expectativa relativa à instrução que mais tarde irá realizar. Assim, foi possível, uma melhor e mais concreta análise estatística dos dados para seguidamente podê-los correlacioná-los com outros.

Na construção do questionário, seguimos um conjunto de pressupostos que nos orientou para uma maior eficácia do mesmo, tais como (Hill & Hill, 2000):

- ❑ Elaboração de um plano do questionário, onde se planeou tudo o que se pretendia com o questionário, desde a listagem das variáveis, número de perguntas para cada uma delas, versão inicial das perguntas, verificação das mesmas relativamente às hipóteses de pesquisa, descrição das instruções associadas a cada pergunta, etc.;
- ❑ Pensar cuidadosamente no objectivo geral de cada uma das perguntas;
- ❑ Construir perguntas curtas, usando palavras simples e terminologia simples;
- ❑ Verificar constantemente se as perguntas escritas não são perguntas múltiplas, inviabilizando a resposta de alguns treinadores;
- ❑ Verificar se as perguntas são neutras, de forma a não forçar uma determinada resposta;
- ❑ Possibilitar ao respondente um número de respostas alternativas suficiente, de forma a não ser demasiado restrita ou inadequada à análise dos dados;
- ❑ Verificar cuidadosamente se não existe mistura de dois tipos de resposta na mesma escala (ex: frequência e quantidade)
- ❑ Não é conveniente reduzir o comprimento do questionário utilizando um tamanho de caracteres demasiadamente pequeno, dificultando a sua clareza e levando por vezes à diminuição acentuada da cooperação do respondente;
- ❑ Nunca se deve assumir que os respondentes sabem responder, não necessitando de instruções claras. A falta destas ou sua má construção podem colocar em causa a validade dos dados;
- ❑ Um questionário deverá ser esteticamente atraente, aumentando o interesse do respondente para um preenchimento mais correcto;

4.1.2 – Estrutura do questionário

Se temos por objectivo deste estudo, correlacionar as expectativas com a realidade ao nível da instrução do treinador, foi fundamental criar um instrumento que permitisse essa mesma correlação. Como tal, entendemos que o questionário seria o instrumento mais eficaz para esta situação. Ao ficarmos na posse dos dados relativos às expectativas do treinador face à instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição, pudemos então confrontá-los com o comportamento de instrução, sendo este avaliado com outro instrumento (Sistema de Análise da Informação em Competição – S.A.I.C., Pina e Rodrigues, 1993). No fundo, serviu para percebermos concretamente se aquilo que o treinador pensa transmitir, apresenta correlações fortes com aquilo que transmite.

Utilizaremos um questionário – ***Questionário sobre as Expectativas da Instrução do Treinador durante a Prelecção e a Competição (QEIC)***, composto por 6 perguntas iniciais de enquadramento geral e por 20 perguntas relativas à instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição, respondidas através de uma escala de Lickert de 5 pontos, correspondendo o 1 a “Nada”, 2 a “Pouco”, 3 a “Médio”, 4 a “Muito” e 5 a “Bastante”.

As perguntas que compõem o enquadramento visam perceber o objectivo e a importância do jogo, a importância que o treinador atribui à instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição e a forma como o mesmo planeia tais momentos. O QEIC representa quase todas as categorias e sub-categorias do sistema de observação do treinador, tendo sido somente retiradas aquelas que não apresentam coerência ou pertinência para este momento e/ou tipo de avaliação, realizando-se assim as necessárias adaptações.

O QEIC foi baseado em estudos já realizados (Januário, 1992; Santos, 1998; Sequeira, 1998; Brito, 1999, Costa, 2000 e Moreno, 2001) e que pretendem conhecer o planeamento do professor e do treinador, embora com as respectivas adaptações inerentes ao nosso problema.

4.1.3 – Momento de aplicação do questionário

Tendo em conta que o questionário pretende recolher as expectativas da instrução do treinador durante a prelecção de preparação para a competição e durante a competição, seria necessário que os treinadores o realizassem algum tempo antes da prelecção de preparação para a competição. No entanto, o intervalo temporal entre a

realização do questionário e a prelecção não deverá ser demasiado elevado, pois poderiam ocorrer vários aspectos de ordem intrínseca ou extrínseca ao treinador que modificariam o seu comportamento, não estando este enquadrado nas suas expectativas. Pelo simples facto de sabermos previamente que em todas as sessões competitivas, os treinadores iriam realizar a prelecção de preparação para a competição até 2 horas antes da competição, optámos por concentrar dois questionários num só, ou seja, os treinadores para a mesma pergunta, responderiam uma vez para a prelecção e outra para a competição. Todos os treinadores realizaram o questionário, 30 a 60 minutos antes da prelecção de preparação para a competição.

4.1.4 – Conteúdo do questionário

Com o QEIC, pretende-se assim registar as expectativas que cada treinador apresenta relativamente ao aporte de informação que irá ser fornecido não só na competição, como também na prelecção de preparação para a competição.

Tal como foi apresentado na estrutura do questionário, este é constituído por duas partes, apresentando cada uma delas os seguintes conteúdos:

- 1ª Parte (Enquadramento geral) – objectivo e a importância do jogo, a importância que o treinador atribui à instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição e a forma como o mesmo planeia tais momentos;
- 2ª Parte (Específica) – com que objectivo é fornecida a instrução, a forma como será realizada a instrução, a quem será dirigida a instrução e o conteúdo que apresentam as várias unidades de informação, durante a prelecção de preparação para a competição e durante a competição. Fazemos referência ao facto de existirem um vasto leque de conteúdos mais específicos que se enquadram em cada um dos apresentados anteriormente. Estes conteúdos mais específicos são concordantes com as diferentes categorias e sub-categorias que compõem o sistema de observação do treinador utilizado neste estudo, e que será seguidamente apresentado.

4.1.5 – Definição de categorias e sub-categorias

A primeira parte do questionário, devido a ter um carácter geral onde somente se pretende conhecer algumas opiniões face à competição e à importância do nosso objecto de estudo, não apresenta quaisquer categorias e sub-categorias. A parte específica do questionário é composta por quatro dimensões – Objectivo, Forma, Direcção e Conteúdo –, sendo estas desdobradas em 19 categorias e 27 sub-categorias, que são apresentadas no quadro 4.

Quadro 7 – Categorias e Sub-categorias que compõem o QEIC sobre as expectativas da instrução do treinador durante a prelecção e a competição.

Objectivo	Forma	Direcção
- Avaliação - Descrição - Prescrição - Interrogação - Afectividade + - Afectividade –	- Auditiva - Visual - Auditivo-visual Nota: Esta dimensão é somente considerada para a Competição ¹ .	- Atleta - Equipa - Grupo a) Defesas b) Médios c) Avançados d) Suplentes - Suplente
CONTEÚDO		
- <u>Técnica</u> a) Ofensivas b) Defensivas - <u>Táctica</u> a) Sistema de Jogo b) Métodos de Jogo c) Esquemas Tácticas d) Princípios de Jogo e) Funções/missões f) Combinações/Circulações g) Eficácia geral - <u>Psicológico</u> a) Ritmo de Jogo b) Pressão Confiança c) Pressão Eficácia		d) Atenção e) Concentração f) Pressão Combatividade g) Responsabilidade Colectiva h) Resistência às Adversidades - <u>Físico</u> a) Resistência b) Velocidade de Execução c) Velocidade de Deslocamento d) Velocidade de Reacção e) Força f) Aquecimento - <u>Equipa Adversária</u> - <u>Equipa Arbitragem</u>

4.1.6 – Validade do questionário

Perseguir a validade dos instrumentos, significa verificar se os mesmos medem realmente aquilo que pretendem medir. No fundo, coloca-se a questão: o instrumento mede efectivamente a característica que é suposto medir? (Tuckman, 2000). Ao nível

¹ Esta dimensão é somente considerada para a Competição, sendo excluída da Prelecção de Preparação para a Competição, pois este momento, será registado somente em áudio, não possibilitando o registo da instrução ao nível desta dimensão.

dos estudos científicos validar os instrumentos torna-se absolutamente fundamental de forma a dar credibilidade aos resultados obtidos através dos mesmos.

O questionário que utilizámos no presente estudo, visa recolher as variáveis cognitivas, ou seja, perceber claramente as expectativas do treinador relativamente à instrução quer na prelecção, quer na competição. Optámos então, validar o questionário, fundamentalmente ao nível dos seguintes tipos de validade (Tuckman, 2000):

- ❑ *Validade de Construção* – verificar se realmente avalia as categorias a que se propõe, e que foram retiradas do sistema de análise escolhido;
- ❑ *Validade de Conteúdo* – se o instrumento mede realmente aquilo que pretende medir;
- ❑ *Validade Preditiva* – a existência de um relacionamento entre a performance do teste e o critério de comportamento correspondente;

Para tais validações, recorremos a um grupo significativo de especialistas (validação por peritagem), os quais confirmaram a existência de correspondência entre os dois instrumentos de medida, isto é, verificaram que as categorias presentes neste questionário apresentam congruência com as existentes no sistema de análise do comportamento de instrução.

Por outro lado, foi solicitado aos especialistas que emitissem opiniões relativas à composição do questionário, à clareza das perguntas e à pertinência das mesmas face à realidade da modalidade, de forma a realizarem-se os ajustamentos necessários. As opiniões transmitidas centraram-se em vários aspectos, tais como:

- ❑ Introdução de categorias e/ou sub-categorias para uma melhor adequação à realidade da modalidade;
- ❑ Utilização de palavras mais claras, de forma a não suscitar dúvidas aos treinadores;
- ❑ Melhoria dos exemplos práticos que ajudam a compreender a pergunta;
- ❑ Melhorar a formatação e apresentação do questionário, de forma a torná-lo mais aprazível e acessível;
- ❑ A maioria dos peritos, referiram que as categorias e as sub-categorias que compõem este questionário apresentam realmente aquilo que se pode analisar na instrução realizada pelos treinadores, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição, com principal destaque para a dimensão “conteúdo”, categorias “táctica” e “psicológico”.

Após esta validação através de peritos, aplicámos o questionário a 8 treinadores diferentes dos que participaram no estudo, mas em situação contextual idêntica, de forma a que os mesmos, transmitissem-nos as dificuldades e/ou dúvidas encontradas no seu preenchimento, de modo a analisar se o instrumento mede realmente as expectativas da instrução do treinador, para que assim se salvasse a clareza e pertinência das perguntas. Após estas opiniões, o questionário foi sujeito a nova reformulação, afim de se construir a versão definitiva.

Para além destas validações, o facto do questionário se sustentar num sistema de observação previamente validado (S.A.I.C. - Pina e Rodrigues, 1993), garante-nos de certa forma a validade preditiva do instrumento.

4.1.7 – Fidelidade do questionário

Um teste (leia-se instrumento) para ter fidelidade significa que tem de ser consistente. Quando utilizamos um determinado instrumento com pouca consistência, este cria distorções de instrumentação, que por sua vez irá afectar significativamente na validade interna do mesmo. Quando o investigador utiliza instrumentos construídos por si mesmo, é absolutamente necessário que se avalie a fidelidade, quer antes, quer durante a investigação (Hill & Hill, 2000; Tuckman, 2000).

Segundo vários autores (Thomas & Nelson, 1996; Hill & Hill, 2000; Tuckman, 2000), a fidelidade pode ser dividida em consistência externa e interna.

No que respeita à consistência externa, devemos referir que o instrumento baseou-se no Sistema de Análise da Informação em Competição (Pina e Rodrigues, 1993), que na sua essência foi composto por 18 categorias e 29 sub-categorias e que já tem sido aplicado em vários estudos científicos (Pina, 1998; Pina & Rodrigues, 1993; Pina & Rodrigues, 1997; Rodrigues & Pina, 1999), apresentando assim, uma garantia de que os dados obtidos a partir do questionário terão fidelidade.

Relativamente à consistência interna, Tuckman (2000) refere que podemos avaliá-la através de vários processos. O mais usual e defendido por mais autores situa-se na Fidelidade por Teste-Retest, onde se aplica o mesmo instrumento, em mais do que uma ocasião, comparando a performance de cada indivíduo, nas diferentes testagens. Ou seja, pretende-se que sejam comparadas as classificações de cada treinador na primeira administração do questionário, com as respectivas classificações da segunda administração, de forma a assegurar um elevado coeficiente de fidelidade.

Quando analisámos o problema que dirige a nossa investigação, percebemos que era impossível realizar um teste-reteste onde as características da sua aplicação se mantivessem inalteráveis, pois em qualquer modalidade e muito mais nos jogos desportivos colectivos, a competição é sempre diferente e como tal, a preparação para a competição também. No entanto, esta situação não impede a análise de um dos principais objectivos do estudo, ou seja, a caracterização de um perfil de instrução dos treinadores de futebol nos momentos anteriormente mencionados. Como vários autores referem que, a fidelidade teste-reteste é a forma mais extraordinária de recolher informação sobre a consistência do teste (questionário), justificando claramente a sua escolha, optámos por solicitar a cinco treinadores (não pertencentes à amostra do estudo) a realização do questionário em dois momentos diferentes (intervalo de uma semana) onde cada treinador supostamente se prepara para uma determinada competição. Esta situação, embora deslocada da realidade devido às dificuldades explicadas anteriormente, irá possibilitar uma maior garantia de fidelidade do questionário. Para comparar os dois momentos de aplicação do questionário (teste-reteste), foi utilizado a fórmula do Índice de Bellack (Siedentop, 1983).

Quadro 8 – Fidelidade teste-reteste, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983)

$$\% \text{ Acordo} = \frac{\text{N}^\circ \text{ Acordos}}{\text{N}^\circ \text{ Acordos} + \text{N}^\circ \text{ Desacordos}} \times 100$$

A aplicação desta fórmula permitiu-nos obter uma média de 80% de acordos. Sendo assim, e tendo em consideração a elevada imprevisibilidade da competição, parece-nos que este valor é bastante positivo, ou seja, o questionário apresenta uma fidelidade consideravelmente elevada.

Também optámos por verificar a estabilidade da resposta dentro do mesmo questionário respondido por cada treinador, isto é, construímos um questionário de experimentação, onde foram colocadas um conjunto de perguntas com o mesmo conteúdo afim de verificar se o treinador responde da mesma forma em dois momentos distintos dentro do mesmo questionário. Este processo foi efectuado a cinco treinadores, que não pertencem à amostra do estudo e que não realizaram a fidelidade teste-reteste. Optámos por realizar estes dois testes, de forma a garantirmos com maior precisão e segurança a fidelidade do questionário construído especificamente para o nosso estudo.

Na testagem da estabilidade de resposta, pretende-se garantir de que o treinador num dado momento do questionário responde (interpreta) à pergunta, da mesma forma que o fez anteriormente, não variando a sua resposta de forma significativa. Apresentamos no quadro 6, os resultados relativos a este processo de testagem da fidelidade.

Quadro 9 – Wilcoxon Test, Fidelidade do Questionário – Estabilidade da resposta

Perguntas	Fidelidade do Questionário – Estabilidade da Resposta			
	Prelecção		Competição	
	z	Sig.	z	Sig.
25 – 2	-1,342	0,180	0000	0,458
21e) – 5	-1,414	0,157	-1,414	1,000
21b) – 12	0,000	1,000	-0,816	0,157
20c) – 13	-0,577	0,564	-0,577	0,564
19 – 23	-0,447	0,655	-1,342	0,564
7 – 24	-0,378	0,705	-1,134	0,180
4 – 27	-0,816	0,414	-1,000	0,257
11 – 28			-0,7430	0,310

Verificamos através do quadro que, existe uma elevada estabilidade na resposta, quer ao nível da prelecção, quer ao nível da competição, pois os valores de significância ao estarem bem afastados de 0.05, demonstram claramente que não existem diferenças significativas entre as duas respostas à mesma pergunta realizada em diferentes momentos durante a aplicação do questionário. Queremos assim demonstrar que a estabilidade da resposta dos treinadores face a este questionário é elevada, permitindo assim uma recolha de dados com intensa fiabilidade.

4.2 – Sistema de Análise da Informação em Competição – S.A.I.C.

4.2.1 – Definição do sistema de observação

A Instrução é o acto ou efeito de instruir. É o conjunto de ordens ou indicações dadas a alguém sobre um determinado assunto. Interpretando este conceito ao nível do contexto específico que nos envolve, a instrução é uma técnica de intervenção pedagógica que visa *comunicar uma informação*, corrigir, avaliar positiva ou negativamente, demonstrar ou questionar o atleta de um determinado aspecto. É uma técnica que o treinador recorre com enorme frequência durante o treino e também na competição, através da linguagem verbal e não verbal.

Relativamente ao instrumento utilizado para recolher os dados relativos às variáveis comportamentais, pretendíamos encontrar um sistema que analisasse aprofundadamente a instrução do treinador de futebol durante a competição. No entanto, não encontrámos um sistema que correspondesse totalmente aos nossos objectivos, pois cada um deles apresenta especificidades inerentes à modalidade em que foi aplicado. Como tal, considerámos por bem, construir um sistema de análise da instrução baseado fundamentalmente no S.A.I.C. (*Sistema de Análise da Informação em Competição – Pina e Rodrigues, 1993*), complementando em alguns aspectos com o sistema de análise da informação verbal do treinador de Voleibol em competição utilizado por Moreno (2001) e o sistema de observação utilizado por Dias, Sarmento e Rodrigues (1994) num estudo efectuado com treinadores de rãguebi.

Tal como referimos anteriormente, o S.A.I.C. é um sistema que pretende codificar todos os episódios de informação que o treinador realiza durante a competição. Como o nosso estudo integra não só a competição (e os seus diferentes sub-momentos) como também a prelecção que visa a preparação para a mesma, utilizámos o mesmo sistema para analisar os dois momentos, pois só assim poderíamos atingir um dos objectivos fundamentais deste trabalho, que consiste na análise relacional entre a prelecção e a competição ao nível do aporte de informação.

Para uma maior consistência dos dados recolhidos, foi realizado um registo de duração, analisando-se assim todas as unidades de informação de todos os treinadores nas doze prelecções de preparação para a competição e nas doze competições. Importa também clarificar que, pretendeu-se tão somente categorizar o aporte de informação, ou seja, o conjunto de ordens, conhecimentos ou indicações, transmitidas pelo treinador aos seus jogadores. Todo e qualquer outro tipo de informação transmitida pelo treinador não foi sujeita a categorização (ex. informação transmitida a outras pessoas envolvidas no processo, tais como o treinador-adjunto, directores, árbitros, etc.).

A aplicação deste sistema à prelecção de preparação da competição, requer pequenos ajustamentos em algumas categorias e/ou sub-categorias, que serão referenciados durante a descrição do mesmo.

4.2.2 – Definição das Dimensões e Categorias

Este sistema foi aplicado à prelecção e à competição. Com base na bibliografia pesquisada relativamente à competição, decidimos metodologicamente dividi-la em vários momentos, pois estes apresentam características distintas, tal como foi

estudado por Pina & Rodrigues (1997). Preocupámo-nos então, em estudar a competição ramificada em três momentos: antes do jogo, durante o jogo e no intervalo do jogo. Relativamente à análise da literatura, salientamos que não iremos considerar o momento “depois do jogo”, devido à sua pouca expressividade e enquadraremos as “substituições” dentro da instrução “durante o jogo”, pois no futebol esta situação ocorre poucas vezes ou mesmo nenhuma, não nos parecendo necessário ramificar em mais um momento.

- ❑ **Antes do jogo** – Corresponde aos últimos minutos que antecedem o início do jogo, mais propriamente, após o aquecimento até ao apito do árbitro para iniciar o jogo (tempo este maioritariamente passado dentro do balneário).
- ❑ **Durante o jogo** – Desde o apito do árbitro para iniciar o jogo até ao final do mesmo, exceptuando o intervalo.
- ❑ **Intervalo do jogo** – Desde o momento em que o árbitro apita para o final da 1ª parte, até ao início da segunda.

O sistema adoptado é composto por quatro dimensões (Objectivo, Forma, Direcção e Conteúdo), desdobradas em 22 categorias e 27 sub-categorias.

1 - OBJECTIVO

O treinador nesta dimensão procura transmitir informações ao(s) atleta(s) sobre a sua prestação. É composta pelas seguintes categorias:

- ❑ **Avaliação Positiva (AV+)** – O treinador fornece uma estimacção qualitativa da execucao do(s) atleta(s) sem emitir qualquer informacção especifica. A avaliacao assume um caracter aprovativo (AV+), como por exemplo “É isso mesmo”, “Bem jogado”, “Eles sabem jogar”, “Isso, isso”.
- ❑ **Avaliação Negativa (AV-)** – O treinador fornece uma estimacção qualitativa da execucao do(s) atleta(s) sem emitir qualquer informacção especifica. A avaliacao assume um caracter desaprovativo (AV-), como por exemplo “Não gostei daquilo que fizeste”, “Estás a inventar”, “Não, não é isso”.
- ❑ **Descrição (DES)** – O treinador descreve o gesto, a accao, comportamentos ou uma determinada situacao efectuada pelo(s) atleta(s), na totalidade ou em parte. Utiliza-se habitualmente os verbos no presente ou no passado, descrevendo-se comportamentos individuais ou colectivos, situacoes momentaneas de jogo e caracteristicas que se verificam no adversario, como por exemplo “colocares o pé dessa forma é correcto”, “Estás sozinho”, “Eles jogam nos limites”, “Sofremos o golo

e caímos”, “Eles com espaço nas costas são vulneráveis”, “Aquele jogador é rápido”.

- **Prescrição (PRE)** – O treinador fornece indicações que o(s) atleta(s) deverá respeitar em futuras execuções e/ou situações, propondo um comportamento cada vez mais eficaz, mesmo que estas indicações não tenham por base comportamentos individuais ou colectivos ocorridos no passado, como por exemplo “O passe longo deverá ser realizado da seguinte forma ...”, “Vamos equipa”, “Vai Zé”, “Sobe, João”, “Atenção, Luís”, “Ganha, Nuno”, “Recupera a posição”, “Calma, Zé”, “João, pressiona”, “Marca esse jogador”, “Não faz falta”.
- **Interrogação (INT)** – O treinador coloca questões ao(s) jogador(es) sobre a sua execução, ou sobre uma determinada situação momentânea do jogo, levando-o a reflectir sobre o erro, como por exemplo “achas que realizaste bem o passe?”, ou questiona o(s) atleta(s) sobre a forma como o mesmo deverá realizar determinada acção ou tarefa, como por exemplo “Como é que devemos realizar o passe?” “Quem é que desmarca?”, “Quem marca esse jogador?”.
- **Afectividade Positiva (AF+)** – O treinador informa relativamente à prestação do jogador(es) ou à futura prestação, transmitindo uma informação claramente positiva, incentivando-o (AF+), como por exemplo “Boa, João”, “És bom jogador, vais conseguir ser eficaz”, “Bom jogo”, “Boa sorte” e “Muito bem, Zé, muito bem”. Estas informações são muito frequentemente acompanhadas de gestos de afectividade positiva.
- **Afectividade Negativa (AF-)** – O treinador reage à prestação do jogador(es) ou à futura prestação, transmitindo uma informação claramente negativa, criticando-o (AF-), como por exemplo “Está mal”, “Não conseguirás executar bem o remate”, “Essa atitude não presta” e “Tu inventas e a equipa é que perde”.

2 – FORMA

- **Auditiva (AU)** – O treinador transmite a informação de forma exclusivamente auditiva.
- **Visual (VIS)** – O treinador transmite a informação de forma exclusivamente visual, ou seja, utilizando somente linguagem gestual.

- **Auditivo-Visual (AU-VIS)** – O treinador aporta a informação de forma auditiva juntamente com uma forma visual.

○ **Adaptação do S.A.I.C. ao contexto da Prelecção de Preparação para a Competição**

Na análise à informação transmitida pelo treinador durante a prelecção, a *Dimensão Forma* não fez parte do sistema, visto que se realizou somente a gravação da voz, impedindo-nos de conhecer a forma como o treinador instrui os seus atletas. Esta situação deve-se ao facto de ser muito importante para nós, uma elevada validade na recolha dos dados, tentando não interferir no comportamento do treinador, preferindo ter somente a gravação de voz, evitando assim a invasão do espaço de realização da prelecção com a presença de uma câmara de filmar.

3 – DIRECÇÃO

- **Atleta (ATL)** – O treinador dirige a informação a um só atleta.
- **Atleta Suplente (AS)** – O treinador dirige a informação para o jogador que é suplente ou para o jogador que é substituído (o jogador que é substituído, após a substituição ser consumada, passa a ser considerado jogador suplente).
- **Grupo (GRU)** – O treinador emite informação a um grupo de atletas, inferior à totalidade da equipa, como por exemplo “*Atenção ao centrais que devem marcar mais perto...*”, “*João e Nuno (avançados) mais mobilidade*”, “*Subam defesas*”.

Esta categoria divide-se em quatro sub-categorias :

- † **Grupo de Defesas (GD)** – O treinador dirige a informação para os atletas que jogam predominantemente no sector defensivo, ou seja, os jogadores que compõem a linha defensiva mais perto da baliza (3 a 5 jogadores), juntamente com o Guarda-Redes.
- † **Grupo de Médios (GM)** – O treinador dirige a informação para os atletas que jogam predominantemente no sector médio, ou seja, os jogadores que compõem a linha intermédia do terreno de jogo (2 a 5 jogadores).
- † **Grupo de Avançados (GA)** – O treinador dirige a informação para os atletas que jogam predominantemente no sector ofensivo, ou seja, os jogadores que compõem a linha mais avançada no terreno de jogo (1 a 4 jogadores).

† **Grupo de Suplentes (GS)** – O treinador dirige a informação para os jogadores que são suplentes e/ou que se encontram no banco de suplentes.

- **Equipa (EQ)** – O treinador dirige a informação à equipa, como por exemplo “*todos têm de pressionar a equipa adversária...*”, “*Sobe equipa*”, “*Junta a equipa toda*”.

4 – CONTEÚDO

Esta dimensão é claramente aquela que necessitou de maiores adaptações à especificidade do futebol. Sendo assim, a dimensão conteúdo é composta por 8 categorias e 23 sub-categorias, sendo estas definidas a partir de um conjunto de autores especialistas da modalidade (Castelo, 1994 e 1996; Queiroz, 1983; Teodorescu, 1984; Wrzos, 1984), tentando que a terminologia adoptada seja o mais consensual, quer ao nível científico, quer ao nível dos treinadores de futebol.

- **Técnica (TEC)** – O treinador refere-se aos elementos técnicos realizados pelo jogador, como por exemplo “*Recebe bem a bola...*”, “*Marca bem*”.

Esta categoria divide-se nas seguintes sub-categorias :

- └ **Técnicas Ofensivas (TEOF)** – O treinador emite informações sobre a forma mais correcta de executar acções técnicas ofensivas, tais como: passe, recepção, condução, protecção, drible/finta/simulação, lançamento de linha lateral, cabeceamento, remate e técnica de guarda-redes. Exemplos: “*Segura a bola*”, “*Passe tenso*”, “*Passa bem a bola*”.

- └ **Técnicas Defensivas (TEDEF)** – O treinador emite informações sobre a forma mais correcta de executar acções técnicas defensivas (marcação, desarme, interceptação, carga, técnica de guarda-redes). Exemplos: “*Não faz falta a desarmar*”, “*Encosta bem no teu adversário*”.

- **Táctica (TAT)** – O treinador refere-se aos elementos tácticos individuais ou colectivos, como por exemplo “*Vamos jogar mais colectivamente, utilizando muitas tabelinhas*”, “*Vamos jogar para a frente, no sentido da baliza*”, “*Junta a equipa*”, “*Sobe equipa*”.

Esta categoria divide-se nas seguintes sub-categorias :

- └ **1 Táctica de Sistema de Jogo (TASJ)** – O treinador emite informações sobre o sistema de jogo, ou seja, o modo de colocação dos jogadores sobre o terreno de

jogo, quer defensiva, quer ofensivamente, como por exemplo *“Recupera a tua posição”, “Vais jogar a lateral direito”, “Jogamos com 3 médios”*.

1 **Táctica de Métodos de Jogo (TAMJ)** – O treinador transmite mensagem acerca do Método de Jogo, ou seja, relativa à forma geral de organização das acções individuais e colectivas dos jogadores tanto no ataque como na defesa, em resposta às diferentes situações momentâneas do jogo. Mais concretamente, os episódios de informação desta sub-categoria apontam para a organização dinâmica da equipa, com vista à criação de condições mais vantajosas, de forma a concretizar os objectivos do ataque (progressão/finalização/manutenção da posse de bola) e da defesa (recuperação da posse de bola/protecção da baliza), como por exemplo, *“Primeiro defender bem e depois atacar melhor”, “Mantenham a posse de bola”, “vem buscar dentro”, “tirem-lhes a bola e queiram ter a bola”*.

Para além de enquadrarmos nesta sub-categoria, informações relativas aos objectivos do ataque e da defesa, podemos também situar outras instruções, tais como:

- ❖ Tipos de métodos ofensivos (Ataque Posicional, Ataque Rápido e Contra-Ataque), como por exemplo, *“Circula a bola com segurança”, “Arrisca o ataque rápido”*.
- ❖ Tipos de métodos defensivos (Defesa Individual, Defesa à Zona, Defesa Mista e Defesa Zona Pressionante), como por exemplo, *“Pressiona, João”, “Iniciamos a pressão à saída da área”*.
- ❖ Ocupação racional do espaço de jogo, ou seja, informações relativas à colocação dos jogadores em determinados espaços que favoreçam os objectivos do ataque ou da defesa, como por exemplo, *“João, mete-te à frente dele”, “Quem é que aparece nas costas da defesa”, “Olha aí, o meio está sozinho, ocupa esse espaço, Nuno”*

Agregado aos vários métodos de jogo (ofensivos e defensivos), surgirão muitos episódios de informação relativos a diferentes aspectos fundamentais para o sucesso dos métodos, tais como: Jogo Directo vs Jogo Indirecto (*“Não fazer jogo tão directo”* ou *“É isso, mas mais directo para a baliza, para o golo”*); Equilíbrio defensivo ou ofensivo (*“Fica, Zé, fica para equilibrares”, “Quero a equipa sempre equilibrada”*); Largura e Profundidade (*“Sobe, Nuno”, “Abre na lateral, Nuno”, “Puxa o adversário”*); Recuperação Defensiva (*“Tens de recuperar mais rapidamente”, “Tens de recolher atrás da linha da bola”*); Concentração

Defensiva (*“Junta equipa, junta”, “Reduz o espaço, João”, “Fecha dentro Zé”*); Organização e articulação da última linha defensiva (*“Defendam em linha”, “Tem de existir sempre um libero”*).

1 **Táctica dos Esquemas Tácticos (TAET)** – O treinador emite informações relativas à realização dos esquemas tácticos, no plano ofensivo ou defensivo. Ou seja, instruções dirigidas para as soluções estereotipadas e previamente treinadas para as situações de bola parada, tais como, os livres directos ou indirectos, pontapés de canto, lançamentos de linha lateral e grandes penalidades. Como tal, o treinador irá preocupar-se em transmitir informações centradas em acções individuais e colectivas que visem a maior eficácia ao nível da concretização do golo (processo ofensivo) ou ao nível da recuperação da bola, protegendo-se fundamentalmente a baliza (processo defensivo).

Relativamente ao processo ofensivo (Esquemas Tácticos Ofensivos), poderemos encontrar episódios de informação relativos ao jogador que executa (ex: *“João, bate tu, bate o canto”, “Zé, bate para o 2º poste”*), aos jogadores que participam directamente nos esquemas tácticos (ex: *“Coloca-te fora da área”, “Sai desse espaço João, sai desse espaço”, “Zé vai ao canto”*), e aos jogadores não envolvidos directamente que se preocupam com a marcação de adversários e cobertura de espaços vitais (ex: *“Nuno, fica”, “João, marca aqui atrás”*)

Relativamente ao processo defensivo (Esquemas Tácticos Defensivos), o treinador poderá instruir acerca da formação de barreiras (ex: *“Nuno, junta à barreira”, “Faz a barreira rapidamente”*), da colocação específica de alguns jogadores envolvidos directamente nos esquemas tácticos (ex: *“Mete-te no 2º poste”, “fica sem marcar na pequena-área”, “sai ao canto curto”*), das marcações individuais aos adversários (ex: *“Encostem nos adversários”, “Marca, marca”*), e dos jogadores não envolvidos directamente que se preocupam com a ocupação de espaços vitais que favoreçam a próxima situação de ataque após a recuperação da bola, ou seja, jogadores em equilíbrio ofensivo (*“Deixa, Zé, não vás ao canto”, “Zé, prepara-te para o contra-ataque”*).

1 **Táctica dos Princípios do Jogo (TAPJ)** – O treinador emite informação relativa aos princípios específicos do jogo ofensivos ou defensivos. Mais concretamente, consideramos como Princípios Específicos Ofensivos, a Progressão/Penetração (ex: *“Leva, João, leva para a baliza”, “deixa correr a bola para a frente”*), a Cobertura Ofensiva (ex: *“Nuno, dá opção atrás”, “quero sempre um jogador a*

apoiar o portador da bola”) e a Mobilidade (ex: “movimenta na frente, João”, “mais mobilidade”). No que concerne aos Princípios Específicos Defensivos, consideramos a Contenção (ex: “reduz a velocidade, Zé”, “não entra à queima”), a Cobertura Defensiva (“Quem faz a cobertura?”) e o Equilíbrio (ex: “Para além da cobertura, temos de ter um 3º defesa, para ganharmos a bola”).

1 Táctica de Funções/missões específicas do jogo (TAFUNC) – O treinador transmite mensagem relativa a funções/missões específicas de um ou mais jogadores, quer no plano defensivo, quer no plano ofensivo. Estas funções/missões são sustentadas pelo conjunto de atitudes e de comportamentos técnico-tácticos gerais e específicos de cada jogador inerente à sua posição pré-estabelecida dentro do sistema de jogo. No fundo, o treinador emite informações claramente específicas a um ou mais jogadores, que funcionam como missão a cumprir numa determinada posição e local de jogo, como por exemplo “Fechas sempre dentro”, “O João marca um e o Zé marca sempre o outro”, “Sobe o lateral direito, fica o lateral esquerdo”, “Se forem os 2 avançados e os 3 médios, é preciso que um avançado equilibre no ½ campo”, “Tens de ter sempre cuidado com a movimentação do nº 10”.

1 Táctica das Combinações (TACOMB) – Dentro desta sub-categoria podemos enquadrar não só os episódios de informação relativos às combinações tácticas ofensivas simples, directas ou indirectas (ex: “façam mais tabelinhas”), como também qualquer tipo de informação que solicite ao portador da bola a combinação com outro(s) colega(s) ou vice-versa, como por exemplo, “Tens o João”, “Dá no Carlos”, “O Nuno está a aparecer”, “Joga nele, João, joga” ou “Olha o João, Olha o João”; “Zé, pede a bola, pede”, “Pede na frente”, “Vem jogar com ele, Carlos”.

1 Táctica de Eficácia Geral (TAEG) – O treinador emite indicações gerais relativas à eficácia táctica (ex: “Bem jogado”, “Joga fácil”, “Fizeste um bom jogo”, “procurem jogar sempre bem”, “quando fazemos as coisas bem somos muito fortes”). Também enquadramos nesta sub-categoria, informações relativas à estratégia geral da equipa, ou seja, às modificações pontuais e temporárias da expressão táctica da equipa em função das características da equipa adversária e das condições objectivas da competição (condições do terreno de jogo, condições climatéricas, etc), como por exemplo, “O terreno está péssimo, temos de ser práticos”, “Joga pelo chão que eles ganham tudo pelo ar”. Por último, enquadrar-se-á também episódios informacionais relativos à classificação da

própria equipa ou ao aproveitamento de determinados contextos tácticos, com vista à criação de situações e condições de jogo que evidenciem as carências da equipa adversária, como por exemplo *“Estamos bem classificados”, “Provoquem o 2º amarelo ao nº 8”, “Procurem arranjar faltas perto da área”, “não façam faltas, pois eles tiram muita vantagem”*.

- **Psicológico (PSI)** – O treinador refere medidas gerais e especiais que têm por fim desenvolver aspectos do foro psico-emocional do jogador ou da equipa, como por exemplo *“temos de ser mais agressivos”*.

Esta categoria divide-se nas seguintes sub-categorias :

- ψ **Psicológico Ritmo de Jogo (PRI)** – O treinador faz referência a aspectos relativos ao aumento, manutenção ou diminuição da intensidade do jogo, como por exemplo, *“Acelerem isto, que isto está muito lento”, “Temos de pedalar muito neste jogo”, “Estamos à espera do quê, mais depressa a por a bola em jogo”, “Não deixem baixar o ritmo de jogo”*.
- ψ **Psicológico Confiança (PC)** – O treinador tenta transmitir confiança aos seus jogadores, como por exemplo *“Confiança, vais fazer golo”, “Vais conseguir”, “Boa sorte”, “Tenham um bom jogo”, “Que corra tudo bem”, “Não tenham medo de falhar”*.
- ψ **Psicológico Pressão Eficácia (PPE)** – O treinador pressiona os seus jogadores no sentido de uma maior eficácia de jogo. Ou seja, o treinador emite indicações no sentido de motivar e de incentivar os atletas para uma cada vez maior eficácia de jogo em qualquer situação momentânea do jogo, como por exemplo, *“Vai João, vai João”, “Vamos equipa”, “Ganha Nuno, ganha”, “Ajuda Carlos, ajuda”, “Não facilita, João”, “Temos de manter a mesma vontade”, “Não vamos dar hipóteses”, “Vamos para cima do adversário, ninguém nos vai parar”*. Devemos também considerar dentro desta sub-categoria, informações relativas à humildade, personalidade, inteligência, positividade e respeito, como por exemplo *“Joguem com inteligência”, “Têm de ter personalidade”, “Interessa é ganhar”, “Vamos comunicar positivamente para ganhar”, “Há que respeitar o adversário”, “Isto é um jogo muito importante”*.
- ψ **Psicológico Atenção (PAT)** – O treinador solicita aos seus jogadores ou à equipa, mais atenção a um determinado aspecto do jogo, como por exemplo *“Atenção, João”, “Pedro, toma atenção aos cruzamentos”*.

- ψ **Psicológico Concentração (PCO)** – O treinador pede aos seus jogadores ou à equipa que se concentrem em determinados aspectos do jogo (tarefas, fases, acções, etc.), como por exemplo *“Quando se facilita acabas por te desconcentrar”, “Máxima concentração desde o 1º minuto”*.
- ψ **Psicológico Pressão Combatividade (PPC)** – O treinador solicita aos seus jogadores ou à equipa, maior nível de combatividade no jogo, como por exemplo, *“Quero uma atitude muito forte”, “A mesma atitude de sempre”, “Carlos, tens de ganhar decidido”, “Viste, ganhaste porque foste com tudo”, “Dá tudo o que tens”*.
- ψ **Psicológico Resistência às Adversidades (PRA)** – O treinador emite informações no sentido dos jogadores ou da equipa resistirem às adversidades que ocorrem em jogo, tais como, faltas agressivas dos adversários, golos sofridos, muito golos falhados, perdas de bolas em locais perigosos, lesão grave de um colega, má arbitragem, etc. (ex: *“Calma João”, “Levaste pancada, não podes responder”, “Não podemos desequilibrar caso não haja golo”, “Não podemos entrar em loucuras”, “Temos de saber dar a volta, “Mais tranquilidade”, “não baixem a cabeça”*.
- ψ **Psicológico Responsabilidade (PRE)** – O treinador apela não só à responsabilidade colectiva que a equipa deverá ter no jogo (ex: *“Todos sabem que este jogo é muito difícil”, “Temos 90’ para ganhar o jogo”, “Temos de assumir a responsabilidade”*), como também, à responsabilidade individual que os jogadores deverão ter em todas as situações momentâneas de jogo, mais concretamente na exigência de comportamentos individuais adequados, com vista à eficácia do colectivo, como por exemplo, *“Estás a inventar”, “Foi isso que eu te disse para fazeres?”, “fizeste aquilo e depois não queres sair”, “São vocês que resolvem dentro do campo”*.
- **Físico (FIS)** – O treinador fornece informação relativa às qualidades motoras específicas dos atletas, como por exemplo *“tens de rematar com mais força”, “tens de reagir mais rapidamente”*.

Esta categoria divide-se nas seguintes sub-categorias :

- Υ **Físico Resistência (FRES)** – O treinador centra a sua mensagem na qualidade motora da resistência, como por exemplo, *“Tens de continuar a resistir a este esforço”*.

- Y **Físico Velocidade de Execução (FVEX)** – O treinador centra a sua informação sobre a velocidade de execução do jogador numa determinada acção/tarefa, como por exemplo, *“Mais rápido a jogar, Nuno”, “Joguem rápido”*.
- Y **Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES)** – O treinador centra a sua informação sobre a velocidade de deslocamento do jogador numa determinado movimento, como por exemplo, *“João, Rápido, mais rápido João”*.
- Y **Físico Velocidade de Reacção (FVREA)** – O treinador emite informação relativa à velocidade com que o jogador reage a um determinado estímulo conhecido ou desconhecido (ex: *“tens de reagir mais rapidamente”*)
- Y **Físico Força (FFO)** – O treinador centra a informação na qualidade motora da força (ex: *“tens de rematar com mais força”*).
- Y **Físico Aquecimento (FAQ)** – O treinador emite informação com o fim do jogador(es) realizar o aquecimento, como por exemplo *“João vai aquecer”, “Pedro, aquece mais rápido”, “Aquece melhor”*.
- **Equipa Adversária (EQ ADV)** – O treinador emite informação com conteúdo relativo à equipa adversária ou a um jogador adversário, como por exemplo, *“Viste que eles fizeram logo contra-ataque”, “O nº 10 é muito rápido”, “Repara bem nos médios mais ofensivos”, “Aquele central está só”, “Eles sabem jogar”*.
- **Equipa de Arbitragem (EQ ARB)** – O treinador centra a mensagem acerca da equipa de arbitragem (árbitro principal ou árbitros auxiliares), mais concretamente, emite informações relativas a determinadas acções executadas pela equipa de arbitragem ou apela à comunicação entre o jogador e o árbitro, como por exemplo, *“Estavas sujeito a levar um cartão vermelho”, “Não leva cartão, Pedro”, “Pergunta onde é, pergunta ao árbitro”*.
- **Sem Conteúdo (S/C)** – O treinador transmite informação ao jogador, não contendo algum tipo de conteúdo. No entanto, será necessário referir mais concretamente que, nesta categoria irão ser enquadradas informações que embora tenham o objectivo de informar o jogador do sucesso ou insucesso da acção que realizou, não apresentam conteúdo sobre o que realmente aconteceu (ex: *“Bem, Miguel”, “Muito bem, João”, “Boa, Paulo”, “Está bem, Jorge”, “Isso, isso”*); frases que por si só não chegam para decifrar o seu conteúdo (ex: *Se calhar são os argumentos que temos de utilizar”, “Procurem fazê-lo”, “Já fizemos isso”, “Estás a perceber não*

estás”); gestos utilizados com o sentido de valorizar ou criticar mas sem conteúdo informativo (ex: *palmas, polegar levantado em sinal de apoio, gestos para sair de um determinado local*); questões colocadas aos atletas sobre diversas situações, mas que não apresentam conteúdo (ex: *“queres sair?”*, *“Carlos, sentiste alguma coisa?”*); e outros episódios de informação que não apresentam conteúdo inerente a nenhuma categoria anterior e que continuam a não ter informação significativa.

- **Indeterminado (IND)** – Não se percebe o que o treinador transmite aos seus atletas, sendo habitualmente situações em que o treinador realiza gestos que não são perceptíveis e em que ocorrem quebras de som.

❖ PROTOCOLO DE CODIFICAÇÃO

Embora todas as categorias apresentadas tenham sido descritas pormenorizadamente, para que possamos categorizar todo o tipo de informação transmitida pelo treinador durante a prelecção e a competição, existem sempre algumas indicações muito dificilmente enquadradas nas categorias e sub-categorias definidas pelo sistema. Como tal, é necessário criar um protocolo de codificação para essas mesmas informações, para que não existam dúvidas quanto à sua categorização da parte do investigador.

Dimensão Objectivo – Categoria Prescritivo

Todo e qualquer tipo de *informações não verbais (gestos)* efectuados pelo treinador com vista a futuras execuções e/ou situações, propondo um determinado comportamento, mesmo que não se consiga detectar qual o seu conteúdo, deverá ser categorizado com o Objectivo Prescritivo.

Dimensão Conteúdo – Categoria Tática – Sub-categoria Métodos de Jogo

Para além de tudo o que já se definiu para esta sub-categoria, irão pertencer-lhe também, as informações relativas à situação específica em que um determinado jogador se encontra, como por exemplo, *“Só, só, estás só”*, *“Estás muito longe”*, *“Estás em fora-de-jogo”*, *“É tua”*.

Dimensão Conteúdo – Categoria Tático – Sub-categoria Eficácia Geral

Informações transmitidas pelo treinador, apelando ao(s) jogador(es) para uma determinada acção relativa ao prosseguimento ou não do jogo, como por exemplo, *“Deita a bola fora (devido a lesão de colega ou adversário)”*, *“Deixa a bola, João (largar a bola para o adversário ou o colega prosseguir o jogo)”*, *“Carlos, fica no chão”*, *“Carlos, levanta-te”*, *“Nuno, fica mais para trás (para não deixar que o jogo prossiga logo após o golo marcado, quando ainda se está a festejar o golo)”*.

Dimensão Conteúdo – Categoria Psicológico – Sub-categoria Ritmo de Jogo e Resistência às Adversidades

Quando o treinador transmite a palavra “*Calma*” poderá existir a dúvida se enquadrámos na sub-categoria Ritmo de Jogo ou Resistência às Adversidades. Como tal, define-se neste protocolo de codificação que, se a informação pretende levar o jogador a baixar o ritmo de jogo (ex: demorar mais tempo a marcar o lançamento de linha lateral ou o pontapé de baliza) deve ser categorizada ao nível do Ritmo de Jogo. Caso esta mesma informação pretenda fazer com que o jogador tenha mais calma nos seus comportamentos, resistindo assim a alguma ocorrência, então deveremos categorizá-la na Resistência às Adversidades.

Dimensão Conteúdo – Categoria Físico – Sub-categoria Aquecimento

Qualquer informação verbal ou não verbal, efectuada no sentido do jogador terminar ou alterar o aquecimento enquadra-se nesta categoria, como por exemplo “*Jorge, anda cá*”, “*gestos para o jogador aquecer mais intensamente*”.

4.2.3 – Registo das observações

Foi utilizado o método de registo de ocorrências (event recording), em que registámos todas as unidades de informação transmitidas pelo treinador aos seus atletas, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição. Qualquer unidade de informação observada, depois de definidas as categorias e as sub-categorias, foi registada através de um registo cumulativo, produzindo-se um resultado numérico (valor absoluto) em cada categoria e sub-categoria, efectuando-se a passagem para um valor de frequência (%) face ao total de ocorrências. Optámos por realizar o registo de ocorrências durante todo o tempo que ocorreu a prelecção de preparação para a competição e a competição, de forma a obter uma maior fiabilidade da realidade, embora por vezes esta situação significasse uma análise de elevado desgaste, pois correspondeu em média à codificação de 140 minutos e 620 unidades de informação por treinador. No entanto, acreditamos que este esforço é importante para uma maior credibilidade dos dados, representando com maior rigor a realidade do nosso objecto de estudo.

4.2.4 – Validade do sistema

Tal como Rodrigues (1995), para a validação do sistema, considerámos quatro tipos de validade:

- *Validade Aparente* – Pretende-se que o sistema meça aquilo que realmente pretende medir. Esta validade tem sido uma constante preocupação dos

autores que a têm utilizado, realizando-se alguns ajustes e adaptações, tornando-o cada vez mais consistente e específico a cada modalidade.

- *Validade Concorrente* – Pretende-se que este sistema seja comparado com outros já validados. Poderemos referir que o C.O.S.G. (Coaches Observation System for Games) desenvolvido por Trudel, Coté e Bernard (1996), citado por Moreno (2001), C.C.A.S. (Computerized Coaching Analysis System) criado por Franks, Jonhson e Sinclair (1988), LOCOBAS (Lombardo Coaching Behavior Analysis System) criado por Lombardo, Faraone e Pothier (1982) e A.S.U.O.I. (Arizona State University Observation Instrument) desenvolvido por Lacy e Darst (1984) são sistemas que atribuem validade concorrencial ao S.A.I.C..
- *Validade de Construção* – Este tipo de validade demonstra-se através do relacionamento entre os diferentes conceitos com determinados comportamentos, estando o primeiro subjacente ao segundo (Tuckman, 2000). Ao considerar-se que as categorias do sistema constituem uma amostra do que se pretende observar, garantimos a validade de construção. As categorias e sub-categorias que se mantiveram do sistema original estão previamente validadas pelos vários estudos que têm vindo a utilizar este sistema e principalmente pelos seus autores (Pina e Rodrigues, 1993). As categorias e sub-categorias introduzidas por nós, para uma adaptação à modalidade de futebol, encontram-se devidamente definidas, apresentando um claro relacionamento entre esses mesmos conceitos e os comportamentos a eles associados. Esta conceptualização é sustentada por um conjunto de autores de referência ligados aos desportos colectivos e mais especificamente à modalidade de futebol (Castelo, 1994 e 1996; Garganta, 1996; Queiroz, 1983; Teodorescu, 1984; Wrzos, 1984).
- *Validade de Conteúdo* – A construção de um sistema requer a selecção ou amostragem de situações, deduzidas a partir do conjunto total (Tuckman, 2000). Como tal, o objectivo, a forma, a direcção e o conteúdo da instrução são as diferentes categorias que possibilitam analisar aprofundadamente a actividade pedagógica do treinador ao nível da mesma.

Importa ainda referir, que o sistema de observação utilizado (S.A.I.C.) foi construído com base em outros sistemas devidamente validados e muito utilizados em diferentes estudos no âmbito da Pedagogia do Desporto. Tendo este sistema sido anteriormente utilizado noutros estudos (Pina e Rodrigues, 1993 e 1997), em artigos publicados em revistas técnicas e científicas e igualmente citado em Moreno (2001) como um dos

principais sistemas de análise do treinador encontrado na literatura, concluímos que a validade do mesmo encontrar-se-á assegurada.

4.2.5 – Fidelidade do sistema

Um teste (leia-se instrumento) para ter fidelidade significa que tem de ser consistente. Quando utilizamos um determinado instrumento com pouca consistência, este cria distorções de instrumentação, que por sua vez irá afectar significativamente na validade interna do mesmo. Quando o investigador utiliza instrumentos construídos por si mesmo, é absolutamente necessário que se avalie a fidelidade, quer antes, quer durante a investigação (Hill & Hill, 2000; Tuckman, 2000). Para se garantir a fidelidade na observação é necessário estudar a fidelidade intra-observador e inter-observador.

• Fidelidade intra-observador

O facto de existirem observações pelo mesmo observador em momentos diferentes, poderá levar a que os mesmos comportamentos sejam codificados de forma diferente. É por isso mesmo, necessário garantir que tal não aconteça através de uma análise de codificações segundo o Índice de Bellack (Siedentop, 1983), o qual se aplica ao registo de ocorrências. A fidelidade deverá ser garantida através da realização de duas codificações, pelo mesmo observador da mesma prelecção e competição, com um intervalo entre codificação de sete dias.

Quadro 10 – Fidelidade Intra-Observador, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983)

$$\% \text{ Acordo} = \text{Valor mínimo} / \text{Valor máximo} \times 100$$

Apresentamos seguidamente os valores de fidelidade intra-observador, registados nas 5 dimensões e respectivas categorias e sub-categorias deste sistema.

□ *Prelecção de Preparação para a Competição*

Quadro 11 – Fidelidade intra-observador – Prelecção de Preparação para a Competição, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	2	1	25	106	2	0	0	136	0	0
2º	2	1	24	107	2	0	0	136	0	0
% Fidelidade	100,0	100,0	96,0	99,1	100,0	-	-	100,0	-	-
Momento	Direcção									
	ATL	EQ	GD	GM	GA	GS	AS			
1º	0	132	0	1	3	0	0			
2º	0	132	0	1	3	0	0			
% Fidelidade	-	100,0	-	100,0	100,0	-	-			

Momento	Conteúdo									
	Técnica		Tática							
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	1	0	1	38	0	0	4	1	12	
2º	1	0	1	40	0	0	4	1	13	
% Fidelidade	100,0	-	100,0	95,0	-	-	100,0	100,0	92,3	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	4	0	38	0	0	4	6	7		
2º	4	0	34	0	0	4	6	8		
% Fidelidade	100,0	-	89,5	-	-	100,0	100,0	87,5		
Momento	Físico						EQ ADV	EQ ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	4	0	0	0	0	10	0	5	1
2º	0	4	0	0	0	0	10	0	5	1
% Fidelidade	-	100,0	-	-	-	-	100,0		100,0	100,0
Média da Fidelidade Intra-Observador na Prelecção – 98,3 %										

□ **Competição – Antes do Jogo**

Quadro 12 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Antes do Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	0	0	0	12	1	0	0	13	0	0
2º	0	0	0	12	1	0	0	13	0	0
% Fidelidade	-	-	-	-	100,0	-	-	100,0	-	-
Momento	Direcção									
	ATL		EQ	GD	GM	GA	GS	AS		
1º	10		2	0	0	1	0	0		
2º	10		2	0	0	1	0	0		
% Fidelidade	100,0		100,0	-	-	100,0	-	-		
Momento	Conteúdo									
	Técnica			Táctica						
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	0	0	1	2	0	0	4	0	0	
2º	0	0	1	2	0	0	4	0	0	
% Fidelidade	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	-	-	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	0	0	2	0	0	3	0	0		
2º	0	0	2	0	0	3	0	0		
% Fidelidade	-	-	100,0	-	-	100,0	-	-		
Momento	Físico						EQ ADV	EQ ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
2º	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
% Fidelidade	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	-
Média Fidelidade Intra-Observador- Competição “Antes do Jogo” - 100 %										

❑ **Competição – Intervalo do Jogo**

Quadro 13 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Intervalo do Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	1	1	10	75	2	0	0	89	0	0
2º	1	1	10	75	2	0	0	89	0	0
% Fidelidade	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	-	100,0	-	-
Momento	Direcção									
	ATL		EQ	GD	GM	GA		GS	AS	
1º	47		33	0	0	0		5	4	
2º	47		33	0	0	0		5	4	
% Fidelidade	100,0		100,0	-	-	-		100,0	100,0	
Momento	Conteúdo									
	Técnica			Táctica						
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	5	1	6	21	1	1	8	1	1	
2º	5	1	7	21	1	1	7	1	1	
% Fidelidade	100,0	100,0	85,7	100,0	100,0	100,0	87,5	100,0	100,0	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	0	0	27	0	1	2	0	0		
2º	0	0	27	0	1	2	0	0		
% Fidelidade	-	-	100,0	-	100,0	100,0	-	-		
Momento	Físico						EQ ADV	EQ ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	0	0	0	0	3	3	0	8	0
2º	0	0	0	0	0	3	3	0	8	0
% Fidelidade	-	-	-	-	-	100,0	100,0	-	100,0	-
Média Fidelidade Intra-Observador- Competição “Intervalo Jogo”- 98.9 %										

❑ **Competição – Durante o Jogo**

Quadro 14 – Fidelidade intra-observador – Competição – “Durante o Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	33	2	19	278	6	37	5	238	2	140
2º	32	2	20	282	6	36	5	234	2	147
% Fidelidade	97,0	100,0	95,0	98,6	100,0	97,3	100,0	98,3	100,0	95,2
Momento	Direcção									
	ATL	EQ	GD	GM	GA	GS	AS			
1º	321	34	1	0	1	0	23			
2º	324	34	1	0	1	0	23			
% Fidelidade	99,1	100,0	100,0	-	100,0	-	100,0			

Momento	Conteúdo									
	Técnica		Tática							
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	9	7	5	71	31	6	5	23	16	
2º	10	8	5	73	28	7	5	22	18	
% Fidelidade	90,0	87,5	100,0	97,3	90,3	85,7	100,0	95,7	88,9	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	9	1	82	7	0	2	2	3		
2º	9	1	83	7	0	2	2	3		
% Fidelidade	100,0	100,0	98,8	100,0	-	100,0	100,0	100,0	100,0	
Momento	Físico						EQ ADV	EQ ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	3	1	0	0	5	7	3	68	14
2º	0	3	1	0	0	5	7	3	68	13
% Fidelidade	-	100,0	100,0	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	92,9
Média Fidelidade Intra-Observador-Competição “Durante o Jogo”—97.6 %										

Ao realizarmos o processo de fidelidade intra-observador, conseguimos obter uma elevada consistência das várias categorias e sub-categorias, quer pelo facto do observador desenvolver uma capacidade elevada de codificação das unidades de informação, que facilitaram sobremaneira as posteriores observações dos restantes treinadores, quer também pelo facto de se verificar em todos os momentos observados e em todas as dimensões elevados níveis de fidelidade intra-observador. Sendo que todas as categorias e sub-categorias apresentam um nível de acordos que se situam no intervalo 85% e 100% de acordos, obtendo-se médias acima dos 90%, podemos considerar que o observador, independentemente do momento, observa e codifica sempre da mesma forma, ou seja, com elevada fidelidade.

- **Fidelidade inter- observador**

É fundamental que exista fidelidade inter-observador, quer haja um ou mais observadores, de forma a que os dados obtidos a partir do sistema de observação sejam mais consistentes. Mesmo tendo somente existido um só observador, considerámos que era necessário garantir que as diferentes categorias que compõem o S.A.I.C., são entendidas e observadas por outros observadores da mesma forma, para que haja objectividade e padronização. Como tal, a fidelidade foi verificada com o mesmo teste, onde será novamente aplicado o Índice de Bellack (Siedentop, 1983).

Quadro 15 – Fidelidade Inter-Observador, Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983)

$$\% \text{ Acordo} = \text{Valor mínimo} / \text{Valor máximo} \times 100$$

Os valores de fidelidade inter-observador registados nas 5 dimensões e respectivas categorias e sub-categorias deste sistema são apresentados nos quadros seguintes.

□ **Prelecção de Preparação para a Competição**

Quadro 16 – Fidelidade inter-observador – Prelecção de Preparação para a Competição, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	1	1	18	108	2	0	0	130	0	0
2º	1	1	16	109	2	0	0	129	0	0
% Fidelidade	100,0	100,0	88,9	99,1	100,0	-	-	99,2	-	-
Momento	Direcção									
	ATL	EQU	GD	GM	GA	GS	AS			
1º	0	126	0	1	3	0	0			
2º	0	125	0	1	3	0	0			
% Fidelidade	-	99,2	-	100,0	100,0	-	-			
Momento	Conteúdo									
	Técnica		Táctica							
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	1	1	1	37	0	0	0	2	13	
2º	1	1	1	36	0	0	0	2	13	
% Fidelidade	100,0	100,0	100,0	-	-	-	-	100,0	100,0	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	6	0	36	0	0	3	3	7		
2º	6	0	35	0	0	6	6	7		
% Fidelidade	100,0	-	97,2	-	-	100,0	100,0	100,0		
Momento	Físico						EQU ADV	EQU ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	1	0	0	0	0	9	0	4	0
2º	0	1	0	0	0	0	10	0	4	0
% Fidelidade	-	100,0	-	-	-	-	90,0	-	100,0	-
Média da Fidelidade Inter-Observador na Prelecção – 98,8 %										

□ **Competição – Antes do Jogo**

Quadro 17 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Antes do Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	0	0	0	13	0	0	0	13	0	0
2º	0	0	0	13	0	0	0	13	0	0
% Fidelidade	-	-	-	100,0	-	-	-	100,0	-	-
Momento	Direcção									
	ATL	EQU	GD	GM	GA	GS	AS			
1º	10	2	0	0	1	0	0			
2º	10	2	0	0	1	0	0			
% Fidelidade	100,0	100,0	-	-	100,0	-	-			

Momento	Conteúdo									
	Técnica		Tática							
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	0	0	1	2	0	0	4	0	1	
2º	0	0	1	2	0	0	4	0	1	
% Fidelidade	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	-	100,0	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	0	0	3	0	0	2	0	0		
2º	0	0	3	0	0	2	0	0		
% Fidelidade	-	-	100,0	-	-	100,0	-	-		
Momento	Físico						EQU ADV	EQU ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
% Fidelidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Média Fidelidade Inter-Observador- Competição “Antes do Jogo” - 100 %										

□ **Competição – Intervalo do Jogo**

Quadro 18 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Intervalo do Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	1	0	10	76	2	0	0	89	0	0
2º	1	0	11	75	2	0	0	89	0	0
% Fidelidade	100,0	-	90,9	98,7	100,0	-	-	100,0	-	-
Momento	Direcção									
	ATL	EQU	GD	GM	GA	GS	AS			
1º	46	34	0	0	0	5	4			
2º	46	34	0	0	0	5	4			
% Fidelidade	100,0	100,0	-	-	-	100,0	100,0			
Momento	Conteúdo									
	Técnica		Táctica							
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	4	2	6	20	1	1	7	1	2	
2º	4	2	6	20	1	1	7	1	2	
% Fidelidade	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	0	0	25	3	1	3	0	0		
2º	0	0	25	3	1	3	0	0		
% Fidelidade	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	-	-		
Momento	Físico						EQU ADV	EQU ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	0	0	0	0	3	3	0	7	0
2º	0	0	0	0	0	3	3	0	7	0
% Fidelidade	-	-	-	-	-	100,0	100,0	-	100,0	-
Média Fidelidade Inter-Observador-Competição “Intervalo Jogo” – 99,6%										

□ **Competição – Durante o Jogo**

Quadro 19 – Fidelidade inter-observador – Competição – “Durante o Jogo”, Resultados

Momento	Objectivo							Forma		
	AV +	AV -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	AU	VIS	AU-VIS
1º	33	0	18	278	6	37	5	237	2	138
2º	31	0	17	279	6	43	5	240	2	139
% Fidelidade	93,9	-	94,4	99,6	100,0	86,0	100,0	98,8	100,0	99,3
Momento	Direcção									
	ATL		EQU	GD	GM	GA	GS	AS		
1º	318		34	1	0	1	0	23		
2º	317		37	1	0	1	0	25		
% Fidelidade	99,7		91,9	100,0	-	100,0	-	92		
Momento	Conteúdo									
	Técnica			Táctica						
	TEOF	TEDEF	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	
1º	9	7	5	78	32	4	1	18	13	
2º	9	7	5	81	31	4	1	18	13	
% Fidelidade	100,0	100,0	100,0	96,3	96,9	100,0	100,0	100,0	100,0	
Momento	Psicológico									
	PRI	PPC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRE		
1º	11	3	78	7	0	2	5	5		
2º	12	3	77	7	0	2	5	5		
% Fidelidade	91,7	100,0	98,7	100,0	-	100,0	100,0	100,0		
Momento	Físico						EQU ADV	EQU ARB	S/C	IND
	FRES	FVEX	FVDES	FVREA	FFO	FAQ				
1º	0	3	1	2	0	4	7	2	72	8
2º	0	3	1	2	0	4	6	2	75	8
% Fidelidade	-	100,0	100,0	100,0	-	100,0	85,7	100,0	96,0	100,0
Média Fidelidade Inter-Observador- Competição “Durante o Jogo”–97.9%										

Na realização fundamental do processo de fidelidade inter-observador, conseguimos obter uma elevada consistência entre os dois observadores das várias categorias e sub-categorias. Os dois observadores apresentam níveis de formação académica e profissional similares, sendo ambos especializados na modalidade de futebol, sendo um dos observadores o próprio investigador.

É de salientar que, a tarefa de observar um só treinador, através de registo de ocorrências, e durante todos os momentos que metodologicamente escolhemos tem um elevado dispêndio temporal, tendo sido, extremamente difícil encontrar um indivíduo com conhecimento da modalidade, que se disponibilizasse para passar um elevado número de horas a codificar centenas de unidades de informação. Para além desta dificuldade, que felizmente foi ultrapassada, tivemos necessidade de ministrar

formação específica relativa ao sistema de observação utilizado (S.A.I.C.), para posteriormente o segundo observador enfrentar a árdua tarefa de codificação.

Sendo que todas as categorias e sub-categorias apresentam um nível de acordos que se situam no intervalo 85% e 100% de acordos, obtendo-se médias acima dos 90%, podemos considerar que ambos os observadores, observam e codificam da mesma forma, ou seja, com elevada fidelidade inter-observadores.

5 – Condições de Realização

Neste ponto da metodologia iremos abordar os locais da recolha dos dados e as características dos mesmos, os procedimentos efectuados para efectuar essa recolha, e por último o material utilizado para a realização do estudo.

5.1 – Procedimentos de Recolha dos Dados

Em termos metodológicos, procedemos inicialmente à recolha dos dados relativamente às variáveis cognitivas, realizando um questionário (QEIC), em momentos que antecederam a prelecção de preparação para a competição (entre 30 a 60 minutos antes) e, logicamente, precedendo também a competição. O questionário foi realizado num local adequado (sem interferências exteriores), estando apenas o treinador e o investigador (quando necessário). Os dados recolhidos através do questionário foram sujeitos a um tratamento estatístico, afim de se caracterizar as expectativas do treinador face à sua instrução, para depois se relacionar com o comportamento da instrução.

Posteriormente, para a recolha dos dados relativamente às variáveis comportamentais, foi realizada a gravação áudio da prelecção na sua totalidade e a gravação audio-visual da competição. A intervenção verbal do treinador na prelecção foi captada através de um micro-gravador e na competição através de um microfone de lapela, com um receptor de som ligado a uma câmara de vídeo.

Relativamente à gravação áudio da prelecção de preparação para a competição, o treinador principal ou um dos seus treinadores assistentes responsabilizaram-se por ligar o micro-gravador, colocando-o num local oculto fora da visibilidade do treinador e dos jogadores, de forma a não influenciar na intervenção do treinador. Após o término da prelecção, o treinador desligaria o micro-gravador entregando-o ao investigador. Em nenhuma das situações o investigador presenciou a prelecção, indo novamente ao

encontro de uma maior validade dos dados. O sistema de registo de codificação da informação do treinador (S.A.I.C.) foi aplicado à totalidade do tempo de duração da reunião, procedendo-se após cada prelecção, à sua audição e transcrição para protocolo escrito. Seguidamente, realizámos a análise de cada unidade de informação, registando-as nas devidas categorias e sub-categorias definidas pelo nosso sistema de análise da instrução que foram devidamente dissecadas nos instrumentos de recolha dos dados.

Quanto à gravação áudio-visual da competição, o treinador principal colocou um microfone de lapela, com um receptor de som ligado a uma câmara de vídeo. Registamos que este microfone é extremamente pequeno e muito leve, não perturbando o treinador, ficando colocado num local fora da sua visibilidade (por baixo da camisa ou da gravata e preso às calças), de forma a não influenciar a intervenção do treinador. Verificámos que quase todos os treinadores se esqueciam completamente deste microfone, ficando com ele ligado muito mais tempo do que a própria competição. Simultaneamente, o treinador foi filmado através de uma câmara de filmar colocada o mais afastada possível (lado oposto ao do banco de suplentes), afim de obter uma maior validade dos dados. Para que houvesse uma melhor interpretação das instruções fornecidas pelo treinador durante o jogo, decidimos filmar o próprio jogo através de uma outra câmara de filmar, colocada no melhor local de visibilidade do terreno de jogo. Esta situação permitiu-nos retirar algumas dúvidas que por vezes surgiam na codificação das unidades de informação.

O sistema de análise da informação em competição (S.A.I.C.) foi aplicado à totalidade do tempo de duração da mesma. Tal como referimos anteriormente, a competição enquadra 3 momentos – antes, intervalo e durante o jogo. Procedeu-se assim, após cada competição, à sua audição e visualização, registando-se e codificando todas as unidades de informação, nas devidas categorias e sub-categorias definidas pelo nosso sistema.

Importa referir alguns aspectos que ocorreram durante a recolha de dados e que nos parecem de vital importância para uma melhor compreensão das condições de realização deste estudo. Muitas horas antes do jogo, já havia sido necessário estabelecer contactos com os treinadores (principais ou assistentes) de forma a confirmar os locais e as horas de realização da prelecção e da competição, pois, por vezes, existem alterações de “última hora”, principalmente ao nível da prelecção. No entanto, a maioria das situações decorreram da forma como estava planeada.

Talvez a maior dificuldade na recolha dos dados, passou claramente pela captação de sinal audiovisual relativo à instrução do treinador na competição. Habitualmente o processo era o seguinte:

1. Colocação do microfone de lapela no treinador;
2. Montagem de duas câmaras de filmar, uma delas com o receptor áudio ligado ao microfone;
3. Deslocamento do investigador para um local onde fosse possível captar o sinal de recepção áudio, afim de recolher a informação relativa a “antes do Jogo”, o que normalmente se tornava complicado devido à entrada do treinador para dentro do balneário (por vezes os balneários ficam no sub-solo do estádio), tendo de encontrar locais de difícil acesso (fora do estádio, encontrando uma janela do balneário ou solicitar a entrada na zona de acesso aos balneários).
4. Deslocamento muito rápido do investigador para o local de filmagem audiovisual do treinador “durante o jogo”, escolhendo previamente um local que permitisse, simultaneamente observar o treinador e a captação do sinal de recepção áudio;
5. Novamente, o investigador necessitava de se deslocar, muito rapidamente, para um local onde fosse viável a captação de sinal áudio da instrução do treinador durante o “intervalo do jogo”. Optava-se pelo mesmo local onde já se havia gravado a instrução imediatamente antes do jogo, onde, por vezes, se encontravam novas dificuldades de acesso (existência de muitos adeptos ou locais de acesso reservado a pessoal devidamente credenciado);
6. Por último, o investigador volta a deslocar-se para o local onde se encontravam as câmaras e onde estava a recolher os dados durante o jogo. Em todos estes deslocamentos, havia necessidade de transportar uma câmara de filmar com o receptor áudio ligado à mesma e sendo recebido esses som pelo investigador através de um auricular.
7. Em duas competições, foi possível recolher os dados nos treinadores das duas equipas envolvidas nessa competição. Logicamente, tudo se tornava mais complexo, sendo para isso necessário a duplicação dos recursos materiais e humanos.

Em suma, recolhemos 12 grupos de dados (2 observações de cada 6 treinadores), dados esses, relativos às expectativas da instrução para a prelecção e para a competição, através do questionário, e por outro lado, os dados relativos à instrução realizada na prelecção e na competição através do sistema de análise escolhido (S.A.I.C.). Ambos os dados recolhidos, foram posteriormente analisados segundo os instrumentos referidos anteriormente.

5.2 – Locais de Recolha dos Dados

A recolha de dados foi realizada nos meses de Março, Abril e Maio de 2002, ou seja, no último terço da época desportiva 2001/2002 do campeonato nacional da 2ª Divisão B. Os treinadores que compõem a nossa amostra abrangem todo o continente (zona norte, centro e sul) e ilha da Madeira.

Quanto à caracterização dos locais da realização das prelecções de preparação para a competição, a recolha dos dados foi realizada em vários sítios, tais como, sala de hotéis, balneários do estádio e centros de estágio. No que respeita à competição propriamente dita, a recolha de dados foi efectuada nos estádios dos clubes que dizem respeito aos treinadores em análise.

5.3 – Material Utilizado

Relativamente ao material utilizado para recolha de dados relativos à instrução na prelecção de preparação para a competição, consistiu num micro-gravador Sanyo – TRC – 570M e cassetes de gravação MC-60.

Para recolha de dados relativos à instrução na competição, foi utilizado duas câmaras de vídeo (Sony – Mini DV e Panasonic – VHS-C), dois tripés, duas baterias para a câmara Sony e quatro baterias para a câmara Panasonic, um conjunto de microfone e receptor Sony, auricular de captação do som de entrada na câmara de vídeo e cassetes de gravação VHS, Mini-DV e VHS-C.

Na observação das filmagens e recolha dos dados, foram utilizados dois vídeos, com cronómetro digital inserido, o que facilitou a análise da instrução do treinador. Todos os dados relativos ao comportamento de instrução foram recolhidos para uma ficha de registo construída a partir do sistema de observação utilizado.

Salientamos que o material utilizado para a recolha dos dados foi gentilmente cedido pelo Laboratório de Investigação em Desporto (LID) da Escola Superior de Desporto de Rio Maior e pelo Laboratório de Pedagogia do Desporto da Faculdade de Motricidade Humana.

6 – Tratamento de Dados e Procedimentos Estatísticos

Para o tratamento dos dados recolhidos, utilizámos a estatística descritiva, ou seja, os resultados foram apresentados de acordo com os parâmetros de tendência central (média), parâmetros de dispersão (desvio padrão e limites de variação) de forma a tornar possível a apresentação gráfica dos resultados, facilitando a apreciação e compreensão dos mesmos.

Foram quantificados e analisados estatisticamente os dados relativos às expectativas e ao comportamento de instrução dos treinadores, nos diferentes momentos metodologicamente definidos para o nosso estudo, descrevendo e relacionando as informações recolhidas através dos dois instrumentos. Foi também realizada a correlação entre as variáveis cognitivas (expectativas da instrução) versus comportamentais (instrução), e a comparação entre o momento da prelecção e da competição ao nível das expectativas e comportamento da instrução. Os dados relativos às expectativas do treinador foram recolhidos através de uma escala de Lickert, que de acordo com Tuckman (2000), considera-se como sendo semelhante a uma escala de intervalo, e os dados relativos ao comportamento de instrução do treinador na competição foram recolhidos através de uma escala de proporção percentual (0 a 100%).

Relativamente à análise relacional entre diferentes variáveis, utilizámos os seguintes procedimentos/técnicas estatísticas:

- ❑ Após a construção da base de dados, utilizou-se na análise relacional entre as expectativas do treinador relativamente à instrução na prelecção de preparação para a competição e a própria instrução, o teste estatístico de correlação de Spearman (ρ). Como nesta situação, estamos na presença de dois tipos de variáveis distintas (cognitivas e comportamentais) tivemos necessidade de abandonar a possível análise comparativa dos dados em detrimento de uma análise correlativa. Esta técnica estatística utiliza-se para relacionar dois conjuntos de dados, visando determinar o seu grau de correlação. Os coeficientes de correlação variam entre os valores de -1 (máxima relação negativa) e +1 (máxima relação positiva), sendo o valor 0 indicativo de não existir relação entre as variáveis.
- ❑ Na análise relacional entre as expectativas do treinador relativamente à instrução na competição e a própria instrução na competição, utilizámos igualmente o teste estatístico de correlação de Spearman (ρ), visando

determinar o seu grau de correlação, pelas mesmas razões anteriormente apresentadas.

- No que concerne à comparação entre a prelecção de preparação para a competição e a própria competição, ao nível das expectativas de instrução do treinador, utilizámos o teste estatístico não paramétrico Wilcoxon Test, visando determinar a existência ou não de diferenças significativas entre os dois momentos. Visto que estamos a querer comparar a mesma variável em dois momentos distintos, podemos estatisticamente utilizar métodos comparativos. Devido ao facto da população não apresentar garantias de normalidade, decidimos optar pelos testes não paramétricos.
- Por último, para a análise comparativa entre a prelecção de preparação para a competição e a própria competição (diferentes momentos – antes, durante e intervalo do jogo), ao nível do comportamento de instrução do treinador, utilizámos os mesmos pressupostos que referimos anteriormente, ou seja, a utilização de um teste estatístico não paramétrico de comparação de médias – Wilcoxon Test.
- Tal como vem sendo habitual nos estudos realizados no âmbito do desporto, foi utilizado um grau de probabilidade de erro ($p\text{-value}$) ≤ 0.05 , que permitirá testar a significância dos valores relativos às técnicas estatísticas utilizadas.

Todo o tratamento dos dados foi realizado através do programa de Estatística Informática para Análise de Dados em Ciências Sociais – SPSS 11.5 e folha de cálculo Excel 2000, no sistema operativo Windows XP – Professional.

Salientamos que o programa estatístico utilizado foi gentilmente cedido pelo Laboratório de Investigação em Desporto (LID) da Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO

E

DISCUSSÃO

DOS

RESULTADOS

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1 – Introdução

Neste capítulo pretendemos analisar, descrever e relacionar as expectativas e o comportamento de instrução do treinador de futebol, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição.

Consideramos assim, que por um lado o treinador deverá preparar convenientemente esses dois momentos de instrução, os quais são de extrema importância na orientação da equipa para a obtenção do máximo rendimento possível. Por outro lado, acreditamos que deverá existir uma relação congruente entre a prelecção de preparação para a competição e a própria competição, principalmente ao nível do comportamento de instrução.

Numa primeira abordagem, procedemos à apresentação descritiva de um conjunto de perguntas introdutórias efectuadas no questionário, pretendendo deste modo, enquadrar o leitor relativamente ao objectivo e importância do jogo, à importância da instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição e ao nível de preparação da instrução nestes dois momentos, da parte dos treinadores observados. Numa segunda abordagem, apresentámos uma análise descritiva referente às variáveis cognitivas – expectativas, e às variáveis comportamentais – instrução, ao nível da prelecção de preparação para a competição e da competição.

Referimos igualmente que as variáveis cognitivas foram recolhidas através do QEIC (Questionário de Expectativas da Instrução em Competição) e as variáveis comportamentais através da codificação de unidades de informação a partir de gravação áudio e vídeo, utilizando-se o Sistema de Análise da Informação em Competição (S.A.I.C., Pina & Rodrigues, 1993).

Na apresentação descritiva dos dados, utilizou-se a estatística descritiva, mais concretamente, os parâmetros de tendência central (média) e os parâmetros de dispersão (desvio padrão e limites de variação).

Como última abordagem, não só relacionámos as variáveis cognitivas e as variáveis comportamentais nos dois momentos metodologicamente escolhidos, como também,

comparamos a prelecção de preparação para a competição com a competição, ao nível de cada uma das variáveis do estudo.

Relativamente à análise relacional e comparativa, foram utilizadas para o efeito, técnicas estatísticas não paramétricas de correlação (Ró-Spearman) e de comparação de médias (Wilcoxon-Test) respectivamente, sendo apresentados os valores de correlação ($-1 \leq r \leq 1$) e de significância correspondentes ($p \leq 0,05$).

Todos os resultados foram apresentados através da utilização de quadros e/ou gráficos representativos da realidade observada, realizando a análise e discussão dos mesmos. Sempre que necessário, lançámos hipóteses explicativas que fundamentem e potenciem a investigação em Pedagogia do Desporto.

2 – Objectivos e Importância da Competição

O QEIC continha uma primeira parte, composta por um conjunto de perguntas, com a finalidade de se conhecer os objectivos e a importância do jogo, a importância da instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição e ao nível de preparação da instrução nestes dois momentos, da parte dos treinadores observados.

□ *Objectivos para a competição*

Quadro 20 – Valores absolutos e relativos dos objectivos dos treinadores para a competição.

Objectivos	Valores Absolutos (n)	Valores Relativos (%)
Ganhar	11	84,6
Ganhar, jogando bem	1	7,7
Conter o adversário, desequilibrando-o defensivamente	1	7,7

Embora a nossa amostra seja composta por 12 competições, um dos treinadores respondeu como objectivo para o jogo, o querer ganhar, mas jogando bem, obtendo-se assim, treze objectivos, que se centram quase exclusivamente num só, “Ganhar”. Esta resposta deve-se claramente ao facto da amostra ter sido retirada da 2ª Divisão B, que já obriga a um elevado nível competitivo, pressionando os treinadores e os jogadores para a obtenção da vitória, mesmo que por vezes, coloque-se de lado a

qualidade de jogo. Logicamente, todos os treinadores orientam o seu processo de treino, com vista à potenciação da performance dos seus jogadores, no entanto, a consequência (por vezes implica a sobrevivência) social e económica que o clube adquire a partir das vitórias no campeonato, eleva por vezes desmedidamente a importância das mesmas, levando a que naturalmente quase todos os treinadores nos jogos que compõem esta amostra (11 em 12) tenham como objectivo, ganhar.

Devemos mencionar igualmente que, numa das competições, o treinador referiu como objectivo “conter o adversário e desequilibrá-lo defensivamente”. Pensamos que este objectivo se deveu ao facto de se deslocar ao terreno de jogo de um adversário de elevada qualidade individual e colectivamente (encontrava-se em 1º lugar do campeonato e subiu à 2ª Liga), diagnosticando claramente uma comparação de forças desfavorável para a sua equipa, objectivando assim, a estratégia ideal para vencer o adversário.

❑ **Importância atribuída à competição**

Quadro 21 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída à competição.

	Nível de Importância (Escala de Lickert)				
	1 - Mt. Pouco	2 - Pouco	3 - Médio	4 - Muito	5 - Bastante
Valores Absolutos (n)	0	0	1	7	4
Valores Relativos (%)	0	0	8,3	58,3	33,3
Média do Nível de Importância – 4,25					

Relativamente à importância que os treinadores atribuem aos jogos em que foram observados, verifica-se que somente uma das competições apresentava uma importância média, sendo todas as outras muito ou até bastante importantes. Parece-nos que mais uma vez, verificámos o nível de competitividade do campeonato em causa e simultaneamente o equilíbrio existente no mesmo, pois todo e qualquer jogo é verdadeiramente importante para o alcançar dos objectivos da equipa e do clube. Realizando uma média do nível de importância que os treinadores atribuem às competições que compõem a nossa amostra, obtemos um valor de 4,25, ou seja, acima do “Muito Importante”. Este valor permite-nos ter uma maior validade dos dados recolhidos, pois por um lado, um valor baixo poderia significar menos qualidade e/ou quantidade do comportamento de instrução da parte do treinador, e por outro lado a

pouca variabilidade da resposta, torna a amostra (12 prelecções e 12 competições) mais homogénea, permitindo maior fiabilidade nas conclusões obtidas por este estudo.

□ **Importância atribuída à Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição**

Quadro 22 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída à instrução na prelecção de preparação para a competição.

	Nível de Importância (Escala de Lickert)				
	1 - Mt. Pouco	2 - Pouco	3 - Médio	4 - Muito	5 - Bastante
Valores Absolutos (n)	0	1	9	1	1
Valores Relativos (%)	0	8,3	75	8,3	8,3
Média do Nível de Importância – 3,16					

No que concerne à importância que o treinador atribui à instrução realizada no decorrer da prelecção de preparação para a competição, o nível de importância média situa-se na “Média Importância” (75% dos casos responderam nível 3). Não estando enquadrado neste estudo, as explicações para esta situação, estes valores levam a entender que os treinadores não atribuem elevada importância à prelecção, possivelmente acreditando que o trabalho realizado durante os treinos tem muito maior preponderância no rendimento dos jogadores e consequentemente na obtenção do êxito colectivo (Castelo, 1996; Teodorescu, 1984; Peseiro, 1998).

□ **Importância atribuída à Instrução na Competição**

Quadro 23 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de importância atribuída instrução na competição.

	Nível de Importância (Escala de Lickert)				
	1 - Mt. Pouco	2 - Pouco	3 - Médio	4 - Muito	5 - Bastante
Valores Absolutos (n)	0	2	6	4	0
Valores Relativos (%)	0	16,6	50	33,3	0
Média do Nível de Importância – 3,16					

O nível médio de importância atribuída pelos treinadores à instrução na competição é igual à da prelecção de preparação para a competição, no entanto, a este nível temos

uma concentração dos dados entre o nível 2 e o nível 4. Parece-nos importante destacar um número considerável de registos no nível 4, salientando assim a importância da instrução no jogo, ao contrário do que por vezes alguns treinadores referem, reforçando a pertinência do nosso estudo. Salientamos também para o facto de metade dos casos estudados considerarem que a instrução na competição tem um nível de importância média no rendimento da equipa, pois o futebol é uma modalidade de difícil aporte de informação durante o decorrer do jogo, devido às condições espaciais (elevada distância e pouca sonoridade) e à não existência de descontos de tempo propícios à prática da instrução (Almeida, 2001; Lima, 2000; Moreno, 2001).

□ **Nível de preparação da Instrução na Prelecção de Preparação para a Competição**

Quadro 24 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de preparação da instrução na prelecção de preparação para a competição.

	Nível de Preparação (escala de 1 a 3)		
	Não Prepara	Prepara Mentalmente	Prepara em Papel
Valores Absolutos (n)	0	6	6
Valores Relativos (%)	0	50	50
Média do Nível de Preparação – 2,5			

Pelo quadro supracitado, registamos com agrado que em nenhuma das sessões de observação, o treinador não preparou a sua instrução. Para além disso, em metade das observações, os treinadores prepararam a sua prelecção, sistematizando-a no papel. A outra metade preparou somente de forma mental. Dados já esperados, pois o facto dos treinadores serem todos profissionais e licenciados, pressupunha uma preparação (planeamento) de todos os aspectos inerentes ao processo de treino, englobando naturalmente a competição. Posteriormente, iremos aproveitar a análise relacional entre as expectativas e o comportamento da instrução, para verificar se estes dados vão ao encontro daquilo que realmente aconteceu, ou seja, se existem relações significativas entre aquilo que o treinador espera e aquilo que faz, ao nível da instrução.

□ **Nível de preparação da Instrução na Competição**

Quadro 25 – Valores absolutos, valores relativos e média do nível de preparação da instrução na competição.

	Nível de Preparação (escala de 1 a 3)		
	Não Prepara	Prepara Mentalmente	Prepara em Papel
Valores Absolutos (n)	0	11	1
Valores Relativos (%)	0	91,6	8,3
Média do Nível de Preparação – 2,1			

Esta situação parece-nos habitual, pois a competição está rodeada de uma elevada aleatoriedade, ocorrendo constantemente situações que podem alterar completamente a instrução do treinador, sendo praticamente impossível preparar no papel, algo que deriva em grande parte do que está a acontecer. Simultaneamente, vários estudos têm vindo a demonstrar que, embora o treinador seja importante no plano tático-estratégico durante a competição, é muito mais relevante na concepção e exposição durante o processo de preparação para a competição, recorrendo durante a competição, essencialmente a instruções de índole motivacional e de estabilidade psico-emocional (Cloes, Delhaes & Piéron, 1993).

Registamos, com destaque, o facto dos treinadores em quase todas as competições observadas prepararem mentalmente a sua instrução para a competição. Segundo Cunha (1998), Diaz (1998) citado por Moreno (2001) e Lima (2000), a instrução do treinador em competição deve ser previamente preparada e desenvolvida, para que a mesma ajude realmente à obtenção de um melhor rendimento individual e colectivo.

3 – Análise Descritiva das Expectativas da Instrução

Neste ponto, analisámos pormenorizadamente a variável cognitiva em estudo, que consiste nas expectativas que os treinadores cognitivamente concebem relativamente à instrução realizada na prelecção de preparação para a competição e também na competição.

Torna-se importante a caracterização das expectativas dos treinadores de futebol, visto que os processos cognitivos representam os constructos prévios para uma maior

eficácia na intervenção pedagógica. Segundo Januário (1992), o pensamento do treinador, enquanto forma de planejar o seu comportamento, visa reduzir a ansiedade, a incerteza, a aleatoriedade, ligando assim, o pensamento ao comportamento. Para tal situação, aplicámos um questionário antes de cada prelecção (QEIC - ver metodologia de investigação), construído a partir do sistema de análise da instrução seleccionado para o estudo (S.A.I.C. - Pina e Rodrigues, 1993), com as mesmas dimensões, categorias e sub-categorias, retirando assim, informação precisa e concreta acerca da variável cognitiva metodologicamente definida, através de uma escala de Lickert de 1 a 5, onde 1 significa “nada”, 2 “pouco”, 3 “médio”, 4 “muito” e 5 “bastante”. Os treinadores ao escolherem um dos valores transmitiram-nos a sua expectativa, reflectindo assim, a importância que pretendem dar às diferentes categorias e sub-categorias que compõem a instrução na prelecção de preparação para a competição.

3.1 – Prelecção de Preparação para a Competição

Antes de iniciar a análise descritiva das diferentes dimensões de análise das expectativas relativas à prelecção de preparação para a competição, é com destaque positivo que verificámos, nos dados anteriormente apresentados, que houve preparação prévia para a instrução. Esta situação revela claramente a preocupação dos treinadores em terem a instrução na prelecção de preparação para a competição devidamente planeada, com vista a uma maior eficácia da mesma.

3.1.1 – Dimensão Objectivo

A Dimensão Objectivo é composta pelas categorias de Avaliativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa. Relativamente às expectativas que os treinadores apresentaram face ao objectivo da informação que irão transmitir na prelecção, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 26 – Dimensão Objectivo das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	X	DP
Avaliativo	1	3	2,4	± 0,7
Descritivo	1	4	2,7	± 0,8
Prescritivo	1	4	2,4	± 1,0
Interrogativo	1	4	2,8	± 0,9
Afectividade +	3	5	3,8	± 0,6
Afectividade –	1	2	1,1	± 0,3

No que respeita às expectativas da instrução na prelecção de preparação para a competição, devemos destacar em primeiro lugar, que os treinadores esperam transmitir muita informação afectiva positiva (3,8) e praticamente nenhuma informação afectiva negativa (1,1). Claramente este é um sinal deveras positivo, no sentido de que os treinadores a este nível (Campeonato Nacional da 2ª Divisão B – Seniores Masculinos) estão sensibilizados para uma intervenção pedagógica centrada no positivismo, seguindo vários autores que apontam para a necessidade de existir um clima positivo para uma melhor aprendizagem, utilizando reforços positivos em detrimento dos negativos (Cruz, 1997; Garrett, 1999, citado por Moreno, 2001; Lima, 2000; Madden & Evans, 1993).

Posteriormente à categoria afectividade positiva, surgiram as categorias interrogativo e descritivo (2,8 e 2,7 respectivamente) fazendo entender que se espera alguma informação com estes objectivos nas prelecções observadas, pois os valores encontram-se perto do nível médio da escala de Lickert. Por um lado, os treinadores transmitem através destes dados que, esperam também interrogar os seus jogadores acerca dos vários conteúdos inerentes à prelecção. Utilizar informação interrogativa, pode ser a forma ideal para o treinador se aperceber das possíveis dúvidas e problemas que os jogadores possam sentir, pois os mesmos sentem habitualmente inibição para o comunicarem, tornando-se cada vez mais importante receber informação dos atletas durante a prelecção de preparação para a competição (Castelo, 1996 e 2000; Pacheco, 2002). As informações com um objectivo descritivo, poderão claramente ocorrer, numa tentativa dos treinadores descreverem um gesto, acção, comportamentos ou situações efectuadas pelos atletas nos treinos ou em anteriores competições, com vista a uma melhoria, repetição ou anulação das mesmas.

As categorias avaliativo e prescritivo, apresentaram um nível de importância de 2,4 , o que significa esperar pouca ou mediana informação com este objectivo nas prelecções realizadas. Relativamente à informação avaliativa, compreendemos este valor, pelo facto desta estar directamente relacionada com uma estimacção qualitativa da execucao do atleta, estando assim um pouco desenquadrada com as características das prelecções de preparação para as competições. No que diz respeito à categoria prescritivo, esperávamos obter um maior nível de importância da parte dos treinadores, pois a prelecção tem na sua essência um elevado objectivo prescritivo dos comportamentos técnico-tácticos, psicológicos e até mesmo físicos, tendo em vista a execucao correcta de um plano táctico-estratégico definido pelo treinador (Castelo, 1996 e 2000; Peseiro, 1998; Teodorescu, 1984). Pina (1998), ao estudar o

pensamento do treinador, verificou um elevado registo de objectivos prescritivos, comparativamente às restantes categorias, o que vem confirmar alguma estranheza no resultado obtido, revelando algum contra senso difícil de explicar.

3.1.2 – Dimensão Direcção

A Dimensão Direcção, é composta por 4 categorias (Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa) e também as sub-categorias pertencentes ao Grupo (Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes).

Quadro 27 – Dimensão Direcção das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	X	DP
Atleta	2	4	3,0	± 0,4
Atleta Suplente	1	4	2,2	± 0,9
Grupo	2	4	2,8	± 0,7
<i>Grupo de Defesas</i>	2	4	2,8	± 0,7
<i>Grupo de Médios</i>	2	4	2,8	± 0,7
<i>Grupo de Avançados</i>	2	4	2,8	± 0,7
<i>Grupo de Suplentes</i>	1	4	2,3	± 1,1
Equipa	3	5	4,2	± 0,6

Na prelecção de preparação para a competição, os treinadores esperam dirigir muita informação para a equipa (4,2), um nível médio de informação para o atleta (3,0) e para os grupos de defesas, médios e avançados (2,8). Para o suplente ou grupo de suplentes, crêem fornecer pouca informação (2,2 e 2,3 respectivamente).

Através destes resultados, verificou-se claramente que os treinadores pretendem transmitir informação preferencialmente para toda a equipa, de forma a explicar o plano táctico-estratégico para o jogo e a incrementar em todos os jogadores um equilíbrio psico-emocional com vista ao máximo rendimento, mas também pretendem dirigir-se ao atleta ou a grupos de atletas, pois existirão certamente informações de conteúdo específico e individualizado. Verificamos que estes resultados são corroborados por vários estudos pesquisados. Pina (1998) regista o mesmo tipo de resultados no pensamento do treinador de voleibol, embora sejam relativos aos descontos de tempo ou intervalos de sets e Dias, Sarmento e Rodrigues (1994), Moreno (2001), Pacheco (2002) e Pina e Rodrigues (1997) encontraram no

comportamento de instrução do treinador valores idênticos àquilo que os treinadores da nossa amostra esperam realizar.

3.1.3 – Dimensão Conteúdo

O conteúdo da informação foi ramificado em 6 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem. As primeiras 4 categorias supracitadas, apresentam um conjunto de sub-categorias, que são: Técnicas Ofensivas e Técnicas Defensivas; Tática de Sistema de Jogo, Tática de Métodos de Jogo, Tática de Esquemas Táticos, Tática de Princípios do Jogo, Tática de Funções/Missões específicas do jogo, Tática das Combinações e Tática de Eficácia Geral; Psicológico Ritmo de Jogo, Psicológico Confiança, Psicológico Pressão Eficácia, Psicológico Atenção, Psicológico Concentração, Psicológico Pressão Combatividade, Psicológico Resistência às Adversidades e Psicológico Responsabilidade; Físico Resistência, Físico Velocidade de Execução, Físico Velocidade de Deslocamento, Físico Velocidade de Reacção, Físico Força e Físico Aquecimento.

Primeiramente, interessa registar que os treinadores claramente atribuem em média, maior nível de importância à dominante psicológica (4,1) e seguidamente à dominante tática (3,7). Verifica-se então, a expectativa de transmitir uma informação de conteúdo eminentemente psicológico e tático. Tal como diversos autores defendem e provam, a preparação de preparação para a competição, deve ser um momento de preparação cognitiva, através da revisão dos aspectos tático-estratégicos e de preparação psicológica, com vista à optimização do rendimento competitivo (Castelo, 1996; Nérin, 1986; Houlier e Crevoisier, 1993; Pacheco, 2002; Peseiro, 1998).

Valores claramente mais pequenos, foram registados ao nível do conteúdo técnico (2,6), físico e equipa de arbitragem (2,5), compreendendo-se assim que, existe uma expectativa de um nível baixo de informação relativa a estas categorias. Por um lado, o facto do futebol ser um jogo desportivo colectivo e por outro, a realidade da amostra ter um elevado nível competitivo, justifica claramente estes valores, pois as dominantes técnica e física, embora sendo importantes no rendimento competitivo, ao nível das preparações são claramente secundarizadas face às questões tático-estratégicas e psicológicas. Pina (1998) também registou níveis de incidência mais elevados ao nível dos aspectos ligados à concentração, agressividade e atenção, indo novamente ao encontro dos nossos resultados. Estes e outros resultados relativos às

expectativas que os treinadores têm, face ao conteúdo ministrado na prelecção de preparação para a competição, são apresentados no quadro 25.

Quadro 28 – Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	X	DP
Técnica	1	4	2,6	± 1,0
<i>Técnicas Ofensivas</i>	1	3	2,7	± 0,7
<i>Técnicas Defensivas</i>	1	3	2,7	± 0,7
Táctica	3	5	3,7	± 0,7
<i>Sistemas de Jogo</i>	2	4	3,5	± 0,8
<i>Métodos de Jogo</i>	3	5	3,8	± 0,6
<i>Esquemas Tácticos</i>	2	4	3,5	± 0,8
<i>Princípios do Jogo</i>	2	5	3,3	± 1,0
<i>Funções/Missões</i>	2	5	3,5	± 0,8
<i>Combinações</i>	2	4	3,3	± 0,6
<i>Eficácia Geral</i>	3	4	3,4	± 0,5
Psicológico	3	5	4,1	± 0,5
<i>Ritmo de Jogo</i>	2	5	3,4	± 0,8
<i>Confiança</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Pressão Eficácia</i>	3	5	3,9	± 0,5
<i>Atenção</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Concentração</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Pressão Combatividade</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Resist. Adversidades</i>	3	4	3,9	± 0,3
<i>Responsabilidade</i>	3	4	3,7	± 0,5
Físico	1	3	2,5	± 0,7
<i>Resistência</i>	1	3	1,9	± 0,7
<i>Veloc. Execução</i>	2	4	2,8	± 0,7
<i>Veloc. Deslocamento</i>	1	3	2,2	± 0,7
<i>Veloc. Reacção</i>	1	4	2,3	± 0,9
<i>Força</i>	1	3	1,9	± 0,8
<i>Aquecimento</i>	1	3	2,0	± 0,7
Equipa Adversária	2	4	2,5	± 0,7
Equipa de Arbitragem	1	3	1,7	± 0,7

Os treinadores observados parecem não atribuir muita importância à equipa adversária, pois esperam fornecer pouca ou média informação relativa à mesma.

Pensamos que esta situação se deve fundamentalmente à falta de meios para um elevado conhecimento dos adversários, como forma fundamental de construir um plano tático-estratégico com as modificações necessárias, tendo em vista a anulação das virtudes e aproveitamento dos defeitos do adversário. Nesta situação, Pina (1998) apresentou valores contrários, ou seja, o treinador de voleibol, no seu pensamento face à sua instrução, atribui elevada importância à equipa adversária.

Registamos que a categoria equipa de arbitragem, é aquela que apresentou o valor mais baixo, revelando que em média, os treinadores esperam fornecer pouca informação relativa à mesma. Poderemos considerar que estamos perante treinadores que esperam realizar uma prelecção, valorizando muito mais os conteúdos realmente pertinentes para o sucesso competitivo e que são passíveis de serem treinados e controlados, do que outros completamente aleatórios e fora do controlo dos jogadores e treinadores.

Dentro da categoria tática, existem várias sub-categorias, que permitem compreender especificamente o tipo de conteúdo tático que o treinador espera transmitir nas prelecções. Tal como se verifica no quadro 24, não existiram valores substancialmente diferentes nas várias sub-categorias, registando-se somente maior nível de importância atribuída aos métodos de jogo (3,8). Todas as restantes sub-categorias registam valores muito idênticos (3,3 a 3,5), compreendendo-se assim que, os treinadores esperam transmitir medianamente, vários tipos de conteúdos táticos (esquemas táticos, sistemas e princípios de jogo, funções e missões, combinações e eficácia geral), dando uma especial relevância ao métodos de jogo, ou seja, à organização ofensiva e defensiva da sua equipa com vista à concretização dos objectivos do ataque e da defesa. Recorrendo ao único estudo onde encontramos uma análise aprofundada do pensamento do treinador face à sua instrução, Pina (1998), verifica por uma elevada referência ao conteúdo tático ofensivo e defensivo, no treinador de voleibol durante os descontos de tempo e intervalos de set, confirmando os resultados por nós alcançados.

Relativamente à categoria psicológico (ver quadro 24), podemos quase referir o mesmo, ou seja, não se encontraram sub-categorias com níveis de importância claramente superiores a outras, estando todas entre 3,9 e 4,1, excepto o conteúdo psicológico ritmo de jogo (3,4) e responsabilidade (3,7). Podemos assim verificar que, os treinadores esperam transmitir informação com muito conteúdo psicológico relativo à motivação e confiança para uma maior eficácia, à atenção e concentração, à capacidade de combate e de resistir às adversidades. No fundo, transmitiram a

preocupação nos aspectos fulcrais da estabilidade psicológica, permitindo a qualquer jogador superiorizar-se face às circunstâncias do jogo e ao adversário, por muito valioso que ele seja.

Na categoria técnica, as sub-categorias técnica ofensiva e defensiva apresentam o mesmo valor médio de expectativa (2,7).

Na categoria físico, existe um especial destaque para a sub-categoria velocidade de execução, com valores próximos do nível médio (2,8) da nossa escala, o que demonstra a maior importância desta manifestação de velocidade face às restantes manifestações. Todas as outras sub-categorias apresentaram valores médios de expectativa relativamente à instrução na preparação de preparação para a competição muito baixos, correspondendo à expectativa de transmitir nada ou pouca informação.

3.2 – Competição

Será relevante destacar, que os treinadores ao preencherem os questionários demonstraram que preparam mentalmente a instrução na competição.

3.2.1 – Dimensão Objectivo

A Dimensão Objectivo, é composta pelas categorias de Avaliativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa. Na competição, os treinadores relativamente ao objectivo, esperam transmitir a seguinte informação:

Quadro 29 – Dimensão Objectivo das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	X	DP
Avaliativo	2	3	2,3	± 0,5
Descritivo	1	4	2,8	± 0,9
Prescritivo	1	4	2,5	± 0,9
Interrogativo	1	4	2,4	± 0,8
Afectividade +	3	5	4,1	± 0,5
Afectividade –	1	2	1,2	± 0,4

Ao nível da competição, os treinadores esperam fornecer muita informação de carácter afectivo positivo e quase nenhuma informação afectiva negativa. Novamente, verificou-se uma elevada preocupação em apoiar positivamente os jogadores de forma

a mantê-los motivados para a competição, independentemente do sucesso ou insucesso competitivo.

Compreende-se também que a categoria objectivo descritivo seja a segunda mais esperada (2,8), pois os treinadores na competição têm situações concretas para descrever aos seus jogadores, na tentativa de lhes dar a conhecer o que realmente aconteceu, individual ou colectivamente.

Tal como é possível verificar no quadro 25, as restantes categorias, apresentaram valores mais reduzidos, significando que os treinadores esperam informar pouco ou medianamente ao nível avaliativo, prescritivo e interrogativo (2,3; 2,5; 2,4). Sendo a expectativa relativa ao objectivo avaliativo e interrogativo, uma situação aparentemente viável de interpretação, parece-nos claramente que, as expectativas dos treinadores face à informação prescritiva é demasiado baixa, pois na competição é fundamental transmitir informação prescritiva, no sentido de transmitir aos jogadores o que se pretende realizar nas seguintes situações individuais ou colectivas. São vários os estudos relativos à instrução dos treinadores na competição, que verificam a existência de elevados níveis de informação prescritiva (Madden & Evans, 1993; Mendes, 1998; Cunha, 1998; Pina & Rodrigues, 1997), pois esta irá permitir aos jogadores o conhecimento de soluções mais eficazes, focalizando-os para aquilo que deverão realizar e não no que fizeram ou deixaram de fazer. Logo, colocamos alguma reserva se realmente a expectativa dos treinadores face a esta situação, irá verificar-se ao nível do comportamento de instrução.

3.2.2 – Dimensão Forma

Esta é uma dimensão que se enquadra somente ao nível da competição, pois metodologicamente, tendo em consideração que o investigador não deverá perturbar a realidade, o nosso instrumento de observação do comportamento de instrução não recolheu dados visuais durante a prelecção de preparação para a competição. Como tal, quisemos saber quais eram as expectativas dos treinadores relativa à forma como irá dirigir a sua instrução na competição, ou seja, de forma auditiva, visual ou auditivo-visual. A Dimensão Forma, é constituída por 3 categorias: Auditiva, Visual e Auditivo-Visual. Na competição, os treinadores esperam fornecer informação da seguinte forma:

Quadro 30 – Dimensão Forma das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	X	DP
Auditiva	3	5	4,1	± 0,7
Visual	2	3	2,8	± 0,4
Auditivo-Visual	3	4	3,4	± 0,5

Claramente, verificamos que os treinadores esperam fornecer bastante informação de forma auditiva (4,1), seguindo-se a forma auditivo-visual (3,4) com um valor mediano e por último a informação somente visual com um valor mais baixo (2,8). A forma auditiva é privilegiada face às restantes, pois segundo Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994), Moreno (2001), Pina & Rodrigues (1997) e Rodrigues & Pina (1999), continua a ser a forma mais utilizada pelos treinadores no decorrer da competição, embora alguns autores apontem para uma elevada importância da informação auditivo-visual ou somente visual (Lima, 2000 e Mesquita, 1997), como forma de melhor percepção da mensagem da parte do jogador. De acordo com estes autores, salientamos que os treinadores atribuíram uma considerável importância à forma auditivo-visual, mostrando que o aspecto visual da informação também deverá ser privilegiado na instrução em competição.

3.2.3 – Dimensão Direcção

No que respeita à forma como o treinador espera dirigir a sua informação (Dimensão Direcção), iremos descrever as 4 categorias metodologicamente definidas, que são Atleta, Atleta Suplente, Grupo, Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes e Equipa. No quadro seguinte, apresentamos a direccionalidade da instrução fornecida pelo treinador na competição.

Quadro 31 – Dimensão Direcção das expectativas de instrução na competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), valor relativo (%), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	X	SD
Atleta	3	5	3,6	± 0,7
Atleta Suplente	1	4	2,9	± 0,9
Grupo	2	4	3,1	± 0,5
<i>Grupo de Defesas</i>	2	4	3,1	± 0,8
<i>Grupo de Médios</i>	2	4	3,0	± 0,7
<i>Grupo de Avançados</i>	2	4	3,0	± 0,7
<i>Grupo de Suplentes</i>	1	4	2,3	± 1,1
Equipa	2	4	2,9	± 0,7

Os valores que se destacaram no quadro 28, são respeitantes às categorias atleta e grupo de suplente, sendo a primeira a mais elevada (3,6) e a segunda a mais reduzida (2,3). Esta situação demonstra que os treinadores para a competição esperam dirigir muita da sua intervenção para o atleta e pouca para o grupo de suplentes. Nas restantes categorias, existe uma expectativa de média instrução, não se registando praticamente diferenças. Por um lado, estes dados corroboram com os referenciados ao nível da instrução dos treinadores na competição encontrando-se dados idênticos (Cloes, Delhaes & Piéron, 1993; Moreno, 2001), mas devemos salientar que em determinados momentos da competição (antes e intervalo do jogo), a maioria dos estudos apontam para uma informação mais colectiva (Moreno, 2001; Oliveira, 1992; Rodrigues e Pina, 1999).

Parece natural que os treinadores esperem transmitir pouca informação aos suplentes, pois a preocupação em dirigir a equipa que está em competição absorve quase na totalidade a atenção do treinador, pois são os jogadores que estão em prática que realmente vão decidir e executar as diversas situações de jogo. Por aquilo que conhecemos e observámos na instrução do treinador em competição, referimos ainda que o mesmo poderá comunicar com os suplentes no sentido de todos efectuarem o aquecimento, ou na explicação de certos aspectos relacionados com o jogo, objectivando uma maior eficácia destes jogadores quando entrarem.

Em termos gerais, parece-nos ter existido da parte dos treinadores a expectativa de distribuir uma instrução individual, colectiva ou grupal, de uma forma repartida e idêntica, com uma pequena prevalência da primeira.

3.2.4 – Dimensão Conteúdo

A Dimensão Conteúdo, pretende codificar o conteúdo da informação, sendo composta por 6 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem. As primeiras 4 categorias supracitadas apresentam um conjunto de sub-categorias, que já foram apresentadas anteriormente. Apresentamos seguidamente, os resultados relativos às expectativas que os treinadores têm, face ao conteúdo ministrado na competição.

Tal como ocorreu na prelecção de preparação para a competição, os treinadores esperam na competição transmitir muita instrução de conteúdo psicológico e tático (3,8 e 3,7 respectivamente). No quadro seguidamente apresentado, verificou-se claramente uma maior preocupação para este tipo de conteúdos, em detrimento dos conteúdos técnico (2,5), físicos (2,5), equipa adversária (2,7) e de arbitragem (1,8).

Quadro 32 – Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução na competição: mínimo (Min), máximo (Max), média (X) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	X	SD
Técnica	1	3	2,5	± 0,7
<i>Técnicas Ofensivas</i>	2	3	2,8	± 0,4
<i>Técnicas Defensivas</i>	2	3	2,8	± 0,4
Táctica	3	5	3,7	± 0,7
<i>Sistemas de Jogo</i>	2	4	3,2	± 0,8
<i>Métodos de Jogo</i>	2	4	3,3	± 0,7
<i>Esquemas Tácticos</i>	2	4	3,3	± 0,8
<i>Princípios do Jogo</i>	2	5	3,1	± 1,0
<i>Funções/Missões</i>	2	5	3,4	± 0,8
<i>Combinações</i>	2	4	3,2	± 0,6
<i>Eficácia Geral</i>	2	4	3,4	± 0,8
Psicológico	2	5	3,8	± 0,9
<i>Ritmo de Jogo</i>	2	5	3,3	± 0,8
<i>Confiança</i>	3	5	4,0	± 0,4
<i>Pressão Eficácia</i>	3	5	3,9	± 0,5
<i>Atenção</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Concentração</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Pressão Combatividade</i>	4	5	4,1	± 0,3
<i>Resist. Adversidades</i>	3	5	4,0	± 0,4
<i>Responsabilidade</i>	3	4	3,7	± 0,5
Físico	1	3	2,5	± 0,7
<i>Resistência</i>	1	3	1,8	± 0,6
<i>Veloc. Execução</i>	2	4	2,9	± 0,8
<i>Veloc. Deslocamento</i>	1	3	2,1	± 0,7
<i>Veloc. Reacção</i>	1	4	2,5	± 0,9
<i>Força</i>	1	3	1,8	± 0,7
<i>Aquecimento</i>	1	3	1,9	± 0,8
Equipa Adversária	2	4	2,7	± 0,7
Equipa de Arbitragem	1	3	1,8	± 0,7

Estas expectativas apresentam uma consonância com aquilo que vários autores verificam na instrução em competição. Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997), Cunha

(1998), Mesquita (1997) Petit & Durny (2000) e Pina & Rodrigues (1997) verificaram valores elevados de instruções táticas e psicológicas, no entanto, existem alguns autores que admitem existir uma maior predominância de conteúdo psicológico na competição, devido ao facto de subsistir elevada impulsividade, tensão e nervosismo, sendo mais importante o apoio motivacional e a estabilidade psico-emocional dos jogadores (Cloes, Delhaes & Piéron, 1993; Dias, Sarmiento & Rodrigues, 1994; Moreno, 2001; Pina & Rodrigues, 1997). Como tal, é perfeitamente natural que os treinadores esperem emitir maiores níveis de informação tática e psicológica, em detrimento de outros conteúdos menos importantes para o desenrolar da competição.

Verificamos também que os treinadores, não pretendem emitir muita informação com conteúdo relativo à equipa adversária (2,7) e muito menos sobre a equipa de arbitragem (1,8). Significa isto que, a instrução acerca da própria equipa tem um papel mais importante naquilo que os treinadores esperam transmitir, estando pouco preocupado com as restantes equipas que compõem uma competição de futebol.

No que concerne às sub-categorias que compõem o conteúdo tático e psicológico, podemos mencionar que praticamente nenhuma delas se destacou positivamente ou negativamente. Em todos os diferentes conteúdos táticos, as expectativas que os treinadores fizeram da sua instrução na competição rondaram o nível médio (3,1 a 3,4), não se salientando nenhuma delas, por isso os treinadores esperam informar um pouco de tudo. Ao nível dos diversos conteúdos psicológicos, verificámos somente um valor mais baixo relativo ao ritmo de jogo, ou seja, espera-se menos instruções referentes ao aumento, manutenção ou diminuição da intensidade do jogo, embora se encontre um valor de escala média (3,3). Todas as restantes sub-categorias apresentam valores que indicam a expectativa de fornecer muita informação, isto é, valores que rondam o nível 4 da escala de Lickert.

As sub-categorias técnicas ofensivas e defensivas apresentam valores iguais (2,8), mas um pouco acima do registado para a categoria técnica (2,5). Não encontramos justificação plausível para a compreensão desta situação,

Por último, no que respeita às sub-categorias do conteúdo físico, importa destacar a velocidade de execução e de reacção, como sendo as manifestações das capacidades físicas que registaram maiores níveis de expectativa para a instrução na competição.

3.3 - Síntese

Um dos objectivos do nosso estudo, consiste no conhecimento descritivo das expectativas que os treinadores têm acerca da sua instrução, quer ao nível da prelecção de preparação para a competição, quer ao nível da competição. Para tal objectivo, submetemos a uma amostra de treinadores pertencentes ao campeonato nacional da 2ª Divisão B, no escalão de seniores, a realização de um questionário (QEIC), no qual atribuíam um nível de importância (quantidade de informação traduzida em escala de Lickert) a cada categoria e sub-categoria que compõem o complexo comportamento de instrução. Sendo assim, recolhemos um conjunto de informação pertinente, relativamente à variável cognitiva do treinador de futebol, para posteriormente compará-la e correlacioná-la com outras variáveis.

Quanto à **prelecção de preparação para a competição**, podemos sintetizar os nossos resultados, às seguintes alíneas:

- a) Os treinadores esperam transmitir muita informação afectiva positiva e praticamente nenhuma informação afectiva negativa. Esperam também, por um lado, interrogar os seus jogadores acerca dos vários conteúdos inerentes à prelecção, e por outro, descreverem um gesto, acção, comportamentos ou situações efectuadas pelos atletas nos treinos ou em anteriores competições, com vista a uma melhoria, repetição ou anulação das mesmas. Ao contrário do que a literatura relativa ao comportamento de instrução na prelecção refere, os treinadores têm uma expectativa reduzida face à transmissão de informação prescritiva, no entanto, o facto de encontrarmos pouquíssimos estudos acerca da variável cognitiva não nos permitirá justificar sustentadamente estes resultados.
- b) As expectativas incidiram claramente numa informação dirigida maioritariamente para a equipa. Os treinadores também pretendem dirigir instruções para o atleta e para os grupos de defesas, médios e avançados. A expectativa é consideravelmente baixa para a informação dirigida ao suplente ou grupo de suplentes, indo ao encontro do que vários autores referem como principais objectivos para a prelecção de preparação para a competição, ou seja, um momento de congregação colectiva, com pequenas informações individuais.
- c) As expectativas dos treinadores relativamente ao tipo de conteúdo que deverão fornecer privilegiadamente, centraram-se na informação de conteúdo psicológico e táctico. A pesquisa bibliográfica defende e prova que a prelecção de preparação

para a competição, deve ser um momento de preparação tático-estratégica e psicológica, com vista à optimização do rendimento competitivo. Importa igualmente referir que ao nível do conteúdo tático, os treinadores pretenderam incidir mais na organização da equipa (métodos de jogo ofensivos e defensivos). Ao nível do conteúdo psicológico, espera-se uma informação centrada na motivação e confiança para uma maior eficácia, atenção e concentração, capacidade de combate e de resistência às adversidades. Todos os restantes tipos de conteúdos apresentaram níveis de expectativa consideravelmente baixos.

- d) Em suma, os treinadores observados esperam transmitir uma instrução fundamentalmente afectiva positiva, dirigida para a equipa e com um conteúdo tático e psicológico.

Quanto à **competição**, podemos sintetizar os nossos resultados, às seguintes alíneas:

- a) As expectativas dos treinadores incidiram fundamentalmente em muita informação de carácter afectivo positivo e quase nenhuma informação afectiva negativa. Voltamos a verificar que os treinadores esperam transmitir pouca informação prescritiva na competição, o que nos provocou alguma dificuldade interpretativa do facto, pois considerámos este tipo de informação fundamental, no sentido de transmitir aos jogadores o que se pretende realizar nas seguintes situações individuais ou colectivas, indo ao encontro de vários estudos relativos ao comportamento da instrução. Fica claramente por aprofundar, as razões que levaram os treinadores a apresentar este tipo de expectativas. A instrução descritiva foi a segunda categoria mais esperada e as restantes categorias, apresentam valores mais reduzidos.
- b) Verificamos que os treinadores pretendem comunicar com os seus atletas de todas as formas. Os dados obtidos revelaram uma expectativa maioritariamente auditiva, seguindo-se a forma auditivo-visual e por último a informação somente visual com um valor mais baixo. Embora alguns autores refiram a importância da comunicação não verbal, outros continuam a afirmar que a comunicação verbal é claramente a mais utilizada.
- c) Existe uma expectativa de fornecer informação dirigida preferencialmente ao atleta, mas não se registaram elevadas diferenças para as outras categorias e entre elas mesmo, ou seja, os treinadores esperam dirigir a informação de uma forma repartida para o atleta suplente, para a equipa e para os diferentes grupos (defesas, médios e avançados), exceptuando o grupo de suplentes, onde se verificaram

valores mais baixos, pois a preocupação reside fundamentalmente nos jogadores que estão em jogo ou nos que vão entrar.

d) Novamente, os treinadores demonstraram que as suas expectativas residem numa instrução claramente psicológica e tática, em detrimento dos restantes tipos de conteúdos (técnico, físico, equipa adversária e de arbitragem). Estas expectativas vão claramente ao encontro do que vários autores verificaram na instrução em competição, e ao encontro do que consideramos ser mais importante para ajudar a equipa a obter o máximo rendimento competitivo.

e) Em suma, os treinadores observados esperam transmitir uma instrução fundamentalmente afectiva positiva, auditiva, dirigida para o atleta e com um conteúdo tático e psicológico.

4 – Análise Descritiva do Comportamento de Instrução

Conforme apresentámos no ponto anterior, descreveremos inicialmente o comportamento da instrução relativa à prelecção de preparação para a competição e posteriormente relativa à competição. No caso da competição, metodologicamente definimos um conjunto de sub-momentos integrados na mesma e que serão sujeitos a uma descrição pormenorizada e específica, pois apresentaram particularidades distintas e merecedoras de tal situação.

4.1 – Prelecção de Preparação para a Competição

Tal como referimos na análise da literatura, a prelecção de preparação para a competição é uma tarefa claramente instituída na modalidade de futebol, revestindo-se de um carácter cognitivo e afectivo, tendo como principal objectivo a preparação mental para a competição, para que os jogadores a consigam enfrentar com elevados níveis de confiança, com vista a alcançar o êxito na competição (Nérin, 1986).

Pretendemos descrever a instrução do treinador, através de uma primeira análise relativa à quantidade de informação transmitida, duração da prelecção e antecedência em relação à hora de início do jogo, e seguidamente a uma segunda análise específica às dimensões do sistema de análise da instrução utilizado (S.A.I.C.), ou seja, Dimensão Objectivo (qual o objectivo da informação transmitida aos atletas), Dimensão Direcção (para quem é que o treinador transmitiu a informação) e Dimensão Conteúdo (que conteúdo continha a informação transmitida).

4.1.1 – Antecedência, duração e quantidade de Informação

Previamente à descrição pormenorizada da instrução, parece-nos importante enquadrar esta prelecção relativamente a três aspectos: quantidade de informação transmitida, duração da prelecção e antecedência em relação à hora de início do jogo.

Quadro 33 – Antecedência ao jogo, duração, nº e média de unidades de informação – Prelecção de Preparação para a Competição

Nº da Prelecção / Identificação do Treinador	Antecedência ao Jogo	Duração	Nº Unidades Informação (UI)	Média UI / min
1ª - T1	105m	13m 26s	130	9,7
2ª - T1	75m	3m 59s	17	4,3
3ª - T2	75m	6m 15s	31	5,0
4ª - T2	80m	12m 42s	61	4,8
5ª - T3	120m	9m 00s	73	8,1
6ª - T3	120m	9m 30s	84	8,8
7ª - T4	120m	14m 45s	125	8,5
8ª - T4	120m	15m 50s	129	8,2
9ª - T5	45m	7m 55s	71	9,0
10ª - T5	75m	11m 37s	121	10,4
11ª - T6	120m	20m 42s	122	5,9
12ª - T6	105m	32m 05s	176	5,5
Média	97m 07s	13m 32s	95	7,3

Pelo quadro anteriormente referido, verificamos que em termos médios, **o tempo de antecedência em relação à hora do início dos jogos** com que se efectua a prelecção de preparação para a competição situa-se aproximadamente dos 100 minutos (97m 07s). No entanto, devemos salientar os extremos, existindo treinadores que antecedem a prelecção 2 horas (máximo) e outro que antecede somente 45 minutos (mínimo). Embora não exista consenso nos diversos autores pesquisados, encontrando-se valores que vão desde as 2 até às 24 horas antes do jogo, podemos referir que os nossos resultados aproximam-se dos valores médios apresentados principalmente por Cook (2001) e Pacheco (2002). Reforçamos assim a nossa opinião, ao concordar com estes autores, pois parece-nos que os valores indicados permitem aos atletas estarem mais receptivos à recepção da informação. Contudo, devemos ressaltar que em alguns treinadores a elevada quantidade de informação transmitida

poderia requerer mais tempo de antecedência, afim de permitir uma melhor reflexão e integração da mesma.

Relativamente à **duração da prelecção de preparação para a competição**, começamos por referir igualmente que não existe qualquer unanimidade entre os valores de referência bibliográfica, apresentando estes, amplitudes que vão desde os 15 a 60 minutos. Os valores médios que obtivemos no nosso estudo são ainda inferiores a estes, ficando-se aproximadamente pelos 13 minutos de prelecção. Embora a maioria das prelecções apresentem uma duração inferior à referida por Castelo (1996), Cook (2001), Nerin (1986) e Pacheco (2002), vão ao encontro de Lima (2000) que refere 15 minutos como o tempo suficiente e adequado e de Houlier e Crevoisier (1993) quando referem que existem treinadores de alto nível que somente gastam 10 minutos. Não podemos deixar de frisar que existe uma grande variação dentro da própria amostra, existindo prelecções com mais de 30 minutos e outras abaixo dos 5 minutos. Podemos referir assim que, poderão existir particularidades específicas ao próprio perfil do treinador e às características do envolvimento contextual que determinaram esta elevada amplitude.

No que respeita à **quantidade de informação transmitida na prelecção de preparação para a competição**, o nosso estudo, revela que em média os treinadores transmitem 95 unidades de informação aos seus atletas, encontrando-se uma média de aproximadamente 7 unidades de informação por minuto. Os valores encontrados parecem-nos positivos, pois os poucos estudos relativos a este aspecto referem valores aproximados ao nosso, ou seja, Pacheco (2002) menciona que os treinadores da 1ª liga e da 2ª Divisão B têm em média 79 unidades de informação na prelecção. Estes valores confirmam igualmente os diferentes estudos científicos, quando caracterizam a prelecção de preparação para a competição como um momento de elevada densidade informativa.

4.1.2 – Dimensão Objectivo

No quadro 31, apresentamos o objectivo da instrução fornecida pelo treinador na prelecção de preparação para a competição. Segundo o sistema de análise da instrução por nós utilizado (S.A.I.C.), corresponde à Dimensão Objectivo, as categorias de Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa.

Quadro 34 – Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	Média	DP
Avaliativo +	0,0	0,8	0,2	± 0,3
Avaliativo –	0,0	0,8	0,1	± 0,3
Descritivo	6,8	37,7	17,5	± 9,7
Prescritivo	54,1	88,1	79,2	± 10,3
Interrogativo	0,0	6,6	2,5	± 1,9
Afectividade +	0,0	1,6	0,4	± 0,7
Afectividade –	0,0	0,0	0,0	± 0,0

Os treinadores, nas prelecções de preparação para a competição, apresentaram uma clara tendência para transmitir informação com um objectivo prescritivo (79,2%), seguindo-se com um valor mais reduzido a informação descritiva (17,5%).

Destacamos o elevadíssimo valor da informação prescritiva, face às restantes categorias, fazendo todo o sentido que assim aconteça, pois, se o treinador tem como objectivo para a prelecção, preparar a equipa mentalmente para o jogo, instruindo sobre os comportamentos táctico-estratégicos individuais e colectivos, tenderá a fazê-lo através de mensagens que prescrevem atitudes e comportamentos. Salientamos da mesma forma que, embora consideravelmente mais baixo, o número de informações descritivas também se destacou face às restantes categorias, indo ao encontro dos objectivos teóricos da prelecção, visto que o treinador também necessita com alguma frequência de descrever acções e/ou comportamentos que tenham sido efectuados pelos atletas no treino ou em anteriores competições. Não nos podemos esquecer que estas duas categorias associadas, contêm 97,3% das unidades de informação. Estes resultados têm correspondência com anteriores estudos encontrados na literatura. Pacheco (2002) verificou que os treinadores da 1ª liga e 2ª divisão b, assentam a sua instrução essencialmente na informação prescritiva (56,4%), seguida da informação descritiva (18,6%). Embora não tenhamos encontrado outros estudos relativos à prelecção de preparação para a competição, Dias, Sarmiento & Rodrigues (1994) e Pina & Rodrigues (1997) apresentam resultados relativos à instrução nas prelecções iniciais, isto é, imediatamente antes do início do jogo, nas modalidades de rugby e voleibol respectivamente, idênticos aos nossos, referindo que a informação é predominantemente prescritiva e descritiva.

Para além das categorias anteriormente referidas, registámos que os treinadores utilizam pouca informação interrogativa (2,5%), avaliativa positiva (0,2%) e avaliativa negativa (0,1%). Parece-nos legítimo que tal aconteça, principalmente ao nível avaliativo, porque o treinador na prelecção de preparação para a competição não tem necessidade de emitir uma estimativa qualitativa de uma acção ou comportamento, pois ela ainda não ocorreu, excepto se a informação for relativa a anteriores comportamentos dos atletas, no entanto, esta informação habitualmente apresenta informação específica e completa, sendo por isso atribuída à categoria descritiva. Referimos também que os treinadores poderiam utilizar com mais frequência o questionamento, como forma eficaz do reconhecimento da aprendizagem adquirida pelos atletas, porém, Nérin (1986) e Pacheco (2002) mencionam e verificam que, a maioria dos treinadores entende ser pouco importante as intervenções verbais dos jogadores nesta prelecção, justificando em parte a reduzida informação interrogativa da parte dos treinadores da nossa amostra. Mais concretamente, Pina e Rodrigues (1997) na observação das prelecções iniciais dos treinadores de voleibol encontraram pouquíssimas intervenções interrogativas, confirmando com o anteriormente referido.

Por último, queremos destacar as categorias de Afectividade, salientando positivamente a inexistência de unidades de informação relativas à Afectividade Negativa, pois as informações claramente negativas, criticando individual ou colectivamente poderão colocar em causa o bem estar psicológico dos atletas, impedindo-os de uma maior rentabilização competitiva. Parece-nos que este é um sinal claramente positivo da parte dos treinadores que demonstram ser conhecedores das técnicas de intervenção pedagógica mais eficazes. Verificou-se um reduzido valor de Afectividade Positiva, sendo natural que os treinadores transmitam poucas informações marcadamente positivas, estando mais preocupados com a prescrição de comportamentos.

4.1.3 – Dimensão Direcção

No quadro 32, apresentamos a direccionalidade da instrução fornecida pelo treinador na prelecção de preparação para a competição. Segundo o sistema de análise da instrução por nós utilizado (S.A.I.C.), corresponde à Dimensão Direcção, as categorias de Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa. Na adaptação do S.A.I.C. (Pina e Rodrigues, 1993) às características específicas da modalidade de futebol, optámos metodologicamente por ramificar a categoria grupo em 4 sub-categorias, que são: Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes,

especificando-se assim, para que tipos de grupos, os treinadores dirigem a sua informação durante a prelecção de preparação para a competição.

Quadro 35 – Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	DP
Atleta	0,0	46,6	15,9	± 17,1
Atleta Suplente	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Grupo				
Grupo de Defesas	0,0	11,5	3,4	± 4,0
Grupo de Médios	0,0	11,5	2,2	± 3,5
Grupo de Avançados	0,0	12,4	2,4	± 3,7
Grupo de Suplentes	0,0	2,4	0,3	± 0,8
Sub-Total	0,0	27,0	8,4	± 9,6
Equipa	53,4	100	75,7	± 18,2

Verificámos no quadro acima apresentado que, os treinadores dirigiram a sua instrução maioritariamente para toda a equipa (75,9%), seguindo-se para o atleta (15,9%) e grupo de jogadores (8,4%).

Por estes resultados verificámos que a prelecção de preparação para a competição é claramente um momento de congregação colectiva. Os treinadores pretendem fundamentalmente dirigir-se para toda a equipa de forma a explicar o plano táctico-estratégico para o jogo e a desenvolver em todos os jogadores uma estabilidade psicológica ideal para o rendimento. Embora o treinador também emita informações dirigidas para o atleta ou grupo, estas foram em muito menor número, no sentido de particularizar algumas missões/funções enquadradas no plano de jogo. Existem mesmo alguns treinadores que tiveram mais de 90% da sua instrução dedicada ao colectivo, entendendo-se assim a importância desta categoria, no que concerne à direcção da instrução.

Ao nível da especificidade do tipo de grupo ao qual o treinador dirige a instrução, verificamos que o grupo de defesas foi alvo de um maior número de informações (3,4%), seguindo-se os avançados (2,4%) e os médios (2,2%). Os treinadores, praticamente não dirigiram informação para o grupo de suplentes (0,3%). Embora os valores não apresentem elevadas diferenças em termos absolutos e relativos, excepto ao nível do grupo de suplentes, consolidámos a expectativa que tínhamos dos

treinadores quase não se dirigirem especificamente aos suplentes, guardando essa situação para o momento da substituição. Parece-nos que o facto da organização defensiva ser um aspecto cada vez mais determinante na capacidade ofensiva da equipa e por sua vez, no sucesso competitivo da mesma, os treinadores direccionam maior atenção sobre os defesas. Os dados individuais, salientam que são várias as prelecções, em que os treinadores não emitem qualquer informação para os diferentes grupos, fazendo-o somente para a equipa ou para o jogador, tal como se verifica no quadro de resultados.

Os resultados obtidos correspondem aos encontrados na revisão bibliográfica, mais concretamente por Pacheco (2002), quando refere que os treinadores de futebol da 1ª liga e 2ª divisão B, transmitem 61,8% da informação para a equipa, 33% para o jogador individual e 5,2% para sub-grupos de jogadores. Tal como fizemos anteriormente, os estudos de Dias, Sarmento e Rodrigues (1994), Moreno (2001) e Pina e Rodrigues (1997) transmitem-nos o mesmo tipo de resultados, ou seja, os treinadores de rugby e de voleibol nas suas prelecções iniciais dirigem a informação maioritariamente para toda a equipa. Moreno (2001), refere igualmente que os treinadores de voleibol poderão emitir informações individualizadas, mas em menor quantidade, essencialmente dirigida aos atletas relevantes da equipa. Por último, o estudo de Pacheco (2002), relativamente às sub-categorias do grupo, verificou maior número de unidades de informação para o grupo de avançados (2,2%), seguido dos médios (1,8%) e por último dos defesas (1,2%), não corroborando totalmente com os nossos resultados, no entanto correspondendo ao nível da reduzida instrução transmitida aos vários grupos que compõem a equipa.

4.1.4 – Dimensão Conteúdo

A dimensão conteúdo é claramente a mais complexa de analisar, visto que é composta por um vasto conjunto de categorias e sub-categorias, que por um lado permitem compreender pormenorizadamente o tipo de conteúdo da instrução fornecida pelo treinador na prelecção de preparação para a competição, mas por outro torna a sua apresentação e discussão mais complexa. Esta dimensão é composta por 8 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado. As primeiras 4 categorias supracitadas, pela sua natural complexidade, necessitaram de uma ramificação, adaptando-se assim, o S.A.I.C. à realidade da modalidade de futebol, existindo um conjunto de sub-categorias que já foram previamente referidas. O quadro 33 apresenta todos os valores registados ao nível da dimensão conteúdo.

Quadro 36 – Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média), desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	DP
Categoria TÉCNICA				
Técnicas Ofensivas	0,0	5,0	1,2	± 1,7
Técnicas Defensivas	0,0	5,7	0,8	± 1,6
Sub-Total	0,0	7,4	2,0	± 2,6
Categoria TÁCTICA				
Sistemas de Jogo	0,0	9,7	2,5	± 2,7
Métodos de Jogo	0,0	29,5	18,3	± 10,6
Esquemas Tácticos	0,0	52,1	16,4	± 19,2
Princípios do Jogo	0,0	7,0	1,8	± 2,2
Funções/Missões	0,0	14,8	2,7	± 4,4
Combinações	0,0	2,3	0,6	± 0,8
Eficácia Geral	6,2	32,3	13,2	± 7,5
Sub-Total	17,6	84,5	55,5	± 19,2
Categoria PSICOLÓGICA				
Ritmo de Jogo	0,0	4,6	0,7	± 1,3
Confiança	0,0	11,8	3,2	± 4,1
Pressão Eficácia	3,6	64,7	20,7	± 15,8
Atenção	0,0	3,2	1,0	± 1,3
Concentração	0,0	4,9	1,1	± 1,8
Pressão Combatividade	0,0	12,9	3,1	± 3,6
Resist. Adversidades	0,0	4,6	1,4	± 1,5
Responsabilidade	0,0	21,3	3,8	± 6,2
Sub-Total	8,3	76,5	35,0	± 19,6
Categoria FÍSICO				
Resistência	0,0	1,2	0,1	± 0,3
Veloc. Execução	0,0	4,1	0,7	± 1,5
Veloc. Deslocamento	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Veloc. Reacção	0,0	0,6	0,1	± 0,2
Força	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Aquecimento	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sub-Total	0,0	4,8	0,9	± 1,7
Outras Categorias				
Equipa Adversária	0,8	8,2	4,3	± 2,3
Equipa de Arbitragem	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sem Conteúdo	0,0	5,7	2,1	± 1,9
Indeterminado	0,0	1,7	0,2	± 0,6

Os dados recolhidos, relativamente à instrução realizada nas prelecções de preparação para a competição pelos treinadores de futebol, demonstraram a existência de uma evidente predominância dos conteúdos tácticos (55,5%) e psicológicos (35%). As duas categorias em conjunto recolhem 90,5% da informação transmitida, o que demonstra claramente a importância das mesmas, indo ao encontro da maioria dos autores que referem a prelecção como um momento fundamental de preparação teórica, através da revisão dos aspectos táctico-estratégicos e de preparação psicológica, através do aumento da motivação, atenção, concentração, confiança e outros aspectos de ordem psicológica, com vista à optimização do rendimento competitivo (Castelo, 1996; Nérin, 1986; Houlier e Crevoisier, 1993; Pacheco, 2002; Peseiro, 1998).

Estes resultados têm muita similitude com outros estudos, tais como Pacheco (2002) na modalidade de futebol e Nérin (1986) nas modalidades de andebol, basquetebol, rugby e voleibol, onde referem que os treinadores emitem uma instrução predominantemente táctica e psicológica. Ao existirem poucos estudos relativos à prelecção propriamente dita, podemos referenciar que Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994) e Pina e Rodrigues (1997), ao analisarem as prelecções iniciais (imediatamente antes do jogo) em treinadores de rugby e de voleibol, mencionam que a informação apresenta um conteúdo maioritariamente táctico e psicológico. Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997) e Moreno (2001) ao recolherem informação de treinadores experts de várias modalidades, reforçam os nossos resultados, pois os treinadores responderam maioritariamente que, antes da competição, a informação deve ser dirigida para os pontos-chave do plano de jogo, preparando e ensaiando cognitivamente o mesmo, motivando fortemente os jogadores.

Seguidamente às categorias táctica e psicológica, apareceu a categoria equipa adversária (4,3%). Embora seja um valor consideravelmente mais baixo que as categorias anteriores, torna-se perceptível que os treinadores atribuem alguma importância às características do adversário, pois a essência dos jogos desportivos colectivos passa pela confrontação entre duas equipas numa relação de adversidade típica não hostil, habitualmente designada por rivalidade desportiva (Teodorescu, 1984), não fazendo sentido a construção de um plano táctico-estratégico sem a devida adaptação/modificação face às características do adversário. Vários são os autores que apelam à importância que a equipa adversária deve ter na instrução do treinador, quer na prelecção, quer na competição (Castelo, 1996 e 2000; Launder & Piltz, 2000; Lima, 2000 e Teodorescu, 1984).

Pacheco (2002) regista que os treinadores de futebol da 2ª divisão B, apresentam 3,8% da sua instrução relativa à equipa adversária e 15,9% para os treinadores da 1ª liga, justificando esta diferença pelo facto dos segundos possuírem mais recursos humanos e materiais e talvez um maior nível de importância. Este estudo vai precisamente ao encontro dos nossos resultados, demonstrando que caso os treinadores da nossa amostra tivessem possibilidades instruíam mais sobre o adversário, verificando-se através de uma frase retirada de uma prelecção: “Rapazes, é pena não saber mais sobre o adversário, pois assim preparávamos melhor o jogo, os cantos, as movimentações e outras coisas, mas isso é para a 1ª liga, agora, nós temos é que...”. Moreno (2001) chega a verificar no seu estudo que, a informação com conteúdo relativo à equipa adversária é superior à da própria equipa, contrariamente a outros estudos.

Relativamente às categorias técnica e físico, e de acordo com a nossa expectativa, os treinadores, nas prelecções de preparação para a competição, transmitiram pouquíssima informação. Sendo 2% de conteúdo técnico e de 0,9% de conteúdo físico. Esta situação leva-nos a considerar que mesmo sendo factores de treino importantes para o rendimento individual e colectivo em competição, o futebol é uma modalidade de dominante táctica, ao contrário de outras, onde se verifica precisamente o oposto. Como conhecedores da modalidade, temos claramente o conhecimento de que no presente, o processo de treino desportivo dos treinadores de sucesso assenta fundamentalmente no desenvolvimento das soluções e execuções tácticas dos diferentes problemas que ocorrem ininterruptamente na competição, em detrimento dos aspectos técnicos e/ou físicos, não deixando de os ter em consideração. Para além disso, o facto do nível competitivo ser elevado, da amostra pertencer ao escalão de séniores e a prelecção de preparação para a competição ser mais um momento, para além de todas as sessões de treino, que visa fundamentalmente preparar a equipa para a execução de um plano táctico-estratégico, justificam completamente os resultados obtidos.

Relativamente aos estudos anteriormente realizados, encontramos valores idênticos em Pacheco (2002), com 2,9% da instrução, Pina e Rodrigues (1997) com inexistência de conteúdo técnico quer nas prelecções iniciais, quer em toda a competição, e Dias, Sarmento e Rodrigues (1994) que encontram valores mais elevados, mas continuando a serem os mais baixos dentro da dimensão conteúdo da informação.

Terminando a análise descritiva das categorias, resta-nos referir que os treinadores não emitiram qualquer informação com conteúdo relativo à equipa de arbitragem. Este

facto leva-nos a considerar que estes treinadores não consideram a equipa de arbitragem como um factor importante a referir, de forma a que os seus jogadores se centrem exclusivamente nos aspectos inerentes ao jogo propriamente dito e ao seu rendimento individual e colectivo. Provavelmente, abordar a equipa de arbitragem poderá levar à desconcentração dos jogadores nos aspectos realmente importantes e determinantes para o sucesso desportivo. No entanto, Castelo (1996 e 2000) refere que o treinador de futebol na prelecção, deve caracterizar a equipa de arbitragem, relativamente a alguns aspectos de personalidade do árbitro e dos seus auxiliares e à forma como eles interpretam habitualmente algumas situações de jogo, para que os jogadores possam intervir positivamente com os mesmos, embora não deva centrar-se exageradamente em tais elementos. Concordamos com Castelo (1996; 2000), contudo aceitamos perfeitamente a inexistência de informação relativa à equipa de arbitragem dos treinadores que integram o nosso estudo.

Torna-se igualmente importante descrever e reflectir acerca dos dados relativos às sub-categorias que compõem a categoria táctica e psicológica. Relativamente à primeira, verificamos que os métodos de jogo (18,3%), os esquemas tácticos (16,4%) e a eficácia geral (13,2%) quase totalizaram as informações recolhidas. Seguidamente surgiram sub-categorias quase sem expressão, que são as funções/missões (2,7%), os sistemas de jogo (2,5%), princípios de jogo (1,8%) e combinações (0,6%). Compreendemos e esperávamos que esta distribuição da instrução ocorresse desta forma, pois os treinadores atribuem assim maior importância a aspectos tácticos fundamentais para o sucesso competitivo, tais como: objectivos do ataque e da defesa, organização ofensiva e defensiva, equilíbrios e recuperações, situações de bola parada (cantos e livres directos e indirectos, quer ofensiva, quer defensivamente), estratégia geral, performance e resultados desportivos. Serão com certeza estes, alguns dos ingredientes fulcrais para a obtenção da vitória, porém, por vezes existe uma elevada discrepância entre aquilo que o treinador pretende e o que realmente ocorre na competição.

Para além de existirem pouquíssimos estudos relativos à prelecção, só poderíamos comparar os nossos dados com outros respeitantes à mesma modalidade, e mesmo nesse caso, seria necessário que as sub-categorias escolhidas fossem as mesmas, o que se torna quase impossível. Todavia, reflectindo sobre os dados recolhidos por Pacheco (2002), podemos referir que existe elevada conformidade com os nossos dados, pois se agregarmos a táctica colectiva ofensiva (19,4%) e defensiva (15,8%) que corresponde terminologicamente às nossas sub-categorias de métodos de jogo (18,3%) e esquemas tácticos (16,4%), encontramos os valores muito idênticos (35,2%

vs 34,7%). O mesmo se verifica entre a associação do contexto de jogo, performance e resultado desportivo (15,6%) com a nossa sub-categoria eficácia geral (13,2%).

No que concerne à categoria psicológico, encontramos uma elevada predominância da sub-categoria pressão eficácia face à percentagem total (20,7% em 35%), sendo mesmo superior às sub-categorias mais importantes da tática. Esta situação leva-nos a perceber que uma das principais preocupações do treinador na prelecção de preparação para a competição, consiste na estabilização emocional dos jogadores, pressionando-os positivamente, no sentido de os motivar e incentivar para uma maior eficácia de jogo. No fundo, tudo aquilo que o treinador pretende, é que os seus jogadores apresentem uma elevada eficácia competitiva. Seguidamente a esta sub-categoria somente importa registar os valores seguintes com maior predomínio, embora com valores claramente mais baixos, os treinadores tentam incutir responsabilidade individual e colectiva (3,8%), transmitindo confiança (3,2%) e pressionando para uma elevada combatividade (3,1%).

Nesta categoria, Pacheco (2002) considera que os treinadores da 1ª liga e da 2ª divisão B, também atribuem maior importância às questões ligadas à superação e empenho, pressionando-os positivamente para tal. Nas restantes sub-categorias psicológicas, apresenta também, valores muito baixos, como tal, consideramos novamente que os nossos valores apresentam concordância com estudos anteriores.

Existindo muito pouca informação de conteúdo técnico transmitida, interessa somente referir que não existem quase diferenças entre as sub-categorias técnica defensiva e ofensiva (0,8% vs 1,2%).

Será importante salientar que das 11 unidades de informação relativas ao conteúdo físico, 9 são relativas à velocidade de execução, visto que esta manifestação de velocidade é uma das mais importantes no futebol, estando particularmente associada à capacidade tática de resolver o mais rapidamente possível as diferentes situações de jogo (acções/tarefas), recorrendo ao ciclo de fases do comportamento tático de Mahlo (1966).

4.2 – Competição

A análise que iremos seguidamente efectuar, consiste em descrever as características do comportamento de instrução em competição (12 competições).

Ao nível da competição, foram encontrados vários estudos, nos quais iremos sustentar algumas das nossas interpretações e confrontar com os nossos dados, afim de verificar elevada identidade ou não. Pretendemos igualmente encontrar um perfil de instrução em competição, do treinador de futebol, salientando as características predominantes e que poderão servir de referência para a classe dos treinadores, visto que a amostra é composta por pessoas com um elevado reconhecimento profissional, contextualizada num nível competitivo profissional.

Ao contrário do que verificamos em alguns estudos, não nos resumimos somente à análise da instrução durante o jogo ou num só momento que compõe a competição. Para um maior enriquecimento do estudo e da investigação científica nesta área, optámos metodologicamente por ramificar a competição em 3 momentos: ***Antes do Jogo, Durante o Jogo e Intervalo do Jogo.***

Sendo assim, apresentaremos de seguida a análise descritiva de cada um destes momentos, permitindo assim ao leitor uma pesquisa mais profunda e específica de cada sub-contexto inerente ao complexo e determinante contexto da competição.

4.2.1 – Antes do Jogo

Temos por objectivo, descrever a instrução antes do jogo, através de uma breve análise relativa à quantidade de informação transmitida e à duração deste momento, para de seguida, efectuarmos uma análise específica às diferentes dimensões³ do sistema de análise da instrução utilizado (S.A.I.C.), ou seja, Dimensão Objectivo (qual o objectivo da informação transmitida aos atletas), Dimensão Direcção (para quem é que o treinador transmitiu a informação) e Dimensão Conteúdo (que conteúdo continha a informação transmitida).

4.2.1.1 – Duração e quantidade de Informação

O Quadro 34 apresenta-nos a duração do momento antes do jogo (após o aquecimento até ao apito do árbitro para iniciar o jogo), o número de unidades de

³ A Dimensão Forma (para quem é dirigida a informação) não é descrita neste momento da competição, devido ao facto de não termos realizado a recolha de imagem dentro do balneário, com vista à obtenção de uma maior validade dos dados.

informação transmitidas em cada competição e a média de unidades de informação por minuto.

Quadro 37 – Duração, nº e média de unidades de informação – Antes do Jogo

Nº da Competição / Identificação do Treinador	Duração	Nº Unidades Informação (UI)	Média UI / min
1ª - T1	11m 45s	13	1,1
2ª - T1	11m 48s	12	1,1
3ª - T2	6m 04s	4	0,7
4ª - T2	9m 54s	5	0,5
5ª - T3	11m 44s	10	0,9
6ª - T3	8m 25s	19	2,3
7ª - T4	8m 55s	22	2,5
8ª - T4	12m 31s	24	1,9
9ª - T5	8m 05s	11	1,4
10ª - T5	7m 56s	2	0,3
11ª - T6	8m 09s	32	3,9
12ª - T6	9m 13s	24	2,6
Média	9m 32s	14,8	1,6

Relativamente aos dados apresentados, devemos referir que os valores de duração não contêm um elevado interesse, visto que representa o tempo que medeia o término do aquecimento e o início do jogo. Significa isto, que este tempo varia em função de vários aspectos inerentes ao próprio envolvimento (distância dos balneários, tempo que o árbitro demora a iniciar o jogo, etc).

O que importa realmente, é salientar que existe uma elevada diferenciação ao nível da quantidade de unidades de informação transmitida pelos treinadores, registando-se como mínimo 2 unidades de informação e como máximo 24. Podemos assim considerar, que para alguns treinadores este é um momento em que já está tudo falado, esperando somente pelo jogo para intervir novamente, mas para outros, ainda é um momento onde é importante transmitir aos atletas um conjunto de instruções que os levem à melhor entrada possível em jogo.

4.2.1.2 – Dimensão Objectivo

Segundo o S.A.I.C. (Pina & Rodrigues, 1993), a Dimensão Objectivo, é composta pelas categorias de Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa.

Quadro 38 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	Média	DP
Avaliativo +	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Avaliativo –	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Descritivo	0,0	20,0	3,6	± 6,9
Prescritivo	78,9	100,0	91,1	± 9,1
Interrogativo	0,0	5,3	1,4	± 2,2
Afectividade +	0,0	20,0	3,8	± 6,6
Afectividade –	0,0	0,0	0,0	± 0,0

Nos dados recolhidos imediatamente antes do jogo, ressalta o facto de existirem algumas categorias sem qualquer unidade de informação, ou seja, os treinadores antes do jogo não transmitiram informação afectiva negativa, avaliativa positiva e negativa. Estes valores revelam que este não é um momento para realizar avaliações sobre algo, e muito menos para criticar negativamente algum tipo de comportamento.

É bastante positivo, o facto dos treinadores preocuparem-se somente em criar um clima de afectividade positiva (3,8%), descreverem (3,6%), interrogarem (1,4%) e prescreverem (91,1%). Este último tipo de objectivo é maioritariamente o mais utilizado, pois os treinadores pretendem fornecer indicações sucintas e claras no sentido de obter comportamentos mais eficazes.

Aquilo que observamos, vai claramente ao encontro dos estudos realizados por Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994) e Bloom, Durand-Bush & Salmela (1997), onde referem que os treinadores de várias modalidades, antes do jogo, devem centrar a sua informação na prescrição dos comportamentos dos jogadores face aos pontos-chave do plano de jogo.

Face aos resultados, verificamos que neste momento pretende-se apelar a elevados níveis de atenção e concentração e apelar aos conhecimentos adquiridos e que orientam o plano táctico-estratégico (Castelo, 1996; Hotz, 1999; Mesquita, 1997), utilizando-se para tal uma informação claramente prescritiva.

4.2.1.3 – Dimensão Direcção

Quando queremos analisar, para quem se dirige a instrução, o sistema escolhido, sistematiza em 4 categorias, que são: Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa. Ao encontro das características específicas da modalidade, a categoria grupo ramifica-se em 4 sub-categorias, que são: Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes.

Quadro 39 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	SD
Atleta	0,0	76,9	37,9	± 22,3
Atleta Suplente	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Grupo				
Grupo de Defesas	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Grupo de Médios	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Grupo de Avançados	0,0	9,1	1,4	± 3,3
Grupo de Suplentes	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sub-Total	0,0	9,1	1,4	± 3,3
Equipa	15,4	100,0	60,7	± 23,4

Como seria de esperar, imediatamente antes do jogo, os treinadores transmitiram informação maioritariamente dirigida para a equipa (60,7%), pois este é claramente o último momento de congregação colectiva antes de se iniciar o jogo. No entanto também se registaram valores consideráveis na instrução dirigida para o atleta (37,9%), significando isto que, existe necessidade dos treinadores lembrarem alguns aspectos individuais de elevada especificidade, normalmente estabelecendo um contacto muito próximo com o atleta em causa, ao contrário do que acontece na prelecção de preparação para a competição, onde o treinador poderá emitir informações individuais, mas maioritariamente na presença de toda a equipa.

As restantes categorias não apresentaram qualquer registo, exceptuando a sub-categoria Grupo de Avançados com 1,4% da instrução do treinador, o que corresponde somente a 2 unidades de informação encontradas em todas as competições observadas, sendo por isso, um valor bastante reduzido para uma interpretação sustentada.

Em todos os estudos que sustentam a nossa análise bibliográfica, verificamos a predominância de informação dirigida para o colectivo (Dias, Sarmento e Rodrigues, 1994, com valores de 54,8% e 63,8%), mas segundo Moreno (2001) também deverá emitir-se algumas informações individualizadas, particularmente aos atletas relevantes da equipa. Novamente, existe uma elevada identidade com os nossos resultados, que se apresentam no quadro 36.

Tal como foi referido na dimensão objectivo, o momento imediatamente antes do jogo tende a ser um momento de prescrição colectiva dos ideais e da filosofia da equipa e do clube, passando para os jogadores uma sensação de união em torno do objectivo competitivo, que a este nível se resume basicamente à palavra ganhar.

4.2.1.4 – Dimensão Conteúdo

A dimensão mais complexa da análise multidimensional da instrução reside claramente no conteúdo, devido ao facto de ser composta por um vasto conjunto de categorias e sub-categorias. A Dimensão Conteúdo, pretende codificar o conteúdo da informação, sendo composta por 8 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado. São várias, as sub-categorias que compõem as primeiras 4 categorias, tendo sido apresentadas anteriormente. O quadro 37 apresenta os valores registados ao nível de todas as categorias e sub-categorias que compõem a dimensão conteúdo.

Relativamente às categorias que compõem o S.A.I.C., salientaram-se novamente o conteúdo tático com 23,4% e o conteúdo psicológico com os expressivos 71,3%. Embora as duas categorias juntas perfaçam quase 95% da informação antes do jogo, verifica-se que o predomínio psicológico é elevadíssimo, demonstrando que os treinadores observados utilizam este momento para elevar o estado psicológico dos seus jogadores, pressionando-os positivamente para uma melhor performance desde o início do jogo propriamente dito.

Face às restantes categorias, restaram menos de 5% da instrução total verificada antes do jogo, registando-se 1,3% para o conteúdo técnico, 2,4% da informação acerca da equipa adversária e 1,6% não apresenta conteúdo. Estes valores, em termos absolutos não ultrapassam as 5 unidades de informação, querendo por isso significar muito pouca importância face ao momento em análise.

Quadro 40 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Antes do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	SD
Categoria TÉCNICA				
Técnicas Ofensivas	0,0	9,1	1,3	± 3,1
Técnicas Defensivas	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sub-Total	0,0	9,1	1,3	± 3,1
Categoria TÁTICA				
Sistemas de Jogo	0,0	7,7	0,6	± 2,2
Métodos de Jogo	0,0	18,2	4,0	± 6,7
Esquemas Táticos	0,0	50,0	7,6	± 15,8
Princípios do Jogo	0,0	9,1	0,8	± 2,6
Funções/Missões	0,0	30,8	4,2	± 10,2
Combinações	0,0	18,2	1,9	± 5,3
Eficácia Geral	0,0	18,2	4,3	± 5,7
Sub-Total	0,0	61,5	23,4	± 23,2
Categoria PSICOLÓGICA				
Ritmo de Jogo	0,0	20,0	1,7	± 5,8
Confiança	0,0	20,0	4,7	± 7,2
Pressão Eficácia	23,1	100,0	55,2	± 20,7
Atenção	0,0	8,3	1,1	± 2,7
Concentração	0,0	18,2	3,6	± 6,1
Pressão Combatividade	0,0	15,4	4,4	± 5,2
Resist. Adversidades	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Responsabilidade	0,0	4,5	0,7	± 1,7
Sub-Total	38,5	100,0	71,3	± 22,5
Categoria FÍSICO				
Resistência	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Veloc. Execução	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Veloc. Deslocamento	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Veloc. Reacção	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Força	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Aquecimento	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sub-Total	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Outras Categorias				
Equipa Adversária	0,0	10,5	2,4	± 4,0
Equipa de Arbitragem	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Sem Conteúdo	0,0	9,4	1,6	± 3,1
Indeterminado	0,0	0,0	0,0	± 0,0

Não podemos também deixar de referir que não se verificou nenhuma instrução de conteúdo físico ou relativo à equipa de arbitragem. Esta situação não nos surpreende, pois o facto de ser imediatamente antes do jogo e estarmos perante um nível de alta competição, leva a que os treinadores incidam realmente sobre o que determina uma elevada performance competitiva.

Com o objectivo de se conhecer melhor a especificidade dos diferentes conteúdos, começamos por salientar que no conteúdo táctico somente se destacaram os esquemas tácticos, como o aspecto mais frequente na instrução antes do jogo (7,6%). Todas as restantes sub-categorias apresentam valores mais baixos, ou seja, sistemas de jogo, princípios do jogo e combinações abaixo dos 2% e métodos de jogo, funções/missões e eficácia geral com valores aproximadamente dos 4%. Embora não existam elevadas discrepâncias entre os diferentes conteúdos tácticos abordados pelos treinadores, instruções como “marca bem os cantos ao primeiro poste” ou “fica fora da área antes do canto ser batido” são exemplos do que mais se verificou.

Quando se analisa as diferentes sub-categorias do conteúdo psicológico, verificamos um dado extraordinariamente elevado, face aos restantes, que consiste na pressão eficaz. Salienta-se que em média, os treinadores imediatamente antes do jogo transmitem 55,2% da sua instrução com um conteúdo que visa a pressão positiva para uma maior eficácia de jogo. Este valor significa que mais de metade da informação antes do jogo visa o aumento da motivação dos atletas para uma entrada muito positiva em jogo, utilizando-se habitualmente expressões, como por exemplo: “Não vamos facilitar”, “Não vamos dar hipóteses”, “Vamos ganhar, vamos para cima deles”. Todas as restantes sub-categorias apresentaram valores consideravelmente mais baixos, onde somente as informações relativas ao aumento dos níveis de confiança e de combatividade ultrapassam a dezena de unidades em termos absolutos (4,7 e 4,4%).

Na categoria técnica, registaram-se 3 unidades de informação relativas às técnicas ofensivas (1,3%) e nenhuma para as defensivas. Não se encontraram instruções de conteúdo físico na intervenção do treinador antes do jogo.

4.2.2 – Durante o Jogo

Dentro da competição, o jogo propriamente dito ocupa um destaque especial no que concerne à instrução do treinador. Durante o jogo, o treinador comunica, orientando, conduzindo e motivando o atleta para uma correcta execução daquilo que foi previamente trabalhado e estabelecido. Alguns dos estudos relativos ao

comportamento do treinador em competição, centram-se no jogo propriamente dito, existindo assim, outros dados para possíveis comparações.

Tal como nos momentos anteriores em análise, descrevemos a instrução durante o jogo, através de uma breve análise relativa à quantidade de informação transmitida e à duração deste momento, e de seguida, efectuámos uma análise específica às diferentes dimensões do sistema de análise da instrução utilizado (S.A.I.C.), isto é, Dimensão Objectivo (qual o objectivo da informação transmitida), Dimensão Forma (como é transmitida a informação) Dimensão Direcção (para quem é que o treinador transmitiu a informação) e Dimensão Conteúdo (que conteúdo continha a informação transmitida).

4.2.2.1 – Duração e quantidade de Informação

Embora o estudo esteja claramente direccionado para uma análise multidimensional dos aspectos qualitativos da instrução dos treinadores, importa igualmente apresentar a quantidade de intervenções realizada nas 12 competições observadas.

Quadro 41 – Duração, nº e média de unidades de informação – Durante o Jogo

Nº da Competição / Identificação do Treinador	Duração	Nº Unidades Informação (UI)	Média UI / min
1ª - T1	97m 26s	377	3,9
2ª - T1	96m 11s	389	4,0
3ª - T2	94m 50s	262	3,2
4ª - T2	91m 23s	165	1,8
5ª - T3	95m 35s	475	5,0
6ª - T3	98m 56s	267	2,7
7ª - T4	95m 51s	229	2,4
8ª - T4	99m 03s	178	1,8
9ª - T5	99m 12s	966	9,7
10ª - T5	94m 38s	807	8,5
11ª - T6	97m 11s	662	6,8
12ª - T6	86m 50s	620	7,1
Média	95m 39s	449,8	4,7

De facto, os dados quantitativos revelaram fundamentalmente uma elevada discrepância de valores entre os vários jogos analisados, ou seja, o intervalo entre o

mínimo e o máximo registado atinge as 800 unidades de informação. Aparentemente pressupomos que, esta variabilidade quantitativa é sustentada pelo facto dos jogos serem sempre diferentes, apresentando circunstâncias de elevada incerteza e também devido ao perfil individual de cada treinador, no entanto, parece-nos necessário a futura investigação profunda destes aspectos. O Quadro 37 apresenta-nos a duração da observação realizada durante o jogo (entre o apito inicial e final de cada parte do jogo), o número de unidades de informação transmitidas e a taxa de unidades de informação.

Relativamente à quantidade de informação transmitida durante o jogo, alguns autores (Hotz, 1999; Madden & Evan, 1993; Quintal, 2000) levantam o problema de existir uma sobrecarga de informação transmitida aos jogadores durante o jogo, que os fará desconcentrar, diminuindo a sua rentabilidade. No entanto, fica sempre difícil considerar o que é muito ou pouca informação quando não existem valores quantitativos de referência da instrução durante o jogo na literatura pesquisada. No entanto, na nossa amostra, parece-nos que podemos dividir em três níveis: jogos com pouca instrução dos treinadores (1 a 3 UI/min), com média instrução (3 a 5 UI/min) e com muita instrução (5 a 10 UI/min).

O único estudo encontrado com este tipo de análise (Quintal, 2000), apresenta valores médios de 6,63 UI/min em treinadores de futebol em escalões jovens, referindo que os mesmos não restringiram a informação fornecida a alguns pontos pertinentes. Tendo em consideração que o nível competitivo analisado é substancialmente superior, seria de esperar uma menor quantidade de informação, em detrimento de uma maior qualidade, isto é, o fornecimento de informação altamente específica, objectiva e pertinente. Em termos médios, ocorreu essa diminuição, mas devemos salientar que existem alguns jogos, onde os treinadores ultrapassaram as sete unidades de informação por minuto, o que significa aproximadamente uma informação em cada 10". Tal como Quintal (2000), provavelmente, nestes casos será impossível aos jogadores seleccionarem o essencial da informação transmitida, ou será que para o treinador nem toda a instrução é importante?

Nos casos opostos, encontramos treinadores com baixas taxas de informação, não atingindo as duas instruções por minuto, o que pode significar ir ao encontro de Madden & Evans (1993) ao referirem que os treinadores vencedores restringem a sua instrução somente aos pontos pertinentes.

4.2.2.2 – Dimensão Objectivo

Novamente, apresentamos a Dimensão Objectivo do S.A.I.C. (Pina & Rodrigues, 1993) sendo composta pelas categorias de Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa.

Quadro 42 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	Média	DP
Avaliativo +	1,3	10,9	4,9	± 3,1
Avaliativo –	0,0	1,0	0,2	± 0,4
Descritivo	1,2	6,6	3,1	± 1,5
Prescritivo	71,4	89,9	84,1	± 5,8
Interrogativo	0,0	1,6	0,8	± 0,6
Afectividade +	4,2	14,1	6,7	± 2,8
Afectividade –	0,0	1,3	0,3	± 0,5

Pelo quadro 39, é possível verificar que durante o jogo, em média, 84,1% da instrução foi prescritiva, seguindo-se a afectividade positiva com 6,7%, o avaliativo positivo com 4,9% e o descritivo com 3,1%. As categorias interrogativo, avaliativo negativo e afectivo negativo apresentaram menos de 1% da instrução do treinador durante o jogo (0,8%, 0,2% e 0,3% respectivamente).

Verificámos assim, uma elevadíssima discrepância de valores entre as várias categorias que compõem a dimensão objectivo. A mensagem transmitida com o objectivo de fornecer indicações, na tentativa de propor comportamentos cada vez mais eficazes é, claramente, a preferida dos treinadores. Esta situação revela que os treinadores da nossa amostra, durante o jogo, estão muito preocupados em ajudar os jogadores, prescrevendo-lhes melhores opções, para que os mesmos possam evoluir competitivamente. É importante salientar que, as categorias com objectivos negativos (avaliativo e afectivo) apresentam valores extremamente baixos, tornando-se praticamente insignificantes, o que revela mais uma vez a competência pedagógica dos treinadores, visto que, preocupam-se em não criticarem, criando as melhores condições para o progresso dos jogadores, visando sim, a instrução sobre os aspectos positivos dos comportamentos. Podemos referir assim que, os treinadores passaram a maioria do jogo (95,7% da instrução) a prescrever melhores acções e/ou comportamentos, ou a avaliar/elogiar os seus jogadores relativamente a essas mesmas acções e/ou comportamentos.

Este tipo de perfil encontrado tem sido corroborado por diversos estudos. Mesquita (1997), Moreno (2001), Oliveira (1992) mencionam a importância da informação com carácter predominantemente positivo e centrada na prescrição de comportamentos cada vez mais eficazes. Não encontramos estudos que façam referência à informação descritiva ou interrogativa durante o jogo.

Sendo vários os autores que referem a instrução, como sendo um factor que influencia determinantemente o desenrolar do rendimento individual e colectivo, parece-nos que a utilização de instrução positiva e prescritiva permitirá obter uma influência positiva em detrimento de outros tipos de informação que ao serem utilizados podem claramente dificultar mais do que ajudar os jogadores.

4.2.2.3 – Dimensão Forma

Quando se pretende analisar a forma da instrução, o S.A.I.C. propõe a existência de três categorias, que são: Auditivo, Visual e Auditivo-Visual.

Quadro 43 – Dimensão Forma da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	Média	DP
Auditivo	55,5	76,2	66,0	± 3,1
Visual	0,0	3,0	0,5	± 0,4
Auditivo-Visual	23,2	44,5	33,5	± 1,5

O quadro acima apresentado permite-nos salientar que a instrução durante o jogo foi preferencialmente emitida de forma auditiva (66%), mas existindo um valor acentuado de utilização mista da comunicação verbal e não verbal (33,5%). A informação transmitida somente numa forma visual é quase insignificante (0,5%). Esta situação vem revelar que, embora se recomende e se defenda a existência de uma elevada comunicação não verbal como forma do jogador perceber facilmente a mensagem, a comunicação verbal continua a ser claramente predominante, não só por ser a mais fácil como também a mais natural de realizar.

Não encontramos estudos que revelem dados relativos à forma da instrução durante o jogo. Somente encontramos estudos relativos ao intervalo e ao momento imediatamente antes do jogo, onde a forma auditiva é claramente predominante face aos restantes tipos (Dias, Sarmento & Rodrigues, 1994; Pina, 1998; Pina & Rodrigues, 1997). Registamos igualmente que no estudo de Pina (1998) não se registam

instruções de forma somente visual, o que reforça a pouca utilização deste tipo de informação relativa aos dados do nosso estudo.

4.2.2.4 – Dimensão Direcção

No S.A.I.C., a dimensão direcção, é composta por 4 categorias, que são: Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa. Ao encontro das características específicas da modalidade, a categoria grupo ramifica-se em 4 sub-categorias, que são: Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes.

Quadro 44 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	DP
Atleta	58,5	88,6	72,5	± 10,5
Atleta Suplente	2,0	10,9	5,5	± 2,7
Grupo				
Grupo de Defesas	0,0	0,3	0,1	± 0,1
Grupo de Médios	0,0	2,7	0,6	± 0,9
Grupo de Avançados	0,0	1,0	0,1	± 0,3
Grupo de Suplentes	0,0	1,8	0,4	± 0,5
Sub-Total	0,1	3,1	1,2	± 1,0
Equipa	7,2	37,9	20,7	± 10,5

Relativamente à direccionalidade da instrução emitida pelos treinadores da nossa amostra, verificamos que a maioria dessa instrução foi dirigida para o atleta (72,5%), seguidamente para a equipa (20,7%), atleta suplente (5,5%) e grupo de atletas (1,2%).

Destacamos o elevado valor atingido pela categoria atleta, demonstrando que o treinador durante o jogo preocupou-se em informar especificamente o atleta, prescrevendo-lhe um conjunto de acções e/ou comportamentos. Como é natural, na modalidade de futebol, o facto do terreno de jogo ser muito grande, leva a que o treinador querendo fundamentalmente prescrever, não o faça para toda a equipa pois seria difícil para esta, senão mesmo impossível captar a mensagem, preferindo assim uma informação individualizada. Quando não emite informação deste tipo, então dirige-a para a equipa, principalmente com um objectivo de a motivar/pressionar para maiores níveis de eficácia ou de combatividade (ex: “vamos, mais agressividade”) ou para organizar a sua equipa (ex: “sobe equipa”).

Embora seja consideravelmente mais baixo, destacamos igualmente o valor registado na categoria de atleta suplente, pois ao decidirmos metodologicamente incorporar as substituições como um momento que se apresenta durante o jogo, verificamos que o treinador preocupou-se em emitir um conjunto de informação ao suplente sempre que este se prepara para entrar. Neste momento, por vezes, o treinador abstrai-se dos acontecimentos do jogo, centrando-se na prescrição de um conjunto de informações relativas às funções e missões do jogador (ex: “vais fazer as funções do Zé...”) e no aumento dos índices de motivação e confiança (ex: “vamos, vais marcar um golo”), para que a entrada deste jogador possa se tornar numa mais valia para a equipa. Castelo (1996), refere que as substituições podem ser consideradas como o meio mais operacional e objectivo da intervenção do treinador, durante a competição.

Alguns estudos revelam correspondência com os nossos valores, pois Cloes, Delhaes & Piéron (1993) encontram 50,3% de informação dirigida para o indivíduo, 28,4% para a equipa e 13,7% para o suplente e Moreno (2001) refere a existência de informação predominantemente individual, mas Oliveira (1992), já regista uma informação individual e colectiva ao mesmo nível em treinadores de andebol.

Entendemos assim que, na modalidade de futebol, o treinador deverá privilegiar a informação dirigida para o jogador, pois esta poderá ter muito mais eficácia do que a dirigida para a equipa, face à elevada dificuldade de recepção adequada da mensagem (distância e ruído elevado).

4.2.2.5 – Análise descritiva da Dimensão Conteúdo

A Dimensão Conteúdo, pretende codificar o conteúdo da informação, sendo composta por 8 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado. As primeiras 4 categorias supracitadas, apresentam um conjunto de sub-categorias, sobejamente apresentadas. Todos os valores registados ao nível de todas as categorias e sub-categorias que compõem a dimensão conteúdo, são apresentados no quadro 42.

Ao nível dos quatro factores do jogo que compõem a dimensão conteúdo, o quadro 42, revela que 45,1% da instrução durante o jogo apresentou conteúdo tático, seguindo-se o conteúdo psicológico com 33,2%, o conteúdo técnico com 6,5% e por último o conteúdo físico com 2,5%. Registou-se também baixos valores relativos ao conteúdo equipa adversária (0,6%) e equipa de arbitragem (0,4%).

Quadro 45 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Durante o Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	DP
Categoria TÉCNICA				
Técnicas Ofensivas	0,8	8,6	3,8	± 2,1
Técnicas Defensivas	0,8	5,7	2,7	± 1,5
Sub-Total	2,3	12,1	6,5	± 2,6
Categoria TÁTICA				
Sistemas de Jogo	0,8	7,9	2,4	± 2,0
Métodos de Jogo	10,1	40,4	25,1	± 8,6
Esquemas Táticos	2,2	9,5	6,2	± 2,3
Princípios do Jogo	0,8	7,9	3,9	± 2,2
Funções/Missões	0,0	0,4	0,1	± 0,1
Combinações	2,2	5,3	3,8	± 1,1
Eficácia Geral	1,9	6,1	3,5	± 1,3
Sub-Total	23,6	58,8	45,1	± 11,2
Categoria PSICOLÓGICA				
Ritmo de Jogo	0,4	3,0	1,6	± 0,8
Confiança	0,0	0,8	0,2	± 0,3
Pressão Eficácia	14,1	38,2	22,0	± 6,6
Atenção	1,9	12,8	5,6	± 3,4
Concentração	0,0	1,1	0,2	± 0,3
Pressão Combatividade	0,0	3,6	1,0	± 1,2
Resist. Adversidades	0,0	4,9	2,4	± 1,7
Responsabilidade	0,0	1,3	0,2	± 0,4
Sub-Total	23,1	53,2	33,2	± 8,9
Categoria FÍSICO				
Resistência	0,0	0,2	0,0	± 0,0
Veloc. Execução	0,0	2,7	0,7	± 0,9
Veloc. Deslocamento	0,0	0,4	0,1	± 0,1
Veloc. Reacção	0,0	1,0	0,1	± 0,3
Força	0,0	0,2	0,0	± 0,0
Aquecimento	0,6	3,4	1,6	± 0,7
Sub-Total	1,3	4,2	2,5	± 1,0
Outras Categorias				
Equipa Adversária	0,0	1,9	0,6	± 0,6
Equipa de Arbitragem	0,0	1,3	0,4	± 0,5
Sem Conteúdo	6,1	24,0	11,0	± 5,5
Indeterminado	0,0	2,1	0,7	± 0,8

Importa salientar a categoria “sem conteúdo”, pois regista o terceiro valor mais elevado (11,0%). Esta situação ocorre devido ao facto dos treinadores emitirem uma quantidade elevada de instrução avaliativa ou afectiva positiva, mas que não comporta conteúdo específico, como por exemplo “Isso, isso mesmo”; “Boa”; “Muito bem”.

Os valores claramente superiores ao nível dos conteúdos tático e psicológico, abrangendo quase 80% da instrução fornecida durante o jogo, fazem perceber novamente que o treinador tem dois objectivos primordiais na direcção da equipa: 1) orientar e conduzir o atleta à correcta execução daquilo que foi previamente preparado através de uma informação tática; e 2) transmitir apelos motivacionais com vista à auto-superação, empenho e esforço, através de uma informação psicológica. Estes dois conteúdos dominantes na instrução do treinador são corroborados pelos mais diversos autores (Araújo, 1997; Castelo, 1996; Cunha, 1998; Petit & Durny, 2000, citado por Moreno, 2001).

Os dados obtidos através da nossa amostra revelaram uma maior predominância do conteúdo tático face ao psicológico (45,1% vs 33,2%), no entanto, os estudos até hoje realizados não encontram um consenso a este nível. Para Cloes, Delhaes & Piéron (1993) e Moreno (2001) a instrução dos treinadores de voleibol, durante o jogo, é preferencialmente psicológica em detrimento do conteúdo tático. Contrariamente, Quintal (2000) na modalidade de futebol, em treinadores de escalões jovens, encontra um conteúdo predominantemente tático. A especificidade da modalidade, onde a enorme variabilidade tática é uma constante e o nível competitivo onde se enquadra a nossa amostra poderá explicar a predominância da instrução tática em detrimento do conteúdo psicológico. A existência de futuros estudos poderá explicar sustentadamente os nossos resultados.

A categoria técnica voltou a revelar um baixo valor de instrução (6,5%), onde os treinadores fazem referência fundamentalmente a aspectos relativos ao passe e à recepção e à marcação individual,

Tal como esperávamos, a categoria físico, equipa de arbitragem e equipa adversária apresentaram valores muito pequenos, quase insignificativos face às restantes categorias. Contudo, Moreno (2001) refere que os treinadores experts e os que foram sujeitos a um programa formativo de instrução, apresentam níveis significativos de informação relativa à equipa adversária, o que não ocorre nos treinadores da nossa amostra.

O quadro 42, também permite observar a especificidade dos diferentes conteúdos, salientando-se que no conteúdo tático, os treinadores dirigiram a sua instrução fundamentalmente relacionada com a forma geral de organização ofensiva e defensiva, obtendo-se assim mais de metade das unidades de informação tática (“Métodos de Jogo” – 25,1%). Todas as restantes sub-categorias apresentam valores consideravelmente baixos, exceptuando os “Esquemas Tácticos”, onde 6,2% da instrução dos treinadores durante o jogo foi relativa à realização dos diferentes esquemas tácticos, no plano ofensivo e defensivo. Estes resultados parecem revelar que os aspectos inerentes aos métodos de jogo e aos esquemas tácticos são os que mais preocupam os treinadores durante o jogo. Relativamente aos primeiros, parece-nos natural que o treinador dirija muita da sua atenção aos aspectos inerentes à organização ofensiva e defensiva, incluindo situações que determinam a resolução eficaz das diferentes situações momentâneas do jogo, tais como os diferentes métodos de jogo ofensivos e defensivos, a ocupação racional do espaço de jogo, os equilíbrios defensivos e ofensivos, etc. Relativamente aos esquemas tácticos, compreende-se a considerável instrução verificada, pois segundo Castelo (1996), os jogos entre equipas com os mesmos níveis de rendimento, são cada vez mais decididos através dos golos que derivam de livres, lançamentos da linha lateral, pontapés de canto e pontapés de grande penalidade. As restantes sub-categorias apresentaram valores mais reduzidos, tal como se verifica no quadro de resultados.

No que diz respeito às diferentes sub-categorias que compõem a categoria psicológica, devemos salientar somente a pressão eficaz com 22% e a atenção com 5,6% da instrução do treinador durante o jogo. Os treinadores forneceram uma grande parte de informação na tentativa de pressionar positivamente e motivar para uma maior eficácia do jogo, utilizando muito frequentemente instruções, como por exemplo “Vamos, vamos, mais eficácia” ou “Não facilitem”. Para além deste tipo de instruções, também existe uma elevada informação que visa apelar a altos níveis de atenção, visto que no futebol de elevado nível competitivo, qualquer falha a este nível poderá comprometer toda a estrutura da equipa. Por um lado, Oliveira (1992) refere que, os treinadores de elite adoptam um comportamento pressionante face aos seus jogadores devido à elevada exigência competitiva de forma a manter o rendimento global da equipa e por outro, Quintal (2000) salienta que a atenção é claramente um dos pré-requisitos para o rendimento desportivo.

Na categoria técnica, existe uma maior predominância dos conteúdos técnico ofensivos (3,7%) em detrimento dos defensivos (2,8%), aparentemente relacionado pelo facto de existir maior número de técnicas ofensivas e com um maior leque de

componentes críticas possíveis de observar e corrigir, para além de que o passe, a recepção e o remate são técnicas de elevada importância. Por outro lado, as informações relativas às técnicas defensivas são respeitantes aos aspectos de marcação individual, desarmes ou intercepções.

Na categoria físico, os valores foram muito reduzidos (0,0% a 1,6%), merecendo da parte dos treinadores pouquíssima importância. No entanto, a maioria da informação física é relativa ao aquecimento (0,9%) e à velocidade de execução (0,7%), ou seja, os treinadores emitem informações dirigidas aos suplentes no intuito de iniciarem, acelerarem ou terminarem o aquecimento e relativa à rapidez com que os jogadores executam os comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos. Quintal (2000) regista igualmente um valor de 1,53% da intervenção do treinador durante o jogo para os aspectos ligados a este aspecto físico.

4.2.3 – Intervalo do Jogo

Durante o jogo propriamente dito, ocorre um momento extraordinariamente importante, que consiste no intervalo. O principal objectivo do intervalo do jogo, resume-se à transmissão de um conjunto de informações válidas para os jogadores manterem ou melhorarem o seu rendimento de forma a atingir o sucesso, por isso, a instrução do treinador durante este momento é talvez o aspecto mais importante na consecução desse mesmo objectivo. A instrução no intervalo deve ser curta e sucinta, pois não existe muito tempo, prescrevendo-se o comportamento técnico-táctico individual e colectivo mais eficaz para a 2ª parte (Castelo, 1996; Lima, 2000).

Já existem alguns estudos relativos à intervenção do treinador durante o intervalo e descontos de tempo. No caso da nossa modalidade, não existe a possibilidade de solicitar descontos de tempo, como tal, o treinador tem necessidade de concentrar toda a informação num só momento, sendo considerados por vários autores, o momento ideal para transmitir as informações necessárias com vista à manutenção ou melhoria do rendimento desportivo. Existem treinadores que preferem ter pouca intervenção durante o jogo, utilizando muito mais a observação silenciosa, para no intervalo prescrever os aspectos necessários à melhoria do rendimento. Este é um momento, onde novamente o treinador pode captar facilmente a atenção dos jogadores, pois estes encontram-se habitualmente dentro do balneário, após um breve período de recuperação e regeneração física e médica.

O intervalo do jogo requer uma descrição pormenorizada da instrução, ao nível do sistema multidimensional escolhido para o efeito⁴, posteriormente a uma breve análise relativa à quantidade de informação transmitida e à duração deste momento.

4.2.3.1 – Duração e quantidade de Informação

Nos doze intervalos de jogo analisados, verificámos uma duração com pouca variabilidade, devido às condições normativas da modalidade. Por outro lado, a quantidade de informação encontrada variou desde as 32 até às 89 unidades de informação. O Quadro 43 apresenta-nos a duração da observação realizada no intervalo do jogo (entre o apito final da 1ª parte até ao apito inicial da 2ª parte), o número de unidades de informação transmitidas e a taxa de unidades de informação.

Quadro 46 – Duração, nº e média de unidades de informação – Intervalo do Jogo

Nº da Competição / Identificação do Treinador	Duração	Nº Unidades Informação (UI)	Média UI / min
1ª - T1	13m 32s	89	6,6
2ª - T1	13m 37s	79	5,8
3ª - T2	12m 25s	52	4,2
4ª - T2	13m 25s	32	2,4
5ª - T3	13m 37s	47	3,5
6ª - T3	12m 35s	51	4,1
7ª - T4	12m 13s	45	3,7
8ª - T4	12m 49s	67	5,2
9ª - T5	13m 19s	87	6,5
10ª - T5	11m 09s	80	7,2
11ª - T6	12m 13s	59	4,8
12ª - T6	12m 03s	54	4,5
Média	12m 58s	61,8	4,9

Os dados apresentados revelam que em média, o intervalo do jogo teve uma duração de 12m 58s, o que vai ao encontro das leis do jogo, que referem a possibilidade do intervalo durar no máximo 15 minutos.

⁴ A Dimensão Forma (para quem é dirigida a informação) não é descrita neste momento da competição, devido ao facto de não termos realizado a recolha de imagem dentro do balneário, com vista à obtenção de uma maior validade dos dados.

No que concerne à forma como o intervalo é utilizado e tal como Castelo (1996) refere, verificámos claramente que o intervalo é dividido em duas partes: uma para possibilitar a recuperação dos jogadores, que abrange aproximadamente 5 minutos e outra onde existe uma transmissão de conteúdos inerentes ao plano táctico-estratégico (revendo, alterando e/ou introduzindo diferentes aspectos) e também no sentido de elevar os níveis de concentração e emocionais dos jogadores, abrangendo o restante tempo do intervalo.

Nos poucos minutos que restam ao treinador para instruir os seus jogadores no intervalo, a quantidade de informação varia de jogo para jogo, visto que existem intervalos com uma taxa de informação baixa (2,4 UI/min) e outros com taxas elevadas, ultrapassando uma unidade de informação em cada 10 segundos (7,17 UI/min). Esta situação pode ser explicada pela forma como o treinador observa os acontecimentos ocorridos na 1ª parte influenciando positiva ou negativamente o resultado conseguido, pela importância que o jogo apresenta ou pela simples forma como o treinador expressa a sua instrução (mais sintética ou mais elaborada). Em média, os treinadores emitiram aproximadamente 5 unidades de informação por minuto. Tendo em conta que uma parte do intervalo (quase metade da sua duração), o treinador não emite qualquer tipo de informação, esperando que os jogadores recuperem do esforço, podemos claramente referir que o tempo efectivo de instrução foi caracterizado por uma elevada densidade de informação, apresentando igualmente muita objectividade e por vezes com um carácter agressivo, tendo em vista a alteração de comportamentos incompatíveis com o sucesso.

O que importa referir é a elevada importância que este momento apresenta para o desenrolar da 2ª parte, onde verificámos que a instrução dos treinadores influenciou determinantemente a forma como decorreu o resto do jogo, devendo por isso, ser sujeito a uma análise mais frequente da parte dos investigadores, tentando também compreender-se a sua relação com o comportamento individual e colectivo dos jogadores.

4.2.3.2 – Dimensão Objectivo

A Dimensão Objectivo, é composta pelas categorias de Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa.

Quadro 47 – Dimensão Objectivo da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias	Min	Max	Média	DP
Avaliativo +	0,0	1,3	0,2	± 0,5
Avaliativo –	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Descritivo	11,2	38,8	19,2	± 9,3
Prescritivo	58,8	86,6	75,6	± 9,3
Interrogativo	0,0	13,3	4,4	± 4,4
Afectividade +	0,0	1,9	0,6	± 0,9
Afectividade –	0,0	1,3	0,1	± 0,4

Ao observarmos o quadro de resultados, salienta-se novamente a grande maioria de informação prescritiva no intervalo do jogo de futebol, recolhendo mais de $\frac{3}{4}$ do total de unidades de informação. Este resultado compreende-se pelo simples facto de que o principal objectivo da instrução no intervalo, reside no fornecimento de informações relativas às modificações e ajustamentos individuais e colectivos no plano ofensivo e defensivo e também no apelo à participação das capacidades volitivas, no sentido da elevada motivação, concentração, auto-superação e combatividade, tal como Beal (1989) citado por Moreno (2001), Castelo (1996) e Teodorescu (1984) defendem. Como tal, este tipo de objectivos só poderão ser instruídos através de uma informação marcadamente prescritiva.

Seguidamente à categoria prescritivo, surgiu a categoria descritivo, com 19,2%, pois o treinador com alguma frequência tem necessidade de descrever comportamentos que ocorreram durante a 1ª parte e que poderão servir para exemplificar aquilo que se deverá continuar a fazer, ou a não fazer. A categoria interrogativa, ainda apresenta um valor de 4,4%, mas as restantes categorias (avaliativo positivo e negativo – 0,2% e 0,0%; afectivo positivo e negativo – 0,6% e 0,1%) praticamente não entraram na informação transmitida no intervalo de um jogo. Estes resultados, vão ao encontro de Castelo (1996) e Lima (2000), quando referem que, o treinador não deverá centrar a sua instrução nos erros da 1ª parte, sendo praticamente inexistente as instruções avaliativas e afectivas negativas. Pensamos que, o facto de existirem pouquíssimas instruções avaliativas e afectivas positivas, se deverá ao nível competitivo elevado, levando a que os treinadores preocupem-se quase exclusivamente em prescrever acções, atitudes e comportamentos para a 2ª parte do jogo, lembrando que o jogo é constituído por duas partes e que o realizado na 1ª parte é somente um meio e não um fim. Talvez fosse pertinente realizar estudos comparativos entre diferentes níveis

competitivos e de formação, encontrando-se possíveis diferenças, nesta ou noutras dimensões de análise da instrução do treinador.

Os estudos encontrados, que se centram na instrução do treinador durante o intervalo foram realizados nas modalidades de voleibol e rugby (Dias, Sarmento & Rodrigues, 1994; Moreno, 2001; Pina, 1998 e Pina & Rodrigues, 1997), e apontam para uma informação predominantemente prescritiva, indo assim ao encontro dos dados recolhidos por nós, na modalidade de futebol.

4.2.3.3 – Dimensão Direcção

A dimensão direcção é composta por 4 categorias, que são: Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa. A categoria grupo divide-se em 4 sub-categorias, que são: Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes.

Quadro 48 – Dimensão Direcção da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	SD
Atleta	12,5	51,7	28,0	± 11,8
Atleta Suplente	0,0	7,8	1,4	± 2,5
Grupo				
Grupo de Defesas	0,0	4,4	1,3	± 1,8
Grupo de Médios	0,0	12,8	4,2	± 4,9
Grupo de Avançados	0,0	11,4	3,5	± 4,2
Grupo de Suplentes	0,0	5,6	0,9	± 1,9
Sub-Total	0,0	21,9	9,9	± 7,2
Equipa	38,2	86,2	60,7	± 14,0

Tal como aconteceu no momento imediatamente antes do jogo, a instrução durante o intervalo foi maioritariamente dirigida para a equipa (60,7%). Após a qual, surge a categoria atleta, com 28,0% da instrução dos treinadores e a categoria grupo com apenas 9,9%. Por último, surge a categoria atleta suplente com um reduzido valor de 1,4%, pois o treinador durante o intervalo somente se dirigiu ao suplente quando pretendeu efectuar uma substituição ou quando lhe solicitou o início do aquecimento. Visto que o intervalo permite novamente ao treinador um momento de completa paragem do jogo, e onde todos os jogadores habitualmente se encontram sentados dentro do balneário, a sua instrução foi claramente dirigida para o colectivo, como forma de congregar toda a equipa para o objectivo previamente estipulado, pois o que

foi conseguido na 1ª parte é somente um meio para atingir o fim. Parece-nos lógico que, a instrução tenha um carácter mais colectivo, que não é possível conseguir a partir do momento que se inicie a 2ª parte, no entanto, também verificámos em alguns intervalos, uma preocupação elevada ao nível do jogador. O treinador no tempo que medeia o final da instrução no balneário até ao início da 2ª parte, quase sempre dirigiu-se a alguns jogadores, transmitindo-lhes instruções específicas e individualizadas, tal como por exemplo “agora na 2ª parte, avança mais um pouco” ou “atenção, “até ao final do jogo ficas sempre a marcar o 10”.

Relativamente ao grupo e sub-grupos, verificamos na globalidade pouca quantidade de informação (9,9%), no entanto, o grupo de médios (4,2%) obteve maior atenção da parte dos treinadores, o que é perfeitamente justificável, devido ao facto de habitualmente se atribuir a estes jogadores a responsabilidade de comandar o jogo, quer no plano ofensivo, quer no plano defensivo. O grupo de avançados, com 3,5% também apresentou alguma preocupação dos treinadores, pois estes poderão a qualquer momento concretizar o grande objectivo que os treinadores mencionaram no QEIC, que é simplesmente ganhar. Os grupos de defesas e suplentes apresentam valores muito reduzidos, praticamente insignificantes (1,3% e 0,9).

Os resultados obtidos pelos treinadores da nossa amostra são aqueles que estávamos à espera de encontrar, pois quase todos os estudos revelam a mesma tendência, isto é, a informação transmitida no intervalo deve ser dirigida preferencialmente para o colectivo (Moreno, 2001; Oliveira, 1992; Pina & Rodrigues, 1997). O único estudo encontrado que revela predomínio de informação dirigida para o jogador foi realizado por Dias, Sarmiento & Rodrigues (1994) na análise a dois treinadores de rugby.

4.2.3.4 – Dimensão Conteúdo

A Dimensão Conteúdo, pretende codificar o conteúdo da informação, sendo composta por 8 categorias, que são: Técnica, Tática, Psicológico, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado. As primeiras 4 categorias supracitadas apresentam um conjunto de sub-categorias que já foram apresentadas anteriormente.

No que concerne às categorias de análise da dimensão conteúdo, mais uma vez salientou-se a categoria tático com 46,3% e o conteúdo psicológico com 33,1%. Embora as duas categorias juntas perfaçam quase 80% da informação no intervalo do jogo, verificou-se que existe maior predomínio de conteúdo tático.

Quadro 49 – Dimensão Conteúdo da instrução na competição – Intervalo do Jogo: mínimo valor relativo (Min), máximo valor relativo (Max), média de frequência relativa (Média) e desvio-padrão (DP).

Categorias e Sub-Categorias	Min	Max	Média	DP
Categoria TÉCNICA				
Técnicas Ofensivas	0,0	10,0	4,2	± 3,3
Técnicas Defensivas	0,0	5,7	1,9	± 1,8
Sub-Total	1,9	13,8	6,1	± 3,5
Categoria TÁTICA				
Sistemas de Jogo	0,0	20,0	4,5	± 6,6
Métodos de Jogo	11,1	46,9	26,9	± 11,9
Esquemas Táticos	0,0	13,8	1,5	± 3,9
Princípios do Jogo	0,0	5,1	1,6	± 1,6
Funções/Missões	0,0	7,9	1,5	± 2,7
Combinações	0,0	8,5	2,1	± 2,9
Eficácia Geral	2,2	18,4	8,2	± 4,5
Sub-Total	20,4	56,3	46,3	± 11,5
Categoria PSICOLÓGICA				
Ritmo de Jogo	0,0	3,8	0,7	± 1,3
Confiança	0,0	9,4	2,1	± 2,7
Pressão Eficácia	7,5	35,2	18,1	± 8,4
Atenção	0,0	8,5	3,4	± 3,2
Concentração	0,0	10,6	1,3	± 3,0
Pressão Combatividade	0,0	13,7	2,9	± 4,0
Resist. Adversidades	0,0	20,4	4,4	± 5,8
Responsabilidade	0,0	2,0	0,3	± 0,6
Sub-Total	16,9	66,7	33,1	± 14,7
Categoria FÍSICO				
Resistência	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Veloc. Execução	0,0	3,8	0,4	± 1,1
Veloc. Deslocamento	0,0	6,3	0,7	± 1,9
Veloc. Reacção	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Força	0,0	0,0	0,0	± 0,0
Aquecimento	0,0	3,4	0,9	± 1,4
Sub-Total	0,0	9,4	2,1	± 2,7
Outras Categorias				
Equipa Adversária	0,0	10,4	5,7	± 3,7
Equipa de Arbitragem	0,0	13,3	1,1	± 3,8
Sem Conteúdo	0,0	11,9	4,9	± 3,3
Indeterminado	0,0	3,4	0,8	± 1,2

Sendo assim, verifica-se que os treinadores, tal como acontece na prelecção de preparação para a competição, utilizam uma informação que visa a preparação do plano táctico-estratégico para a 2ª parte do jogo, realizando-se as devidas correcções e ajustamentos tácticos face ao que aconteceu anteriormente. Novamente, os treinadores recorrem a uma elevada informação prescritiva de dominante táctica, indo ao encontro dos objectivos, que para diversos autores o intervalo contém (Beal, 1989, citado por Moreno, 2001; Castelo, 1996; Lima, 2000; Teodorescu, 1984).

Mais uma vez se confirma a pouca importância que os aspectos técnicos e físicos apresentam na instrução dos treinadores, embora eles tenham a sua importância no processo de treino. O facto do conteúdo técnico apresentar somente 6,1% e o conteúdo físico 2,1% da instrução total, confirma completamente os vários autores que se debruçam por este tema. Uns, afirmam que o intervalo serve para reforçar os níveis psicológicos e relembrar, alterar ou ajustar o plano táctico-estratégico (Beal, 1989, citado por Moreno, 2001; Castelo, 1996; Lima, 2000; Oliveira, 1992) e outros confirmam através de análises multidimensionais que, a instrução no intervalo deverá ser fundamentalmente táctica e psicológica (Dias, Sarmiento & Rodrigues, 1994; Moreno, 2001; Pina e Rodrigues, 1997). De salientar que em todos estes estudos de análise multidimensional, o conteúdo táctico predominou face ao psicológico, o que corrobora mais uma vez com os nossos resultados.

Resta-nos salientar os 5,7% de instrução relativa à equipa adversária e 1,1% à equipa de arbitragem. Salientamos como positivo o facto dos treinadores falarem muito pouco da equipa de arbitragem, não desfocando os jogadores para aspectos que perturbem o seu rendimento. Contrariamente a alguns estudos (Moreno, 2001; Pina & Rodrigues, 1997), os treinadores da nossa amostra centraram pouca informação relativa ao adversário, importando-se muito mais com a melhoria do seu próprio rendimento. Esta situação também pode-se dever ao facto do treinador durante a 1ª parte estar demasiado centrado na observação da sua equipa, esquecendo-se completamente do adversário, impossibilitando o armazenamento de informações pertinentes, para no intervalo preparar eficazmente a sua equipa, numa lógica de aproveitamento das dificuldades e anulação das qualidades do adversário.

Com o objectivo de se conhecer melhor a especificidade dos diferentes conteúdos, começamos por salientar que no conteúdo táctico somente se destacaram os métodos de jogo com 26,9% do total da instrução, que significa mais de metade do conteúdo táctico. Compreendemos perfeitamente este valor, visto que esta sub-categoria abrange os principais aspectos tácticos, tais como a ocupação racional do espaço, os

métodos de jogo e os equilíbrios ofensivos e defensivos. Ao contrário do que se verificou em momentos anteriores da competição, a eficácia geral surgiu logo de seguida com 8,2%, compreendendo-se assim que no intervalo, os aspectos relativos à estratégia geral da equipa ou ao aproveitamento de determinados contextos tácticos também surgem com alguma frequência, utilizando-se expressões, como por exemplo “procurem continuar a jogar bem”, “nesta 2ª parte temos de jogar prático, pois o terreno está péssimo”. Também é importante salientar o terceiro valor mais elevado, que foi relativo aos sistemas de jogo (4,1%). Esta situação não acontece antes e durante o jogo, pois é no intervalo que o treinador realiza algumas alterações mais profundas no plano táctico-estratégico, sendo algumas delas relacionadas com a posição de alguns jogadores no terreno de jogo, como por exemplo “Na 2ª parte, vais jogar para defesa direito”. Os restantes conteúdos apresentam valores praticamente nulos, sendo por isso pouco importantes neste momento da competição, tal como se verifica no quadro 46.

Quanto às sub-categorias do conteúdo psicológico, verificámos que quase todas apresentam valores reduzidos, excepto a pressão eficácia, isto porque mais uma vez, os treinadores tentam insistentemente pressionar e/ou motivar positivamente os seus jogadores para uma melhor performance, sendo o intervalo um momento propício para tal. Como aconteceu nos anteriores momentos analisados, os treinadores expressam-se muito frequentemente da seguinte forma: “Não facilitem, malta”, “Não vamos dar hipóteses” ou “Vamos equipa, vamos”. Resta-nos somente salientar dentro das restantes sub-categorias, os 4,4% registados no conteúdo resistência às adversidades, demonstrando assim que, tal como Castelo (1996) refere, o jogo é constituído por duas partes e aquilo que foi realizado na 1ª parte é somente um meio e não um fim, para atingir os objectivos previamente definidos. Por vezes, os treinadores ao estarem perante situações de adversidade, expressaram instruções, como por exemplo “Temos de saber ultrapassar este golo sofrido” ou “Temos de manter a calma, mantenham-se tranquilos”. Os restantes conteúdos psicológicos (ritmo de jogo, confiança, atenção, concentração, combatividade e responsabilidade) apresentaram valores entre os 0,3% e os 3,4%.

Na categoria técnica, as técnicas ofensivas foram claramente predominantes face às defensivas, obtendo-se mais do dobro das unidades de informação (4,2 vs 1,9). Parece-nos mais fácil e habitual para os treinadores dirigirem-se a aspectos técnicos relativos ao passe, recepção e remate, pois estes são parte integrante do desenrolar do jogo e mais especificamente do comandar do próprio jogo.

As instruções de conteúdo físico na intervenção do treinador no intervalo do jogo, existiram somente ao nível da velocidade de execução (0,4%), velocidade de deslocamento (0,7%) e ao aquecimento (0,9%). No entanto, como se verifica, os valores são tão reduzidos, que quase não ocorrem.

4.3 - Síntese

Relativamente à quantidade de informação, em termos gerais, os treinadores transmitem bastante informação, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição, atingindo-se em média, 5 a 7 unidades de informação por minuto. Vários autores referem que os treinadores deverão restringir a sua informação a aspectos pertinentes e objectivos, porém, na modalidade de futebol o nosso objecto de estudo ainda se encontra num estado de investigação embrionário, o que faz com que não seja possível retirar ilações muito seguras da quantidade ideal de informação.

Embora exista uma elevada variabilidade de valores, quer quantitativos, quer qualitativos, encontramos claramente um perfil (tendência) de instrução preponderante nas doze prelecções de preparação para a competição e nas doze competições. Na **prelecção de preparação para a competição**, a instrução apresentou predominantemente um objectivo prescritivo (79,2%), dirigida quase sempre para a equipa (75,7%) e com um conteúdo essencialmente tático (55,4%) e psicológico (35,0%), com maior incidência para o primeiro. Destacamos somente a inexistência de informação afectiva negativa e dirigida para os suplentes. Informações de conteúdo técnico, físico e acerca da equipa de arbitragem, praticamente não existem, o que lhes confere muito pouca importância para aquilo que se pretende atingir na competição.

Embora, tenhamos metodologicamente considerado que a análise da **competição** inicia-se desde os últimos minutos que antecedem o jogo até ao final do mesmo, incluindo o intervalo, em termos gerais encontramos um perfil de instrução com as seguintes características: prescritiva, dirigida para o atleta, embora com elevadas diferenças nos momentos que compõem a competição, e com um conteúdo eminentemente tático e psicológico, novamente com maior prevalência do primeiro. Quando realizámos a análise dos diferentes momentos que compõem a competição, verificámos que existiram algumas características idênticas e outras consideravelmente diferentes.

Antes do jogo (minutos que antecedem o início do jogo), a instrução dos treinadores observados, apresentou um objectivo marcadamente prescritivo (91,1%), dirigido para a equipa (60,7%) e com um conteúdo maioritariamente psicológico (71,3%). Nestes minutos que antecedem o jogo, os treinadores pressionam e motivam incessantemente os seus jogadores, na tentativa de ocorrer uma entrada em jogo concentrada e eficaz. Por vezes, neste momento, para além do treinador principal, os seus assistentes, o capitão de equipa e por vezes os próprios directores têm este tipo de intervenção, culminando sempre num “grito de guerra”.

Durante o jogo, a instrução mantém-se com um objectivo prescritivo (84,1%), mas é dirigida na sua grande maioria para o atleta (72,5%) ao contrário do que acontece antes do jogo e também no intervalo do mesmo. O conteúdo da instrução é igualmente distinto, verificando-se maior conteúdo tático (45,1%), face ao psicológico (33,2%). Durante o jogo, foi possível analisar a forma da instrução, existindo uma informação maioritariamente auditiva (66%). Destacamos o facto de não se encontrar praticamente informação afectiva e avaliativa negativa, com uma forma visual, dirigida para o grupo e com um conteúdo relativo aos aspectos físicos, da equipa adversária e de arbitragem.

Por último, no **intervalo do jogo**, o perfil de instrução mantém-se prescritivo, mas com um valor ligeiramente menor (75,6%), existindo alguma informação descritiva (19,2%) e com um conteúdo idêntico ao do jogo propriamente dito (tático – 46,3% e psicológico – 33,1%). Tal como ocorre nos minutos imediatamente antes do jogo, a informação é dirigida preferencialmente para a equipa (60,7%). Registou-se novamente que, a informação afectiva e avaliativa negativa, dirigida para o suplente e de conteúdo físico ou relativo à equipa de arbitragem, é praticamente inexistente.

5 – Análise Relacional entre as Expectativas e o Comportamento da Instrução

Havíamos definido nos objectivos do estudo, pretender analisar as relações existentes entre aquilo que o treinador espera transmitir, ou seja as suas expectativas de instrução (variável cognitiva) com o seu comportamento de instrução (variável comportamental).

Segundo Januário (1992), os processos cognitivos representam os constructos prévios à intervenção pedagógica, devendo existir uma ligação intensa entre o pensamento e a acção, no entanto, verificamos que ao nível do processo de treino desportivo (incluindo a competição) ainda estamos numa fase embrionária da investigação científica, onde esta relação está claramente por aprofundar. Coloca-se assim, a seguinte questão: Será que os treinadores de futebol fazem aquilo que realmente esperavam fazer?

Numa primeira análise, relacionámos as expectativas da instrução com o comportamento de instrução, na prelecção de preparação para a competição. Seguidamente, realizámos a mesma análise relacional, mas ao nível da competição. Para ambas, utilizámos uma técnica estatística de correlação por ordens de Spearman (ρ), devido ao facto de estarmos na presença de dois tipos de variáveis distintas (cognitivas e comportamentais). Esta técnica estatística utiliza-se para comparar dois conjuntos de dados, visando determinar o seu grau de correlação (entre -1 e +1). Salientamos também, que os níveis de significância das correlações são os seguintes: * $p \leq 0,05$ e ** $p \leq 0,01$

5.1 – Prelecção de Preparação para a Competição

Tal como foi apresentado na parte descritiva, a instrução é analisada sob uma plataforma mutidimensional. Iremos correlacionar as expectativas com o comportamento, nas diferentes dimensões que compõem o sistema de análise, que são: Dimensão Objectivo, Dimensão Direcção e Dimensão Conteúdo. Salientamos o facto de não ser analisada a dimensão forma, pois afim de preservarmos uma elevada validade dos dados optámos metodologicamente por gravar a prelecção somente em áudio, não permitindo assim a correlação com as expectativas.

5.1.1 – Dimensão Objectivo

Não foram encontradas provas de que existem relações ao nível da dimensão objectivo, entre as expectativas e o comportamento de instrução na prelecção de preparação para a competição.

Um pouco inesperadamente, não se conseguiu provar que os treinadores que mais esperam transmitir informação com um determinado objectivo, são aqueles que também transmitem realmente mais (correlações positivas). Também não se verificaram correlações negativas, ou seja, existirem categorias onde os treinadores que esperavam transmitir mais, foram os que realmente transmitiram menos.

Esta situação não é totalmente corroborada pelos estudos encontrados na literatura, pois segundo Pacheco (2002) verificou-se uma elevada congruência entre as variáveis cognitivas e comportamentais em treinadores da 1ª liga e 2ª divisão B, na modalidade de futebol e ao nível da prelecção de preparação para a competição. Ao nível do treino propriamente dito, Sequeira (1998), Santos (1998) e Brito & Rodrigues (2002) verificaram relações em poucas categorias das suas análises, demonstrando que são poucas as decisões pré-interactivas que se reflectem directamente nas acções interactivas.

Pensamos que é importante salientar que embora não tenham sido encontradas relações na categoria afectivo negativo, em termos de análise descritiva, encontramos uma elevada identidade, visto que nas expectativas regista-se um valor de 1,1 na escala de Lickert, onde 1 significa nenhuma instrução afectiva negativa, e ao nível do comportamento não se registaram quaisquer informações afectivas negativas. Visto que esta variável não é realmente uma variável, mas sim uma constante, não é possível para a técnica estatística utilizada comprovar a existência de correlações, embora não nos pareça restar dúvidas, no que concerne à elevada congruência ao nível da categoria afectivo negativo.

5.1.2 – Dimensão Direcção

Na dimensão direcção, foram encontradas provas de que existem relações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução. Apresentamos no quadro seguinte as relações encontradas.

Quadro 50 – Dimensão Direcção – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na prelecção de preparação para a competição.

		Comportamento de Instrução							
		ATL	AS	GRU	GD	GM	GA	GS	EQ
Expectativas de Instrução	ATL	0,595*							-0,591*
	AS								
	GRU					- 0,766**			
	GD					-0,766**			
	GM					-0,766**			
	GA					-0,766**			
	GS			-0,627*					
	EQ								

* Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

** Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.01

Começamos por salientar as correlações dentro da mesma categoria, isto é, aquelas que ocorreram na categoria atleta e na sub-categoria grupo de médios. Foram encontradas provas de que existiu uma correlação significativa directa na categoria atleta, para um $p \leq 0.05$. Embora o coeficiente de correlação não seja muito elevado (0,595), podemos considerar que os treinadores que mais esperam transmitir informação para o atleta, são aqueles que realmente mais transmitem na prelecção de preparação para a competição. Na sub-categoria grupo de médios, verifica-se a existência de uma correlação significativa inversa (- 0,766) para um $p \leq 0.01$, considerando-se assim que os treinadores que esperam dirigir mais instrução para o grupo de médios, são precisamente os que transmitem menos informação para esse grupo, ou vice-versa.

Verificaram-se igualmente correlações negativas, entre as expectativas das categorias grupo, grupo de defesas e grupo de avançados e o comportamento de instrução do grupo de médios. Isto significa que aquilo que os treinadores esperam nestas categorias correlaciona-se de forma inversa com o que realmente executam, embora possamos considerar que definir concretamente uma determinada expectativa de instrução para os diferentes sub-grupos seja uma tarefa difícil.

Por último salientamos que as expectativas de instrução para o atleta, correlacionam-se negativamente com o comportamento de instrução para a equipa (- 0,591) para um $p \leq 0.05$. Esta é uma correlação que nos interessa destacar, pois comprova-se que os treinadores que menos esperam dirigir instrução para o atleta, mais instrução dirigem para a equipa, ou vice-versa. Esta comprovação parece-nos ir ao encontro do que a

análise descritiva da prelecção apresenta, uma instrução totalmente dirigida para o atleta ou para a equipa, com grande predominância desta última.

Queremos ainda mencionar, que ao analisarmos com mais profundidade a parte descritiva das expectativas e do comportamento de instrução ao nível da prelecção, encontrámos certas identidades, que nos podem levar a considerar a existência de uma coerência geral entre as variáveis cognitivas e as comportamentais, embora não seja comprovada estatisticamente. Em termos descritivos, os treinadores esperam que nas prelecções a sua instrução se dirija maioritariamente para a equipa e seguidamente para o atleta, atribuindo menor importância ao grupo e ao atleta suplente ocorrendo precisamente a mesma situação no comportamento de instrução que realizam durante a prelecção.

5.1.3 – Dimensão Conteúdo

No que concerne à dimensão conteúdo, foi somente encontrada uma correlação entre as expectativas e o comportamento da instrução na prelecção, ao nível da mesma categoria. No entanto, ocorreram muitas mais relações significativas mas entre categorias distintas, tal como se apresenta no quadro 48.

Quadro 51 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na prelecção de preparação para a competição.

Expectativas	Comportamento de Instrução
TASJ	TAT -0,669*; TAET -0,638*; PSI 0,652*
TAMJ	TAET -0,654*; EQ ADV 0,786**
TAET	FVEX -0,604*; IND -0,771**
TAPJ	TAFUNC 0,593*; IND -0,611*
PSI	TAFUNC 0,688*; TAEG -0,658*
PRI	PRI 0,607* ; TEC 0,624*; TEOF 0,737**; TEDEF 0,672*
PPE	TAMJ 0,608*; TAPJ 0,583*; TAFUNC 0,595*; PC -0,617*; PRE -0,584*
PRE	PPC -0,640*
FVDES	PPC 0,622*
FFO	PPC 0,603*
FAQ	PC 0,722**
EQ ADV	TAMJ -0,615*

* Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

** Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.01

Antes de mais nada, devemos referir que das 25 relações encontradas, algumas parecem resultar um pouco do acaso, pois não encontramos uma explicação

devidamente sustentada para tais relações. No entanto, várias relações devem ser destacadas e sujeitas a uma análise cuidada. Quanto às relações entre o mesmo conteúdo, referimos que somente se encontraram correlações significativas (0,607 para $p \leq 0.05$) entre as expectativas e o comportamento de instrução ao nível da sub-categoria psicológico ritmo de jogo. Esta situação significa que somente nesta sub-categoria, os treinadores apresentaram correlação entre aquilo que pensam e aquilo que executam. Em todas as outras categorias e sub-categorias não se comprova a existência de relações. Estaríamos à espera que existissem mais relações, pois a coerência entre a preparação cognitiva e a execução comportamental, permitirá uma maior eficácia na instrução, tendo em conta a maior rentabilização dos jogadores quando entrarem em competição. Embora, neste momento, reconheçamos que o instrumento utilizado para a recolha da variável cognitiva seja deveras específico e muito discriminativo, podendo tornar difícil a selecção correcta do que se espera transmitir, pensamos que seria positivo ter encontrado correlações significativas ao nível de todas as categorias, principalmente na tática e psicológico e nas suas sub-categorias mais importantes (métodos de jogo e pressão eficácia).

Relativamente às relações encontradas entre conteúdos diferentes, deveremos começar por destacar a correlação positiva de 0,786, para um $p \leq 0.01$, entre a categoria métodos de jogo e a equipa adversária, o que significa que foram encontradas provas de que os treinadores que esperam transmitir mais informação relativa aos métodos de jogo são aqueles que transmitem mais informação relativa à equipa adversária, durante a prelecção de preparação para a competição. Pressupomos que esta situação deve-se ao facto de estarmos perante um nível competitivo elevado, onde se torna muito importante estruturar a organização ofensiva e defensiva da equipa em função das características do adversário, fazendo com que os treinadores ao terem uma expectativa elevada de instruírem acerca dos métodos de jogo, realizem posteriormente uma informação com maior conteúdo relativo à equipa adversária.

Destacamos igualmente, a correlação elevada de -0,771, para $p \leq 0.01$ entre a categoria esquemas tácticos e conteúdo indeterminado. Esta relação revela-nos que quanto mais os treinadores esperam transmitir informação relativa aos esquemas tácticos, menos informação de conteúdo indeterminado ocorre durante a prelecção de preparação para a competição. Parece-nos correcto que esta relação inversa ocorra, pois os treinadores quando pretendem emitir muita informação acerca dos esquemas tácticos, têm-na habitualmente escrita num papel ou quadro e muito bem

sistematizada, o que faz com que na sua instrução, propriamente dita, na prelecção não ocorra informação indeterminada.

Verifica-se uma correlação significativa de 0,593 para $p \leq 0.05$, entre o conteúdo tático princípios de jogo e o tático funções/missões, comprovando-se assim que, os treinadores que mais esperam transmitir informação acerca dos princípios de jogo, são aqueles que mais fornecem instrução relativa às missões e funções dos jogadores, durante a prelecção, no entanto é preciso destacar que a correlação não é muito elevada. Constatámos por várias vezes, que os treinadores ao indicarem determinadas funções específicas aos seus jogadores, têm por base muitos dos comportamentos inerentes aos princípios do jogo, podendo provavelmente compreender-se a existência desta correlação.

Salientamos as relações positivas entre a categoria psicológica ritmo de jogo e a categoria técnica (0,624 $p \leq 0.05$), técnica ofensiva (0,737 $p \leq 0.01$) e técnica defensiva (0,672 $p \leq 0.05$). Constatamos assim que, os treinadores associaram positivamente as expectativas que têm relativamente ao ritmo de jogo com a instrução que fornecem relativamente aos aspectos técnicos. Pensamos que tal se deve ao facto dos treinadores terem a clara noção de que uma boa qualidade técnica, principalmente ao nível do passe, permitirá a implementação de um ritmo de jogo mais eficaz.

Relativamente à categoria de psicológico pressão eficácia, encontram-se provas de correlação, embora não muito elevadas, com o conteúdo tático métodos de jogo (0,608 $p \leq 0.05$), princípios de jogo (0,595 $p \leq 0.05$) e funções/missões (0,595 $p \leq 0.05$). Compreendemos esta situação, pelo facto dos treinadores ao esperarem pressionar muito para uma eficácia cada vez maior, acabam por transmitir mais informação de conteúdo tático fundamental, com vista a que os seus jogadores se sintam mais competentes cognitivamente, para assim obter uma maior eficácia competitiva. A categoria psicológico pressão eficácia ainda apresenta correlações de sentido negativo com as categorias psicológico confiança (-0,617 $p \leq 0.05$) e responsabilidade (-0,584 $p \leq 0.05$), encontrando-se provas que os treinadores que mais esperam transmitir informação psicológica pressão eficácia, são aqueles que menos transmitem informação psicológica confiança e de apelo à responsabilidade, porque no fundo o intuito de pressionar para uma maior eficácia está habitualmente inerente a todos os outros conteúdos que ocorrem durante a prelecção de preparação para a competição.

Queremos ainda destacar o encontro de provas que revelam a existência de relação elevada e positiva ($0,722 \text{ } p \leq 0.01$) entre a expectativa que os treinadores têm de transmitir informação relativa ao aquecimento e a transmissão efectiva de instrução relativa aos aspectos psicológicos de confiança. Os treinadores sempre que, na prelecção, falam sobre o aquecimento, perspectivam que o mesmo servirá também para os jogadores adquirirem mais confiança, como tal, aqueles que mais esperam abordar o aquecimento, são aqueles que mais apelam a uma maior confiança.

Embora se tenha obtido poucas relações significativas, principalmente dentro do mesmo conteúdo, não podemos deixar de analisar aquilo que os resultados descritivos nos transmitem. Em termos gerais, estes revelam um perfil de instrução idêntico entre as expectativas e o comportamento de instrução, isto porque, em ambas as variáveis (cognitiva e comportamental), os conteúdos claramente mais importantes são o tático e o psicológico. Também se verifica que os conteúdos menos importantes nas expectativas são os mesmos que ocorrem na instrução propriamente dita (técnica, físico e equipa adversária). Como já havia ocorrido na dimensão objectivo, existe uma categoria – equipa de arbitragem – que não obteve qualquer instrução durante a prelecção, o que faz dela uma constante e não uma variável em termos estatísticos, impedindo que a mesma se correlacione com outras categorias, no entanto, deveremos salientar que esta foi a categoria em que os treinadores revelaram uma expectativa muito reduzida (perto do 1 na escala de Lickert, que significa “nada”), indo claramente ao encontro do comportamento de instrução realizado pelos treinadores nas prelecções que observámos.

5.2 – Competição

Seguidamente correlacionámos as expectativas com o comportamento, nas diferentes dimensões que compõem o sistema de análise, tais como: Dimensão Objectivo, Dimensão Direcção e Dimensão Conteúdo. Salientamos o facto de não ser analisada a dimensão forma, pois a competição ao iniciar-se desde os momentos que imediatamente antecedem o jogo até ao apito final do mesmo, incluindo o intervalo, não nos permitiu ter a gravação vídeo de toda a competição, considerando-se que o mais importante seria obter uma elevada validade dos dados, não invadindo o espaço do balneário com a presença de uma câmara de vídeo.

5.2.1 – Dimensão Objectivo

Ao nível da dimensão objectivo, foram encontradas provas de que existem algumas relações significativas, como se constata no quadro 49.

Quadro 52 – Dimensão Objectivo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.

		Comportamento de Instrução					
		AV	DES	PRE	INT	AF +	AF -
Expectativas Inst.	AV						
	DES	- 0,611*					
	PRE		- 0,683*	0,631*			
	INT						- 0,659*
	AF +					0,636*	
	AF -				0,585*		

* Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

** Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.01

Destacamos com especial importância aquelas que se verificam entre as mesmas categorias, pois revelam a existência de total congruência entre o processo cognitivo e o comportamento dos treinadores de futebol pertencentes à nossa amostra. Esta situação verificou-se na categoria prescritivo ($0,631 \text{ } p \leq 0.05$) e afectividade positiva ($0,636 \text{ } p \leq 0.05$), demonstrando-se assim, que os treinadores que mais expectativa têm de instruir prescritiva e afectiva positivamente, são aqueles que realmente o fazem na competição. Esta situação torna-se ainda mais importante quando constatamos que a grande maioria da instrução na competição tem um objectivo prescritivo.

Das restantes correlações verificadas no quadro anteriormente apresentado, destacamos as relações de sentido negativo entre as categorias descritivo e avaliativo ($-0,611 \text{ } p \leq 0.05$) e entre as categorias prescritiva e descritivo ($-0,683 \text{ } p \leq 0.05$). Esta situação vem também sustentar uma associação entre os processos cognitivos e comportamentais dos treinadores, pois estes revelam que aqueles que esperam transmitir mais informação descritiva, são aqueles que menos avaliam na competição, o que declara uma preocupação em transmitir informação mais completa, não ficando somente por uma estimação qualitativa sem informação específica. Também se encontraram provas de que os treinadores que esperam transmitir mais informação prescritiva, são aqueles que menos instruem descritivamente na competição, revelando novamente uma preocupação do treinador em privilegiar a prescrição de acções, comportamentos e atitudes em detrimento da descrição.

As relações encontradas entre as categorias afectivo negativo e interrogativo, parecem-nos ser contraditórias, pois, uma apresenta relação positiva e a outra negativa. Não encontramos justificação devidamente sustentada para estas relações, pressupondo-se provavelmente mais estudos para as compreender.

Como ocorreu na prelecção, pensamos que é importante salientar que embora não tenham sido encontradas relações na categoria afectivo negativo, em termos de análise descritiva da competição, encontramos uma elevada identidade, visto que nas expectativas regista-se um valor de 1,2 na escala de Lickert, onde 1 significa nenhuma instrução afectiva negativa, e ao nível do comportamento registou-se 0,2% de instrução afectiva negativa, o que revela alguma coerência desta categoria, entre aquilo que o treinador pensa e aquilo que executa.

5.2.2 – Dimensão Direcção

Na dimensão direcção, foram encontradas provas de que existem relações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução. Apresentamos no quadro seguinte as relações encontradas.

Quadro 53 – Dimensão Direcção – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.

		Comportamento de Instrução							
		ATL	AS	GRU	GD	GM	GA	GS	EQ
Expectativas de Instrução	ATL								
	AS					0,715**		0,579*	
	GRU								
	GD		0,787**						
	GM		0,737**						
	GA		0,737**						
	GS			0,619*		0,626*		0,678*	
	EQ		0,585*	0,619*					

* Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

** Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.01

Foram encontradas várias relações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução na competição, no entanto, somente uma dessas relações correlacionam a mesma categoria. Os treinadores ao nível da dimensão direcção revelam somente congruência entre as expectativas e o comportamento de instrução na sub-categoria grupo de suplentes (0,678 $p \leq 0.05$), o que nos parece pouco face àquilo que esperávamos verificar.

No que concerne às restantes relações, somente importa salientar as verificadas entre o atleta suplente e o grupo de suplentes ($0,579 p \leq 0.05$) e entre o grupo de suplentes e a categoria grupo ($0,626 p \leq 0.05$). Isto porque, por um lado revela que os treinadores têm uma boa percepção do que esperam falar com o suplente e/ou grupo de suplentes, e por outro lado a noção de que quanto mais informação dirigida para o grupo de suplentes, consequentemente mais informação se dirige para o grupo.

Por último, tal como realizámos para a dimensão objectivo, queremos ainda salientar, que ao analisarmos com mais profundidade a parte descritiva das expectativas e do comportamento de instrução ao nível da prelecção, encontramos identidade ao nível da categoria mais importante, isto é, em ambas as variáveis, a categoria atleta é claramente a predominante face às restantes.

5.2.3 – Dimensão Conteúdo

Como se verifica no quadro 51, foram encontradas 50 relações entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição. Todavia, somente se comprova a existência de duas relações significativas entre as mesmas categorias, nas duas variáveis em estudo.

Ao nível do conteúdo da instrução, foram encontradas provas de que existem relações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução, na categoria técnica ($-0,594 p \leq 0.05$) e na sub-categoria táctica sistemas de jogo ($0,641 p \leq 0.05$). Constatamos assim que a primeira relação (categoria técnica) apresentou um sentido inverso, comprovando-se que os treinadores que esperam transmitir mais informação de conteúdo técnico, são aqueles que na competição transmitem menos instrução deste tipo de conteúdo. Esta situação parece-nos que se deve ao facto do treinador quando concebe as suas expectativas, dar importância às questões técnicas, mas depois no decorrer da competição, poucas são as situações onde este tipo de conteúdo é relevante na eficaz resolução momentânea das diferentes situações de jogo. No que diz respeito à segunda relação encontrada (sub-categoria sistemas de jogo), podemos referir que os treinadores que esperam emitir mais informação relativa aos sistemas de jogo, são realmente aqueles que mais o fazem.

Relativamente às restantes relações encontradas, iremos somente destacar aquelas que nos parecem relevantes, remetendo o leitor para a observação do quadro 51, para a observação de todas as relações.

Quadro 54 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução, na competição.

Expectativas	Comportamento de Instrução
TEC	TEC -0,594* ; TEOF -0,638*; PPC -0,814**;
TAT	TASJ -0,752**; PPE 0,619*; S/C 0,598*
TASJ	TEC -0,589*; TEOF -0,626*; TASJ 0,641* ; PC 0,596*
TAMJ	TEC -0,658*; TASJ 0,724**
TAET	TEC -0,608*; TEOF -0,646*; EQ ADV 0,595*
TAPJ	FVREA 0,700*
TAFUNC	TEOF -0,689*
TACOMB	TEC -0,702*; FVEX 0,590*
TAEG	TEC -0,611*; PRI 0,585*
PSI	PRI 0,622*
PRI	FVEX 0,633*;
PC	PAT 0,591*; FRES 0,739*; FFO 0,739**
PAT	FRES 1,000**; FFO 1,000**
PCO	FRES 1,000**; FFO 1,000**
PPC	FRES 1,000**; FFO 1,000**
PRA	PAT 0,591*; FRES 0,739**; FFO 0,739**
FIS	FVREA -0,722**
FRES	FVREA -0,894**
FVEX	TAEG -0,609*; FIS 0,675*; FAQ 0,689*; S/C 0,595*
FVDES	FVREA -0,605*
FFO	FVREA -0,721**
EQ ADV	TEC 0,817**; TEDEF 0,829**; TAFUNC -0,789**; FAQ -0,633*
EQ ARB	PSI 0,696*; PAT 0,794**; PRA 0,626*;

* Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

** Revelam-se correlações significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.01

Começamos por salientar as correlações negativas entre várias sub-categorias do conteúdo tático (métodos de jogo, esquemas táticos, funções/missões, combinações e eficácia geral) e a categoria técnica e suas sub-categorias, comprovando-se assim que os treinadores que esperam emitir mais informação específica de conteúdo tático, são aqueles que menos instruem relativamente aos aspectos técnicos (ofensivos e defensivos), demonstrando a natural preponderância do conteúdo tático, em detrimento do técnico.

Salientamos também a existência de correlação significativa ($0,619 \text{ } p \leq 0.05$) entre a categoria tática e a sub-categoria psicológico pressão eficácia, compreendendo-se que os treinadores que esperavam transmitir mais informação tática, acabam por

transmitir mais informação psicológica, visando pressionar e/ou motivar para uma eficácia competitiva, indo ao encontro de Cloes, Delhaes & Piéron (1993) quando referem que o mais importante durante a competição é o apelo motivacional e a estabilidade psicológica dos jogadores e de Moreno (2001) quando verifica que os treinadores mesmo sujeitos a um programa formativo continuam a demonstrar elevada informação deste tipo, pelo facto de estarem sujeitos a elevada impulsividade, espontaneidade, tensão e nervosismo.

Ao ser comprovada a relação positiva entre a categoria psicológico ritmo de jogo e a categoria físico velocidade de execução ($0,633 \text{ } p \leq 0.05$), pensámos que tal situação se deve ao facto da sub-categoria ritmo de jogo estar relacionado com o aumento da intensidade de jogo, reflectindo posteriormente numa informação relativa a velocidade de execução, ou seja, no sentido do jogador executar mais rápido as diferentes situações na competição.

Tal como se observa no 50, verificámos a existência de correlações máximas positivas ($1,000 \text{ } p \leq 0.01$) entre várias sub-categorias psicológicas e físicas, no entanto não conseguimos descortinar as possíveis razões para tais relações.

Destacamos igualmente a correlação, embora não muito elevada, entre o conteúdo psicológico resistência adversidade e psicológico atenção ($0,591 \text{ } p \leq 0.05$), compreendendo-se que o facto de se comprovar que os treinadores que esperam transmitir mais informação relativo ao primeiro conteúdo, são aqueles que transmitem mais do segundo tipo de conteúdo, se deve à capacidade de atenção dos jogadores em todo o momento estar totalmente interligada com a necessária resistência às adversidades que poderão ou estão a ocorrer.

Por último, destacamos a confirmação de que os treinadores que mais esperam informar acerca da equipa de arbitragem, na realidade transmitem mais informação relativa ao conteúdo psicológico ($0,696 \text{ } p \leq 0.05$), à atenção ($0,794 \text{ } p \leq 0.01$) e à resistência às adversidades ($0,626 \text{ } p \leq 0.05$). Esta situação pode revelar uma forma dos treinadores tentarem na competição substituírem a informação acerca da equipa de arbitragem por uma provavelmente bem mais eficaz, que pretende alcançar o mesmo objectivo, ou seja, manter o nível psicológico, a atenção e resistir constantemente às adversidades, que neste caso poderá estar ligado a decisões controversas da equipa de arbitragem.

Embora existam bastantes relações entre as expectativas e o comportamento de instrução na competição, ao nível de várias categorias e sub-categorias, esperaríamos

encontrar mais correlações ao nível do mesmo tipo de conteúdo, no entanto, se analisarmos cuidadosamente os resultados descritivos do nosso estudo, constatamos que, quer nas expectativas, quer na instrução propriamente dita, as categorias mais importantes/predominantes (táctica e psicológico) e as menos importantes/predominantes (técnica, físico, equipa adversária e de arbitragem) coincidem totalmente.

5.3 - Síntese

Após a recolha das expectativas de instrução através de um questionário concebido para tal (QEIC) e do comportamento de instrução através da gravação áudio e vídeo do treinador, objectivámos a análise relacional entre as variáveis cognitiva e comportamental, ao nível da prelecção de preparação para a competição e na competição.

Utilizando igualmente uma sistematização multidimensional da instrução, na prelecção de preparação para a competição, constatamos o seguinte:

- ❑ Na dimensão objectivo, não foram encontradas provas de que existem relações entre as expectativas e o comportamento de instrução;
- ❑ Na dimensão direcção, foram encontradas provas de que existiu uma correlação significativa directa na categoria atleta e uma correlação significativa inversa na sub-categoria grupo de médios. Verificaram-se igualmente correlações negativas, entre as expectativas das categorias grupo, grupo de defesas e grupo de avançados e o comportamento de instrução do grupo de médios e entre as expectativas de instrução para o atleta e o comportamento de instrução para a equipa.
- ❑ Na dimensão conteúdo, somente se encontraram correlações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução ao nível da sub-categoria psicológico ritmo de jogo. Existem muitas outras correlações, mas ocorrem entre conteúdos diferentes, devidamente interpretadas anteriormente.
- ❑ Embora se tenha obtido poucas relações significativas dentro da mesma categoria, os resultados descritivos transmitem-nos que em termos gerais, existe um perfil de instrução idêntico entre as expectativas e o comportamento de instrução, pois em ambas as variáveis, as categorias claramente mais e menos importantes/predominantes são as mesmas.
- ❑ A existência de poucas relações significativas corrobora com alguns estudos realizados ao nível do treino, tais como Sequeira (1998), Santos (1998) e Brito &

Rodrigues (2002), mas contrariamente Pacheco (2002) salienta uma elevada congruência entre o processo cognitivo e o comportamental na prelecção de preparação para a competição.

Na competição, constatamos o seguinte:

- Na dimensão objectivo, verificou-se correlações entre as expectativas e o comportamento de instrução, na categoria prescritivo e afectividade positiva, demonstrando-se assim, que os treinadores que mais expectativa têm de instruir prescritiva e afectiva positivamente, são aqueles que realmente o fazem na competição.
- Na dimensão direcção, foram encontradas relações significativas entre as expectativas e o comportamento de instrução na competição somente na sub-categoria grupo de suplentes.
- Na dimensão conteúdo, encontraram-se provas de que existem relações significativas na categoria técnica e na sub-categoria táctica sistemas de jogo. Verificaram-se mais 48 correlações positivas e negativas, mas entre tipos de conteúdo diferentes, estando aprofundadas anteriormente.
- Tal como afirmámos para a prelecção, também na competição não se verificaram muitas relações significativas dentro da mesma categoria, no entanto os resultados descritivos transmitem-nos que em termos gerais, existe um perfil de instrução idêntico entre as expectativas e o comportamento de instrução, pois em ambas as variáveis, a maioria das categorias mais e menos importantes/predominantes dentro de cada dimensão são as mesmas.
- Novamente, a existência de poucas relações significativas corrobora com alguns estudos realizados ao nível do treino, tais como Sequeira (1998), Santos (1998) e Brito & Rodrigues (2002). Ao nível da competição, Pina (1998) comprova elevadas relações entre o pensamento e o comportamento do treinador de voleibol, embora neste estudo a maioria das relações ocorrem entre diferentes categorias, o que também se verifica no nosso estudo, podendo assim referir-se que não existe contradição.

6 – Análise Comparativa entre a Prelecção de Preparação para a Competição e a Competição

Este ponto assenta no último objectivo deste estudo, ou seja, na comparação entre os dois grandes momentos observados, prelecção de preparação para a competição e a competição. Pretendemos realizar esta comparação, com o intuito de responder à seguinte pergunta: Será que a informação que os treinadores transmitem na preparação para a competição apresenta congruência com a transmitida na competição?

Afim de responder a esta questão, apresentamos e reflectimos os resultados obtidos a partir da comparação estatística (Wilcoxon-Test) entre a prelecção e a competição, quer ao nível das expectativas, quer ao nível do comportamento de instrução. Considerámos a existência de diferenças significativas quando $p \leq 0,05$.

Embora os vários estudos encontrados (Dias, Sarmento e Rodrigues, 1994; Castelo, 1996; Hotz, 1999; Mesquita, 1997; Moreno, 2001; Pacheco, 2002) referem a necessidade de uma instrução na prelecção, idêntica à da competição, existem naturalmente várias categorias da análise multidimensional com diferenças significativas. Cabe-nos a nós reflectir sobre essas diferenças, utilizando o suporte científico pesquisado e o conhecimento operacional da modalidade, pois esta encerra um conjunto de especificidades que por vezes a torna incomparável. Verificámos a aceitação ou a negação da segunda hipótese do nosso estudo, analisando simultaneamente a congruência entre os dois momentos em análise.

6.1 – Expectativas da Instrução

Na sequência do título supracitado, comparámos as expectativas que os treinadores têm da sua instrução na prelecção de preparação para a competição com as expectativas relativas à instrução na competição. Tal como se apresentou no capítulo da metodologia de investigação, a variável cognitiva “expectativas” foi recolhida através do QEIC, construído a partir do sistema de análise da instrução seleccionado para o estudo (S.A.I.C. - Pina e Rodrigues, 1993), com uma escala de Lickert de 1 a 5, onde 1 significa “nada”, 2 “pouco”, 3 “médio”, 4 “muito” e 5 “bastante”. Os treinadores ao escolherem um dos valores transmitiram a sua expectativa, reflectindo assim, a importância que pretendem dar às diferentes categorias e sub-categorias que

compõem a instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição.

6.1.1 – Dimensão Objectivo

O quadro 52 apresenta os resultados obtidos nos dois momentos em análise, salientando-se aqueles que apresentam diferenças significativas estatisticamente.

Quadro 55 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias	X PPC	X COM	Sig
Avaliativo	2,4	2,3	0,317
Descritivo	2,7	2,8	0,480
Prescritivo	2,4	2,5	0,665
Interrogativo	2,8	2,4	0,194
Afectividade +	3,8	4,1	0,046*
Afectividade –	1,1	1,2	0,317

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Verificaram-se, somente, diferenças significativas, ao nível da categoria afectividade positiva, manifestando que os treinadores esperam ter uma instrução de afectividade positiva com maior incidência na competição, comparativamente à prelecção de preparação para a competição. Embora observemos que em ambos os momentos existe uma elevada expectativa face a este tipo de objectivo informativo, consideramos como natural que o treinador na prelecção de preparação para a competição espere uma informação menos afectiva, pois o principal objectivo deste momento reside na congregação colectiva para um determinado plano táctico-estratégico. Por outro lado, na competição ao existirem constantes comportamentos, os treinadores esperam dirigir mais informação com objectivo afectivo positivo, com a intenção de motivar cada vez mais os seus atletas.

Verificámos assim, que existe uma quase total congruência ao nível do objectivo da informação que os treinadores esperam transmitir, quer na prelecção para a competição, quer na competição, tal como se visualiza na figura 1. Embora existam diferenças significativas na categoria afectividade positiva, os treinadores esperam transmitir muita informação afectiva positiva e praticamente nenhuma informação afectiva negativa, quer na prelecção de preparação para a competição, quer na competição.

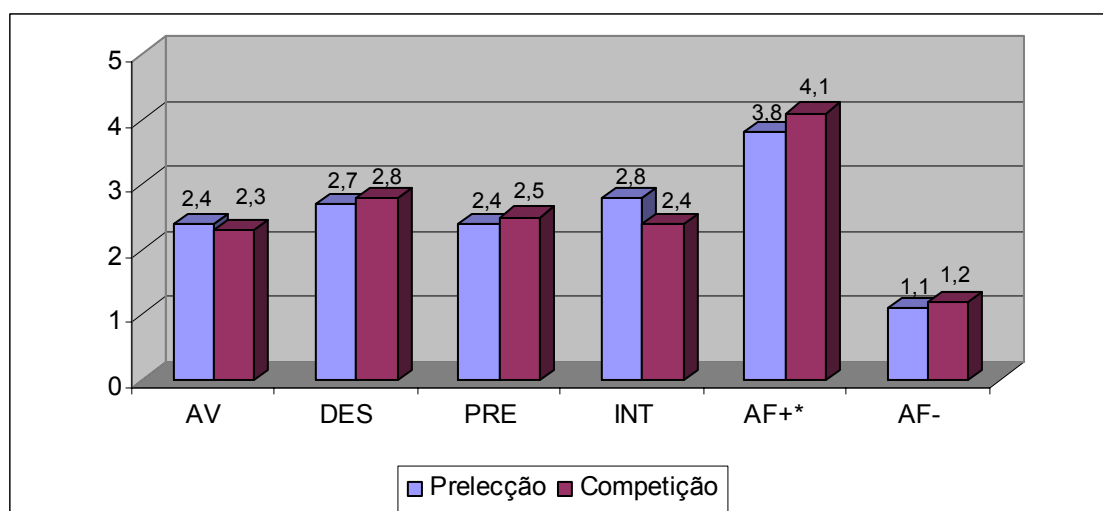


Figura 1 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Objectivo das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

6.1.2 – Dimensão Direcção

Ao serem comparadas, as expectativas dos treinadores relativamente à instrução nos dois momentos em análise, verificamos no quadro 53, que existem diferenças significativas na categoria atleta, atleta suplente e equipa.

Quadro 56 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Atleta	3,0	3,6	0,034*
Atleta Suplente	2,2	2,9	0,002*
Grupo	2,8	3,1	0,257
<i>Grupo de Defesas</i>	2,8	3,1	0,317
<i>Grupo de Médios</i>	2,8	3,0	0,414
<i>Grupo de Avançados</i>	2,8	3,0	0,414
<i>Grupo de Suplentes</i>	2,3	2,3	0,890
Equipa	4,2	2,9	0,004*

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Contrariamente ao que ocorreu anteriormente, na direcção da informação os treinadores apresentam mais diferenças significativas, ao nível das expectativas de

instrução. Estas diferenças significativas apresentam uma aparente justificação. Os treinadores esperam transmitir mais informação para o atleta na competição do que na prelecção, mas simultaneamente pretendem dar mais informação para a equipa na prelecção do que na competição, visto que segundo diversos estudos (Dias, Sarmento & Rodrigues, 1984; Moreno, 2001, Pacheco, 2002; Pina & Rodrigues, 1997), a prelecção deverá ser constituída por uma maior informação colectiva e a competição por uma informação mais individual.

Salienta-se, igualmente, que os treinadores apresentaram uma expectativa significativamente diferente face à instrução dirigida ao suplente, registando-se níveis de expectativas superiores na competição. Os treinadores esperam que os diferentes momentos de substituições, ocorridos na competição deverão conter instruções dirigidas ao suplentes, enquanto que na prelecção, a instrução dirigida ao suplente será significativamente menor, pois a este nível etário e de competição os atletas suplentes já deverão estar perfeitamente preparados para tal, incidindo a prelecção para toda a equipa, com especial incidência para os jogadores que vão iniciar o jogo. Todos os valores encontrados na nossa amostra apresentam-se na figura 2.

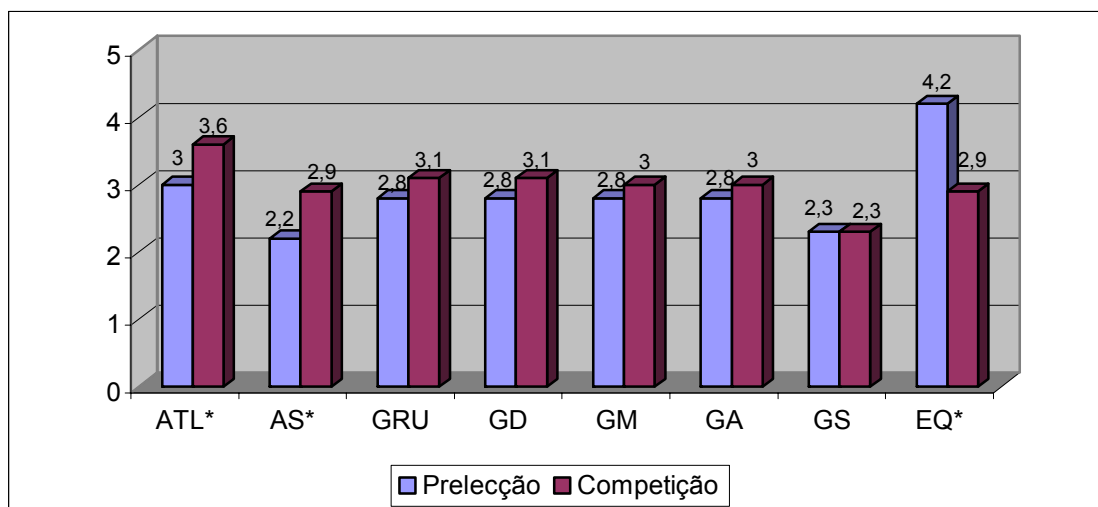


Figura 2 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Direcção das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p -value) ≤ 0.05)

6.1.3 – Dimensão Conteúdo

Relativamente à dimensão que nos caracteriza o conteúdo da informação, salientamos que não se verificou nenhuma diferença estatisticamente significativa entre a prelecção e a competição, ao nível das expectativas da instrução (quadro 54).

Quadro 57 – Comparação das expectativas de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Técnica	2,6	2,5	0,564
<i>Técnicas Ofensivas</i>	2,7	2,8	0,157
<i>Técnicas Defensivas</i>	2,7	2,8	0,157
Táctica	3,7	3,7	1,000
<i>Sistemas de Jogo</i>	3,5	3,2	0,102
<i>Métodos de Jogo</i>	3,8	3,3	0,063
<i>Esquemas Tácticos</i>	3,5	3,3	0,257
<i>Princípios do Jogo</i>	3,3	3,1	0,180
<i>Funções/Missões</i>	3,5	3,4	0,317
<i>Combinações</i>	3,3	3,2	0,317
<i>Eficácia Geral</i>	3,4	3,4	1,000
Psicológico	4,1	3,8	0,102
<i>Ritmo de Jogo</i>	3,4	3,3	0,317
<i>Confiança</i>	4,1	4,0	0,317
<i>Pressão Eficácia</i>	3,9	3,9	1,000
<i>Atenção</i>	4,1	4,1	1,000
<i>Concentração</i>	4,1	4,1	1,000
<i>Pressão Combatividade</i>	4,1	4,1	1,000
<i>Resist. Adversidades</i>	3,9	4,0	0,564
<i>Responsabilidade</i>	3,7	3,7	1,000
Físico	2,5	2,5	1,000
<i>Resistência</i>	1,9	1,8	0,317
<i>Veloc. Execução</i>	2,8	2,9	0,564
<i>Veloc. Deslocamento</i>	2,2	2,1	0,317
<i>Veloc. Reacção</i>	2,3	2,5	0,655
<i>Força</i>	1,9	1,8	0,317
<i>Aquecimento</i>	2,0	1,9	0,317
Equipa Adversária	2,5	2,7	0,157
Equipa de Arbitragem	1,7	1,8	0,414

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Podemos assim considerar que, os treinadores demonstraram uma elevada congruência de conteúdo entre aquilo que esperam (variável cognitiva) transmitir na preparação para a competição e na competição. Esta situação parece-nos ser

compreendida pelo facto dos treinadores apresentarem um elevado conhecimento cognitivo dos conteúdos que devem ser transmitidos aos jogadores em maior e em menor quantidade, pretendendo, claramente, ter um discurso coerente antes e durante a competição. Não podemos também esquecer que os resultados de diversos estudos relativos à instrução propriamente dita dos treinadores, apontam para um conteúdo eminentemente tático e psicológico, quer na prelecção, quer na competição, sustentando, ainda mais, a congruência verificada no nosso estudo.

Ao não existirem diferenças significativas, dá-nos a entender que os treinadores nos dois momentos em análise, pretendem fornecer privilegiadamente informação de conteúdo psicológico e tático, tal como se visualiza no quadro 54 e na figura 3.

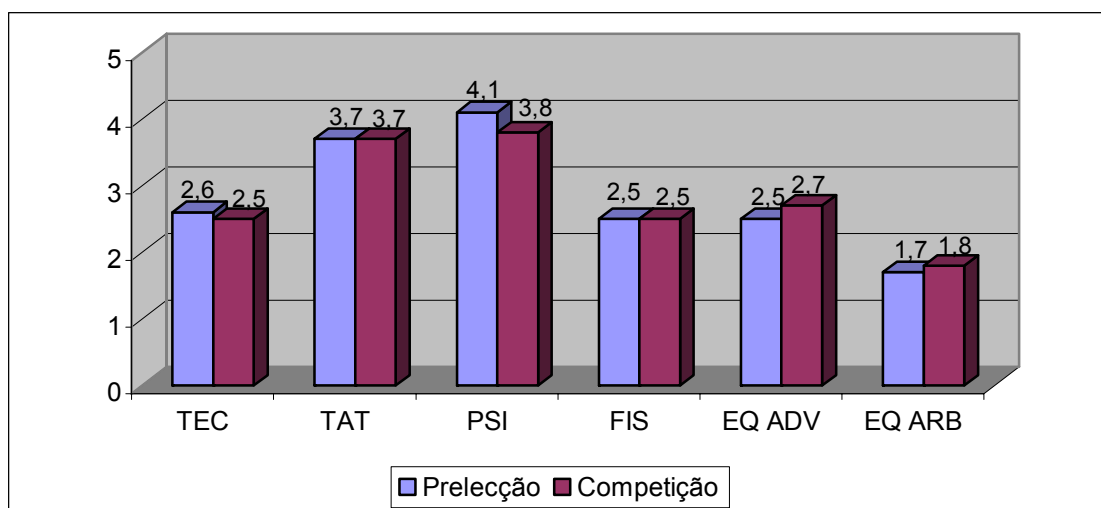


Figura 3 – Comparação das Médias das categorias da Dimensão Conteúdo das expectativas de instrução (escala de Lickert: 1 “Nada”, 2 “Pouco”, 3 “Médio”, 4 “Muito”, 5 “Bastante”) na prelecção de preparação para a competição e na competição (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

Salientamos igualmente que em nenhuma sub-categoria que especificam os diferentes conteúdos se encontraram diferenças significativas, demonstrando claramente a congruência elevada entre os dois momentos em análise, ao nível dos processos cognitivos dos treinadores.

6.2 – Comportamento de Instrução

Nos vários objectivos a que nos propusemos, o último referia-se à comparação entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, ao nível do comportamento de instrução, afim de verificar a congruência da instrução. Por outro lado, reflectir sobre as possíveis diferenças entre os dois momentos era também um

dos nossos objectivos, pois a análise profunda da bibliografia relacionada com o nosso objecto de estudo levamos a considerar a existência de possíveis diferenças, sustentadas pelo facto de serem momentos com características distintas e que requerem obrigatoriamente formas de intervir ajustadas a esses mesmos momentos.

Tal como metodologicamente ramificámos na análise descritiva, para uma melhor compreensão dos diferentes momentos, a competição foi decomposta em três momentos, que são: antes, durante e intervalo do jogo. Procedemos seguidamente à análise comparativa, utilizando igualmente o teste não paramétrico de comparação de médias relacionadas (Wilcoxon-Test), entre a prelecção de preparação para a competição e os diferentes momentos que integram a competição.

6.2.1 – Prelecção de preparação para a competição Vs Competição – Antes do Jogo

A análise comparativa da instrução será multidimensional, ramificada em 3 dimensões, Dimensão Objectivo, Dimensão Direcção e Dimensão Conteúdo.

6.2.1.1 – Dimensão Objectivo

No quadro 55, apresenta-se os valores registados na prelecção e antes do jogo, destacando-se a existência de diferenças significativas somente nas categorias descritivo e prescritivo.

Quadro 58 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias	X PPC	X COM	Sig
Avaliativo Positivo	0,2	0,0	0,102
Avaliativo Negativo	0,1	0,0	0,157
Descritivo	17,5	3,6	0,012*
Prescritivo	79,2	91,1	0,023*
Interrogativo	2,5	1,4	0,286
Afectividade +	0,4	3,8	0,116
Afectividade –	0,0	0,0	0,317

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Como se verifica na figura 4, poucas são as diferenças das categorias, entre os dois momentos em análise, existindo somente diferenças significativas entre as duas

categorias mais predominantes na instrução do treinador. No entanto, existe uma informação descritiva significativamente superior na prelecção, e uma informação prescritiva significativamente superior nos momentos imediatamente antes do jogo. Esta situação revela que, os momentos antes do jogo servem fundamentalmente para prescrever acções, atitudes e comportamentos, pressionando e motivando os jogadores para uma melhor performance, não existindo praticamente lugar para aspectos descritivos, que habitualmente levam à recordação do passado, o que poderá não ajudar à concentração e eficácia do jogador.

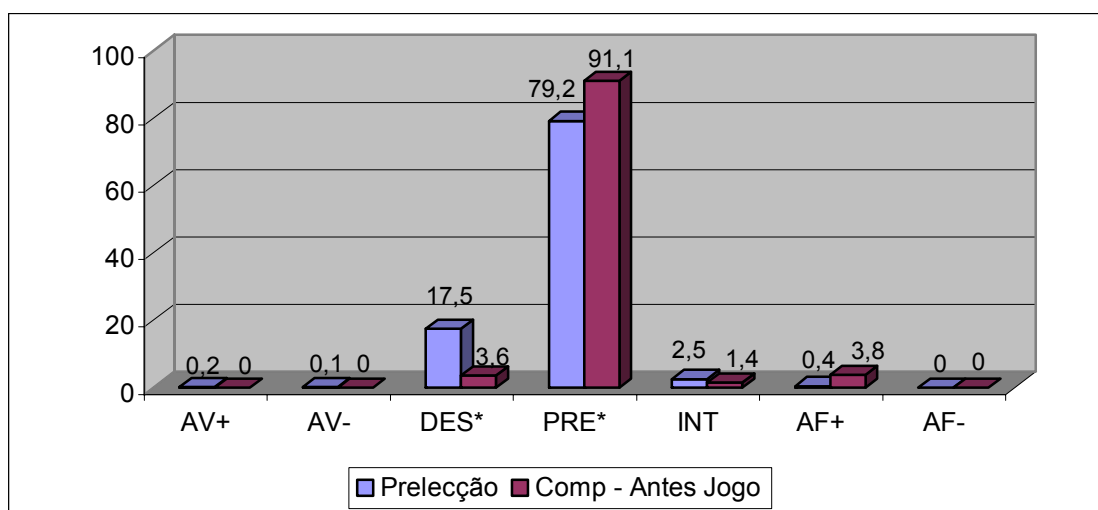


Figura 4 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

Embora exista uma elevada quantidade de informação prescritiva na prelecção de preparação para a competição (ver quadro 55 ou figura 4), estes resultados salientam a maior preponderância que a informação descritiva tem neste momento, visto que por diversas situações, o treinador descreve situações relativas a competições ou treinos anteriores ou até mesmo relativas à equipa adversária, como por exemplo “no jogo anterior marcaram os adversários muito bem” ou “atenção, que o nº 10 é um jogador muito rápido e inteligente dentro da área”.

Nas restantes categorias, não se encontraram diferenças significativas, registando-se em todas elas valores muito reduzidos.

O facto de existirem diferenças significativas nas duas categorias de maior preponderância, poderá significar alguma incongruência no objectivo da informação, entre a prelecção e o momento antes do jogo. No entanto, se analisarmos o perfil geral de instrução, verificamos que em ambos os momentos, mais de 90% da informação é prescritiva e descritiva, com uma clara predominância para a primeira, o que nos leva

a considerar uma similaridade no perfil de instrução entre a prelecção de preparação para a competição e os momentos antes do jogo.

Por último, salientamos que os estudos pesquisados verificaram igualmente uma informação predominantemente prescritiva e descritiva na prelecção de preparação para a competição (Pacheco, 2002) e nos momentos imediatamente antes do jogo (Dias, Sarmiento & Rodrigues, 1994 e Pina & Rodrigues, 1997).

6.2.1.2 – Dimensão Direcção

Quanto à direcção da informação, os dados recolhidos permitem-nos encontrar diferenças significativas somente na categoria grupo, registando-se médias estatisticamente semelhantes entre a prelecção e o momento imediatamente antes do jogo, ao nível da categoria atleta, atleta suplente e equipa.

Quadro 59 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Atleta	15,9	37,9	0,060
Atleta Suplente	0,0	0,0	1,000
Grupo	3,4	0,0	0,028*
<i>Grupo de Defesas</i>	2,2	0,0	0,018*
<i>Grupo de Médios</i>	2,4	1,4	0,028*
<i>Grupo de Avançados</i>	0,3	0,0	0,600
<i>Grupo de Suplentes</i>	8,4	1,4	0,180
Equipa	75,7	60,7	0,158

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Tal como se verifica no quadro acima, dentro da categoria grupo, existem diferenças significativas nas sub-categorias grupo de defesas e grupo de médios. Devemos salientar que os valores médios destas categorias e sub-categorias são extremamente reduzidos na prelecção e quase inexistentes antes do jogo, o que significa a pouca importância que os treinadores atribuem à informação grupal, preferindo em larga escala uma informação dirigida ao atleta ou à equipa. Parece-nos que estas diferenças são pouco importantes, tendo em conta os valores médios registados, pressupondo uma possível inexistência de diferenças, caso a amostra aumentasse. Para uma

melhor percepção visual desta situação, apresentaremos seguidamente a representação gráfica do quadro 56.

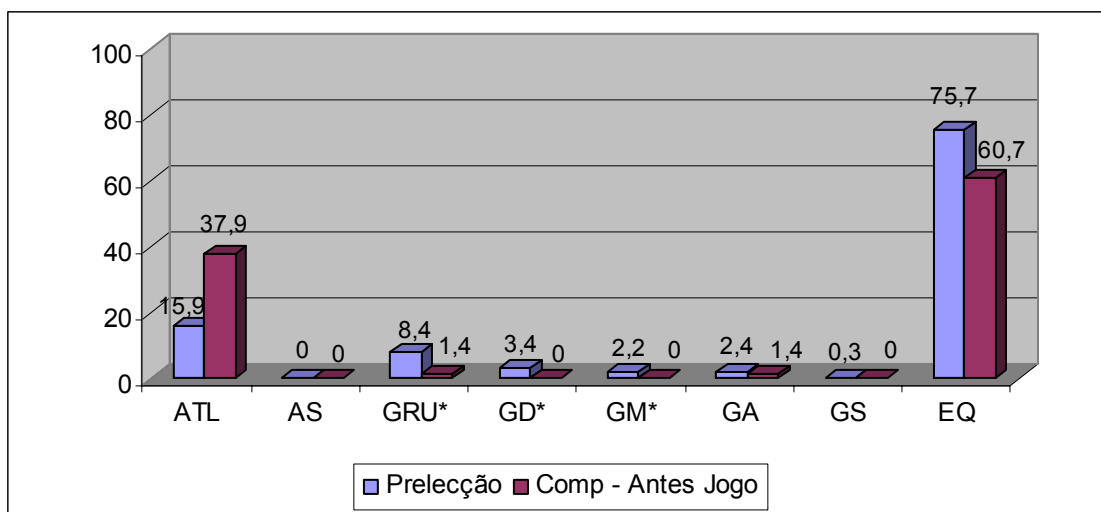


Figura 5 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

Novamente, o estudo de Pacheco (2002) relativo à prelecção de preparação para a competição e os estudos de Dias, Sarmento & Rodrigues (1994), Moreno (2001) e Pina & Rodrigues (1997) relativos aos momentos que antecedem o jogo, dão a entender que a informação nestes dois momentos é maioritariamente colectiva, existindo algumas informações individualizadas. Podemos assim considerar que existe uma elevada sintonia entre a direcção da instrução na prelecção e nos momentos que antecedem o jogo.

6.2.1.3 – Dimensão Conteúdo

Ao nível do conteúdo transmitido, verificámos que existem algumas diferenças significativas entre a prelecção e o momento antes do jogo (ver quadro 57). Mais concretamente, e ao nível das categorias, verificamos que existem diferenças significativas nos conteúdos tático e psicológico, no entanto, estas diferenças têm sentidos opostos.

Quadro 60 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Técnica	2,0	1,3	0,553
<i>Técnicas Ofensivas</i>	1,2	1,3	0,866
<i>Técnicas Defensivas</i>	0,8	0,0	0,020*
Táctica	55,5	23,4	0,015*
<i>Sistemas de Jogo</i>	2,5	0,6	0,086
<i>Métodos de Jogo</i>	18,3	4,0	0,004*
<i>Esquemas Tácticos</i>	16,4	7,6	0,203
<i>Princípios do Jogo</i>	1,8	0,8	0,063
<i>Funções/Missões</i>	2,7	4,2	0,866
<i>Combinações</i>	0,6	1,9	0,866
<i>Eficácia Geral</i>	13,2	4,3	0,006*
Psicológico	35,0	71,3	0,010*
<i>Ritmo de Jogo</i>	0,7	1,7	0,344
<i>Confiança</i>	3,2	4,7	0,721
<i>Pressão Eficácia</i>	20,7	55,2	0,006*
<i>Atenção</i>	1,0	1,1	0,866
<i>Concentração</i>	1,1	3,6	0,138
<i>Pressão Combatividade</i>	3,1	4,4	0,374
<i>Resist. Adversidades</i>	1,4	0,0	0,017*
<i>Responsabilidade</i>	3,8	0,7	0,138
Físico	0,9	0,0	0,068
<i>Resistência</i>	0,1	0,0	0,317
<i>Veloc. Execução</i>	0,7	0,0	0,109
<i>Veloc. Deslocamento</i>	0,0	0,0	1,000
<i>Veloc. Reacção</i>	0,1	0,0	0,317
<i>Força</i>	0,0	0,0	1,000
<i>Aquecimento</i>	0,0	0,0	1,000
Equipa Adversária	4,3	2,4	0,182
Equipa de Arbitragem	0,0	0,0	1,000
Sem Conteúdo	2,1	1,6	0,678
Indeterminado	0,2	0,0	0,180

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

As diferenças verificadas, significam que o conteúdo tático da prelecção de preparação para a competição é significativamente superior ao verificado no momento antes do jogo, mas o conteúdo psicológico é significativamente inferior. Estas diferenças são principalmente justificadas pelas características contextuais dos dois momentos, pois a prelecção é declaradamente um momento de preparação tático-estratégico, com vista à recapitulação do plano concebido para o jogo (organização ofensiva e defensiva, missões e funções específicas, esquemas táticos, etc), enquanto que os momentos que antecedem o jogo são extremamente envolventes, onde o treinador preocupa-se fundamentalmente em motivar e pressionar os seus atletas para um início de jogo altamente eficaz, utilizando frequentemente uma comunicação incisiva, com elevado tom de voz.

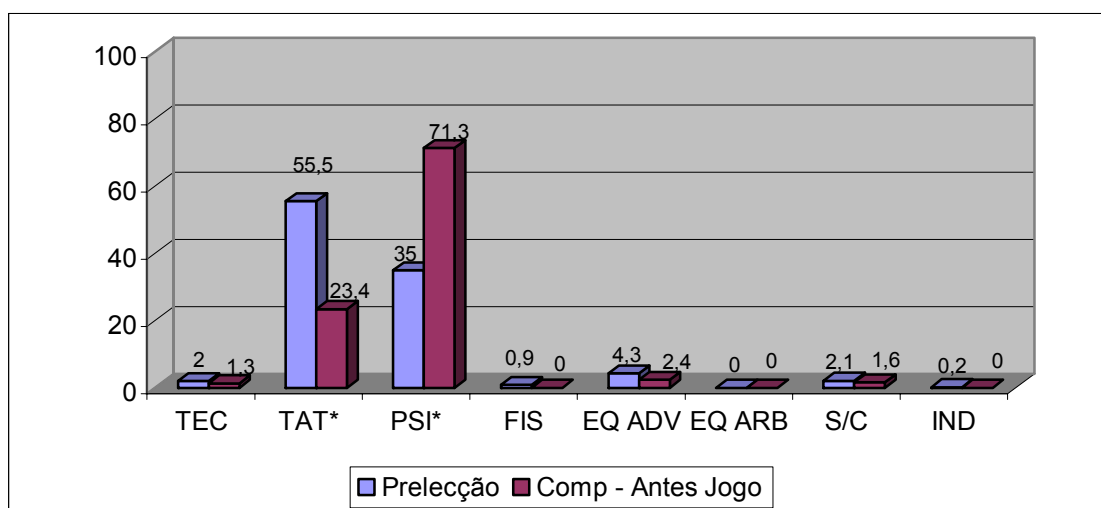


Figura 6 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Antes do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

A figura 6, demonstra o que anteriormente referimos, ou seja, existem diferenças significativas nas principais categorias da dimensão conteúdo, o que nos leva a não considerar uma total congruência entre a prelecção de preparação para a competição e o momento antes do jogo. No entanto, observando o perfil de instrução geral nos dois momentos, podemos considerar e simultaneamente corroborando com outros estudos (Bloom, Durand-Bush & Salmela, 1997; Dias, Sarmento & Rodrigues, 1994; Moreno, 2001; Nérin, 1986; Pacheco, 2002; Pina & Rodrigues, 1997), que existe um predomínio da informação tática e psicológica e que as restantes categorias apresentam reduzidos valores.

No que concerne às diferentes sub-categorias onde se verificam diferenças significativas, salientamos os métodos de jogo e a eficácia geral, dentro do conteúdo

tático, onde existem valores significativamente superiores na prelecção de preparação para a competição, considerando novamente que este é um momento onde os treinadores habitualmente recordam a forma como a equipa se organiza ofensivamente e defensivamente, fazendo referências à estratégia geral da equipa ou à classificação da própria equipa.

No sentido oposto, surge a sub-categoria pressão eficácia, no conteúdo psicológico, isto é, neste tipo de conteúdo surgem valores significativamente superiores no momento antes do jogo, visto que, os treinadores apelam constantemente para uma maior eficácia, motivando com palavras muito incisivas e eloquentes. Este tipo de expressões não ocorre com tanta frequência na prelecção, pois existem outros conteúdos mais importantes.

As diferenças significativas nas sub-categorias métodos de jogo e pressão eficácia, vêm consolidar as diferenças nos conteúdos tático e psicológico, visto que são as sub-categorias mais importantes dentro das respectivas categorias.

Por último registamos também diferenças significativas nas sub-categorias resistência às adversidades e técnica defensiva, no entanto, não a consideramos tão importante, isto porque na prelecção existe um registo médio muito baixo de informação (1,4% e 0,8%) e antes do jogo não se registou qualquer informação (0%).

Tendo em conta que foram analisadas 8 categorias e 23 sub-categorias, parece-nos que em termos de perfil geral, existe uma considerável congruência entre aquilo que os treinadores instruem na prelecção de preparação para a competição e antes do jogo.

6.2.2 – Prelecção de preparação para a competição Vs Competição – Durante o Jogo

Dentro da competição, o jogo tem uma importância vital, sendo analisada a instrução do treinador sob 3 dimensões: Dimensão Objectivo, Dimensão Direcção e Dimensão Conteúdo.

6.2.2.1 – Dimensão Objectivo

No quadro 58, apresenta-se os valores registados na prelecção e durante o jogo, encontrando-se diferenças significativas nas categorias avaliativo positivo, descritivo, interrogativo e afectivo positivo.

Quadro 61 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Durante o Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias	X PPC	X COM	Sig
Avaliativo Positivo	0,2	4,9	0,002*
Avaliativo Negativo	0,1	0,2	0,244
Descritivo	17,5	3,1	0,002*
Prescritivo	79,2	84,1	0,182
Interrogativo	2,5	0,8	0,013*
Afectividade +	0,4	6,7	0,002*
Afectividade –	0,0	0,3	0,109

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Visualizando o quadro com maior rigor, verificamos que a instrução com objectivo descritivo e interrogativo é significativamente maior durante a prelecção de preparação para a competição do que durante o jogo, no entanto a instrução avaliativa e afectiva positiva é significativamente maior durante o jogo. Esta situação é sustentada por uma explicação baseada no facto da prelecção de preparação para a competição ser um momento onde importa descrever e interrogar os jogadores para que os mesmos compreendam melhor o plano táctico-estratégico montado para aquele jogo, enquanto que durante o jogo, questionar ou descrever situações requer uma maior atenção dos jogadores, desfocando-os do próprio jogo, o que poderá ser prejudicial. Por outro lado, é muito mais frequente existirem instruções avaliativas ou afectivas positivas, como por exemplo, “boa”, “fizeste muito bem” ou “isso mesmo, continua assim”, no decorrer do jogo, como forma de reagir (feedback) às diferentes situações que ocorrem no jogo, do que fazê-lo durante a prelecção, onde a preocupação assenta quase somente na revisão do plano táctico-estratégico e no desenvolvimento de um estado psicológico ideal para a competição.

Importa igualmente salientar que as diferenças significativas encontram-se somente em categorias com valores médios de instrução bastante reduzidas, enquanto que na categoria prescritivo, onde se registam em média, aproximadamente 80% da instrução não se verificam diferenças significativas, o que nos leva a pressupor que a maioria da instrução na prelecção e durante o jogo apresentam o mesmo objectivo, podendo de certa forma registar uma congruência da informação, embora com algumas diferenças em categorias de menor incidência, que são claramente justificadas pelas especificidades inerentes aos dois momentos em análise.

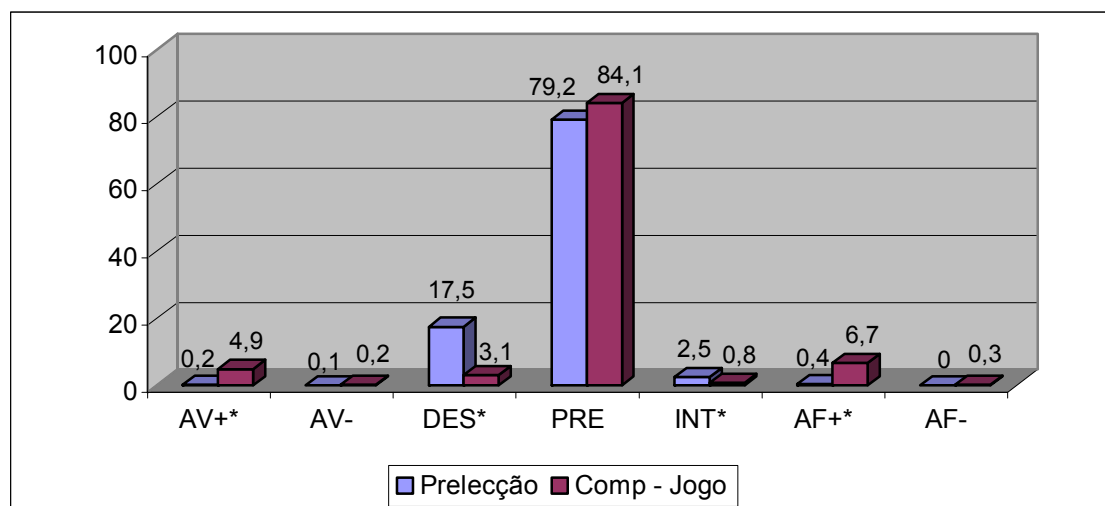


Figura 7 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

6.2.2.2 – Dimensão Direcção

O quadro 59, apresenta os valores médios e as diferenças significativas encontradas ao nível da dimensão direcção, ou seja, aquela que analisa a quem o treinador dirige a sua instrução.

Quadro 62 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Durante o Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Atleta	15,9	72,5	0,002*
Atleta Suplente	0,0	5,5	0,002*
Grupo	3,4	1,2	0,050*
<i>Grupo de Defesas</i>	2,2	0,1	0,021*
<i>Grupo de Médios</i>	2,4	0,6	0,202
<i>Grupo de Avançados</i>	0,3	0,1	0,050*
<i>Grupo de Suplentes</i>	8,4	0,4	0,440
Equipa	75,7	20,7	0,002*

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Como se pode verificar, na dimensão direcção existem diferenças significativas em todas as categorias. Somente não se verificaram diferenças significativas nas sub-categorias grupo de médios e grupo de suplentes. Verifica-se assim que, os

treinadores não apresentaram congruência entre a prelecção de preparação para a competição e durante ao jogo, ao nível da forma como dirigem a sua instrução. Mais especificamente, na prelecção de preparação para a competição, a informação é significativamente mais dirigida para a equipa e para o grupo, comparativamente ao verificado durante o jogo. No entanto verifica-se o oposto, no que respeita à categoria atleta e suplente, ou seja, existe maiores níveis significativos de informação dirigida para o atleta e para o suplente no decorrer do jogo.

Se recorrermos à literatura pesquisada, verificamos que a prelecção de preparação para a competição deverá ser um momento de congregação colectiva, sendo este momento denominado por alguns autores (Teodorescu, 1984 e Castelo, 1996 e 2000) como uma “reunião” de preparação para o jogo, o que sub-entende algo dirigido para um conjunto de pessoas, neste caso todos os atletas. Não encontrando nenhum estudo que compare directamente a prelecção com a competição, mas recorrendo aos estudos que separadamente analisam cada um dos momentos supracitados, verificamos que na prelecção, a informação é maioritariamente dirigida para a equipa, enquanto que durante o jogo, o atleta é quase sempre o visado (Moreno, 2001; Pacheco, 2002; Cloes, Delhaes & Piéron, 1993; Oliveira, 1992), o que nos leva a pressupor que, embora não exista consonância entre os dois momentos em análise, aquilo que registamos vai ao encontro do que cientificamente está estudado.

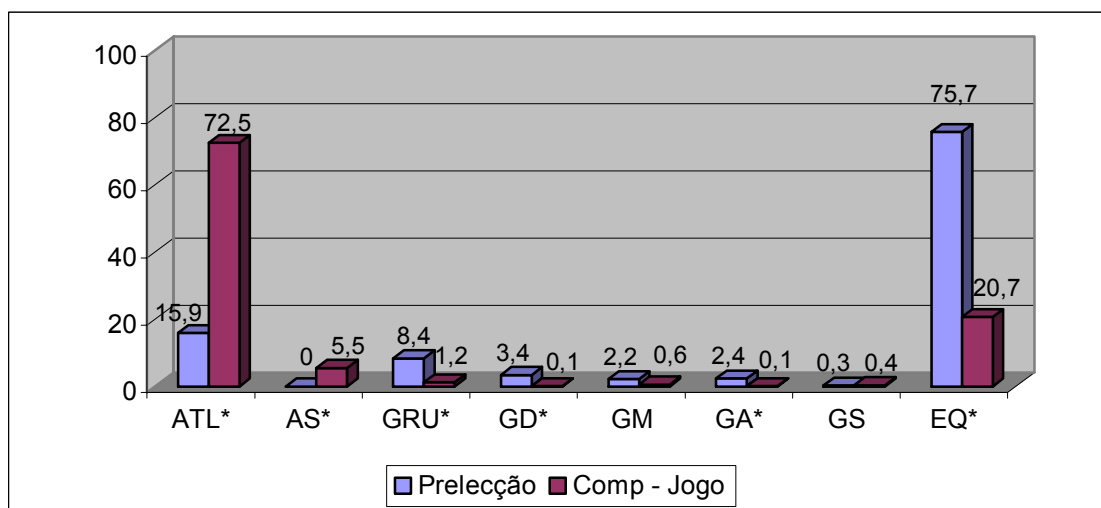


Figura 8 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

Através da figura acima apresentada, verificamos que as categorias atleta e equipa abrangeram quase 90% da informação, quer na prelecção, quer durante o jogo, e que se invertem quase na mesma proporção. As restantes categorias e sub-categorias,

embora também registem diferenças significativas, são sustentadas por valores muito baixos.

Mencionamos ainda que, a categoria suplente apresentou diferenças significativas porque, na prelecção não existem informações dirigidas para o mesmo, enquanto que durante o jogo ocorrem algumas, principalmente quando ocorrem as substituições.

Salientamos que, a categoria grupo apresenta um grau de probabilidade de erro = 0,05, o que leva a considerar a existência de diferenças significativas, mas com menor poder de significância do que as restantes categorias. Dentro desta categoria, o grupo de defesas e o grupo de avançados apresentam diferenças significativas, porém, os valores médios verificados quer na prelecção, quer durante o jogo foram extremamente baixos.

6.2.2.3 – Dimensão Conteúdo

A dimensão conteúdo é muito importante no que concerne à verificação da hipótese de pesquisa, pois irá permitir-nos verificar se existem níveis elevados de coerência entre a prelecção de preparação para competição e o jogo propriamente dito, no conteúdo transmitido. Nesta dimensão, verificam-se os seguintes resultados:

Embora inicialmente se verifique muitas diferenças significativas (5 em 8 categorias e 13 em 23 sub-categorias) deveremos realizar uma análise pormenorizada a essas diferenças e às categorias e sub-categorias que não apresentam diferenças estatisticamente significativas, apresentadas no quadro 60.

Começando pelas categorias, devemos salientar que as categorias tático e psicológico, que na prelecção de preparação para a competição e durante o jogo abrangem a grande maioria da instrução dos treinadores (90,5% e 78,3%) não apresentaram diferenças significativas entre os dois momentos supracitados. Podemos assim, desde já, referir que ao nível dos grandes conteúdos, os treinadores apresentam congruência naquilo que instruem. Esta situação poderá ser crucial para um elevado rendimento dos atletas no jogo, pois sendo a prelecção de preparação para a competição um momento de preparação cognitiva para a competição, caso não se verificasse uma elevada coerência no conteúdo da instrução, poderia confundir e prejudicar muito mais os jogadores do que ajudá-los a obter um elevado rendimento.

Quadro 63 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Antes do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Técnica	2,0	6,5	0,003*
<i>Técnicas Ofensivas</i>	1,2	3,8	0,002*
<i>Técnicas Defensivas</i>	0,8	2,7	0,005*
Táctica	55,5	45,1	0,209
<i>Sistemas de Jogo</i>	2,5	2,4	1,000
<i>Métodos de Jogo</i>	18,3	25,1	0,099
<i>Esquemas Tácticos</i>	16,4	6,2	0,308
<i>Princípios do Jogo</i>	1,8	3,9	0,008*
<i>Funções/Missões</i>	2,7	0,1	0,050*
<i>Combinações</i>	0,6	3,8	0,003*
<i>Eficácia Geral</i>	13,2	3,5	0,002*
Psicológico	35,0	33,2	0,814
<i>Ritmo de Jogo</i>	0,7	1,6	0,034*
<i>Confiança</i>	3,2	0,2	0,013*
<i>Pressão Eficácia</i>	20,7	22,0	0,754
<i>Atenção</i>	1,0	5,6	0,002*
<i>Concentração</i>	1,1	0,2	0,116
<i>Pressão Combatividade</i>	3,1	1,0	0,033*
<i>Resist. Adversidades</i>	1,4	2,4	0,136
<i>Responsabilidade</i>	3,8	0,2	0,007*
Físico	0,9	2,5	0,028*
<i>Resistência</i>	0,1	0,0	0,655
<i>Veloc. Execução</i>	0,7	0,7	0,735
<i>Veloc. Deslocamento</i>	0,0	0,1	0,042*
<i>Veloc. Reacção</i>	0,1	0,1	0,465
<i>Força</i>	0,0	0,0	0,317
<i>Aquecimento</i>	0,0	1,6	0,002*
Equipa Adversária	4,3	0,6	0,003*
Equipa de Arbitragem	0,0	0,4	0,028*
Sem Conteúdo	2,1	11,0	0,002*
Indeterminado	0,2	0,7	0,109

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Verificam-se diferenças significativas nas restantes categorias (técnico, físico, equipa de arbitragem, equipa adversária e sem conteúdo), contudo, todas elas apresentaram uma pequena importância face à totalidade da instrução, quer na prelecção, quer durante o jogo. Aprofundadamente, podemos constatar que o conteúdo técnico, físico e equipa de arbitragem é significativamente superior durante o jogo, comparativamente à prelecção (6,5% vs 2,0%; 2,5% vs 0,9%; 0,4% vs 0,0%). Contrariamente a esta tendência, apurámos que o conteúdo equipa adversária apresenta um valor médio de instrução significativamente superior na prelecção (4,3% vs 0,6%). Por último salientamos que durante o jogo existem instruções sem conteúdo, significativamente superiores, quando comparadas com as existentes na prelecção (11% vs 2,1%), justificando-se esta conjuntura pela existência de algumas instruções com um carácter avaliativo ou afectivo, mas sem conteúdo específico, como por exemplo, “isso mesmo”, “Muito bem, Zé”, ocorrem mais frequentemente quando o treinador está a observar o jogo. Seria provavelmente um contra-senso, os treinadores utilizarem frequentemente informações sem conteúdo, numa prelecção que visa preparar a competição, e que apresenta normalmente uma lógica mais planeada e sistematizada.

Tal como verificamos na figura 9, as categorias anteriormente estudadas, embora apresentem diferenças significativas, os seus valores médios auferidos nos dois momentos analisados são pouco relevantes, por vezes até mesmo nulos. Sendo assim, parece-nos evidente que, estas diferenças tornam-se pouco importantes face à sua representatividade, salientando-se muito mais a inexistência delas nas categorias táctica e psicológica.

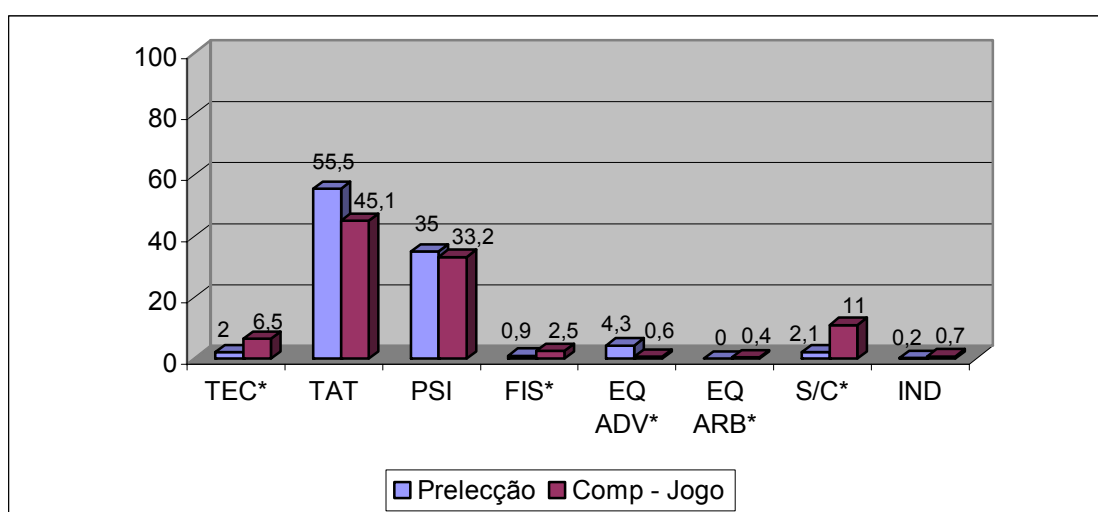


Figura 9 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Durante o Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

Interessa igualmente analisar com mais atenção, algumas sub-categorias, devido à existência ou não de diferenças significativas. Em primeira instância, importa salientar que, não existiram diferenças significativas nas sub-categorias mais importantes (métodos de jogo, esquemas tácticos e pressão eficácia foram as que registaram mais instrução). Sendo assim, ao nível do conteúdo mais específico, os treinadores revelaram novamente congruência na maioria da sua instrução, entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – durante o jogo. Verificamos assim que, quer na prelecção, quer durante o jogo, os treinadores emitiram instrução com um conteúdo maioritariamente relativo à organização ofensiva e defensiva da equipa, aos esquemas tácticos ofensivos e defensivos e à pressão/motivação para uma maior eficácia em toda e qualquer situação do jogo. Salientamos igualmente que, relativamente às formas de manifestação das diferentes capacidades físicas, a velocidade de execução é o aspecto preferencial do treinador, quer na prelecção, quer durante o jogo, não se verificando diferenças significativas.

Respeitante às várias sub-categorias onde se encontraram diferenças significativas, devemos salientar a eficácia geral no conteúdo táctico, visto que é aquela onde os valores médios apresentam maior disparidade (13,2% vs 3,5%). Tal como já ocorreu anteriormente com outras categorias, esta superioridade de informação na prelecção comparativamente à competição (durante o jogo), deve-se às características específicas dos dois momentos, visto que na prelecção existe uma acentuada tendência para os treinadores emitirem informações relativas à estratégia geral da equipa, salientando as modificações pontuais e temporárias face às condições objectivas da competição (ex: “o campo é muito curto, por isso temos de ser muito práticos”, ou “vamos tentar jogar a favor do vento, na 1ª parte”), enquanto que durante o jogo, esta situação quase não se verifica, exceptuando algumas referências relativas ao aproveitamento de determinados contextos tácticos (ex: “Tentem arranjar faltas perto da área”).

6.2.3 – Prelecção de preparação para a competição Vs Competição – Intervalo do Jogo

Para além dos momentos imediatamente antes do jogo e do jogo propriamente dito, analisámos também o intervalo do mesmo. O facto das condições regulamentares do futebol não possibilitarem descontos de tempo e serem constituídos somente por duas partes, faz com que o intervalo seja um momento de crucial importância na capacidade do treinador influir positivamente na performance da sua equipa, utilizando para tal, o comportamento de instrução. A análise da instrução do treinador é

ramificada em 3 dimensões: Dimensão Objectivo, Dimensão Direcção e Dimensão Conteúdo.

6.2.3.1 – Dimensão Objectivo

Nas várias categorias da dimensão objectivo, não foram encontradas quaisquer diferenças significativas, entre a prelecção de preparação para a competição e o intervalo do jogo. Tendo em conta que o intervalo apresenta algumas características contextuais idênticas à prelecção (recursos materiais, humanos e espaciais), a nossa expectativa acabou por se verificar. Relativamente ao objectivo com que os treinadores emitem a informação, existe uma total consonância entre os dois momentos analisados.

Quadro 64 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Objectivo (Wilcoxon-Test): número de respostas (n), média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias	X PPC	X COM	Sig
Avaliativo Positivo	0,2	0,2	1,000
Avaliativo Negativo	0,1	0,0	0,157
Descritivo	17,5	19,2	0,583
Prescritivo	79,2	75,6	0,272
Interrogativo	2,5	4,4	0,213
Afectividade +	0,4	0,6	0,483
Afectividade –	0,0	0,1	0,655

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

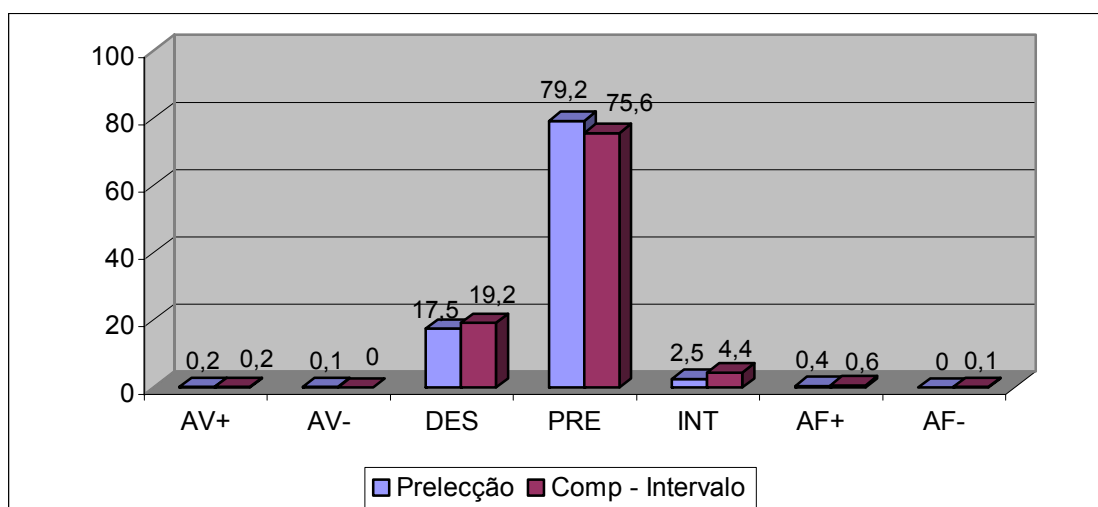


Figura 10 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Objectivo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

O quadro 61, apresenta os valores registados na prelecção e antes do jogo, destacando-se claramente a categoria prescritiva, com valores médios de instrução muito altos, quer na prelecção, quer no intervalo do jogo. Salienta-se também que a informação prescritiva e descritiva perfazem aproximadamente 95% do total da instrução, o que relega para último plano todos os outros tipos de informação, tal como a figura 10 permite observar.

6.2.3.2 – Dimensão Direcção

Também nesta dimensão, onde se pretende saber para quem é dirigida a informação, não foram encontradas diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – intervalo do jogo.

Recorrendo à literatura pesquisada, o intervalo do jogo é o único momento durante a competição, em que existe uma paragem, em que todos os jogadores podem dirigir-se para o balneário podendo sentar-se, com a possibilidade de dirigirem a atenção somente no treinador. Sendo assim, este deverá aproveitá-lo para uma adequada instrução que permita manter ou melhorar a performance para a 2ª parte. Sendo a prelecção, um momento com características idênticas, embora os jogadores e o treinador possam não estar tão envolvidos emocionalmente como no intervalo do jogo, é com naturalidade que se verifica uma elevada identidade, quanto à direcionalidade da instrução.

Quadro 65 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Direcção (Wilcoxon-Test): número de respostas (n), média de frequência relativa na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média de frequência relativa na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Atleta	15,9	28,0	0,060
Atleta Suplente	0,0	1,4	0,068
Grupo	3,4	9,9	0,594
<i>Grupo de Defesas</i>	2,2	1,3	0,214
<i>Grupo de Médios</i>	2,4	4,2	0,327
<i>Grupo de Avançados</i>	0,3	3,5	0,575
<i>Grupo de Suplentes</i>	8,4	0,9	0,500
Equipa	75,7	60,7	0,136

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Resta-nos somente salientar que, na prelecção de preparação para a competição e no intervalo do jogo, os treinadores dirigiram preferencialmente a sua informação para a equipa e para o atleta, com muito mais incidência para a primeira. Tal como se verifica na figura 11, foi dirigida pouca informação para o grupo e muito menos para o suplente.

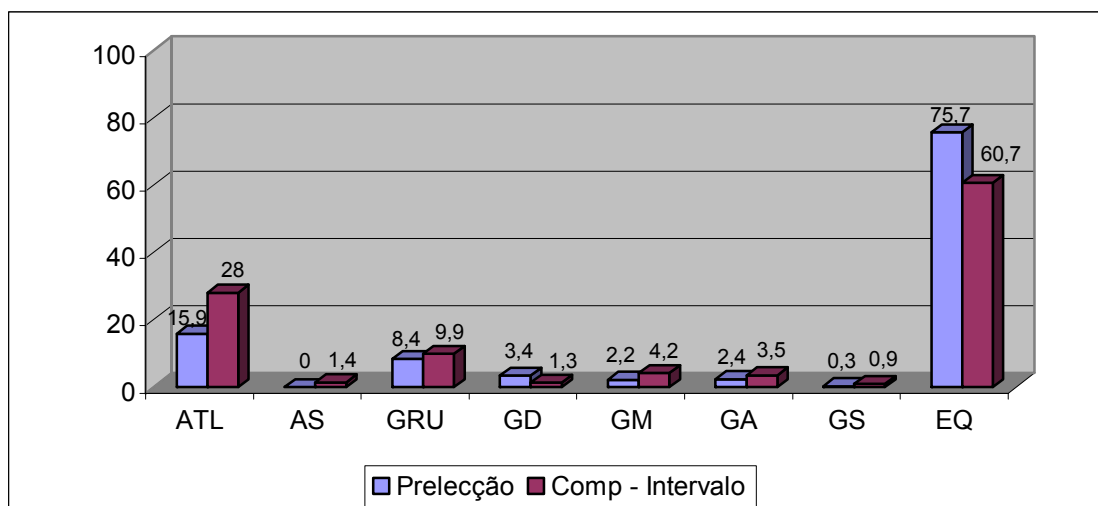


Figura 11 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Direcção da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

6.2.3.3 – Dimensão Conteúdo

Mais do que em qualquer outra comparação anteriormente realizada, verificamos uma elevada congruência no conteúdo da instrução, quando comparamos a prelecção de preparação para a competição e o intervalo do jogo. Esta afirmação é sustentada pelo facto de não terem sido encontradas diferenças significativas nas categorias táctica, psicológico, físico, equipa adversária, equipa de arbitragem e indeterminado. No seu conjunto, estas categorias abrangem mais de 90% da informação transmitida, quer na prelecção, quer no intervalo do jogo, registando-se diferenças significativas, somente na categoria técnica e sem conteúdo.

Ao nível das sub-categorias, reforçamos a existência de congruência, pois somente quatro delas, num total de 23, apresentam diferenças significativas. A este nível queremos, somente salientar a sub-categoria esquemas tácticos, pois é aquela onde se regista a maior discrepância (16,4% vs 1,5%). Parece-nos que esta situação, deve-se ao facto da prelecção ter claramente um objectivo bastante teórico, onde a abordagem dos aspectos inerentes aos esquemas tácticos é um hábito constante dos treinadores da actualidade, ainda mais ao nível da alta competição (Castelo, 1996;

Pacheco, 2002), fazendo com que o valor médio de instrução seja muito mais elevado do que no intervalo do jogo.

Quadro 63 – Comparação da instrução entre a prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo, na Dimensão Conteúdo (Wilcoxon-Test): número de respostas (n), média na prelecção de preparação para a competição (X PPC), média na competição – Intervalo do Jogo (X COM) e probabilidade significativa (Sig).

Categorias e Sub-Categorias	X PPC	X COM	Sig
Técnica	2,0	6,1	0,015*
<i>Técnicas Ofensivas</i>	1,2	4,2	0,019*
<i>Técnicas Defensivas</i>	0,8	1,9	0,086
Táctica	55,5	46,3	0,209
<i>Sistemas de Jogo</i>	2,5	4,5	0,201
<i>Métodos de Jogo</i>	18,3	26,9	0,308
<i>Esquemas Tácticos</i>	16,4	1,5	0,047*
<i>Princípios do Jogo</i>	1,8	1,6	0,799
<i>Funções/Missões</i>	2,7	1,5	0,594
<i>Combinações</i>	0,6	2,1	0,176
<i>Eficácia Geral</i>	13,2	8,2	0,117
Psicológico	35,0	33,1	0,530
<i>Ritmo de Jogo</i>	0,7	0,7	0,889
<i>Confiança</i>	3,2	2,1	0,445
<i>Pressão Eficácia</i>	20,7	18,1	0,937
<i>Atenção</i>	1,0	3,4	0,028*
<i>Concentração</i>	1,1	1,3	0,893
<i>Pressão Combatividade</i>	3,1	2,9	0,799
<i>Resist. Adversidades</i>	1,4	4,4	0,093
<i>Responsabilidade</i>	3,8	0,3	0,021*
Físico	0,9	2,1	0,173
<i>Resistência</i>	0,1	0,0	0,317
<i>Veloc. Execução</i>	0,7	0,4	0,465
<i>Veloc. Deslocamento</i>	0,0	0,7	0,180
<i>Veloc. Reacção</i>	0,1	0,0	0,317
<i>Força</i>	0,0	0,0	1,000
<i>Aquecimento</i>	0,0	0,9	0,068
Equipa Adversária	4,3	5,7	0,347
Equipa de Arbitragem	0,0	1,1	0,317
Sem Conteúdo	2,1	4,9	0,028*
Indeterminado	0,2	0,8	0,138

* Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05

Após uma demonstração clara de que os treinadores, na maioria da sua informação (conteúdo) não apresentam diferenças significativas nos dois momentos em estudo (ver figura 12, para melhor apreciação gráfica), realçamos que no intervalo do jogo existe um nível significativamente superior de informação com conteúdo técnico, comparativamente à encontrada na prelecção, sendo mais frequente instruir sobre aspectos técnicos do passe, recepção ou remate após decorrer a 1ª parte, visto que por vezes foram essas as razões para uma menor eficácia.

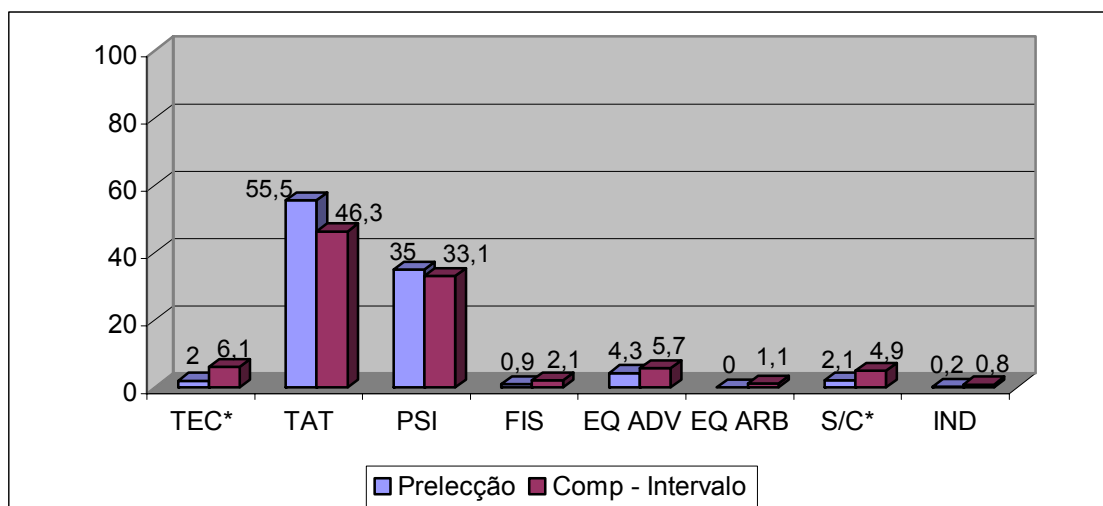


Figura 12 – Comparação das Médias de frequência relativa (%) das categorias da Dimensão Conteúdo da instrução na prelecção de preparação para a competição e a competição – Intervalo do Jogo (*Revelam-se diferenças significativas para um grau de probabilidade de erro (p-value) ≤ 0.05)

6.3 – Síntese

Inicialmente pretendemos comparar a prelecção de preparação para a competição com a competição, relativamente à variável cognitiva (expectativas da instrução). A este nível de análise, verificaram-se somente diferenças significativas, ao nível da categoria afectividade positiva na dimensão objectivo, categoria atleta, atleta suplente e equipa na dimensão direcção. Quanto à dimensão conteúdo, não se registaram diferenças significativas.

Em segunda análise, efectuámos a comparação entre a prelecção de preparação para a competição e a competição ao nível da variável comportamental (instrução). Tal como havíamos realizado na análise descritiva da competição, optámos metodologicamente por ramificar a competição em três momentos: antes, durante e intervalo do jogo.

Na comparação entre a prelecção e o momento antes do jogo, existem poucas diferenças significativas entre os dois momentos em análise. Na dimensão objectivo, verificaram-se diferenças significativas na categoria descritiva e prescritiva, porém quer na prelecção, quer antes do jogo, mais de 90% da informação pertence a estas duas categorias, com uma clara predominância para a primeira. Na dimensão direcção, observou-se diferenças significativas somente na categoria grupo, e nas sub-categorias grupo de defesas e grupo de médios, mas representam pouca expressão na instrução total do treinador. Ao nível do conteúdo da instrução, existiram diferenças significativas nos conteúdos táctico e psicológico, no entanto, observando o perfil de instrução geral, podemos considerar que existe um predomínio da informação táctica e psicológica, registando-se níveis significativamente superiores da primeira na prelecção e da segunda nos momentos que antecedem o jogo.

Na comparação entre a prelecção e o momento durante o jogo, salienta-se, na dimensão objectivo, a existência de diferenças significativas em quase todas as categorias, contudo a categoria onde não foram encontradas diferenças (categoria prescritiva), registou nos dois momentos em estudo aproximadamente 80% da instrução. Na dimensão direcção, existiram diferenças significativas em todas as categorias. Na dimensão conteúdo, verificaram-se diferenças significativas em muitas categorias e sub-categorias, mas devemos salientar que as categorias táctico e psicológico, abrangendo a grande maioria da instrução dos treinadores na prelecção e durante o jogo, não apresentaram diferenças significativas entre os dois momentos supracitados.

Por último, na comparação entre a prelecção de preparação para a competição e o intervalo do jogo, não foram encontradas quaisquer diferenças significativas na dimensão objectivo e na dimensão direcção. No que concerne ao conteúdo da instrução, constatou-se igualmente uma elevada congruência, pois não foram encontradas diferenças significativas em quase todas as categorias, abrangendo estas mais de 90% da informação transmitida, quer na prelecção, quer no intervalo do jogo.

CAPÍTULO V

SUMÁRIO,
CONCLUSÕES

E

RECOMENDAÇÕES

CAPÍTULO V –SUMÁRIO, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

1 - Sumário

Ao realizarmos um estudo na modalidade do Futebol, surgiu-nos como principal interesse, conhecer, sistematizar e analisar a actividade pedagógica do treinador, ao nível da instrução fornecida pelo mesmo no processo de preparação para a competição, mais especificamente na prelecção, e durante o processo de competição, tentando também relacionar estes dois momentos distintos mas de elevada interdependência.

Para tal situação, considerámos importante não só analisar e caracterizar a instrução do treinador como também as expectativas da mesma, tentando estabelecer uma análise correlativa entre as duas variáveis (cognitiva – expectativas e comportamental – instrução). Simultaneamente, analisámos a relação entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, afim de se perceber a congruência da informação realizada em dois momentos que deverão ser extremamente dependentes um do outro.

Nesta pesquisa, adoptámos uma metodologia descritiva, correlativa e comparativa, o que nos permitiu descrever as expectativas e o comportamento de instrução nos dois momentos em análise, compará-los e correlacionar o processo cognitivo com o processo comportamental.

A amostra do nosso estudo é constituída por 12 prelecções de preparação para a competição e 12 competições. Estas 12 sessões foram realizadas por 6 treinadores de futebol, todos eles experientes, licenciados em Educação Física e Desporto e pertencentes ao escalão de seniores masculinos, enquadrados no campeonato da 2ª divisão B, englobando as zonas Norte, Centro e Sul.

Como instrumentos de recolha dos dados, foram utilizados em primeiro lugar o QEIC, como forma de avaliar as variáveis cognitivas, sendo composto por 6 perguntas iniciais de enquadramento geral e por 20 perguntas relativas à instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição, respondidas através de uma escala de Lickert de 5 pontos. Em segundo lugar, o sistema de análise da informação em competição (S.A.I.C), permitiu-nos avaliar as variáveis comportamentais, onde através de um registo de ocorrências, codificaram-se todas as unidades de informação nas categorias e sub-categorias definidas pelo sistema multidimensional.

Para o tratamento dos dados recolhidos, utilizámos métodos de estatística descritiva para caracterizar a prelecção e a competição, correlativa para relacionar as expectativas com o comportamento de instrução, e comparativa para salientar as diferenças significativas entre os momentos em análise.

2 - Conclusões

As conclusões que seguidamente passamos a apresentar são sustentadas pelos resultados obtidos nesta investigação, organizando-as em função dos objectivos que definimos previamente e das hipóteses formuladas.

O primeiro objectivo do nosso estudo consistia na caracterização das expectativas e do comportamento de instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição. A partir da análise descritiva dos dados, começamos por destacar as seguintes conclusões, relativas à **prelecção de preparação para a competição**:

- i) Os treinadores têm a expectativa de transmitir muita informação afectiva positiva e praticamente nenhuma com um objectivo de afectividade negativa, demonstrando uma clara sensibilização para uma intervenção pedagógica positivista e motivante. Quanto à direccionalidade da instrução, os treinadores esperam fazê-lo maioritariamente para a equipa. Por último, apresentam uma expectativa em transmitir informação com um conteúdo claramente psicológico e tático.
- ii) No que respeita ao comportamento, o perfil de instrução caracteriza-se por ser predominantemente prescritivo (instruções que prescrevem atitudes e comportamentos para a competição), dirigido para a equipa e com um conteúdo essencialmente tático e psicológico, com maior preponderância para o primeiro. Não existem informações de carácter afectivo negativo ou dirigida para os suplentes e as instruções de conteúdo técnico, físico e relativa à equipa de arbitragem são irrelevantes.
- iii) Na instrução de conteúdo tático, predomina as informações relativas aos métodos de jogo (organização ofensiva e defensiva da equipa com vista à concretização dos objectivos do ataque e da defesa), esquemas táticos (situações de bola parada esquematizadas) e eficácia geral (estratégia, performance e resultados desportivos)

- iv) No conteúdo psicológico, as informações que visam pressionar, no sentido de os motivar e incentivar para uma maior eficácia no jogo, abrangem quase a totalidade desse mesmo conteúdo, demonstrando assim a sua importância.
- v) A prelecção de preparação para a competição ocorre com uma antecedência média face à competição de aproximadamente 100 minutos, tendo uma duração média de 13m 32s, contendo em média 95 unidades de informação, correspondendo a uma taxa de 7 unidades de informação por minuto.

O segundo objectivo do nosso estudo consistia na caracterização das expectativas e do comportamento de instrução na competição. A partir da análise descritiva dos dados, começamos por destacar as seguintes conclusões, relativas à **competição**:

- i) Os treinadores têm a expectativa de transmitir muita informação afectiva positiva e praticamente nenhuma com um objectivo de afectividade negativa, demonstrando uma clara sensibilização para uma intervenção pedagógica positivista e motivante. Quanto à direcionalidade da instrução, os treinadores esperam fazê-lo preferencialmente para o atleta. Apresentam uma expectativa em transmitir informação com um conteúdo claramente psicológico e tático. Por último, apresenta-se uma expectativa de comunicar maioritariamente de forma auditiva.
- ii) O perfil de instrução dos treinadores imediatamente antes do jogo é caracterizado por uma informação marcadamente prescritiva, não transmitindo qualquer informação afectiva negativa, avaliativa positiva e negativa, demonstrando que este não é um momento para realizar avaliações sobre algo e muito menos para criticar negativamente algum tipo de comportamento. A grande maioria da informação é dirigida para a equipa, sendo este o último momento de congregação colectiva antes de se iniciar o jogo. Conclui-se igualmente que o conteúdo da instrução deve ser preponderantemente psicológico, ou seja, que este é um momento em que fundamentalmente os treinadores pressionam positivamente os seus jogadores, motivando-os para uma maior eficácia de jogo, contudo poderá existir algumas informações de conteúdo tático com especial incidência para aspectos específicos relativos aos esquemas tácticos. Não se realizam instruções de conteúdo físico ou relativos à equipa de arbitragem e as instruções de conteúdo técnico e da equipa adversária têm pouquíssima importância.

- iii) Conclui-se que a instrução realizada durante o jogo é caracterizada por ser maioritariamente prescritiva, dirigida para o atleta e com uma forma auditiva, demonstrando assim, que durante o jogo, o treinador fornece indicações individualizadas, na tentativa de propor comportamentos cada vez mais eficazes. Ao nível do conteúdo, a informação apresenta-se eminentemente tática, orientando e conduzindo os atletas à correcta execução daquilo que foi previamente preparado, e psicológica no sentido de apelar e motivar com vista à auto-superação, empenho e esforço. Mais especificamente, a informação de conteúdo tático centra-se quase somente em aspectos inerentes à organização ofensiva e defensiva (métodos de jogo ofensivos e defensivos, ocupação racional do jogo, equilíbrios ofensivos e defensivos, etc) e a informação psicológica em aspectos relativos à pressão positiva no sentido de uma maior eficácia de jogo. Conclui-se novamente que os treinadores durante o jogo, preocupam-se em não criticarem ou avaliarem negativamente, de forma a criar as melhores condições para o progresso dos jogadores através de instruções marcadamente positivas. Concluimos também que instruções somente visuais, dirigidas para o grupo, de conteúdo físico, relativo à equipa adversária ou de arbitragem são muito pouco frequentes.
- iv) No intervalo do jogo, o perfil de instrução apresenta-se maioritariamente prescritivo, no entanto, neste momento da competição, a informação descritiva surge com maior frequência, visto que existe necessidade de descrever comportamentos ou situações de jogo que ocorreram na 1ª parte e que servirão para exemplificar aquilo que se deverá continuar a repetir ou a abolir. Este é um momento em que a instrução é dirigida preferencialmente para a equipa, existindo também alguma informação individualizada, principalmente nos momentos finais do intervalo. Ao nível do conteúdo, no intervalo do jogo utiliza-se uma informação tática e psicológica, com maior predomínio para a primeira. Salientamos que no conteúdo tático objectiva-se a preparação do plano tático-estratégico para a 2ª parte do jogo, realizando-se as devidas correcções e ajustamentos táticos face ao que aconteceu anteriormente, principalmente ao nível da organização ofensiva e defensiva, onde se inclui os métodos de jogo, ocupação do espaço e respectivos equilíbrios. Novamente, os treinadores aproveitam o momento para pressionar positivamente, motivando os seus jogadores para uma melhor performance. Concluimos também que os aspectos relacionados com a eficácia geral (estratégia, performance e resultados desportivos) e com a capacidade de resistir às

adversidades são algo relevantes na instrução no intervalo do jogo. Mais uma vez, a informação avaliativa e afectiva negativa é praticamente inexistente, voltando-se a confirmar uma preocupação em não criticar, mas sim motivar positivamente, aumentando os níveis de auto-confiança e de auto-estima dos jogadores. Volta-se a confirmar a pouca importância da informação de conteúdo físico ou relativo à equipa arbitragem.

- v) Por último, verifica-se que os treinadores na competição variam a quantidade de informação transmitida, ou seja, antes do jogo apresentam pouca instrução (média de 14,8 unidades de informação), enquanto que durante e no intervalo do jogo instruem com maior frequência, atingindo taxas médias de aproximadamente 5 unidades de informação por minuto.

Em suma e para concluir a caracterização dos dois momentos anteriormente abordados, parece-nos importante, destacar positivamente o facto de se verificar que no estudo multidimensional da instrução na prelecção de preparação para a competição e na competição, os treinadores não apresentarem a tendência de entrar num discurso de tipo “guerreiro”, ou seja, baseado somente nos aspectos de agressividade e emotividade, mas sim, centrada nas melhores soluções táctico-estratégicas que visam anular as potencialidades e aproveitar as dificuldades do adversário para a obtenção do êxito competitivo, não descurando a necessária estabilização psicológica. Verificamos assim que, a nossa amostra apresenta uma instrução com elevado significado e pertinência, sendo preparada anteriormente de forma escrita ou mentalmente. Será com certeza um aspecto positivo, o facto de verificarmos que na modalidade de futebol, os diferentes momentos de instrução não são improvisados ou deixados ao acaso. Ao termos tido a possibilidade de ouvir e ver a forma como vários treinadores principais, com experiência, licenciados e a um nível competitivo elevado (2ª Divisão B), estabelecem a comunicação com os seus jogadores nos diferentes momentos em análise, permitiu-nos verificar positivamente determinadas características que os mais variados estudos científico consideram importantes, para uma eficaz instrução, e consequentemente uma eficaz direcção (liderança) da equipa, tais como:

- Preparação sistematizada da instrução, principalmente na prelecção de preparação para a competição;
- Saber ouvir os atletas;
- Directo e incisivo, principalmente nos momentos que compõem a competição (antes, durante e intervalo);
- Terminologia evoluída e adaptada ao nível do praticante e da competição;

- Discursos quase sempre optimistas e positivistas, mesmo quando pressionam os seus jogadores a mais eficácia;
- Capacidade de alterações de voz, principalmente na prelecção de preparação para a competição e no intervalo do jogo;
- Utilização de uma voz forte e incisiva, no sentido de aumentar os níveis psico-emocionais, mesmo quando a informação apresenta um conteúdo táctico.

O terceiro objectivo do nosso estudo subsistia na análise correlativa entre as expectativas relativas à instrução e a própria instrução, quer ao nível da prelecção quer ao nível da competição. Os estudos realizados nesta linha de pesquisa, não são unânimes nas suas conclusões, pois uns apontam para uma relação, enquanto que outros referem a existência de pouca relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo dos treinadores. Com base nos resultados obtidos e descritos no capítulo anterior, apresentamos as nossas conclusões, reflectindo as hipóteses de pesquisa levantadas no início do estudo.

Hipótese 1 – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução.

Hipótese 1 a) – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na ***prelecção de preparação para a competição***.

No que se refere a esta sub-hipótese, concluímos pela sua aceitação parcial, visto que se encontram correlações significativas, mas somente em algumas categorias de certas dimensões. Estaríamos à espera que existissem mais relações, pois a coerência entre a preparação cognitiva e a execução comportamental, permitirá uma maior eficácia na instrução, tendo em conta a maior rentabilização dos jogadores quando entrarem em competição. Embora, neste momento, reconheçamos que o instrumento utilizado para a recolha da variável cognitiva seja deveras específico e muito discriminativo, podendo tornar difícil a selecção correcta do que se espera transmitir, pensamos que seria positivo ter encontrado correlações significativas ao nível de todas as categorias, principalmente na táctica e psicológico e nas suas sub-categorias mais importantes (métodos de jogo e pressão eficácia). No entanto, podemos sustentar esta aceitação parcial, devido às seguintes conclusões:

- i) Não foram encontradas provas de que existem relações ao nível da dimensão objectivo. No entanto, é importante salientar que embora não tenham sido

encontradas relações na categoria afectivo negativo (devido ao facto de não ter existido qualquer unidade de informação deste tipo, fazendo com que esta variável se transforme numa constante, impossibilitando uma correlação estatisticamente comprovada), em termos de análise descritiva, encontramos uma total consonância, visto que nas expectativas registaram-se valores praticamente iguais ao comportamento de instrução.

- ii) Na dimensão direcção da informação, existiu correlação significativa directa na categoria atleta, concluindo-se que os treinadores que mais esperam transmitir informação para o atleta ou para o grupo de médios, são aqueles que realmente mais transmitem na prelecção de preparação para a competição. Existe correlação significativa inversa na sub-categoria grupo de médios, considerando-se assim que os treinadores que esperam dirigir mais instrução para o grupo de médios, são precisamente os que transmitem menos informação para esse grupo. No que respeita à correlação entre diferentes categorias, concluímos que os treinadores que menos esperam dirigir instrução para o atleta, mais instrução dirigem para a equipa, estabelecendo-se assim correlação inversa entre estas duas categorias. Independentemente destas correlações encontradas, podemos igualmente concluir que, em termos descritivos, os treinadores esperam que nas prelecções a sua instrução se dirija maioritariamente para a equipa e seguidamente para o atleta, atribuindo menor importância ao grupo e ao atleta suplente ocorrendo precisamente a mesma situação no comportamento de instrução que realizam durante a prelecção.
- iii) Ao nível do conteúdo e relativamente às correlações entre as mesmas categorias, somente na categoria psicológico ritmo de jogo, os treinadores apresentam correlação entre aquilo que esperam e aquilo que executam. No que concerne a correlações entre categorias diferentes, salientamos 3 das 25 encontradas: correlação positiva entre métodos de jogo e a equipa adversária, o que significa que foram encontradas provas de que os treinadores que esperam transmitir mais informação relativa aos métodos de jogo são aqueles que transmitem mais informação relativa à equipa adversária, pressupondo assim a elevada importância em estruturar a organização ofensiva e defensiva da equipa em função das características do adversário; relações positivas entre categoria psicológico ritmo de jogo e a categoria técnica, técnica ofensiva e técnica defensiva, constatando-se assim que, os treinadores associam positivamente as expectativas que têm relativamente ao ritmo de jogo com a

instrução que fornecem relativamente aos aspectos técnicos, devido ao facto de uma boa qualidade técnica, influenciar determinantemente a implementação de um ritmo de jogo mais eficaz; correlações positivas entre a categoria de psicológico pressão eficácia e o conteúdo táctico métodos de jogo, princípios de jogo e funções/missões, o que se compreende pelo facto dos treinadores ao esperarem pressionar muito para uma eficácia cada vez maior, acabam por transmitir mais informação de conteúdo táctico fundamental, com vista a que os seus jogadores se sintam mais competentes cognitivamente, para assim obter uma maior eficácia competitiva. Independentemente destas correlações encontradas, podemos igualmente concluir que, em termos descritivos, os treinadores revelam um perfil de instrução idêntico entre as expectativas e o comportamento de instrução, isto porque, em ambas as variáveis (cognitiva e comportamental), os conteúdos claramente mais importantes são o táctico e o psicológico e os menos importantes são o técnico, físico e equipa adversária.

Hipótese 1 b) – Os treinadores de futebol apresentam relações significativas entre as expectativas de instrução e a instrução na **competição**.

No que se refere a esta sub-hipótese, concluímos igualmente pela sua aceitação parcial, visto que não se encontram correlações significativas em todas as categorias, no entanto, comprovam-se elevados níveis de associação entre as variáveis cognitivas e comportamentais em algumas das dimensões em análise. Sustentamos assim, esta aceitação parcial, através das seguintes conclusões:

- i) Na dimensão objectivo, existem correlações positivas na categoria prescritivo e afectividade positiva, demonstrando-se assim, que os treinadores que mais expectativa têm de instruir prescritiva e afectiva positivamente, são aqueles que realmente o fazem na competição. Esta situação torna-se ainda mais importante quando constatamos que a grande maioria da instrução na competição tem um objectivo prescritivo. Nas correlações entre categorias diferentes, destacamos as relações de sentido negativo entre as categorias descritivo e avaliativo e entre as categorias prescritiva e descritivo, sustentando novamente uma associação entre os processos cognitivos e comportamentais dos treinadores, pois estes revelam que aqueles que esperam transmitir mais informação descritiva, são aqueles que menos avaliam na competição, o que declara uma preocupação em transmitir informação mais completa, não ficando somente por uma estimação qualitativa sem informação específica. Novamente, é importante salientar que embora não tenham sido encontradas

relações na categoria afectivo negativo, em termos de análise descritiva, encontramos uma total consonância, visto que nas expectativas registam-se valores praticamente iguais ao comportamento de instrução.

- ii) Na dimensão direcção, conclui-se somente uma relação dentro da mesma categoria, ou seja, na categoria grupo de suplentes. No que concerne às restantes relações, somente importa salientar as verificadas entre o atleta suplente e o grupo de suplentes e entre o grupo de suplentes e a categoria grupo, revelando uma boa percepção do que esperam falar com o suplente e/ou grupo de suplentes, e por outro lado a noção de que quanto mais informação dirigida para o grupo de suplente, consequentemente mais informação se dirige para o grupo. Ainda nesta dimensão, queremos ainda salientar, que podemos concluir que os dados das expectativas e do comportamento de instrução ao nível da prelecção, apresentam elevada identidade ao nível da categoria mais importante, isto é, em ambas as variáveis (cognitiva e comportamental), a categoria atleta é claramente a predominante face às restantes.
- iii) Ao nível do conteúdo da informação, verificam-se poucas correlações dentro da mesma categoria (duas), contudo a associação entre as expectativas e o comportamento de instrução é claramente sustentada pelas 50 relações entre diferentes categorias. Conclui-se que os treinadores que esperam transmitir mais informação de conteúdo técnico, são aqueles que na competição transmitem menos instrução deste tipo de conteúdo (correlação negativa), pois quando os treinadores concebem as suas expectativas, dão importância às questões técnicas, mas depois no decorrer da competição, poucas são as situações onde este tipo de conteúdo é relevante na eficaz resolução momentânea das diferentes situações de jogo. No que diz respeito à segunda relação encontrada (sub-categoria sistemas de jogo), podemos referir que os treinadores que esperam emitir mais informação relativa aos sistemas de jogo, são realmente aqueles que mais o fazem. Das cinquenta relações entre diferentes categorias, destacamos somente as seguintes: comprovam-se correlações negativas entre várias sub-categorias do conteúdo táctico (métodos de jogo, esquemas tácticos, funções/missões, combinações e eficácia geral) e a categoria técnica e suas sub-categorias, demonstrando a natural preponderância do conteúdo táctico, em detrimento do técnico; correlação significativa entre a categoria táctica e a sub-categoria psicológico pressão eficácia, compreendendo-se que os treinadores que esperam

transmitir mais informação tática, acabam por transmitir mais informação psicológica, visando pressionar e/ou motivar para uma eficácia competitiva; conclui-se que os treinadores que mais esperam informar acerca da equipa de arbitragem, na realidade transmitem mais informação relativa ao conteúdo psicológico, à atenção e à resistência às adversidades, tentando assim na competição, substituírem a informação acerca da equipa de arbitragem por uma bem mais eficaz. Tal como temos concluído anteriormente, os resultados descritivos do nosso estudo, constata-se que, quer nas expectativas, quer na instrução propriamente dita, as categorias mais importantes/predominantes (tática e psicológico) e as menos importantes/predominantes (técnica, físico, equipa adversária e de arbitragem) coincidem totalmente.

Após a análise das sub-hipóteses que compõem a primeira hipótese, podemos referir que embora não se conclua uma aceitação total da mesma, verifica-se que em termos gerais existe uma importante associação entre o processo cognitivo (expectativas) e o processo comportamental da instrução nos treinadores de futebol, indo ao encontro de Pacheco (2002). No entanto, a nossa expectativa residia na existência de mais correlações significativas entre as mesmas categorias de forma a garantir uma maior coerência entre a preparação cognitiva e a execução comportamental. A complexidade da instrução do treinador na prelecção e principalmente na competição, com a sua aleatoriedade e constante mudança e a elevada ramificação de categorias e sub-categorias que compõem as expectativas da instrução poderão justificar os resultados por nós encontrados, que vão um pouco ao encontro de outros estudos, tais como Sequeira (1998) e Brito & Rodrigues (2002).

Hipótese 2 – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição.

Hipótese 2 a) – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, ao nível das ***expectativas da instrução***.

Considerando os resultados obtidos, concluímos que aceitamos parcialmente a hipótese 2a), embora estejamos na presença de uma aceitação quase total, pois as poucas diferenças significativas são explicadas claramente pelas especificidades inerentes aos dois momentos em análise, levando-nos assim a considerar a existência de uma relevante congruência ao nível das expectativas entre a prelecção e a competição. Esta aceitação é sustentada pelas seguintes conclusões:

- i) Ao nível do objectivo da informação, não existem diferenças significativas, excepto na categoria afectividade positiva.
- ii) Na dimensão direcção da informação, existem diferenças significativas nas categorias atleta e equipa, visto que os treinadores esperam transmitir mais informação para o atleta na competição do que na prelecção, mas simultaneamente pretendem dar mais informação para a equipa na prelecção do que na competição, indo ao encontro das características específicas dos dois momentos em análise. Também se verificaram diferenças significativas nas expectativas de instrução para o atleta suplente, concluindo-se que os treinadores esperam que os diferentes momentos de substituições, ocorridos na competição deverão conter instruções dirigidas ao suplentes, enquanto que na prelecção, a instrução dirigida ao suplente será significativamente menor, com especial incidência para os jogadores que vão iniciar o jogo.
- iii) Concluimos que existe uma total congruência entre aquilo que os treinadores esperam transmitir na preparação para a competição e na competição, ao nível do conteúdo da informação, pois não se encontraram quaisquer diferenças significativas.

Hipótese 2 b) – Os treinadores de futebol não apresentam diferenças significativas entre a prelecção de preparação para a competição e a competição, ao nível do **comportamento da instrução**.

Embora novamente se conclua a existência de algumas diferenças significativas, consideramos que se aceita quase na totalidade a hipótese 2 b), pois as semelhanças da instrução entre os dois momentos em análise são claramente superiores às diferenças, e quando estas ocorrem, são totalmente sustentadas pelas especificidades inerentes aos momentos em estudo, corroboradas por outros estudos científicos. Tendo em consideração os diferentes momentos que compõem a competição, podemos considerar que esta aceitação parcial mas muito relevante, é suportada pelas seguintes conclusões:

- i) Na comparação entre a prelecção e o momento antes do jogo, existem poucas diferenças significativas e quando existem, não representam uma incoerência, pois aparentemente o perfil de instrução na sua generalidade mantém-se congruente. Ou seja, conclui-se que existem diferenças significativas na categoria descritiva e prescritiva. Esta diferença deve-se ao facto dos

treinadores utilizarem na prelecção maiores níveis de informação descritiva, baixando um pouco a prescritiva, porém quer na prelecção, quer antes do jogo, mais de 90% da informação pertence a estas duas categorias, com uma clara predominância para a primeira. Ao nível da direcionalidade da informação, comprovam-se diferenças significativas somente na categoria grupo, e nas sub-categorias grupo de defesas e grupo de médios, mas estas representam pouca expressão na instrução total do treinador (menos de 10%). Por último, podemos concluir que o conteúdo da instrução não apresenta uma total congruência entre a prelecção de preparação para a competição e o momento antes do jogo, verificando-se diferenças significativas nas categorias táctica e psicológica, no entanto, observando o perfil de instrução geral nos dois momentos, concluímos que em ambos, existe um predomínio muito acentuado da informação táctica e psicológica (mais de 90%) e que as restantes categorias têm pouca importância. Para além disso, conclui-se igualmente que em termos de perfil geral existe uma considerável congruência, visto que das 8 categorias e 23 sub-categorias que compõem o conteúdo da instrução, somente se verificam diferenças em 2 categorias e 4 sub-categorias.

- ii) Na comparação entre a prelecção e o jogo propriamente dito, concluímos que o objectivo da informação é maioritariamente congruente, isto porque não existem diferenças significativas ao nível da categoria prescritivo, abrangendo esta aproximadamente 80% do total da instrução. No que respeita à direcionalidade da instrução, conclui-se que não existe consonância entre os dois momentos em análise, devendo-se tal situação ao facto de existirem especificidades claramente distintas, fazendo com que a informação na prelecção seja significativamente mais dirigida para a equipa e para o grupo, enquanto que durante o jogo a categoria atleta e suplente são as preferenciais, corroborando assim, os dados de outros estudos científicos (Moreno, 2002; Pacheco, 2002). Por último, concluímos que os treinadores não apresentam diferenças significativas, nos conteúdos mais importantes, demonstrando uma elevada congruência de conteúdo. Mais concretamente, as categorias táctico e psicológico, não apresentam diferenças significativas entre os dois momentos supracitados, abrangendo a grande maioria da instrução.
- iii) Quando se compara a prelecção e o intervalo do jogo, conclui-se que os treinadores são totalmente congruentes ao nível do objectivo e da direcionalidade da instrução, isto é, não se encontraram quaisquer diferenças significativas entre os dois momentos em estudo. No que concerne ao

conteúdo da informação, podemos concluir que somente se encontraram diferenças significativas nas categorias de conteúdo técnico e sem conteúdo, correspondendo estas a menos de 10% da instrução total, quer na prelecção, quer no intervalo do jogo. Sendo assim, os treinadores revelam uma congruência de conteúdo elevadíssima, onde pelo menos 90% da informação apresenta consonância. Relativamente aos conteúdos mais específicos, também se verificaram pouquíssimas diferenças significativas, salientando-se somente a ocorrência de maiores diferenças ao nível dos esquemas tácticos, concluindo-se que os treinadores na prelecção apresentam um valor médio de instrução muito mais elevado do que no intervalo do jogo, demonstrando a importância que estes aspectos têm no momento teórico mais importante de preparação para a competição.

Após a análise das sub-hipóteses que compõem a segunda hipótese, podemos referir que embora existam algumas diferenças significativas entre a prelecção e a competição, concluímos que, quer ao nível das expectativas, quer ao nível do comportamento de instrução, os treinadores de futebol são congruentes na instrução que transmitem, na prelecção de preparação para a competição e na competição. A nossa expectativa residia neste tipo de resultados, pois de acordo com Cunha (1998) e Diaz (1988), citado por Moreno (2001), caso a instrução do treinador durante a competição não seja congruente com este mesmo comportamento no processo de preparação para a competição, a eficácia da mesma será com certeza bastante diminuta, senão mesmo um factor de perturbação na rentabilidade competitiva dos jogadores/equipa. A complexidade da instrução do treinador na prelecção e na competição, a exigente análise multidimensional que se efectuou à mesma e principalmente a natural especificidade dos diferentes momentos em análise ao nível das condições contextuais, justificam claramente as poucas diferenças significativas que se encontraram.

3 - Recomendações

Após a apresentação da nossa investigação, não deixaremos de indicar um conjunto de recomendações para a realização de futuras investigações, na linha de pesquisa da instrução dos treinadores de futebol. Nestas recomendações, incluiremos também as possibilidades de aplicação prática do nosso estudo, no intuito de uma formação de treinadores cada vez mais completa. Salientamos assim, as seguintes recomendações:

- i) A aplicação da metodologia deste estudo na mesma modalidade, com uma amostra superior (aumentar o número de sessões), de forma a confirmar as tendências encontradas.
- ii) Realização de mais estudos com a mesma metodologia e na mesma modalidade, de forma a encontrar-se um perfil de instrução do treinador de futebol.
- iii) A aplicação deste estudo noutras modalidades colectivas, de forma a consolidar-se a existência de um padrão tipo de instrução.
- iv) Utilização deste estudo ou da mesma metodologia, com vista a compreender-se mais consistentemente as expectativas dos treinadores face à sua instrução.
- v) Desenvolvimento de mais estudos nesta linha de pesquisa, onde se confronte o processo cognitivo com o processo comportamental, de forma a compreender-se melhor as relações existentes, ou o porquê da inexistência das mesmas.
- vi) Estudos de maior profundidade relativamente ao intervalo do jogo e à sua relação com a manutenção ou alteração de comportamentos ocorridas na segunda parte do jogo de futebol.
- vii) A aplicação da metodologia utilizada neste estudo em diferentes níveis de competição, de forma a verificar-se a existência ou não de um perfil de instrução do treinador diferenciado.
- viii) O emprego da metodologia utilizada neste estudo numa amostra de treinadores com formação inicial diferenciada, de forma a verificar-se a existência ou não de um perfil de instrução do treinador diferenciado pelo nível de formação.
- ix) Desenvolvimento de estudos que analisem as razões explicativas da elevada variabilidade da instrução dos treinadores, quer a nível quantitativo, quer qualitativo.
- x) Aplicação da mesma metodologia, de forma a compreender-se mais aprofundadamente o conteúdo específico da instrução, utilizando-se o sistema de análise da informação em competição (S.A.I.C.) e respectivas categorias e sub-categorias que compõem a dimensão conteúdo.

- xi) Analisar a capacidade de recepção que os jogadores têm face à instrução fornecida pelos treinadores, pois será muito importante, por um lado, compreender o impacto que a instrução tem no comportamento dos jogadores na competição e por outro, a existência ou não de congruência entre aquilo que o treinador pretende comunicar e aquilo que o jogador compreende.
- xii) Aplicação de estudos que analisem o nível de importância das unidades de informação transmitidas, de forma a caracterizar-se especificamente a instrução relevante do treinador.
- xiii) Desenvolvimento do mesmo estudo, mas relacionando com o sucesso dos treinadores na competição, ou realizando uma comparação entre treinadores classificados nas primeiras e últimas posições.
- xiv) Desenvolvimento do sistema de análise do comportamento de instrução do treinador, de forma a que se torne mais específico à modalidade de futebol.
- xv) Desenvolvimento do questionário (QEIC) que avalia as expectativas de instrução do treinador, tornando-o menos complexo e de fácil interpretação, de forma a que exista uma maior validade preditiva e de conteúdo.

Por último, resta-nos referir que o nosso estudo apresenta as seguintes aplicações práticas:

- Dar a conhecer aos treinadores de futebol, as características da instrução do treinador na preparação de preparação para a competição e nos vários momentos que compõem a competição (antes, durante e intervalo), no sentido de uma maior eficácia na direcção da equipa, com vista à concretização dos objectivos previamente definidos quer em competição, quer na preparação da mesma.
- Introdução dos conteúdos abordados neste estudo, mais concretamente na análise da literatura e das conclusões retiradas, na formação inicial e contínua dos treinadores de futebol.

CAPÍTULO VI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, P. (2001). “Ciências do Comportamento”, Sebenta de apoio ao Curso de 3º Nível de Treinadores de Futebol da A.F.L. – F.P.F. – Junho a Novembro de 2001.

Alves, R. (1998). Análise das expectativas e do comportamento do treinador em competição. Estudo comparativo do treinador de jovens em andebol, em função da experiência, do sucesso na competição e do escalão etário dos atletas. Dissertação não publicada elaborada com vista à obtenção do grau de Mestre em Gestão da Formação Desportiva. Lisboa: FMH-UTL.

Alves, R., & Rodrigues, J. (2000). “Os treinadores de jovens em competição”. Treino Desportivo, 9, Janeiro 2000, (pp. 2-10).

Araújo, D (1999). Tomada de decisão dinâmica: níveis de expertise em Vela e controlo de situações simuladas. Tese de Mestrado não publicada. UTL – FMH, Lisboa.

Araújo, J. (1997). “A atitude profissional do treinador”. Treino Desportivo, nº 1, Novembro, 3-10.

Araújo, J. (1987). “O treino do Treinador”. Horizonte, Vol. IV, nº 22, Nov-Dez., pp 114-119.

Araújo, J. (1998). Treinador, Saber Estar, Saber Ser. Editorial Caminho, Lisboa.

Bauer, G., & Ueberle, H. (1988). Fútbol – Factores de rendimiento, dirección de jugadores y del equipo. Ediciones Martinez Roca, Barcelona, Espanha.

Bento, J. (1993). “Se eu fosse treinador”. Horizonte, 10, 57, 90-94.

Bloom, B. (1979). Caractéristiques individuelles et apprentissages scolaires. Ed. Labor, Bruxelles.

Bloom, G. A., Durand-Bush, N., & Salmela, J. H. (1997). Pre-and Postcompetition Pre-and Postcompetition Routines of Expert Coaches of Team Sports. The Sport Psychologist, 11, 2, 127-141.

Brito, A. (1999). *O comportamento pedagógico do treinador em Ginástica Artística – Estudo comparativo do treinador de ginástica artística do sistema federado e do treinador (professor de educação física) de ginástica artística do sistema educativo (desporto escolar)*. Tese de Mestrado não publicada – UTL – FMH, Lisboa.

Brito, A. & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. Desporto.investigação & Ciência, 1, 21-39.

Castelo, J. (1994). Futebol – modelo técnico-tático do jogo, Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Castelo, J. (1996). Futebol – A Organização do Jogo, Edição do autor.

Castelo, J. (2000). “Reunião de Preparação para o jogo”. Training, 3, 24-29.

Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Mil-Homens Santos, P., Carvalho, J. & Vieira, J. (1996). Metodologia do Treino Desportivo, Edições FMH – UTL, Lisboa.

Clark, C. & Peterson, P. (1986). Teacher's Thoughts processes. In Handbook of Research on Teaching, 3rd ed, (pp. 255-296). M. Wittrock Ed., New York: Macmillan.

Cloes, M., Delhaes, J. P., & Piéron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraîneurs de volley-ball pendant des rencontres officielles. Sport, 141, 16-25.

Cook, M. (2001). Dirección y entrenamiento de equipas de fútbol. Editorial Paidotribo. Barcelona

Costa, L. (2000). A modificação de comportamento no treinador como determinante nas expectativas de continuidade dos jovens atletas em judo. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Côté, J., Trudel, P., Bernard, D., Boileau, R. & Marcotte, G. (1993). Observation of coach behaviours during different game score differentials. In Safety in Ice Hockey : Second Volume, ASTM STP 1212, C.R. Castaldi, P.J.p Bishop and E.F. Hoerner, Eds., American Society for Testing and Materials, Philadelphia, 78-87.

Crevoisier, J. (1985). Football et psychologie, Chiron Sports Editions, Paris.

Cruz, J. (1997). Factores Motivacionales en el deporte infantil e asesoramiento psicológico a entrenadores y padres. In J. Cruz (Ed.), Psicología del Deporte (pp 147-176). Madrid: Síntesis.

Cunha, P. (1998). “A intervenção do treinador durante o tempo morto”. Treino Desportivo, 2, 33-38.

Cunha, A., Gaspar, A., Costa, C., Carvalho, F., & Fonseca, S. (2000). “O “Bom” treinador. Representações das características dos treinadores segundo atletas da modalidade desportiva colectiva-futebol”. Horizonte, 16, 91, 27-53.

Dias, J., Sarmiento, P., & Rodrigues, J. (1994). “Análise do comportamento do treinador de râguebi em competição, no início (cabine) e no intervalo (campo) ”. Ludens, 14, 4, 43-56.

Ferreira, A. (1994). “O comportamento do treinador no treino e na competição”. Horizonte, 11, 62, 61-65.

Franks, I. M., Jonhson, R. B., & Sinclair, G. D. (1988). The development of a computerized coaching analysis system for recording behaviour in sporting environments. Journal of Teaching in Physical Education, 8, 23-32.

Garganta, J. (1996). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: O ensino dos jogos desportivos colectivos, 11-25. A. Graça; J. Oliveira (eds), CEJD/FCDEF-UP, Porto.

Gipson, M., Lowe, S., & Mckenzie, T. (1994). Sport Psychology: Improving Performance. En C. McGown (Ed.), Science of Coaching Volleyball (cap. 2, pp. 23-45). Champaign, IL: Human Kinetics.

Gok-Karp, G. & Zakrajsek, D.B. (1987). Planning for learning. Theory into practice?. Journal of Teaching in Physical Education, 6, 4, 377-392.

Gomelski, A. (1990). Baloncesto – La dirección del equipo. Editorial hispano europea, S.A. Barcelona.

Gonçalves, C. (1987). “Formação do treinador no âmbito da Pedagogia do Desporto”, Horizonte, 4, 20, 63-69.

Griffey, D. & Housner, L. (1991). Differences Between Experienced and Inexperienced Teacher's Planning Decisions, Interactions, Student Engagement, and Instructional Climate. Research Quarterly for Exercise and Sport, 62, 2, 196-204.

Hahn, E. (1982). “Como dirigir uma equipa de futebol durante o intervalo”. Futebol, 8, Março-Abril, 9-17.

Hill, M. & Hill, A. (2000). Investigação por Questionário. Edições Sílabo. (1ª ed), Lisboa.

Hotz, A. (1999). “Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível”. Treino Desportivo, 2, 6, 22-36.

Houlier, G. & Crevoisier, J. (1993). Entraîneur compétence et passion, les détails qui font gagner. Canal + Éditions.

Housner, L. & Griffey, D. (1985). Teacher Cognition: Differences in Planning and Interactive Decision Making Between Experienced and Inexperienced Teacher's. Research Quarterly for Exercise and Sport, 56, 1, 45-53.

Isberg, L. (1993). What does it mean to be an elite coach in team sport? Proceeding 8º World Congress of Sport Psychology. The Sport Psychology: an integrated approach. ISSP. SPPD. (pp. 233-236).

Januário, C. (1992). O pensamento do Professor – Relação entre as decisões pré-interactivas e os comportamentos interactivos de ensino em Educação Física. Tese de Doutoramento não publicada, UTL – ISEF, Lisboa.

Lacy, A. C., & Darst, P. W. (1984). Evolution of a Systematic Observation System. The ASU Coaching Observation Instrument. Journal of Teaching in Physical Education, 3, 3, 59-66.

Lauder, A. & Piltz, W. (2000). Para ser um melhor treinador “de banco”. Treino Desportivo, 10, 2-9.

Lázaro, P. & Oliveira, M. (2002). “Caracterização dos comportamentos pré-competitivos dos jogadores de futebol da 1ª liga portuguesa”. Treino Desportivo, 18, 28-31.

Associação de Futebol de Lisboa – Conselho de Arbitragem (2000). Leis do Jogo, Regulamentação e Doutrina, Perguntas e Respostas – Futebol de Onze. Edição do Autor

Lima, T. (1993). “Como é que o treinador se prepara para a competição”. Horizonte, 9, 53, 183-186.

Lima, T. (1999). “Fazer uma equipa”. Horizonte, 15, 88, 3-6.

Lima, T. (2000). Saber Treinar, Aprende-se. Ministério da Juventude e do Desporto – Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Lombardo, B. J., Faraone, N., & Pothier, D. (1982). The behaviour of youth sport coaches: a preliminary analysis. En M. Piéron e J. Cheffers (Eds), Studying the teaching in physical education (pp. 189-196). Liege: AIESEP.

Madden, C., & Evans, L. (1993). The affect of coaching communications on game outcome in Australian rules football. Proceeding of 8º World Congress of Sport Psychology. The Sport Psychology: an integrated approach. ISSP. SPPD. (pp. 252-255).

Maertens, R. (1999). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In Seminário Internacional “Treino de Jovens”, 5-15. Secretaria de Estado do Desporto – CEFD, Lisboa.

Mahlo, F. (1966). O acto táctico. Compendium, Lisboa.

Martins, L. (1990). “A intervenção do treinador”. Treino Desportivo, 17, 28-32.

Mendes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. Horizonte, 15, 85, 31-39.

Mesquita, I. (1997). Pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos colectivos. Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P. (2001). Análisis y optimización de la conducta verbal del entrenador de voleibol durante la dirección de equipo en competición. Tese de Doutoramento – Universidade de Extremadura – Faculdade de Ciencias del Deporte, Cáceres.

Nerin, J. (1986). Le discours d'avant match en sports collectifs. Déterminants et contenu. L'exemple du volley, du basketball, du handball et du rugby. Mémoire pour le diplôme de L'Institut National du Sport et de L'Education Physique. Paris.

Oliveira, R. (1992). Perfil do comportamento de treinadores de equipas femininas e masculinas de andebol. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.

Pacheco, R. (2002). Caracterização da intervenção do treinador na reunião de preparação da equipa para a competição no futebol – Estudo comparativo de treinadores da 1ª Liga e da 2ª Divisão B no escalão de seniores masculinos. Tese de Mestrado não publicada – UP – FCDEF, Porto.

Patriksson, G. & Eriksson, S. (1990). Young athletes perception of their coaches, in International Journal of Physical Education, 27, 4, 9-14.

Peseiro, J. (1998). “Futebol I e II” - Sebenta de apoio ao Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém. Rio Maior.

Petit, E., & Durny, A. (2000). Interactions entraîneur/sportif en judo: une étude de cas. En A. Terrisse (Coord.), Recherches en Sports de combat et en arts martiaux. Ét at des Lieux (pp. 109-118). Paris: Revue EPS.

Piéron, M. (1986). Pédagogie de L'entraînement. La relation entre l'entraîneur et le sportif. Université Technique de Lisbonne. Lisboa.

Piéron, M. (1988). La relation pédagogique d'entraînement, in Sport, 121, 12-17.

Piéron, M. (1993). Analyser L'enseignant pour mieux Enseigner. In Dossiers EPS, 16. Edition Revue EPS, Paris.

Piéron, M. (1996). Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Edições FMH – UTL, Lisboa.

Pina, R. (1998). Análise da instrução do treinador em competição. Estudo das tomadas de decisão em Voleibol. Tese de Mestrado não publicada – UTL – FMH, Lisboa.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1993). Episódios de informação do treinador e a reacção dos atletas numa situação de competição. Ludens, 14, 4, Outubro-Dezembro, 1994.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1997). Análise do comportamento do treinador em competição. Estudo dos episódios de informação em voleibol. Pedagogia do Desporto. Estudos 5, 71-89. Lisboa: FMH-UTL.

Queiróz, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do futebol. Ludens – 8, 1, 25-33.

Quintal, J. (2000). O Treinador do Sector Formação em Futebol – Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição. Tese de Mestrado não publicada. U.M. – F.E.F.D. Funchal.

Raposo, A. (1989). A preparação especial para a competição. Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

Rodrigues, J. (1995). O comportamento do treinador. Estudo da influência dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. Tese de Doutoramento não publicada. UTL – FMH. Lisboa.

Rodrigues, J. (1997). Os treinadores de sucesso. Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. & Pina, R. (1999). Análise da instrução na competição em voleibol. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 45-53. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J., Sarmento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V. & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 101-117. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. (2000). A Investigação da Competência Pedagógica dos Treinadores. In Sarmento, P., Rosado, A. e Rodrigues, J. (Eds), Formação de Treinadores Desportivos (pp 49-69). Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior.

Rosado, A. (2000) in Sarmento, P.; Rosado, A.; Rodrigues, J. (2000). Formação de Treinadores Desportivos. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior.

Rosenshine, B. & Furst, N. (1973). The use of direct observation to study teaching. In R. Tavers (Eds), Second Handbook of Research on Teaching. Rand McNally, Chicago.

Santos, R. (1998). A actividade pedagógica do treinador de Ténis. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Saraiva, C. (1997). Análise das decisões pré e pós-interactivas em professores com níveis diferentes de domínio da matéria de ensino. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., Ferreira, V. (1993a). “Pedagogia do Desporto” – Sebenta de apoio ao 3º Ano do curso de Ciências do Desporto – F.M.H. – U.T.L. Lisboa.

Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., Ferreira, V. (1993b). Pedagogia do Desporto – Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto (2ª Edição). Departamento de Ciências do Desporto – F.M.H. – U.T.L. Lisboa.

Sarmento, P., et al (1993). Análise do comportamento do treinador. Ludens, 13, 1, 20-23.

Sequeira, P. (1998). Análise do pensamento, da acção e da reacção no feedback nos treinadores de Andebol dos escalões de formação. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Serpa, S. (1995). A relação interpessoal na díade treinador-atleta. Desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador. Tese de Doutoramento. Lisboa: FMH-UTL.

Siedentop, D. (1983). Developing teaching skills in physical education. Palo Alto (U.S.A.): Mayfield.

Siedentop, D. & Eldar, E. (1989). Expertise, experience and effectiveness. Journal of Teaching in Physical Education, 8, 254-260

Smith, R., Smoll, F., & Hunt, E. (1977). A system for the behavioural assessment of athletic coaches. Research Quarterly, 48, 401-407.

Smith, R., Zane, N., Smoll, F., & Coppel, D. (1983). Behavioural assessment in youth sports: coaching behaviours and children's attitudes. Medicine and Science in Sports and Exercise, 15, 3, 208-214.

Smoll, F., Smith, R., Curtis, B., & Hunt, E. (1978). Toward a mediational model of coach-player relationships. Research Quarterly, 49, 4, 528-541.

Teodorescu, L (1984). Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos – Livros Horizonte. Lisboa.

Thomas, L. & Nellson, S. (1996). Research Methods in Physical Activity. 3ª Ed. Champaign, Human Kinetics.

Trudel, P., & Côté, J. (1994). Pédagogie sportive et conditions d'apprentissage. Enfance, 2/3, 285-297.

Trudel, P., Côté, J., & Bernard, D. (1996). Systematic Observation of Youth Ice Hockey Coaches During Games. Journal of Sport Behaviour, 9, 1, 50-65.

Tuckman, B. (2000). Manual de Investigação em Educação. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Wrzos, J. (1984). Football, La tactique de l'attaque. Editions Broodcoorens Michel. Brakel, Belgium.

CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, P. (2001). “Ciências do Comportamento”, Sebenta de apoio ao Curso de 3º Nível de Treinadores de Futebol da A.F.L. – F.P.F. – Junho a Novembro de 2001.

Alves, R. (1998). Análise das expectativas e do comportamento do treinador em competição. Estudo comparativo do treinador de jovens em andebol, em função da experiência, do sucesso na competição e do escalão etário dos atletas. Dissertação não publicada elaborada com vista à obtenção do grau de Mestre em Gestão da Formação Desportiva. Lisboa: FMH-UTL.

Alves, R., & Rodrigues, J. (2000). “Os treinadores de jovens em competição”. Treino Desportivo, 9, Janeiro 2000, (pp. 2-10).

Araújo, D (1999). Tomada de decisão dinâmica: níveis de expertise em Vela e controlo de situações simuladas. Tese de Mestrado não publicada. UTL – FMH, Lisboa.

Araújo, J. (1997). “A atitude profissional do treinador”. Treino Desportivo, nº 1, Novembro, 3-10.

Araújo, J. (1987). “O treino do Treinador”. Horizonte, Vol. IV, nº 22, Nov-Dez., pp 114-119.

Araújo, J. (1998). Treinador, Saber Estar, Saber Ser. Editorial Caminho, Lisboa.

Bauer, G., & Ueberle, H. (1988). Fútbol – Factores de rendimiento, dirección de jugadores y del equipo. Ediciones Martinez Roca, Barcelona, Espanha.

Bento, J. (1993). “Se eu fosse treinador”. Horizonte, 10, 57, 90-94.

Bloom, B. (1979). Caractéristiques individuelles et apprentissages scolaires. Ed. Labor, Bruxelles.

Bloom, G. A., Durand-Bush, N., & Salmela, J. H. (1997). Pre-and Postcompetition Pre-and Postcompetition Routines of Expert Coaches of Team Sports. The Sport Psychologist, 11, 2, 127-141.

Brito, A. (1999). *O comportamento pedagógico do treinador em Ginástica Artística – Estudo comparativo do treinador de ginástica artística do sistema federado e do treinador (professor de educação física) de ginástica artística do sistema educativo (desporto escolar).* Tese de Mestrado não publicada – UTL – FMH, Lisboa.

Brito, A. & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. Desporto.investigação & Ciência, 1, 21-39.

Castelo, J. (1994). Futebol – modelo técnico-tático do jogo, Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Castelo, J. (1996). Futebol – A Organização do Jogo, Edição do autor.

Castelo, J. (2000). “Reunião de Preparação para o jogo”. Training, 3, 24-29.

Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Mil-Homens Santos, P., Carvalho, J. & Vieira, J. (1996). Metodologia do Treino Desportivo, Edições FMH – UTL, Lisboa.

Clark, C. & Peterson, P. (1986). Teacher’s Thoughts processes. In Handbook of Research on Teaching, 3rd ed, (pp. 255-296). M. Wittrock Ed., New York: Macmillan.

Cloes, M., Delhaes, J. P., & Piéron, M. (1993). Analyse des comportements d’entraîneurs de volley-ball pendant des rencontres officielles. Sport, 141, 16-25.

Cook, M. (2001). Dirección y entrenamiento de equipas de fútbol. Editorial Paidotribo. Barcelona

Costa, L. (2000). A modificação de comportamento no treinador como determinante nas expectativas de continuidade dos jovens atletas em judo. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Côté, J., Trudel, P., Bernard, D., Boileau, R. & Marcotte, G. (1993). Observation of coach behaviours during different game score differentials. In Safety in Ice Hockey : Second Volume, ASTM STP 1212, C.R. Castaldi, P.J.p Bishop and E.F. Hoerner, Eds., American Society for Testing and Materials, Philadelphia, 78-87.

Crevoisier, J. (1985). Football et psychologie, Chiron Sports Editions, Paris.

Cruz, J. (1997). Factores Motivacionales en el deporte infantil e asesoramiento psicológico a entrenadores y padres. In J. Cruz (Ed.), Psicología del Deporte (pp 147-176). Madrid: Síntesis.

Cunha, P. (1998). “A intervenção do treinador durante o tempo morto”. Treino Desportivo, 2, 33-38.

Cunha, A., Gaspar, A., Costa, C., Carvalho, F., & Fonseca, S. (2000). “O “Bom” treinador. Representações das características dos treinadores segundo atletas da modalidade desportiva colectiva-futebol”. Horizonte, 16, 91, 27-53.

Dias, J., Sarmiento, P., & Rodrigues, J. (1994). “Análise do comportamento do treinador de râguebi em competição, no início (cabine) e no intervalo (campo) ”. Ludens, 14, 4, 43-56.

Ferreira, A. (1994). “O comportamento do treinador no treino e na competição”. Horizonte, 11, 62, 61-65.

Franks, I. M., Jonhson, R. B., & Sinclair, G. D. (1988). The development of a computerized coaching analysis system for recording behaviour in sporting environments. Journal of Teaching in Physical Education, 8, 23-32.

Garganta, J. (1996). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: O ensino dos jogos desportivos colectivos, 11-25. A. Graça; J. Oliveira (eds), CEJD/FCDEF-UP, Porto.

Gipson, M., Lowe, S., & Mckenzie, T. (1994). Sport Psychology: Improving Performance. En C. McGown (Ed.), Science of Coaching Volleyball (cap. 2, pp. 23-45). Champaign, IL: Human Kinetics.

Gok-Karp, G. & Zakrajsek, D.B. (1987). Planning for learning. Theory into practice?. Journal of Teaching in Physical Education, 6, 4, 377-392.

Gomelski, A. (1990). Baloncesto – La dirección del equipo. Editorial hispano europea, S.A. Barcelona.

Gonçalves, C. (1987). “Formação do treinador no âmbito da Pedagogia do Desporto”, Horizonte, 4, 20, 63-69.

Griffey, D. & Housner, L. (1991). Differences Between Experienced and Inexperienced Teacher’s Planning Decisions, Interactions, Student Engagement, and Instructional Climate. Research Quarterly for Exercise and Sport, 62, 2, 196-204.

Hahn, E. (1982). “Como dirigir uma equipa de futebol durante o intervalo”. Futebol, 8, Março-Abril, 9-17.

Hill, M. & Hill, A. (2000). Investigação por Questionário. Edições Sílabo. (1ª ed), Lisboa.

Hotz, A. (1999). “Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível”. Treino Desportivo, 2, 6, 22-36.

Houlier, G. & Crevoisier, J. (1993). Entraîneur compétence et passion, les détails qui font gagner. Canal + Éditions.

Housner, L. & Griffey, D. (1985). Teacher Cognition: Differences in Planning and Interactive Decision Making Between Experienced and Inexperienced Teacher’s. Research Quarterly for Exercise and Sport, 56, 1, 45-53.

Isberg, L. (1993). What does it mean to be an elite coach in team sport? Proceeding 8º World Congress of Sport Psychology. The Sport Psychology: an integrated approach. ISSP. SPPD. (pp. 233-236).

Januário, C. (1992). O pensamento do Professor – Relação entre as decisões pré-interactivas e os comportamentos interactivos de ensino em Educação Física. Tese de Doutoramento não publicada, UTL – ISEF, Lisboa.

Lacy, A. C., & Darst, P. W. (1984). Evolution of a Systematic Observation System. The ASU Coaching Observation Instrument. Journal of Teaching in Physical Education, 3, 3, 59-66.

Lauder, A. & Piltz, W. (2000). Para ser um melhor treinador “de banco”. Treino Desportivo, 10, 2-9.

Lázaro, P. & Oliveira, M. (2002). “Caracterização dos comportamentos pré-competitivos dos jogadores de futebol da 1ª liga portuguesa”. Treino Desportivo, 18, 28-31.

Associação de Futebol de Lisboa – Conselho de Arbitragem (2000). Leis do Jogo, Regulamentação e Doutrina, Perguntas e Respostas – Futebol de Onze. Edição do Autor

Lima, T. (1993). “Como é que o treinador se prepara para a competição”. Horizonte, 9, 53, 183-186.

Lima, T. (1999). “Fazer uma equipa”. Horizonte, 15, 88, 3-6.

Lima, T. (2000). Saber Treinar, Aprende-se. Ministério da Juventude e do Desporto – Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Lombardo, B. J., Faraone, N., & Pothier, D. (1982). The behaviour of youth sport coaches: a preliminary analysis. En M. Piéron e J. Cheffers (Eds), Studying the teaching in physical education (pp. 189-196). Liege: AIESEP.

Madden, C., & Evans, L. (1993). The affect of coaching communications on game outcome in Australian rules football. Proceeding of 8º World Congress of Sport Psychology. The Sport Psychology: an integrated approach. ISSP. SPPD. (pp. 252-255).

Maertens, R. (1999). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In Seminário Internacional “Treino de Jovens”, 5-15. Secretaria de Estado do Desporto – CEFD, Lisboa.

Mahlo, F. (1966). O acto táctico. Compendium, Lisboa.

Martins, L. (1990). “A intervenção do treinador”. Treino Desportivo, 17, 28-32.

Mendes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. Horizonte, 15, 85, 31-39.

Mesquita, I. (1997). Pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos colectivos. Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P. (2001). Análisis y optimización de la conducta verbal del entrenador de voleibol durante la dirección de equipo en competición. Tese de Doutoramento – Universidade de Extremadura – Faculdade de Ciencias del Deporte, Cáceres.

Nerin, J. (1986). Le discours d'avant match en sports collectifs. Déterminants et contenu. L'exemple du volley, du basketball, du handball et du rugby. Mémoire pour le diplôme de L'Institut National du Sport et de L'Education Physique. Paris.

Oliveira, R. (1992). Perfil do comportamento de treinadores de equipas femininas e masculinas de andebol. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.

Pacheco, R. (2002). Caracterização da intervenção do treinador na reunião de preparação da equipa para a competição no futebol – Estudo comparativo de treinadores da 1ª Liga e da 2ª Divisão B no escalão de seniores masculinos. Tese de Mestrado não publicada – UP – FCDEF, Porto.

Patriksson, G. & Eriksson, S. (1990). Young athletes perception of their coaches, in International Journal of Physical Education, 27, 4, 9-14.

Peseiro, J. (1998). “Futebol I e II” - Sebenta de apoio ao Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém. Rio Maior.

Petit, E., & Durny, A. (2000). Interactions entraîneur/sportif en judo: une etude de cas. En A. Terrisse (Coord.), Recherches en Sports de combat et en arts martiaux. Ét at des Lieux (pp. 109-118). Paris: Revue EPS.

Piéron, M. (1986). Pédagogie de L'entraînement. La relation entre l'entraîneur et le sportif. Université Technique de Lisbonne. Lisboa.

Piéron, M. (1988). La relation pédagogique d'entraînement, in Sport, 121, 12-17.

Piéron, M. (1993). Analyser L'enseignant pour mieux Enseigner. In Dossiers EPS, 16. Edition Revue EPS, Paris.

Piéron, M. (1996). Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Edições FMH – UTL, Lisboa.

Pina, R. (1998). Análise da instrução do treinador em competição. Estudo das tomadas de decisão em Voleibol. Tese de Mestrado não publicada – UTL – FMH, Lisboa.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1993). Episódios de informação do treinador e a reacção dos atletas numa situação de competição. Ludens, 14, 4, Outubro-Dezembro, 1994.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1997). Análise do comportamento do treinador em competição. Estudo dos episódios de informação em voleibol. Pedagogia do Desporto. Estudos 5, 71-89. Lisboa: FMH-UTL.

Queiróz, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do futebol. Ludens – 8, 1, 25-33.

Quintal, J. (2000). O Treinador do Sector Formação em Futebol – Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição. Tese de Mestrado não publicada. U.M. – F.E.F.D. Funchal.

Raposo, A. (1989). A preparação especial para a competição. Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

Rodrigues, J. (1995). O comportamento do treinador. Estudo da influência dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. Tese de Doutoramento não publicada. UTL – FMH. Lisboa.

Rodrigues, J. (1997). Os treinadores de sucesso. Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. & Pina, R. (1999). Análise da instrução na competição em voleibol. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 45-53. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J., Sarmento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V. & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 101-117. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. (2000). A Investigação da Competência Pedagógica dos Treinadores. In Sarmento, P., Rosado, A. e Rodrigues, J. (Eds), Formação de Treinadores Desportivos (pp 49-69). Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior.

Rosado, A. (2000) in Sarmento, P.; Rosado, A.; Rodrigues, J. (2000). Formação de Treinadores Desportivos. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior.

Rosenshine, B. & Furst, N. (1973). The use of direct observation to study teaching. In R. Tavers (Eds), Second Handbook of Research on Teaching. Rand McNally, Chicago.

Santos, R. (1998). A actividade pedagógica do treinador de Ténis. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Saraiva, C. (1997). Análise das decisões pré e pós-interactivas em professores com níveis diferentes de domínio da matéria de ensino. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., Ferreira, V. (1993a). “Pedagogia do Desporto” – Sebenta de apoio ao 3º Ano do curso de Ciências do Desporto – F.M.H. – U.T.L. Lisboa.

Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., Ferreira, V. (1993b). Pedagogia do Desporto – Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto (2ª Edição). Departamento de Ciências do Desporto – F.M.H. – U.T.L. Lisboa.

Sarmento, P., et al (1993). Análise do comportamento do treinador. Ludens, 13, 1, 20-23.

Sequeira, P. (1998). Análise do pensamento, da acção e da reacção no feedback nos treinadores de Andebol dos escalões de formação. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH, Lisboa.

Serpa, S. (1995). A relação interpessoal na díade treinador-atleta. Desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador. Tese de Doutoramento. Lisboa: FMH-UTL.

Siedentop, D. (1983). Developing teaching skills in physical education. Palo Alto (U.S.A.): Mayfield.

Siedentop, D. & Eldar, E. (1989). Expertise, experience and effectiveness. Journal of Teaching in Physical Education, 8, 254-260

Smith, R., Smoll, F., & Hunt, E. (1977). A system for the behavioural assessment of athletic coaches. Research Quartely, 48, 401-407.

Smith, R., Zane, N., Smoll, F., & Coppel, D. (1983). Behavioural assessment in youth sports: coaching behaviours and children's attitudes. Medicine and Science in Sports and Exercise, 15, 3, 208-214.

Smoll, F., Smith, R., Curtis, B., & Hunt, E. (1978). Toward a mediational model of coach-player relationships. Research Quartely, 49, 4, 528-541.

Teodorescu, L (1984). Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos – Livros Horizonte. Lisboa.

Thomas, L. & Nellson, S. (1996). Research Methods in Physical Activity. 3ª Ed. Champaign, Human Kinetics.

Trudel, P., & Côté, J. (1994). Pédagogie sportive et conditions d'apprentissage. Enfance, 2/3, 285-297.

Trudel, P., Côté, J., & Bernard, D. (1996). Systematic Observation of Youth Ice Hockey Coaches During Games. Journal of Sport Behaviour, 9, 1, 50-65.

Tuckman, B. (2000). Manual de Investigação em Educação. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Wrzos, J. (1984). Football, La tactique de l'attaque. Editions Broodcoorens Michel. Brakel, Belgium.

ANEXOS

ANEXO 1

Questionário de Expectativas da Instrução em Competição – QEIC

ANEXO 2

**Folha de Categorização da Instrução na
Prelecção de Preparação para a Competição e na Competição**

ANEXO 3

Base de Datos

ANEXO 4

Provas Estatísticas (Exemplo)